

CALDRE E FIÃO

A DIVINA
PASTORA



José Antonio do Vale
CALDRE E FIAO

A DIVINA
PASTORA

◻ ROMANCE ◻

José Antonio do Vale
CALDRE E FIAO

A DIVINA PASTORA

ROMANCE

Ensaio crítico, notas e fixação do texto
por Flávio Loureiro Chaves

Ensaio biográfico por Carlos Reverbel

1ª edição, Rio de Janeiro — 1847

2ª edição, Porto Alegre — 1992



RBS



Este livro foi planejado e executado pela L&PM Editores especialmente para a RBS — Rede Brasil Sul de Comunicações, proprietária do volume original deste romance, datado de 1847.

projeto gráfico: Ivan Pinheiro Machado
capa: Jó Saldanha e Ivan Pinheiro Machado
revisão: José Renato Deitos
produção: Fernanda Verissimo e Jó Saldanha
paginação: Cristina Ferraz
arte-final: Antonio Aliardi

ISBN: 85-254-0396-2

C146d Caldre Fião, José Antonio do Vale, 1821-1876.

A divina pastora / escrito por José Antonio do Vale Caldre Fião em 1847; ensaio crítico, notas e fixação do texto por Flávio Loureiro Chaves. — Porto Alegre: RBS, 1992.

264 p. ; 23 cm.

Reedição do original: Porto Alegre, Typographia Brasiliense de S. M. Ferreira, 1847.

1.Literatura brasileira-Romances. I.Chaves, Flávio Loureiro. II.Título.

CDD 869.93
CDU 869.0(81)-3

Catálogo elaborado por Izabel A.Merlo, CRB 10/329.

© desta edição RBS, 1992.

Todos os direitos desta edição reservados à RBS — Rede Brasil Sul de Comunicações

Impresso no Brasil
Primavera de 1992

SUMÁRIO

Apresentação	7
Um texto resgatado, <i>Flávio Loureiro Chaves</i>	9
Critérios adotados para a fixação do texto	18
TOMO I	
Ao leitor	21
Primeira parte — <i>O repouso de família</i>	23
Parte segunda — <i>As dissensões políticas</i>	27
Parte terceira — <i>O amor</i>	56
Parte quarta — <i>Os episódios</i>	87
TOMO II	
Parte quinta — <i>A mudança</i>	127
Parte sexta — <i>O desengano</i>	147
Parte sétima — <i>A providência</i>	180
Parte oitava — <i>A conclusão</i>	205
Traços biográficos de Caldre e Fião, <i>Carlos Reverbel</i>	237
Bibliografia	255

APRESENTAÇÃO

Ao promover esta edição especial do livro *A Divina Pastora*, a RBS deseja compartilhar com seus amigos e clientes a dupla satisfação de festejar seu 35º aniversário juntamente com o resgate de uma obra raríssima da literatura nacional. Mais do que um brinde de final de ano, a reedição do primeiro romance escrito por um autor rio-grandense simboliza o compromisso prioritário desta empresa com a preservação e a divulgação dos valores culturais das comunidades onde atua.

Publicado por José Antonio do Vale Caldre e Fião, em 1847, no Rio de Janeiro, *A Divina Pastora* é o segundo romance na história da literatura brasileira. Dele, porém, não se conhecia um só exemplar, pois todos os da primeira edição desapareceram misteriosamente, com o que a obra se transformou num dos maiores enigmas da nossa história cultural. Depois de 145 anos de inúteis esforços de bibliófilos e pesquisadores, finalmente, em 1992, o livreiro Adão Fernando Monquelat, de Pelotas, localizou em Montevidéu, Uruguai, o único exemplar até hoje conhecido de *A Divina Pastora*.

A Rede Brasil Sul adquiriu esta raridade, não só para deixá-la exposta ao público, incorporada ao acervo da Memória RBS, em sua sede em Porto Alegre, mas também para promover sua publicação, recuperando-a para o patrimônio cultural brasileiro. O trabalho de fixação e anotação do texto, bem como o ensaio crítico que o acompanha, são do Prof. Flávio Loureiro Chaves, titular de Literatura Brasileira da UFRGS; integra ainda a edição um estudo biográfico sobre Caldre e Fião, elaborado pelo jornalista Carlos Reverbel.

Com o lançamento desta edição que resgata para a posteridade uma obra que se perdera no passado, a RBS presta uma homenagem ao seu público e rende tributo à cultura brasileira.

Dezembro de 1992

UM TEXTO RESGATADO

Flávio Loureiro Chaves

Ao publicar *A Divina Pastora* no Rio de Janeiro, em 1847, o escritor Caldre e Fião — ainda assinando simplesmente José Antonio do Valle — mantinha acesa a chama do seu amor pelo Rio Grande do Sul. Escolheu intencionalmente o subtítulo *novela rio-grandense*. Aí ele delinea o contexto das aventuras narradas: entre a vila de São Leopoldo e a cidade de Porto Alegre, passando por Viamão para cruzar o Passo da Cavalhada no rumo de Belém Velho.

O panorama obtido nos dá uma fotografia verdadeiramente inédita, por sua nitidez e minúcia. Observador atento, Caldre e Fião fixa aquelas imagens que lhe pareceram mais significativas: a Rua da Praia que recém começa a surgir nos areais do Guaíba; a belíssima Praça do Paraíso que, no entanto, já começa a ser desfigurada pela construção “moderna” do mercado público; a Rua de Bragança, aristocraticamente residencial, de onde se descortina sobranceira a “Caridade”, dominando a vista urbana.

O leitor interessado em reviver a Porto Alegre de 1845 aí encontrará matéria vasta, dos toponímicos desaparecidos ao registro objetivo dos hábitos sociais. Embora pertencesse à primeira geração “romântica”, Caldre e Fião não renunciou à atitude *realista* quando tratou de configurar o Rio Grande do Sul e sua capital, oferecendo aos círculos intelectuais da corte imperial um cenário até aí absolutamente desconhecido na literatura brasileira.

Poucos anos antes, em 1844, Joaquim Manoel de Macedo, nas páginas d'*A Moreninha*, tentara timidamente esboçar a paisagem carioca, que entretanto só alcançará contornos definitivos bem mais tarde, na ficção

de Manoel Antonio de Almeida e no romance urbano de Machado de Assis. Caldre e Fião é porventura o primeiro dos nossos autores que faz as suas criaturas pisarem num território desde logo inconfundível: aquele labirinto de vielas mal traçadas que constitui a Porto Alegre provinciana ou, noutro caso, o cenário rural dos arredores e vilas próximas. Configura, pois, a marca legítima do romance brasileiro, que estaria sempre empenhado na identificação e nomeação do espaço circundante, fossem quais fossem os temas oferecidos, fazendo-se instrumento indispensável ao conhecimento da nossa realidade de país novo, como quer Antonio Candido.

Compreende-se assim por que os românticos saíram em busca das paisagens e seus vultos típicos no esforço para desenhar de maneira indelevel a identidade nacional. Seus territórios preferenciais localizaram-se nas selvas habitadas pelo índio primitivo, no garimpo, nas grandes propriedades agrárias, no *sertão* (que constituirá um motivo verdadeiramente obsessivo de Alencar em diante) e, por fim, na sociedade incipientemente burguesa do Rio de Janeiro de Dom Pedro II. Caldre e Fião antecedeu-os, na sua maioria, apresentando, já em 1847, a sua *novela rio-grandense*.

A intriga está centralizada em Edélia (a “divina pastora”), donzela belíssima e virtuosa, logo apaixonada por seu primo Almênio, bravo guerrilheiro farroupilha que, entretanto, irá casar com Clarinda, filha de imigrantes alemães no Vale dos Sinos. Atormentando a vida de todos, aparece Francisco, o vilão, protótipo da felonia rediviva.

A partir destes ingredientes, o narrador irá desenvolver a série interminável de peripécias em que está cifrada a existência das suas personagens. É preciso entender que Caldre e Fião pertence a uma determinada tradição que, em seus dias, já lançara raízes profundas na literatura ocidental — a tradição do *folhetim*. Afinal, foi assim que o romance moderno, gênero burguês por excelência, se estabeleceu através das páginas dos jornais europeus. Tratava-se de narrar uma seqüência de aventuras alinhavadas em sucessão episódica, mas cuja leitura podia ser feita capítulo a capítulo, independentemente do resultado final. Via de regra, cada episódio correspondia a um “rodapé” do jornal em que o romance era publicado.

Semelhante condicionamento determinou, em grande parte, a estrutura do gênero. Aqui interessa menos o aprofundamento psicológico dos caracteres, exigindo longas digressões, e muito mais a sucessão vertiginosa

sa dos acontecimentos; menos a densidade metafísica do conjunto e mais o caráter "exemplar" que cada um dos episódios virtualmente contenha.

Seja qual for o tema escolhido, o *folhetim* (apresentado quase sempre sob o rótulo do *romance de aventuras*) propõe um modelo que não se distancia em momento algum da pedagogia, do ensinamento moral e do discurso político. Se, por um lado, esta mescla pode acarretar a ruptura da criação fictícia, jogando-a no campo do debate factual, por outro lado é forçoso reconhecer que tal interação tanto mais acentua a possibilidade de participação direta da literatura nos problemas do seu tempo.

O caso superlativo encontra-se na obra de Daniel Defoe, publicada na imprensa londrina entre 1719 e 1720, durante a grande arrancada do capitalismo: *A vida e as surpreendentes aventuras de Robinson Crusoe*. Primeiro grande repórter da era moderna, Defoe pretendia um tratado puritano sobre a arte de fazer bons negócios, nada mais nada menos; mas teve o lampejo de construí-lo através da epopéia do marinheiro solitário naufragado em ilha deserta. Cada dia assinala uma nova conquista na luta pela sobrevivência; simetricamente, a cada passo do herói também se lê uma nova artimanha visando à conservação e multiplicação dos bens que o sustentam; e, ao final, a narrativa "amarra" todas as aventuras numa só e única — a vitoriosa escalada deste recém-descoberto *self-made man*.

O romance moderno encontrou assim uma de suas fórmulas preferenciais, que reaparecerá em Swift e Thackeray, em Alexandre Dumas e Victor Hugo, refletindo exemplarmente o código da sociedade que o engendrou. As peripécias vividas pelas personagens justamente ilustram o conjunto dos valores estatuídos por este código.

Ao redigir *A Divina Pastora*, ainda nas primeiras décadas da nossa independência política, Caldre e Fião não poderia ter diante de si a problemática de uma sociedade capitalista, como a dos países europeus, que já ingressara na revolução industrial. Entretanto, num processo aliás típico das culturas periféricas, ele herdou um dos seus produtos culturais, adaptando-o à realidade brasileira e rio-grandense. É à luz dessa perspectiva histórica que devemos ler o *romance*: nele se cruzam e se misturam, num momento privilegiado, a tradição literária ocidental e a cultura brasileira nascente, ainda em busca da própria identidade.

Assim, adquire um certo significado aquilo que pode surpreender o leitor de hoje, causando-lhe inclusive alguma irritação no correr da leitu-

ra. Refiro-me ao moralismo obsessivo e renitente de Caldre e Fião, que não é apenas um moralismo alojado no lastro ideológico da narrativa, porque já se transformou em verdadeiro exercício de pedagogia, interrompendo a ação a cada momento. Com efeito, profundamente cristão e apoiado nos ensinamentos da religião católica, este escritor não perde a oportunidade de propagá-los, num convite ao seu leitor para percorrer os generosos caminhos da fé, da esperança e da caridade. Os infindáveis padecimentos das personagens estão aí justamente para melhor acentuar este propósito ético do seu autor.

Entretanto, assim era o gosto da época e também uma das funções primordiais do romance que, ao contrário da poesia lírica, apresentava-se como um gênero híbrido, capaz de contribuir para os bons costumes sociais. Insisto em que o *Robinson Crusoe* de Defoe contém, explícito, um manual de economia. Acrescentaria, noutro exemplo paradigmático, que o *Moby Dick* de Melville, sem prejuízo de sua majestosa profundidade filosófica, também é pura e simplesmente um tratado sobre a pesca da baleia. E, se andarmos em busca de pedagogia edificante, basta abrirmos, em qualquer parte, qualquer um dos romances de Richardson. O honesto Caldre e Fião tomava a literatura como tribuna de exortação moral, subjugando assim a autonomia existencial das personagens. Mas, por este lado, devemos absolvê-lo do crime de lesa arte. Tal era a tradição do seu tempo.

Pelo contrário, devemos ver aqueles aspectos em que a sua ficção justamente ultrapassa as limitações inerentes ao gênero escolhido e à própria estreiteza do meio cultural em que ele escrevia.

O espectro observado pelo narrador é bastante amplo e variado. Se as personagens centrais estão subjugadas, como se viu, ao drama moral que as redime ou aniquila inapelavelmente, tal não ocorre com as personagens secundárias. Estas ocupam o pano de fundo da ação principal, mas com frequência vêm ao primeiro plano, numa técnica que Caldre e Fião maneja com notável habilidade: a técnica do subredo. Através dela, o romancista vai encaixando a história dentro da história e o contexto pode abrigar episódios que virtualmente funcionam como blocos independentes.

Alguns exemplos significativos desse procedimento narrativo encontram-se na quarta parte do romance, onde se conta a aventura de Colomim

e Maria, apresentando talvez a melhor e a mais patética das criações imaginárias de Caldre e Fião, justamente na figura do infeliz ordenança condenado a matar o próprio filho.

Mas também aí dois outros episódios autônomos nos chamam a atenção. Primeiro, a história de Kajumurá e Balcaí, situada ainda na era colonial e tomando como protagonista o legendário guerreiro que conduz os índios minuanos diante do soldado lusitano e do jesuíta. Caldre e Fião serve-se do episódio para expor a ideologia indianista que então surge numa das suas primeiras manifestações em nossa prosa de ficção. Aquele *indianismo* que viria a ser uma das mais fortes correntes do nacionalismo romântico aparece aqui com todo o vigor, propondo o espaço ideal da América paradisíaca, logo destroçada na arremetida do invasor europeu.

É indispensável registrar, neste sentido, algumas datas que melhor iluminam a questão. Estamos em 1847; é verdade que o indianismo de Gonçalves de Magalhães já despontara, na poesia, em 1836 (edição dos *Suspiros Poéticos*), mas não é menos verdade que José de Alencar e *O Guarani* só apareceriam exatos dez anos mais tarde, em 1857, assinalando então a florescência do romance brasileiro. Ora, o foco proposto por Caldre e Fião é exatamente aquele que a perspectiva alencariana irá ampliar e enfatizar logo adiante. Palco de um drama no encontro de culturas diversificadas, não obstante a América é o berço do "novo homem" e, assim, de uma nova civilização fadada a regenerar a humanidade.

Por outro lado, ao buscar os primórdios de nossa formação na epopéia missioneira, onde se dá esta verdadeira encruzilhada cultural entre portugueses, espanhóis e indígenas, Caldre e Fião inaugura uma vertente que, sob o ponto de vista da história literária, alimentará um rico manancial no futuro. É da sugestão deste mesmo cenário épico que derivam, pelo menos, dois textos decisivos já nos nossos dias — *A Salamanca do Jarau*, incluída nas lendas resgatadas por Simões Lopes Neto, e a seqüência inaugural d'*O Continente* de Erico Verissimo.

Igual importância há de ser atribuída a outro subenredo, narrado por Almênio ao final do primeiro tomo: o caso do menino campeiro punido pelo imigrante alemão. Ele ingressara na fazenda deste último sem prévia licença, em busca do gado tresmalhado; e assim fez porque tal era o costume, os imensos pastos abertos ainda sem cercas nem tapumes. Mas o alemão, alheio aos usos do pampa, considerou-se lesionado em seu

direito de propriedade e mandou açoitá-lo cruelmente. Dez anos passados, o menino se fez adulto e volta para matar o algoz em vingança implacável. O narrador, solidário com a sua personagem, logo encontra, sem vacilar, a legitimação do ato criminoso, subsumindo-o numa razão mais alta: "O menino era altivo por natureza, como são os Rio-Grandenses em geral."

Eis aí a ideologia regionalista de Caldre e Fião, que reaparecerá em várias passagens do texto d'*A Divina Pastora*. Ele jamais emprega o termo *gaúcho*, que ainda não adquiriu a significação encomiástica que só viria a revestir o vocábulo no final do século, como ensina Augusto Meyer numa lição áurea de *Prosa dos Pagos*. Refere-se sempre ao *Rio-Grandense*, em letras maiúsculas, tal como se transcreve na citação supra. É indiscutível no entanto que o *tipo* contemplado por Caldre e Fião, quer sob o ponto de vista sociológico, quer quanto à configuração literária, já é precisamente aquele que se tornará inconfundível de Manuel Canho a Rodrigo Cambará: o *monarca das coxilhas*. Aí está, projetado embrionariamente, na figura infantil deste menino portador da coragem e da vingança, por sinal outro motivo freqüente nos narradores do romantismo.

Caldre e Fião insistirá enfaticamente na composição da figura, descrevendo os trajes gaúchos, detalhando as maneiras e procedimentos em combate, as armas características, introduzindo como matéria literária os hábitos alimentares, inclusive o chimarrão e o churrasco que, salvo engano meu, aqui comparecem pela primeira vez. Mas é sobretudo sob o ponto de vista ideológico que a atitude regionalista torna-se mais evidente.

Refiro-me a esta solda de coragem e audácia, virilidade e hospitalidade, senso da honra e gosto pelo desafio, que concorre para fixar, na consciência coletiva, o vulto do *gaúcho*. Trata-se de uma figura idealizada, é certo, e que talvez exista muito mais na imaginação do que na realidade, cunhada pela ideologia do patriciado rural a quem interessava fazê-lo peão e guerreiro, um ser bifronte nimbado de uma aura heróica. Não importa; pois foi assim mesmo, travestido de campeador medieval, que o protótipo afinal encontrou a sua identidade: o *gaúcho, monarca das coxilhas* aqui no texto de Caldre e Fião; *centauro dos pampas* na imagem proposta por José de Alencar mais de uma década depois.

Tenhamos o cuidado de anotar que ainda não se cogita aqui do *regionalismo* à maneira de Alcides Maya e Amaro Juvenal, que o estilo de Simões Lopes Neto transportaria ao nível da excelência na redação dos *Con-*

tos Gauchescos, mediante a incorporação da fala coloquial, dos termos dialetais, instaurando uma pesquisa de linguagem. A expressão linguística de Caldre e Fião pretende alcançar uma elocução clássica e, por isto, ele sempre tem o cuidado de colocar os termos regionais sob o grifo, que indica a ocorrência da exceção. Outras vezes, chega ao cuidado de apor notas explicativas ao texto, como se verá na sua leitura. Não hesita entretanto em inserir na narração os adágios, transcrevendo também algumas danças e letras de músicas do folclore sulino.

De qualquer maneira, o que importa registrar é o ingresso do *gaucho* no território da ficção brasileira, precisamente em 1847, pela mão firme de Caldre e Fião. Abria-se um filão praticamente inesgotável: a partir daqui guascas e vaqueanos cruzarão o pampa em todas as direções; e será prolífica a sua descendência, quer se leia a saga de Blau Nunes ou as tropelias de Cambarás e Amarais. O bravo Almênio, protagonista d'*A Divina Pastora*, surge como o seu primeiro e mais notável antecedente.

Justamente aqui é preciso que nos afastemos da análise dos subenredos sugeridos por Caldre e Fião nos refolhos de sua narrativa para considerarmos de novo a perspectiva do conjunto.

Ao início da ação, Almênio é um guerrilheiro farroupilha, que colocou sua juventude e bravura indômita ao serviço da Revolução de 1835, separatista e republicana. Na trama do romance, esta questão desempenha um papel decisivo, pois é exatamente a adesão às forças insurrectas que provoca a repulsa de sua prima Edélia — a “divina pastora” — e, a partir daí, a impossibilidade de qualquer simpatia às suas tentativas de aproximação afetiva.

Ora, este é o recurso habilmente manejado pelo narrador para inserir sua posição política na malha dos eventos narrados. Sob a sua perspectiva conservadora, a revolução se apresenta como sinônimo da desordem, uma força certamente negativa, desestabilizadora da estrutura social e da paz familiar. O horror de Edélia à causa revolucionária vem a ser, no fundo, o horror do próprio Caldre e Fião. Por isto, as conseqüências são graves. Finalmente convencido da ilegalidade da República de Piratini, Almênio troca de lado, passando ao exército imperial e provocando uma reversão na atitude de Edélia. Mas então já é tarde demais; ele prometeu casamento à bela Clarinda. Eis aí as personagens enredadas na-

quele tema recorrente do amor infeliz, um lugar-comum em todas as novelas do romantismo.

Importa-me, entretanto, ver o problema sob um outro foco. Embora constituindo a crônica do amor contrariado de personagens fortemente idealizadas na boa tradição romântica, Caldre e Fião projeta a narrativa num contexto histórico real: a "Grande Revolução" que, deflagrada em 1835, só concluirá na década seguinte em 1845, isto é, apenas dois anos antes da publicação d'*A Divina Pastora*!

A tendência predominante no romantismo era a busca do passado, retroagindo a épocas remotas numa eliminação do contingente, à cata do exótico e do inusitado. Caldre e Fião subverte essa corrente, ancorando a ação de seu livro no presente imediato e altamente problemático, porque trata de fatos candentes sobre os quais pouquíssimos ousavam falar, as brasas ainda acesas sob uma camada de cinza fina. E não apenas isto. Seja qual for o nosso grau de adesão às suas idéias políticas, o fundamental é que elas aí estão, expostas com meridiana clareza, buscando interpretar honestamente a sociedade e a conjuntura que a mergulhara numa grave crise.

Para dizer tudo, o romance de Caldre e Fião é essencialmente *romance histórico*. Não naquele sentido em que Walter Scott e Alexandre Herculano dimensionaram as suas narrativas, fazendo a arqueologia de um tempo remoto, mas no sentido talvez bem mais moderno da problematização da história à luz da ficção. Os seres imaginários e seu destino fictício aí estão porque através deles podemos melhor compreender a engrenagem que movimenta a História, a imaginação nascendo da realidade e sobre ela reincidindo para inaugurar novas perspectivas e iluminar novos caminhos. Não será outra a "necessidade" da arte e da literatura.

É interessante assinalar, ainda sob este mesmo ângulo, que o seu segundo (e último) romance, *O Corsário*, editado em 1849, volta a insistir sobre o mesmo aspecto, condenando severamente o movimento separatista dos farrapos e fazendo desfilar, como participantes da ação romanesca, os principais chefes revolucionários, Bento Gonçalves e Garibaldi entre eles. O discurso político que se pode ler no subtexto dos romances de Caldre e Fião definia portanto um projeto intencional e explícito.

Ao final desta breve introdução deve-se reconhecer que, pagando um preço à retórica dos românticos e padecendo também certa ingenuidade inerente à pessoa do autor, *A Divina Pastora* apresenta-se hoje como

um romance cuja leitura exige, em várias passagens, a indulgência do leitor. Mas as suas qualidades são maiores e o resultado final parece-me altamente positivo.

Antes desse texto a prosa de ficção brasileira apresentara raríssimos sinais de vitalidade. Ainda na era colonial, Nuno Marques Pereira publicara, em 1728, o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*; mas, embora adotasse o andamento narrativo da novela picaresca, não logrou mais do que um catecismo romanceado, entre tantos outros que circularam no período barroco. Mais próximo aos dias de Caldre e Fião, em 1843, Teixeira e Sousa apresentou *O Filho do Pescador*, folhetim verdadeiramente ilegível e descosturado, que alguns eruditos pretendem impor como o primeiro romance brasileiro. E, tal como assinalamos, em 1844 apareceu *A Moreninha*, esta sim respirando os ares mais saudáveis das praias da ilha de Paquetá, para onde a transportou a naturalidade de Joaquim Manoel de Macedo. Os outros, Alencar, Manoel Antonio e Bernardo Guimarães ainda não tinham sequer surgido.

No fundo, a questão da primazia — aliás secundária diante da impossibilidade de a fixarmos rigorosamente — não constitui um dado essencial e indispensável. Importante é chegarmos a ver que, no seu contexto, *A Divina Pastora* significa um momento decisivo no itinerário da nossa literatura.

Intriga passional, crônica de um amor infeliz, novela regionalista, reflexão moral, narrativa histórica, enfim *A Divina Pastora* contém de tudo um pouco e inaugura a fórmula híbrida através da qual o romance viria a participar ativamente na vida social.

Tive o privilégio de ler o texto d'*A Divina Pastora* hoje, cento e quarenta e cinco anos depois que Caldre e Fião publicou-o, logo subsumido numa espessa teia de mistérios e interrogações não resolvidas. Estou certo de que o seu resgate modifica profundamente a nossa leitura do quadro histórico da literatura brasileira.

CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A FIXAÇÃO DO TEXTO

1. Tomou-se por base o único exemplar conhecido da edição de 1847;
2. Corrigiram-se os lapsos tipográficos evidentes;
3. Uniformizou-se a ortografia;
4. Modernizou-se a pontuação com vistas à clareza, corrigindo-a nos casos de erro ou engano;
5. Eliminou-se a vírgula antes da aditiva e;
6. Corrigiu-se o uso da crase, sobretudo na antecedência a termos masculinos;
7. Corrigiu-se a regência verbal sempre que esta não correspondia ao padrão usual da língua portuguesa;
8. Manteve-se o grifo sempre que o Autor o empregou, principalmente no caso de vocábulos regionalistas;
9. Desdobraram-se as abreviaturas;
10. As notas apostas pelo Autor ao texto foram mantidas e sempre identificadas como tais; as demais, que não estão identificadas a cada caso, são todas do organizador da presente edição.

F. L. C.

A
DIVINA PASTORA.

NOVELLA RIO-GRANDENSE.

POR

JOSE' ANTONIO DO VALLE.

Contando a virtude
Na terra natal,
Sorri-se o $\frac{1}{2}$ razer,
De mim foge o mal.

TOMO I.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE F. M. FERREIRA,

Rua do Sabão, 117.

1847.

AO LEITOR

Ei-la. A inocente filha do meu coração vai viver vida de peregrina, aqui e ali esmolando uma atençõzinha. Lede-a, se quiserdes; e nela encontrareis o retrato de minha alma plácida como a linfa prateada de um lago acantonado num vale baixo e soidoso*; o tufão não a perturba, — só a branda aragem ciciando de flor em flor vai lá lenir suas fadigas aproveitando-se do dormir da tarde.

Como seu pai, sozinha neste mundo, sabe resignar-se com a dor e diminuir os quilates do prazer. Gozar é a partilha do Céu — sofrer é a existência da terra.

Coitadinha! como me é doloroso este apartar! Ela vai para o mundo: — ser de todos vista e de todos notada a sua imperfeição.

Sede indulgentes, até que eu forrando cabedais de inteligência a revista e paramente e a torne mais bela, se for possível.

Ei-la. À vossa guarda.

* *Soidoso*: saudoso.

PRIMEIRA PARTE

O REPOUSO DE FAMÍLIA

Bela como a aurora rósea da Primavera encantadora do sul do Brasil, era a paz que reinava entre os membros da mais entrelaçada família, que os vermelhos tetos das suntuosas e claras habitações que compõem a ativa e soberba cidade de Porto Alegre¹ têm coberto. Paulo era o chefe, o carinhoso pai desta reunião social onde se respeitavam estritamente os deveres naturais, onde havia amigos e nunca mandantes, onde havia convenções e nunca ordens, onde uma única idéia dominava, e a mesma fonte de conhecimentos ministrava em taça áurea o saber fecundo que fortifica o coração do homem contra a vil ignorância, que o polui e aniquila. Margarida era a esposa de Paulo, a parte reflexiva de suas bondosas disposições, a consoladora, a medianeira, finalmente a mãe por excelência; filhos, parentes e escravos eram o alvo de seus cuidados: em tudo providente, as menores ações dos seus interpretava amigavelmente. Edélia era a filha querida deste par ditoso, a digna esperança, a estrela que eles viam fulgurar no fim de sua vida como a consoladora guia, o arrimo de uma velhice prolongada, pois na mocidade tinham gozado a doce quietação da virtude. Anibal e Acácio, filhos virtuosos que haviam proveitosamente recebido as lições de moral tantas vezes repetidas, freqüentavam os liceus e escolas e à porfia tratavam de instruir Edélia nas ma-

1. A *Divina Pastora* foi publicado em 1847; a ação do romance se passa alguns anos antes. Nesta época, Porto Alegre conta aproximadamente 16.000 habitantes. A antiga Freguesia do Porto de São Francisco dos Casais, já instalada então como capital da província do Rio Grande do Sul, fora elevada à categoria de cidade, com a denominação definitiva de Porto Alegre, em 1822.

térias por eles estudadas, do que se maravilhavam, enchendo-se de sumo gosto, Paulo e Margarida. Alguns escravos e entre eles Susana, fiel depositária dos segredos domésticos, compunham o resto da família.

Os raios dourados do astro do dia principiavam a projetar-se sobre os cabeços das montanhas que encadeadas se ostentam soberbas de terem sobre si edificada a mais bela cidade do Sul do império diamantino, cujos pés vem lavar o rio Guaíba trazendo-lhes as incalculáveis riquezas que fornecem as floridas margens do longo e caudaloso Jacuí, do sinuoso Gravatá, do saudoso rio dos Sinos, e do sempre recordado Caí. O bulício da cidade chamava a atenção do habitante do Caminho de Belas² que ao levantar-se sentia os zéfiros embalsamados pelos florentes alecrins, dourados e verdes manjericões, e mil flores cujo matiz agrada à vista e chama o pensamento do filósofo à contemplação de Deus. O habitante do Caminho Novo³ também é despertado e como o do Caminho de Belas vê o manto da noite fugir apressado ante os primeiros anúncios do dia, e o prateado espelho das águas do Guaíba refletir buliçoso o ouro e a púrpura de que se reveste o rei da natureza. Aquele porém que dorme debaixo do telhado das casas que formam o duplo angular terreno da Praça do Paraíso⁴ veria sem dúvidas, se levantasse a essa hora, um ancião gordo, armado de grande chapéu de sol, seguido de sua mulher, uma linda filha tão pura como a rosa na alva serena, dois filhos que submissos seguem os passos do ancião, uma escrava gorda munida de um largo samburá; e bem depressa adivinharia ser Paulo e sua família. Das vestes simples que cobrem toda esta família concluiria que o luxo, sempre prejudicial aos estados, não tem penetrado o seu seio, e que o necessário só ordena o interior e exterior de sua existência. Se se aventurasse a dar alguns passos até algum dos portões da Praça do Mercado, veria que os frutos mais sazonados dentre os pêssegos, maçãs, marmelos, laranjas, melões, etc., que os legumes mais sãos, que as ervas e carnes mais escolhidas eram o que compunha o seu alimento diário.

2. Atual Avenida Praia de Belas, margeia o Guaíba, ligando o centro de Porto Alegre à zona sul: local de chácaras e casas aprazíveis à época do livro de Caldre e Fião, 1847.

3. Atual Rua Voluntários da Pátria. Nicolau Dreys descreveu-o em 1839, como uma bela alameda de árvores frondosas, ornada de ricas chácaras e jardins.

4. Atual Praça 15 de Novembro, no centro de Porto Alegre.

Quem assim cotidianamente tomava por divertimento o serviço doméstico mais importante não passaria decerto o resto do dia em ócio prejudicial. Chegados à casa, Edélia ocupa-se das disposições do almoço; nada falta, tudo o seu gênio providente tem calculado; Margarida ordena por sua parte; e assim o trabalho se regulariza maravilhosamente. Quando as duas horas são dadas, depois que o sol percorrendo a sua veloz carreira tem ocupado o centro da abóbada dos céus, quando os trabalhos findaram da manhã, Paulo e sua família se reúnem em redor da tábua comum, onde o alimento cotidiano ministrado pela providência do Senhor Deus está depositado, todos se assentam; e então, por entre o gozo do manjar simples e delicado, um salmo da sagrada Bíblia e um conto de moral verdadeira são recitados por Paulo; nunca aí tristes recordações vêm perturbar-lhes as fronte serenas. As orações terminam este ato e cada qual busca o consolador trabalho.

É nesta hora solene, que os habitantes do norte da Europa tanto respeitam, que os bons pais deveriam doutrinar seus filhos, que os deveres filiais deveriam ser recordados a par da idéia sublime de Deus. Qual será o ente humano que ignore os deveres da criatura para o seu criador e que possa ser bom filho, bom pai e bom cidadão? E que hora mais apropriada a despertar-lhe na alma essas idéias sublimes? Sem dúvida este trabalho tão doce de um pai, mas tão negligenciado como árduo e abandonado a preceptores estranhos e descuidosos, teria formado homens cujo caráter mostraria a inutilidade de complicados códigos, frutos das aberrações das disposições morais do gênero humano. Soberbos palácios se levantariam à glória do homem, palácios em cuja fachada se leria esta palavra sagrada — Humanidade — e onde todo o viandante encontraria um abrigo e para onde se refugiaria a população miserável que entulha as fétidas e imundas cidades, a gozar o fruto do seu trabalho. Entre esses homens, lembrados sempre de sua missão sobre a terra, não se moveriam desordens; e o crime, como um sonho horrível, seria a seus olhos um monstro detestável, sem que nenhum com ele se familiarizasse. E quanto é fácil reformar a sociedade, banir os crimes e plantar a felicidade nesta morada terrestre! A educação e só a educação pode operar tão bons resultados. Paulo estava convicto destas verdades e escolhia portanto esta hora como a mais própria a formar com suas lições o espírito dos seus; e por isso seus filhos eram bons e cresciam na benção do Senhor. Nunca se alte-

rava o regime interior de sua plácida existência; e as comunicações externas eram mais a beneficência que dirigia do que estéreis amizades.

A tarde para eles caminhava vagarosa em seu carro de chumbo; e, quando ao crepúsculo mágico, depois que o sol deitava-se nas campinas deleitosas ao ocidente da cidade além da baía do Guaíba, se sucediam as ligeiras e úmidas sombras da noite, o cântico da saudação angélica era recitado com religioso fervor, em comum, por todos os membros da família. A noite vinha trazer a recompensa dos trabalhos do dia: os indigentes afluíam para receber e agradecer benefícios. Edélia erguia sua voz meiga e tocante, cantando as ações virtuosas de seus maiores. Aníbal a acompanhava no piano, subordinando o teclado à ligeireza de seus pequenos dedos e Acácio modulava na flauta a canção que eles desempenhavam com tanta magia. Quem continuamente vive engolfado nos corruptos prazeres, quem sofre o abalo de sensações fortes, destruindo o princípio reativo da vida, não pode jamais apreciar devidamente o prazer das sensações brandas que em nós produzem a harmonia, cadência e ligação dos sons musicais.

Eles terminavam sua carreira cotidiana, como sempre, no brando regaço da paz. As rendas de Paulo eram suficientes para as despesas da família e a economia lhes ministrava os meios para acorrer aos casos extraordinários.

A vida do justo é como o ligeiro batel nas mansas águas do prateado Taquari, no calmoso estio, em noite de luar. Soprado meigamente pelas brandas auras perfumadas pelas flores das margens, voga tão brandamente e nem mesmo move a superfície das águas. A vida do mau é, pelo contrário, igual a armado iate na Lagoa dos Patos, lutando com o furor das ondas encapeladas pelos furiosos ventos, que depois de inútil e cansada resistência se quebra sobre os baixios do estreito ou sobre a arenosa Ponta de Cristóvão Pereira.



PARTE SEGUNDA

AS DISSENSÕES POLÍTICAS

Estava reservado ao século 19º o desenvolvimento das idéias liberais, suscitadas, naturalmente, na alma do homem, pelo ódio que haviam atraído sobre si os séculos bárbaros da prepotência da Idade Média. O Brasil, por ele, tinha quebrado os ferros de um poder estranho e realizara estas tendências maravilhosas dos gênios patriarcais dos Brasileiros. Alguns abusos, porém, deveriam aparecer por entre as mais judiciosas reformas; e foi o que vimos realizar-se em diferentes pontos do Império, levando os homens ao fanatismo político. Desde 1818 uma fermentação de ideais se preparava, em clubes diversos, na província do Rio Grande do Sul, até que uma explosão espantosa teve lugar em 20 de setembro de 1835, presidindo então os negócios governativos da província o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

Ao primeiro grito — Liberdade — a esta palavra mágica, o Rio-Grandense desembainhou a espada, enferrujada pelo oxigênio da paz, mas que outrora luzente refletira ao sol do Uruguai¹; buscou os louros emurchecidos e cobertos da poeira que tinham levantado da terra a relha do arado ou o tropel dos ginetes nas lidas pacíficas dos campos; e correu ao encontro do suposto tirano que lhe assinalavam.

Almênio, jovem de 23 anos, no ardor das paixões violentas, filho de abastados pais, julgou cumprir um dever, apresentando-se no campo da

1. O texto alude à Campanha Cisplatina (1811-1812 e 1816-1821) na luta pela fixação da fronteira meridional do Brasil.

batalha em defesa dos sagrados ideais da liberdade, e no calor do prélio fazer provar aos que julgava inimigos o fio da sua espada. Inflamado pelo ardor marcial esquecera a casa paterna; e a benção dos céus que de seus maiores recebia, sagrado talismã, de há muito não recaía sobre sua cabeça. Ele tinha desobedecido. Seus pais, amestrados na escola do mundo, tinham reprovado uma reforma que julgavam desnecessária em um país que apenas começava a fruir o resultado da aplicação de uma constituição liberal. Ele comandava! E isto é alguma coisa para um jovem. Todavia as reflexões se apresentavam em um tropel à sua alma; e vacilava a cada passo da sua carreira. Quando em nossa infância recebemos os germes da virtude, cedo ou tarde, a árvore da felicidade dentro de nós nasce e lança profundas raízes, diremos outro tanto dos germes do mal e lembraremos o dito de Sêneca: *Aquilo que aprendemos quando crianças, ainda depois de velhos confessamos, que havemos de perder*. As suas reflexões, pois, lhe sugeriam um plano de reparação, de conquista mesmo, sobre si próprio.

O canto do galo, anunciando a terminação do círculo diurno, tinha soado três vezes; o agricultor velho, escapado por sua idade ao grito das armas, retirava-se cansado ao lar da família, conduzindo o pesado feixe de lenha; na taverna de madame Elisabeth acendiam-se as luzes e iam se juntando os soldados da força que estava destacada na povoação, para tratar dos movimentos da guerra, analisar as notícias, que a gorda madame interpretava com seu acento alemão que fazia realçar com tanta graça; e na taverna de Raus, mais séria, mais brilhante, a *gente limpa* se reunia e buscava, na dança da valsa alemã, um lenitivo e distração às intestinas dissensões. À frente dos mais velozes dançarinos estava o tenente Almênio e escolhera para par a bela Rosinha, filha da padeira. Uma vez, porém, Almênio parou, afastou Rosinha do círculo, para dar livre curso a seus companheiros volteadores, e permaneceu estático até acabar a valsa. Rosinha, então, advertiu-o que se devia sentar e olhou para seu semblante, sempre para ela tão meigo e tão belo... Fria palidez o cobria e a mão que pegou estava gelada... Um grito de dor escapou da boca de Rosinha; todos rodearam o tenente, mas ele despertou de sua letargia e riu-se graciosamente para a sua companheira... O baile recomeçou com mais alegria. Almênio tinha se lembrado que, nesta hora dada por ele ao prazer, ao lado de uma moça, invejado dos jovens seus companheiros, sua mãe vertia amar-

gas lágrimas intercaladas de amiudados soluços e seu pai, apoiando sua fronte venerável e coberta de cãs sobre suas mãos mirradas, sobre aquelas mesmas mãos que tinham tirado da terra o sustento que por tanto tempo lhe dera e sustentara os seus primeiros passos, duvidava que seu filho Almênio tivesse ouvido algum dia os preceitos que lhe ensinara. E contudo, se ainda se lhes apresentasse, vestido com a farda de tenente, tendo pendente do envernizado *boldrié*² a espada ensangüentada, depois de ter ferido o coração de alguns amigos de seus pais, ainda assim eles lhe dariam o beijo do perdão e o chamariam a um caminho de paz. O amor paternal não é jamais limitado!... Almênio o sabia.

Ouvia-se o trote de um cavalo na estrada real da Sapucaia e o tinir de uma espada que, de quando em quando, batia sobre a cincha dos arreios: este cavalo era cavalgado por um jovem magro, de longos cabelos louros caídos em cachos sobre seus ombros, pensativo... e que conhecíamos pelo nome de Almênio, o bravo tenente republicano. As cores afogueadas do rosto do jovem indicavam uma resolução firme. O andar do cavalo denotava a presteza de um ente resolvido a servir e que perigo nenhum jamais fizera recuar. No horror dos combates ele tinha seguido o impulso de seu dono, de seu dono intrépido que jamais refreara sua velocidade; igual a seus irmãos, alimentados pela saborosa grama dos campos do sul, se exercitara nas bélicas lides; e manso nos prazeres tinha-se tornado por seu gênio uma necessidade de seu dono. Almênio o amava, como se ama àquele que dia e noite nos presta sem cessar serviços importantes. Almênio era Rio-Grandense e o cavalo é o melhor presente que a natureza fez ao Rio-Grandense. Ao chegar à encruzilhada da estrada da feitoria, Almênio voltou seu cavalo à esquerda e seguiu por ela até o moinho de água.

O estrondo da queda d'água, ao longe, não parece anunciar a beleza deste lugar de delícias. Em minha infância, já eu era poeta, e aí bebia a largos sorvos inspirações divinas, transportes da ciência de Apolo; aí batiam meus pequenos pés o *metron* dos versos, e que versos! se eu os tivera conservado!... Aí muitas vezes regulei as horas que havia de passar como Ministro de Estado; formei tratados de comércio com nações estranhas; delineei edifícios de caridade e instrução pública que havia de

2. *Boldrié*: correia a tiracolo; serve para prender a arma ou para fixar a haste da bandeira.

fundar... Não posso resistir à tentação destas lembranças tão doces; desculpai-me meu leitor benévolo, que eu, para pagar-vos desta distração, vos contarei em segredo que aí, no dia 10 de fevereiro de 1832, quando o sol declinava em sua marcha, vi a bela Rosinha, e acompanhei-a até São Leopoldo³, onde morava, na *Rua do Paço*, defronte de um açougueiro chamado Werner. Voltemos ao sítio.

Anosas árvores de longos e folhudos ramos se entrelaçam como para melhor resistir à impetuosidade dos ventos. Sublime lição! E o homem, que não conhece a natureza, forja armas para sua mútua destruição, devendo unir-se para resistir aos ataques de mil coisas externas que ofendem sua frágil construção.

Não existem aí árvores que dão frutos senão as plantadas pela mão do homem em seus arredores, em seus contornos tão aprazíveis. Uma branda viração se entretém habitualmente por aí; e a água que fugitiva se desliza pela ruiva areia restaura as perdidas forças do viandante. Mil pássaros, entre eles o sabiá, o virabosta, o canário, o gaturamo e o pin-tassilgo, gorjeiam com harmonia inimitáveis cantos.

A casa do moinho é um edifício quadrangular de pouca importância, mas célebre por ser o abrigo de muitos passageiros. Quando alguma jovem vem passear neste sítio e suspensa pára na contemplação dos seus encantos, lembra as profetisas druidas, divagando nos bosques da Gália antiga, entregues a meditações profundas. Esta parte é muito baixa, cercada de alcantilados cerros, a luz penetra a custo, espalhando raios fracos, e dilatando-se a pupila dos nossos olhos buscamos com mais avidez os objetos; uma lei ótica os faz redondos, regulares, e forma a ligação sucessiva das cores. Este sítio foi formado para o recolhimento e oração.

Almênio chegou ali ao cantar do galo que anunciava a hora do nascimento do Redentor do mundo. O eco tinha respondido aos passos de seu cavalo e mesmo às suas inspirações e expirações lentas, na estrada; mas, ao aproximar-se, o ruído das águas confundiu-os. Medonho estava o sítio.

3. São Leopoldo, à margem esquerda do Rio dos Sinos, é a cidade berço da colonização alemã, aí iniciada com o desembarque dos primeiros imigrantes em 1824. Neste mesmo ano, atendendo solicitação do Presidente da Província, o Imperador determina que o local tome o nome de Colônia Alemã de São Leopoldo, em homenagem à Imperatriz Dona Leopoldina.

Todavia, Almênio apeou-se, desencilhou o cavalo e dos arreios fez uma mole cama sobre a areia; e, cobrindo-se com a enxerga, entregou-se ao sono. Tal é o Rio-Grandense.

Já nos alegres e risonhos horizontes adejavam os zéfiros da manhã, refletindo em suas lustrosas e tênues asas um sol que arrebatava os engraçados e fagueiros olhos da virgem que levantara-se aos primeiros anúncios da aurora e aos cantos do canário que cativara com seus lacinhos de retrós e que conservava em gaiola de arame feita pelas destras mãos de seu pai. Era Clarinda. Bela como a beleza, dardejava, sem querer, a vida, o encanto e o prazer a todos os entes e ainda mesmo aos insensíveis. O rumor das águas convidou-a a descer ao vale do moinho, bem próximo à sua habitação. Aos seus primeiros passos na *plainada*⁴ descobriu um jovem que talvez dormia; seu movimento primeiro foi de terror, mas confiando em que ele entregue ao sono não a sentiria, ousou aproximar-se. Almênio adormecera em momento que sua alma tinha recebido uma dessas idéias horríveis e ao mesmo tempo fagueiras, tão melancólicas e excitantes que nos dão um existir tão duvidoso, e que representamos com a palavra — *saudade* — palavra mágica que não tem tradução em muitas línguas, e que mesmo às vezes nos parece incompreensível. Clarinda contemplou o rosto do jovem; essa expressão, unida ao traje de *monarca*⁵, que lhe era tão favorito, excitou em sua alma cândida, como a de uma pombinha, sentimentos desconhecidos; sentou-se a seu lado e absorta, fazendo abstração do universo inteiro, só cuidava nele. Um ruído, porém, a despertou. Eram os passos do seu pai. Hendrichs, de majestoso talhe, com sua expressão apaixonada e severa dava a suas cãs um brilho de respeito e confiança de tal sorte que a mocidade o amava à primeira vista. Clarinda, longe de temê-lo, amava-o como à sua mais querida amiguinha da infância; dirigiu-se pois a ele, e abriu-lhe o mais recôndito interior de seu coração. Hendrichs já tinha, antes de ouvi-la, tudo adivinhado.

— Pobre menina! lhe disse ele, quanto és inocente! O amor é a aurora de nossa vida, um despertar da existência que nos abre o livro do futuro; é a porta da felicidade.

4. *Plainada*: planície, planura.

5. *Monarca* é a acepção plena de *gaúcho*, dominador do meio em que vive, possuidor da melhor montaria, ajazada com prataria e ouro. É, assim, sinônimo de indivíduo destemido, orgulhoso, elegante e livre.

— O que meu pai? acudiu Clarinda. Pois o amor tem alguma coisa com o que vos contei?

— Sim, minha filha; e tu sabes o que é o amor? prosseguiu Hendrichs.

— Sim, senhor, disse Clarinda, tanto como meu pai!

— Quem t'ó fez conhecer? perguntou o pai.

— O Senhor Fontoura, respondeu Clarinda.

— Pois como? acudiu Hendrichs.

— Eu vos contarei, disse Clarinda. Meu pai! Lembrai-vos daquela manhã em que nos encontrávamos na casa do Sr. Coronel Salustiano, em São Leopoldo, na Praça da Alegria? Pois bem, nesse dia aí vi o Sr. Fontoura, poeta, como o chamavam, e ele me descreveu o que era amor...

— Mas que te disse ele?, interrompeu Hendrichs.

— Muito bonitas coisas, meu pai, continuou Clarinda. Disse-me que amor era um menino tão formoso como meu irmão Antonico, que tinha asas douradas como os anjinhos das procissões, que tinha um arco como o que Antonico caça passarinhos, que nos alimentava, quando lhe queríamos bem, com um líquido ainda mais doce e cheiroso que o mel da mandaçaia e com umas ervas tão aromáticas como o manjericão, cujo gosto só podia sentir quem o provava.

— Perigosa coisa é um poeta! prosseguiu Hendrichs, todavia nos recreia com imagens de fantasia, gera a felicidade no meio da dor; e, do íngreme cerro e desabrida praia, extrai melíferos sentimentos de amor; cada ondulação da atmosfera, refletindo um raio de sol, é para ele um mar de luz onde se afogam as Naiades, as Nereidas, as Nápias, as Oréadas⁶ e toda a corte do Olimpo pagão; o mais pequeno regato é para ele um caudaloso Amazonas de curso emaranhado onde se perde o espírito de um Colombo e onde as alterosas quilhas de Gonzalo Pizarro submergem ao menor sopro de Éolo⁷; o mais ordinário pasto se lhe apresenta como um prado onde a Deusa de Cítera⁸ dirige as ninfas, coroada de *anemone*⁹ e distribuindo de seu cinto mil prazeres que nos ampliam a alma,

6. Divindades marítimas na mitologia clássica.

7. *Éolo*: o senhor dos ventos na mitologia clássica.

8. *Cítera*: a ilha alegórica do sonho, da poesia e do amor; celebrizada no século XVIII pelo pintor Watteau num quadro famoso: "O Embarque para Cítera".

9. *Anemone*: anêmonas.

e uma rústica camponesa de nossos *pagos*¹⁰ como rival em formosura a Aglaia, Talia e Eufrosina¹¹, tão ligeira como uma corça, tão poeta como Orfeu¹² e tão feliz como Juno¹³, sentada no alto trono da natureza. Um poeta? Rei conquistável em seu império tão amplo como o seu desejo. Quem ousará roubar os louros que lhe pertencem depois de o ter um dia compreendido? Que melhor filósofo do que aquele que canta as sensações da alma humana? Que melhor político que o que conhece os homens em sua essência? Que melhor economista que o que nada adora além de suas inspirações? Que melhor guerreiro que o que moteja da morte? Um poeta pode tudo e ele de tudo é capaz, menos de destruir o coração do homem, como fazem os moralistas do dia. Pois bem, minha filha, tu já sabes o que é o amor, visto que um poeta t'ó pintou, mas foge de concebê-lo por alguém que não for digno de teu nome.

— Meu nome? acudiu vivamente Clarinda.

— Sim, minha filha, tu deverias ser na Prússia a Marquesa de... Razões de Estado o estorvaram...

Neste momento um longo suspiro soltado do peito de Almênio lhe tinha contraído a cavidade torácica. Um raio de sol penetrado por entre os ramos pendentes do arvoredado o tinha despertado. Ele olhou em redor e, esfregando os olhos, apenas distinguiu o que o cercava. Passou-se um minuto de silêncio.

— Sois vós Sr. Hendrichs, disse enfim Almênio.

Hendrichs lhe estendeu uma mão, cheio de confiança, e lhe disse:

— Vinde repousar em minha casa e subtrair-vos à perseguição de um partido de *caramurus*¹⁴ que por aqui divagam.

Almênio desprende seu cavalo, encilhou-o, e seguiu Hendrichs e Clarinda.

10. *Pagos*: aldeia, lugar de origem; no caso do gaúcho, a querência, o rincão de nascimento.

11. Heroínas da tragédia clássica, presentes também na dramaturgia neoclássica do século XVII.

12. *Orfeu*: na tradição clássica é o poeta por excelência, ancestral mítico de Homero e Hesíodo.

13. *Juno*: na tradição greco-romana personifica o ciclo lunar e preside ao nascimento das crianças; protetora das mulheres legitimamente casadas.

14. *Caramuru*: qualificativo atribuído aos legalistas pelos farroupilhas na Revolução de 1835.

Eles chegaram à casa depois de ter subido um grande morro. Era uma pequena habitação no íngreme declive; não a cercavam dilatados pomares, deliciosos jardins povoados de estátuas de mármore e vasos de alabastro, nem extensíssimas florestas onde mil variadas caças habitavam. Mas vejamos o que ela era antes de sabermos o que não era... Pequena habitação, disse eu, e junto a si tinha uma frondosa laranjeira que dava sombra e que dava frutos; e, ainda mais, uma pequena horta, onde couves, alfaces e ervilhas recebiam a pequena cultura de seus habitantes.

Hendrichs, estrangeiro que acompanhara a colonização alemã, era um homem sóbrio e por isso nada possuía além do necessário. Entrando em sua casa, ele mostrava a seu hóspede móveis simples e de esquisito gosto, colocados na melhor ordem e que respiravam asseio.

— Tendes observado, disse Hendrichs, quantos embates de paixões diversas tem havido no campo da revolução? Pois bem, é este sempre o resultado infalível das intestinas guerras. Guerra civil! Flagelo imenso de todos os povos! Quando deixarás de aparecer entre os homens e de roubar-lhes os brandos gozares da paz amena e deleitosa ao coração do homem? Recai a maldição do inferno sobre aquele que ousar soprar os brandões da discórdia e que ousar manchar com hálito pestífero os laços da fraternidade humana!

— Ah! exclamou Almênio. A guerra! Quantas dores não tem gerado em meu peito tão jovem ainda...

— Mas vós podeis tudo remediar, disse Hendrichs. Sois bravo e por conseguinte sois generoso. Só tendes desembainhado a vossa espada em defesa da vida, nunca o fraco deixou de receber a vossa proteção.

— Sim, meu amigo, replicou Almênio. Eu sempre gostei de conservar em meu coração o plácido leite que se gera na ausência de tumultuosas paixões, mas excitado pelo amor da pátria tenho-me constituído réu de lesa paternidade, desprezando os conselhos em que fui alimentado desde a infância.

— É tão desculpável, continuou Hendrichs...

— Julgo bem pelo contrário o meu procedimento, atalhou Almênio.

— Assim são todas as almas escrupulosas, disse Hendrichs, para quem o crime é um monstro abominável.

Neste momento Clarinda voltava do interior da casa, onde tinha penetrado durante a conversação, trazendo em suas mimosas mãos uma pra-

teada cuia de *precioso mate*¹⁵; ela obedecia aos usos do país hospitaleiro que recebera em seu seio sua exilada família. Almênio, recebendo a cuia das mãos de sua hóspede¹⁶, mostrava um donaire cavalheiresco tão natural ao *monarca das coxilhas* rio-grandenses.

Houve entre os três um colóquio, que versava sobre a amenidade do sítio que habitavam. Hendrichs falava com aquela prudência própria da sua idade, gabando a fertilidade do terreno que ao menor trabalho brotava plantas nutritivas. Clarinda de suas flores, de pombinhos e das frondosas árvores que lhe davam sombra na quente sesta. E Almênio de todos esses encantos reunidos com tanto interesse, com tanto ardor e com tanta graça juvenil, arrebatando os corações de seus hóspedes com tanta veemência que cada vez se tornava mais amado.

Aproximava-se a tarde com asas perfumadas, trazendo após si o plácido crepúsculo; saindo as auroras das musgosas fontes, vinham perfumar-se no seio das abertas rosas prestes a largar suas brilhantes pétalas; o tardo sol descia na oblíqua estrada, espalhando a seus pés as púrpuras da Fenícia e montões de granulações do louro metal das Espanhas, adornando com zonas auri-roxas a superfície líquida dos campos equóreos¹⁷ e esmaltando a encosta verdejante das altivas montanhas. A coruja, ave dos túmulos, ensaiava, de cima da copa do antigo cedro da floresta, seus guinchos funéreos; e, chamando sobre a terra o denso véu da escuridão, perturbava o silêncio dos campos nesta hora misteriosa; todos os lavradores tinham abandonado seus rudes trabalhos para folgarem no lar doméstico entre os braços de suas famílias. Era hora de partir. Almênio devia deixar seus hóspedes.

— Ides partir, disse Hendrichs a Almênio segurando-lhe o estribo em sinal de respeito, e sem supordes a minha casa como guarida respeitável; ides abandonar-nos, findando assim os mais belos momentos de minha vida.

— Tenho de cumprir projetos formados pela desesperação de minha alma, replicou Almênio. Arreneguei minha vida política e quero reparar os males que hei feito.

15. É a erva-mate, colocada em infusão na cabaça de porongo, e assim identificada como a bebida tradicional do gaúcho.

16. *Hóspede*: emprega-se aqui com o sentido de hospedeira, anfitriã.

17. *Equóreos*: do alto mar.

— Adeus, Sr. Almênio, dizia Clarinda apertando a mão de Almênio e deixando rolar uma gota de líquido salgado em suas faces empalidecidas pela tristeza.

Um ruído de trotar ia decrescendo cada vez mais e a poeira levantada na estrada roubava à vista de Hendrichs e Clarinda o primor das flores que cobriam a vermelha copa dos altos pessegueiros da parte em que o sol costumava nascer todos os dias. Eles se retiraram a repousar mas o desgosto pairava em seus corações tão esquecidos de seu contínuo pulular. No entanto Almênio galopava na estrada, tendo diante de si uma única idéia — seu *pago caroável*¹⁸ — e seu cavalo fogoso disputava o terreno que deixava fugir veloz atrás de si.

Na distância de légua e meia da freguesia do Viamão, dessa antiga residência dos governadores portugueses do *Continente*¹⁹, Almênio achou-se junto a um miserável cercado no centro do qual avultavam altas cruzes de madeira. Era um cemitério improvisado que os republicanos tinham formado para sepultar os cadáveres de seus companheiros que, à miséria e sem recursos, tinham morrido num próximo hospital, então abandonado. Almênio era uma dessas almas que se deleitam na contemplação de mistérios que nos revelam os túmulos, que se aprazem entre os *nadas* e as coisas humanas. Um túmulo diz tudo e é como um livro aberto onde almas dessa têmpera bebem a largos sorvos as lições do passado e as esperanças do futuro! Ele se tinha apeado, tinha preso as rédeas do cavalo à *tronqueira*²⁰ da estacada do cemitério e nele penetrado... Ajoelhou-se e formulou uma oração à memória de seus irmãos: “Deus do guerreiro, que tendes guiado os passos deste vosso indigno filho! Lançai vossa bênção paternal sobre as misérias destes meus irmãos e fazei que no dia do juízo final eles se liguem a mim pelos milagres da caridade”. Depois olhou em redor de si... Tudo era silêncio... Os mortos dormiam o sono eterno e dormiam confundidos no pó da fria terra. — Oh vós que tivestes esperanças! exclamou Almênio. Tudo para vós se acabou menos o juízo derradeiro que tem de premiar ou castigar vossas ações! Que valerão vossas

18. *Caroável*: carinhoso.

19. *Continente*: nome dado ao Rio Grande do Sul desde os tempos coloniais até a Revolução de 1835 (Continente de São Pedro do Sul, Continente do Rio Grande).

20. *Tronqueira*: cancela.

fadigas? Onde estão vossos ódios? Conservais por acaso estas tumultuosas paixões que vos agitaram na carreira da vida? Oh! não, tudo é placidez em torno de vós... O mesmo amor! Ele não ousa penetrar estes sacros lugares. E para quê? Para animar moléculas dispersas e que já perderam o arranjo e a disposição em que constituíam uma vida resultante? Oh! Não. As circunstâncias mudaram. Virão aqui os cristãos orar sempre e lançar flores neste lugar de piedade? Chorar sobre a memória de seus irmãos? Não, que eles enquanto se absorvem na fugaz e lisongeira festa da vida esquecem-se do *existir além do túmulo*.

Almênio tinha aliviado seu coração e a brisa soprava seus longos e louros cabelos, agitada pelos compridos leques das palmeiras que aqui e ali, na extensão da campina, erguiam seus roliços estipes²¹ sustentando os amarelos cachos do aromático *butiá*. Ele passou em revista a sua vida passada e, vendo as ossadas humanas que alvejavam aos raios do sol nascente: — Impressões da primeira idade! exclamou. Ainda a nossa alma na infância é tão suscetível de modificações variadíssimas que jamais deixa de retrair idéias formadas por essas mesmas modificações em todas as ações da vida! A mocidade é um arcano incompreensível, é um novelo que se desenrola uniformemente e da mesma maneira que foi começado até à sepultura! Quanto devo a meus pais que insuflaram em meu coração o amor da virtude quando apenas entrava o limiar da existência! Em vão, ainda hoje, o bafejar do crime tem pretendido fascinar-me; imune conservado me tenho do pêgo²² voraz dos vícios e sinto o modicar²³ da alma nessas impressões, que geram desconhecidas noções. Mas o *amor da pátria*! Esse sentimento me era estranho, fez-me tantas maganguices²⁴, negaceando-me na órbita de minhas ações juvenis que arrastou-me ao lavacro²⁵ do foco revolucionário e me deixou entregue à sua torrente ruidosa; desde então estabeleceu-se uma reação, partindo do sentido íntimo ou moral, que tem lutado com vigor as sensações externas causadas pelo prazer da guerra, dos desastres e da morte. Meus irmãos, cujos ossos alvejam na superfície dos campos e se encerram debaixo de meus pés! Por

21. *Estipes*: caules.

22. *Pêgo*: pélagos, abismo.

23. *Modicar*: abrandar.

24. *Maganguices*: afagos, carícias.

25. *Lavacro*: batismo.

que não vos reunistes como um só homem para esmagar com mão de ferro aquele que ousou concitar-vos à guerra civil? Oh! Se isso tivésseis feito, o luto e a dor não teriam adejado sobre vossos pais, sobre vossas esposas e vossos inocentes filhos; teríeis poupado tantas lágrimas e tantos soluços; teríeis estendido nos floridos campos da nossa amada pátria os laudatícios mantos da paz, do amor e dos arrebatamentos ternos nascidos destes dois objetos tão caros. Eu prometo, pelos vossos sagrados manes, sacrificar meu repouso à obra que deixastes por começar e que deveria ter ocupado os curtos momentos de vossas vidas que em tempo imaturo foram ceifados pelo corte abominável da guerra; prometo sacrificar minha vida à grandiosa obra da *pacificação da província*, para que a frondosa árvore da prosperidade espalhe numerosos e não exíguos ramos por todos os seus pontos.

Neste momento Almênio precipitou-se sobre o chão do cemitério e osculava com ardor a revolvida terra.

— Ufa! exclamou uma voz rouca que veio ferir com estampido os tímpanos dos ouvidos do jovem.

Almênio voltou-se e viu um homem baixo, gordo e que trajava à *gaúcha*, tendo nos pés grandes *chilenas* de prata²⁶, e armado com uma enorme faca cuja bainha reluzia os raios dourados do planeta que há pouco aparecera adornado de galas na parte oriental... Ele o reconheceu com espanto.

— És tu, Colomim, perguntou o jovem. Que vieste aqui fazer?

— Sou mandado, senhor tenente, para tirar-lhe a vida a troco de seis meses de licença.

Almênio não estremeceu, porque nos conflitos tinha uma alma incapaz das sensações de medo; dirigiu-se pois veloz ao soldado e apresentou-lhe uma pistola à cara.

— Mas eu não quero matá-lo, disse com muita placidez o soldado. Tenho-lhe demasiado afeto e jamais levantaria minhas armas contra o meu bravo tenente, tão republicano...

— Já o não sou, atalhou vivamente o jovem.

26. *Chilenas*: esporas dotadas de grandes rosetas, provenientes do Chile, como o nome parece indicar.

— Ainda empunhais as armas da república de *Piratinim*²⁷ e conservais o seu *distintivo*, observou o soldado.

Almênio olhou para si e disse com certa expressão de profunda tristeza:

— É verdade! Mas...

E a voz se lhe sumiu nos lábios.

Colomim conheceu que havia surpreendido o seu tenente e que alcançara uma superioridade sobre ele como até então ninguém tinha alcançado. Resolveu servir-se dela para *mangar*²⁸ da preocupação que neste momento o ocupava.

— No entanto, disse o soldado, fazendo acento carregado em cada uma das palavras que pronunciava, se tivésseis deixado de ser farroupilha não exigiríeis as armas que vos forneceu o nosso presidente, porque um homem *passado*²⁹ não é um homem de bem. Renunciar às armas é justo, mas não servir-se delas para combater o *partido* que já serviu. Espero que, poupando-vos a vida, deixeis as armas que outrora tanto serviram em defesa da revolução.

Almênio, à medida que o soldado falava, compenetrava-se da verdade de suas palavras, achando em cada uma delas uma exprobração aos desvarios de sua vida passada; e retornando a seu natural sangue-frio ficou um olhar seguro sobre o soldado e disse:

— Tu sabes que ninguém zomba comigo impunemente. Se te atreves a continuar nesse tom que me ironiza, far-te-ei saltar os miolos e assim castigarei um atrevimento a que não estou acostumado. Quero de ti o mais profundo respeito, aliás...

— Como sempre meu generoso tenente, atalhou Colomim. Acabais de dar-me uma prova do quanto sois bravo. Eu sempre vos consagrei o respeito que exigis agora, mas de hoje em diante vos dedicarei sincera devotação.

Almênio confiou em suas palavras porque já o conhecia... Irresistível simpatia liga as almas fortes e, ainda mesmo no embate de paixões

27. *Piratinim* — que também pode aparecer como *Piratini* — é a cidade onde, a 6 de novembro de 1836, foi instalada a República Rio-Grandense, tendo Bento Gonçalves da Silva na chefia do governo.

28. *Mangar*: zombar, caçoar.

29. *Passado*: traidor, trãnsfuga.

diversas, existe *um não sei quê* que as identifica. É fácil acreditar num homem que nos confia os planos de sua premeditada vingança e que nos assegura a sorte quando dela poderia dispor a seu bel prazer. E, de mais, se soubermos que a gente baixa da *campanha* obedece cegamente ao chefe que a guia ao combate, sem importar-se com a cor política do *partido* que ele segue, prontamente acreditaremos que o procedimento de Colomim era bastante desculpável e que Almênio podia perdoá-lo sem ter muitos motivos para temê-lo, principalmente quando, franco e generoso, ele lhe declarava sua missão, que em outra circunstância nos pareceria bem odiosa. Almênio pois, acreditando em suas palavras, lhe estendeu a mão e o convidou para seu serviço. Colomim, cheio de alegria, apertava a mão daquele que considerava já como seu novo amo. Ambos montaram a cavalo e partiram.

Quem já uma vez tem caminhado na estrada que deste lugar se dirige a Viamão não pode deixar de ter visto, como perto de si, um edifício colossal; e de ter reparado que alguma coisa de mágico preside a esta visão estranha... Tanta proximidade e sempre tanto caminhar!... É a igreja de Viamão³⁰, a mais antiga da província e cuja decoração rivaliza com a dos melhores templos do Império Brasileiro. Sua fachada não é todavia muito elegante, apresenta uma só entrada e, se bem mostre em seu todo uma regularidade constante que seduz a atenção do viajante, não ostenta exteriormente as belezas que adornam os acaçapados e velhos edifícios góticos, semeados na Europa pelos valentes e nobres Godos, que de uma parte dela se apossaram depois da destruição do Império Romano. O interior do edifício encanta e extasia, ainda mesmo as almas mais corrompidas; sente-se nele o que Chateaubriand costumava sentir entrando em uma igreja de Roma, isto é, *um desprezo das coisas da terra e um não sei quê de Divino que nos eleva acima de nós mesmos*; o ruído dos passos dos

30. A igreja data de 1741, dedicada por Francisco Carvalho da Cunha à devoção de Nossa Senhora da Conceição e, na verdade, é a segunda mais antiga do Rio Grande do Sul. Chamou a atenção de Saint-Hilaire, quando viajou pela província. Viamão, por sua vez, assinala um ponto crucial na história do Rio Grande de São Pedro, constituindo uma de suas primeiras povoações. Já em 1733 iniciava-se a colonização no esforço para povoar a fronteira meridional; em 1763, invadida a província pelo castelhano Pedro Ceballos, a sede do governo transferiu-se de Porto Alegre para Viamão, aí permanecendo até 1773.

cristãos perde-se na extensão dos vastos corredores e se mistura com os cantos dos Ministros do Altar que aí entoam o officio divino; resulta uma harmonia inconcebível para o Ateu e que só é apreciável pelas almas piedosas. Almênio, entrando em Viamão, quis visitar esta majestosa igreja, pois era Domingo, dia que se consagra à Religião. Estava ajoelhado em um dos corredores e alguns passos atrás de Colomim; batia com muita devoção nos peitos, quando uma mão pesada pousou em seus vigorosos ombros:

— Sr. Lessa! exclamou Almênio.

— Orai e quando acabardes vinde para minha casa, disse o velho com voz baixa, pousada, e retirando-se.

Almênio foi condescendente à vontade do velho e uma hora depois ambos se abraçavam, recordando mutuamente os dias passados que com tanto prazer tinham corrido para eles.

— Passastes pelo cemitério? perguntou o velho depois de se terem esgotado os primeiros impulsos de saudade. E vistes a casa próxima?

— Sim, senhor, respondeu o jovem.

— Essa casa há trinta anos ainda não existia; eu vou contar-vos o que aconteceu ao dono dela. Havia uma boa família de lavradores neste distrito do Viamão, duas léguas do sítio em que está colocada a casa. Num manhã brilhava o sol por cima de nossos morros e a aura brincava com a auriverde coroa de coqueiros quando um homem coberto de indigência se apresentou à porteira do curral em que a família recebia de algumas vacas o branco e nutritivo leite. Vós o sabeis! Se o Rio-Grandense é dotado de um nobre orgulho, que os estrangeiros lhe lançam em rosto, tem em compensação um coração em que a misericórdia acha a mais fiel guarida; o Rio-Grandense é o árabe Americano, o hospitaleiro por excelência. Se o Rio-Grandense tem muitas vezes de que arrepende-se é de ter feito bem ao estrangeiro quando não conhece seus corrompidos hábitos. O homem indigente foi recolhido e no mesmo dia ocupou o lugar de filho da família: eis uma prova do que acabei de dizer. Dois meses se passaram e o homem, cujo apelido era Ávila, reclamava de direito o que possuía de fato, isto é, queria casar-se com uma das filhas da família e constituir-se assim em *senhor* de alguns bens. O pai, esse bondoso ente, alegre assentiu a seus desejos, que em outro país seriam reputados como uma especulação vantajosa. Arranjaram-se as coisas à vontade do estrangeiro e as bodas foram as mais alegres possíveis. Os esposos ficaram na casa paterna;

dois dias depois, porém, a jovem e virtuosa Adalmina (este era o nome da recém-casada) chorava um copioso pranto pela fuga repentina de seu marido. Eu estive em sua casa e dois anos se tinham passado sem que notícia alguma assegurasse que ainda vivia esse homem, que era seu marido.

Neste momento Colomim entrou apressado na casa do velho Lessa, disse algumas palavras a Almênio e este, apesar da curiosidade que o animava para saber o fim de narração tão singular, lançou mão da espada e despedindo-se do velho desapareceu.

Pois onde foi ele? Que inesperada notícia, esta que Colomim deu a Almênio? Para que saiu armado? E para que tanta pressa? Ele não ouviu o resto da história do velho Lessa?... São estas as perguntas que atropeladamente e a uma vez me fazeis, meus amáveis leitores, sem considerardes que me é impossível responder a tantas coisas ao mesmo tempo. Sois bem curiosos! Eu, para castigar-vos, não vos devia dizer uma palavra sem ver-vos quietos, calados e atentos, mas tenho minhas razões convosco e devo ser condescendente. Ouvi! Almênio, que já conheceis, era um jovem escrupuloso e tinha resolvido abandonar o serviço da República de Piratini porque seus pais o reprovavam. Se eu pensar como filósofo não direi uma palavra; mas como Legalista direi: *que ele fazia muito bem*; e como Republicano: *que ele era um traidor, um passado*. Mas Almênio está de bom humor comigo; eu sou filósofo e não sou partidário das dissensões civis que dilaceram as entranhas de minha pátria. Julgai vós, leitores, o que quizerdes de seu procedimento. Tendes seguido com ele uma viagem de São Leopoldo, onde comandava um destacamento, até à freguesia de Viamão; pois bem, vós o acompanhais fugindo da revolução; mas quis o destino que ainda um combate de sangue e de lágrimas retificasse em seu coração as convicções que o dominavam. Em Viamão se erguia o pavilhão tricolor republicano³¹ e os bravos soldados *dentes-secos*³² do caudilho Neto³³,

31. A bandeira da República Rio-Grandense, criada a 12 de novembro de 1836, era um quadrado, tendo um triângulo verde na parte superior, outro amarelo na parte inferior, separados por um hexágono vermelho. Trata-se das cores do Império, divididas pelo vermelho: o sangue derramado pelos rebeldes farroupilhas.

32. *Dente-seco*: valente, destemido.

33. Cel. Antonio de Sousa Neto. Protagonista da primeira vitória das forças farroupilhas, em 10 de setembro de 1836, no combate do Seival. Logo depois assumiu o comando-em-chefe do exército republicano.

espumando no amor da guerra, colorados e com as espadas em punho, desafiavam todo o poder da terra. Na vila de Santo Antonio da Patrulha existia um bravo corpo de Imperiais, capitaneados pelo valente Juca Ourives, que respeitado faziam o bicolor pavilhão brasileiro. Estes inimigos terríveis, tão próximos, se atacavam e se defendiam com proezas de valor incrível, por muitas vezes. Foi numa destas que Almênio, estando em Vião, se viu obrigado a interromper a história do velho Lessa e correr ao grito das armas. Mas debaixo de que estandarte? Eu vos vejo a todos perplexos e indecisos; como responder? Eu também estou tremendo a dizer-vos: *debaixo do estandarte tricolor.*

Oh! Deus! Isto é que é traição! Sim, mas Almênio quis refletir, o tempo lhe não permitiu... O resultado é tudo. Travara-se uma guerrilha. Se já vistes um brinquedo de meninos em eira limpa, ao claro luar da noite ou à branda luz da fogueira em tempos de colheita, tereis uma idéia do que é uma guerrilha nos campos do Sul. Tem, é verdade, suas modificações; eu vos vou fazê-las sentir. Os meninos descansam às vezes e mesmo se escondem no jogo da *Cabra-Cega*; os guerrilheiros, pelo contrário, estão sempre se atraindo e repelindo com as espadas desembainhadas, que em mil diversas direções mostrarão as refrações da luz; seria mesmo bom assemelhar este combate ao tumultuar das ondas em dias de tormenta. Os meninos soltam exclamações de alegria; os guerrilheiros brados de terror. Os meninos montam cavalinhos de pau; os guerrilheiros montam fogos cavalos adestrados nesse manejo de guerra. Os meninos se abraçam e se recordam nos brincos da inocência; os guerrilheiros abraçam-se também, é verdade, mas ensangüentados e com o coração ferido dos estragos e da morte. É uma analogia por demais forçada, mas eu não quis copiar um quadro cujo fundo se apresente sem luz; iluminei-o e achei isto melhor. Vós já sabeis que brasileiros combatiam contra brasileiros debaixo de denominações diversas; uns eram Republicanos e outros Imperiais; e que Almênio seguia o estandarte republicano. Então escutai. No furor da guerrilha uma espada caiu violentamente sobre a cabeça de Almênio, mas antes de tocá-la feriu fogo sobre outra, sustentada por um braço vigoroso... Almênio estava salvo e quis reconhecer o seu benfeitor. Ele combatia a seu lado com o furor de um homem desesperado, salvando Almênio de todos os golpes que o encarniçado inimigo lhe dirigia; e era o seu velho pai vestido com o distintivo brasileiro. Almênio ficou surpreso e deixou

cair a espada sobre a verde e macia relva, calcada aos pés dos ginetes. Viva S. M. o Imperador do Brasil! Viva a Legalidade! Eram as vozes que se ouviam e os Republicanos fugiam extraviados e em debandada. Uma hora depois as virgens da freguesia de Viamão, com os cabelos soltos aos ventos, com as faces afogueadas, e enxugando os roxos e inchados olhos com os já molhados lenços, carregavam em seus tenros bracinhos os exangues corpos de seus pais, parentes e conhecidos. Era uma cena capaz de arrebatara o coração mais empedernido à benção do Eterno! Ao contemplá-la recordava-me dessa tão útil *Instituição de Socorros aos Domicílios* em que as *Damas de Caridade* exercem o mais meritório de todos os exercícios Cristãos. Se visseis uma dessas virgens no meio dos mortos descobrir seu venerável pai, único arrimo de sua numerosa e pobre família e, com uma resignação incompreensível, carregá-lo em seus braços banhados de lágrimas e dizer suspirando às suas companheiras: *um só golpe, um golpe fatal quebrou para sempre nossa felicidade e nos lançou na orfandade*; vós teríeis, sem dúvida, uma dor e uma dor tão penetrante como a que produz a idéia do castigo infinito quando em nossa alma a esperança morre. Almênio contemplava tudo e, como o condenado a quem nada mais resta neste mundo, estava insensível; o remorso o acabrunhava; e às carícias de seu bom pai redobravam-se os tormentos de sua alma. Oh, como é terrível a vergonha que vem do crime! Oh, homens insensatos, para quem as idéias morais não existem porque não tem sensibilidade interna e que seguem apenas o natural instinto dos brutos! Se soubésseis compreender a divina doutrina do Homem-Deus que, marchando ao monte Calvário da soberba Sião, ensinava humildemente às multidões, teríeis lançado a barra adiante das linhas marcadas pela intelectualidade humana e para sempre destruído esse poderio imenso da rota e esfrangalhada *Ignorância*, autora de todos os crimes que mancham as páginas da existência humana.

Eu desejara difundida, ainda mesmo nos mais longínquos ermos de nossa terra, toda a massa dos conhecimentos humanos e para sempre banida a pestilenta e epidêmica enfermidade da miséria e limitação dos espíritos. Quem me dera uma voz de trovão ou o longo e surdo gemer das vagas do Oceano! Que do alto da tribuna na república literária acusara todos os governos da terra que a ilustração não têm derramado sobre a humanidade e descendo oscularia os pés do homem que impávido e audacio-

so tem marchado para o futuro. Estas cenas de guerra são gratas ao coração porque ele está entorpecido e nossa alma corrupta pelas sensações voluptuosas das coisas da terra.

Se sábios fôssemos, as negras cores dos horrídeos fatos passados no Pará, na Bahia, em Pernambuco, no Rio Grande do Sul e mais províncias brasileiras³⁴ não teriam manchado o quadro histórico de nossa pátria. É a ignorância a fonte de todos os males. E vós o sabeis? Sim. Então não acusai Almênio. E de mais quereis uma lição de política? Quereis que vos eu diga quais minhas idéias a respeito da revolução que teve princípio, na província de meu nascimento, em 20 de setembro de 1835 e que devastou seus campos por nove anos, cinco meses e oito dias? Não farei dela a história; direi em definitivo: a razão condena os *partidos* que em uma reunião social tendem a disseminar a desordem e com ela a desconfiança que destrói os laços da fraternidade, mas olhemos para as circunstâncias morais de nossa associação nesses tempos e facilmente adivinharemos o motivo da guerra. O povo excitado por gênios irrefletidos esperava do governo salutarens providências que serenasse os ânimos, mas esperou debalde e a torrente do descontentamento, como uma longa enfiada de corais cuja ponta se desprendeu e deixa escoar um a um cada um deles sem que destra mão os possa segurar, correu veloz por sobre a reação das almas experientes. Vejamos o motivo! Alguns caudilhos antolhavam um futuro cheio de esperanças, de ouro e de glória individual, e muito poucos o da verdadeira glória da Pátria; e marcharam para eles pela mesma via.

Quando antepomos o individualismo ao bem social temos sempre uma anomalia que cedo ou tarde a consciência nos acusa.

Dado o primeiro passo, os republicanos se viram obrigados a sustentá-lo e proclamaram a sua independência, auxiliados por vizinhos ambiciosos e desleais³⁵. Os imperiais correram aos combates intrépidos e animados do mesmo fogo — *o amor da pátria*. Que cenas tão nobres! Que amor tão decidido ao torrão natal! Quem viu aqui ou ali uma cena de horror e de malvadeza, viu milhares de ações grandiosas e de inimitável

34. O texto alude aos movimentos insurreccionais e separatistas que eclodiram na primeira metade do século XIX.

35. Como também ocorre adiante em outras passagens, o Autor aqui subscreve a tese da interferência dos caudilhos platinos nos rumos da Revolução de 1835. A questão é controversa.

virtude. Que luta de lealdades e cavalheirismos! Ambos o eram e ambos por isso disputavam. Se o governo tivesse, desde o princípio, angariado a confiança dos *partidos*, se os homens que o compunham não preferissem o individualismo ao bem da sociedade e à integridade brasileira, poderia a luta limitar-se ao simples jogo de opiniões na prática da Política; mas o resultado da ação foi exatamente contido nos meios empregados para verificá-la, isto é, a fermentação realizou-se com estampido feroz porque seu autor não quis marcar o grau de força possível, havendo antes juntado elementos capazes de a produzir determinadamente. Sejam claros e falemos a verdade: eu sou pouco apto para explicar estas coisas, tenho repugnância em caminhar pela vereda da política, tanto mais que seu templo está cheio de adoradores e seus altares perfumados com poderoso incenso trazido lá da pestilenta Europa, que o foi buscar às desertas plagas da embrutecida Ásia. A propósito contar-vos-ei, meus leitores, uma novidade. Esses homens que outrora se dilaceravam

.....No prélio da virtude
 Nenhum venceu, são ambos vencedores.
 Uns esquecerão bárbaras afrontas!

E os outros?

Os seios abrem aos fraternos braços
 E inda dizem "Irmãos! armas estranhas
 "Se voltam contra vós: — tomai as nossas;
 "Nossa pátria comum, — eia! salvemos!"³⁶

Basta de divagação! Então o Sr. fica nestas coisas absorvido como se elas fossem muito boas e nada de nos contar o que foi de Almênio! Lá exclamou um meu honrado leitor a quem muito respeito. Sim, senhor, eu vou contar o que aconteceu, mas sempre lhe lembrarei que não há coisa que neste mundo deixe de ter sua serventiazinha por mais insignificante que nos pareça.

36. O texto alude, novamente, a uma possível intromissão dos caudilhos platinos, Oribe e Rivera, nos rumos da Revolução Farroupilha.

Almênio, seu pai e Colomim voltaram para a casa do velho Lessa, mas o bom do homem estava tão transido de susto que não pôde continuar a história que tinha começado, porque as idéias lhe barulhavam o cérebro de uma maneira incrível. Tomaram uma larga refeição e, despedindo-se do generoso velho, partiram.

O pai de Almênio, que de desgostos finava ao lado de sua velha companheira, temendo os entusiasmos patrióticos, porém mal entendidos, de seu inexperiente filho, ardia nos desejos de afastá-lo do curso revolucionário, quando recebeu uma carta anônima concebida nestes termos:

Sr. Bernardo. Seu filho acaba de abandonar o destacamento que comandava em São Leopoldo e partiu pela estrada da Feitoria Velha. Os farroupilhas ofendidos assalariaram um caboclo soldado para o assassinar; se seus amigos e seu pai o não procurarem salvar, ele perecerá às mãos da perfídia.

Não é fácil imaginar a presteza com que o bom Bernardo se pôs a caminho e por toda a parte mandou *bombeiros*³⁷ que descobrissem os traços das pisadas de Almênio. Rompia a aurora quando encontrou uma *força* legalista que se dirigia a Viamão; foi obrigado a acompanhá-la e o acaso feliz lhe deu ocasião de salvar seu filho de um golpe descarregado com a bárbara violência que produz a alucinação dos *partidos*, lhe restituiu a paz do coração e a perdida esperança de possuir aquela pérola mimosa que ele recebera das mãos de Deus em paga de um amor conjugal, nunca ofendido, e que ele polira com a mais esmerada e cuidadosa educação. Estes fatos foram relatados a Almênio no princípio da viagem por seu pai, que arquejava no doce prazer de o ver a seu lado; depois, veio o silêncio e a *memória*, essa faculdade de nossa inteligência tão ligeira e ativa na mocidade quanto demorada mas segura na madura idade, exerceu todo o seu poderio e influência sobre essas almas de hábitos diversos mas que se regulavam pela mesma medida de têmpera. A *reflexão*, que nada mais é que a mesma inteligência, obrando sob a direção da faculdade *memória*, lhes fazia ver as coisas com a realidade que lhes é própria, sem a lúcida cor da imaginação, que empresta desusados atavios à natureza. Estamos

37. *Bombeiro*: espião encarregado de observar e vigiar o campo inimigo.

no século XIX, século sem poesia, pobre e muito pobre de mistérios, mas rico e muito rico de fatos reais e explicáveis. O Físico, que conhece os fenômenos da *eletricidade*, do *magnetismo* e do *galvanismo* e que pode convenientemente aplicar esses agentes poderosos na explicação de atos até aqui inexplicáveis, não passará mais por *mágico*, *feiticeiro*, e mil outros nomes com que alcunhado fora nessas outras eras de *iluminação imaginária* e de *misticismo completo*. O Fisiologista, que outrora divagava nas regiões superiores para explicar a *vida*, hoje passeia dentro da natureza coligindo fatos e mesmo parece recuar às portas da teoria da *assimilação*. O Patologista descobriu no movimento da natureza a razão de *influências desconhecidas*: o dinamismo provou que um átomo, imperceptível aos nossos sentidos, era capaz de perturbar o princípio vital que rege nossa organização. O Teólogo acha em nossa alma um sentido, que chamou *moral* e que desperta idéias de uma *existência espiritual* fora dos domínios dos sentidos externos que só podem revelar-nos a existência da matéria; e livra-se do poder imenso da revelação que nos escravizava. O Jurisprudente acha no *Decálogo* a expressão natural da regra de nossas paixões e por ele formula as leis positivas ou sociais, sem importar-se com as aberrações anormais que aparecem entre os homens e que, as mais das vezes, são o resultado da inaplicação do legislador na factura dos códigos. Enfim é tudo realidades; não é nossa era a era do novelista nem do poeta. Os nossos três personagens, como já disse, também não poetizavam. Almênio via em seu passado um campo de desvários, semeados de *precipitações* e, aqui ou ali, um crimezinho avultando; na parte anterior dele um amor e alguns suspiros e na posterior uma esperança apenas começada e ainda duvidosa. Bernardo, um longo quadro atrás de si, de objetos tão variados como plácidos; todos lhe sorriam, menos um que era sombrio e assustador, mas que depois se tornava o mais excitador de meigas feições. Colomim, uma tempestade horrível de encapeladas ondas, de cachopos, de gritos e de gemidos, mas enfim um porto, uma baía cujas águas eram serenas e não perturbadas pelas asas dos tufões, um salvamento imprevisto e mais que tudo uma invejável quietação da vida.

— Se é lícito pensar no passado e dele deduzir um futuro mais ou menos lisongeiro, eu antolho desde já fagueiras ilusões da vida, disse Almênio interrompendo o longo silêncio.

— Meu filho, disse Bernardo, as quiméricas idéias que nos embalam

durante a mocidade são evaporadas no cadinho da reflexão quando a idade com pé ligeiro nos esmaga sem piedade. A velhice é doença, mas é uma doença que faz bem, é um estado transcendental na escala das ações humanas e que nos põe acima das fraquezas, germes de todos os vícios. És ainda muito jovem e eu tenho sentido correr por sobre minha cabeça as neves e os orvalhos de treze compridos lustros; tenho do arcano histórico dos pretéritos extraído proficuas lições, e o presente que fala em linguagem inteligível me tem aberto o denso e negro véu do futuro. Tu alimentaste desejos de salvar a pátria e marchaste por uma estrada inteiramente oposta àquela que a isso nos conduz; hoje buscas nutrir novos fantasmas que te arrastarão ao precipício das misérias; e pensarás ainda em continuar na formação de tais pensamentos?

— Oh, meu pai, respondeu Almênio. Eu pensava...

— E pensavas muito erradamente, atalhou Bernardo. O orgulho, o excesso de amor-próprio, longe de tender à conservação do indivíduo, o aniquila e o precipita no desprezo e indiferença da sociedade.

— Mas o homem tem *liberdade*, objetou Almênio, parecendo respirar com estas palavras que, julgava, o iriam desculpar aos olhos de seu austero e honrado pai.

— *Liberdade!* exclamou Bernardo. O que poderás tu entender por este vago som que vai ferir teus tímpanos? Dar-te-á uma idéia ou, antes, uma multidão de idéias sem nexos e cada uma carecerá de um tipo real além desse som que acabei de formar em minha laringe e modificar nos órgãos bocais. Acreditas que, ainda mesmo que essa idéia tivesse um tipo existente, seria ela partilha do homem, desse ser finito rodeado de tantos deveres que o coagem a obrar? Sê prudente na destinação das palavras, representantes sensíveis das noções da alma; e não queiras avantar-te na carreira da vida sem os sábios conselhos vindos da experiente velhice.

A eloquência da velhice é preventiva e domina a mocidade, sempre dócil à sua potência, com o doce amor da verdade. Almênio olhou para seu pai com religiosa admiração; nunca o vira tão animado; e, se bem ouvira sempre falar dele como de um homem não vulgar em conhecimentos, todavia neste momento o desconhecia em sua linguagem tão acima das baixas inteligências: era que o fogo do amor paternal incendera em sua alma as idéias filosóficas que por tantos anos ruminara, quanto mais os

fatos da vida lhe pareciam explicáveis pela lei universal das compensações, pela *harmonia universal*.

A *harmonia universal* é uma idéia simples. Tentar explicar a união da *matéria* com o *espírito* é um absurdo por demais provado, mas que sempre nos conduz ao conhecimento de uma verdade evidente, a — *harmonia universal*; seria ela o mesmo Deus, se só existíssemos no mundo dos espíritos; mas, como também estamos vivendo ligados à matéria, será para nós *uma realização de pensamento*, mas de pensamento *infinito*, porque do finito eu posso declarar aos meus amáveis leitores que não é; muitas vezes eu tenho desejado que o mal relativo não exista entre os homens em sociedade (eu não posso admitir o mal absoluto) mas, longe de isso verificar-se, eu tenho notado que as coisas continuam como são, sem sofrer a menor modificação, malgrado minhas vontades; do que hei concluído com muito boa lógica que a vontade do ser finito não tem realização e que essa que observamos é toda de um ser infinito e é a que forma a — *harmonia universal*.

Os nossos três personagens, troteando na estrada, chegaram ao cabeço de uma coxilha nua, a cujos pés se escorregava molemente um arroio com tanta preguiça como uma das nossas *caboclas* que, nas quentes sextas, se recosta sobre o palpitante peito de seu amante e goza os mimos de uma ternura apenas começada. Era o *Passo do Ornelas*. Neste misterioso sítio tudo fala, cada tronco, cada pedrinha e mesmo cada folha diz uma recordação à alma do viajante que por aí passa. Todos têm ouvido uma longa enfiada de contos de *almas perdidas* que andam cumprindo seu fado e pagando seus pecados antes de entrar no céu. Pois bem! Aí é um grande teatro dessas cenas, que existem porque a imaginação vulgar as cria e alimenta. Nos outros bons tempos, os *patuscos* lá iam fazer belas *súcias*³⁸, acompanhados de jovens pervertidas, entregues à devassidão sensual, e compunham estes dramas burlescos que o povo tanto acredita, isto é, homens com pernas de pau simulando fantasmas e espectros, fogos em latas com furos que chamavam — *boi-tatá*³⁹ — e mil outras extravagâncias do espírito humano para afugentar testemunhas incômodas de suas infâmias e miseráveis crimes. Não há nenhum desses simplórios

38. *Súcia*: ajuntamento de desordeiros ou marginais.

39. *Boi-tatá*: fogo fátuo; cobra de fogo. (Também grafado *boitatá*).

habitantes do arredor que não tenha visto uma alma do outro mundo a repassar⁴⁰ um *redomão*⁴¹, outra a dançar um *fandango*⁴², outra a cantar uma *tirana*⁴³ e às vezes muitas a comerem de um *pagode*⁴⁴ um *churrasco*⁴⁵ da *picanha*⁴⁶ de uma *terneira*⁴⁷; e é preciso notar que tudo isto eles têm visto no *Passo do Ornelas*. Péssima coisa é, sem dúvida, deixar que o bom do povo se nutra dessas crenças bárbaras e contrárias à produção das idéias morais que nos vem do espírito da religião de Jesus Cristo, mas também não me pode caber a glória de destruí-las para plantar sobre a terra a santa árvore que cresce, regada pelo evangelho e sangue dos mártires; por isso, eu vou fazer o que fizeram os nossos personagens quando por aí passaram, *id est*⁴⁸, calar-me e correr despercebido por sobre estas frioleiras.

Aproximava-se o fim da tarde com todas as galas brilhantes que lhe concedera a natureza, tão risonha, tão meiga e transbordando a ternura de seu aromático seio. Eles chegavam nesta hora à vista de Porto Alegre, que em meus transportes poéticos eu apelidei de *Princesa das Coxilhas*, dessa cidade de fadas, ninho mimoso do heroísmo, galardoada pelo Imperador D. Pedro II com o título de *leal e valorosa*⁴⁹. As flores exalavam tênues emanações que embriagavam os sentidos, a luz já fraca se espalhava em muitas ondulações e os ventos brincavam com as ra-

40. O verbo *repassar* tem significação de *amansar, domesticar*. (Nota do Autor)

41. Cavallo bravo que se submete ao freio para domesticá-lo. (Nota do Autor)

42. Dança campestre, semelhante às usadas entre os espanhóis. (Nota do Autor)

43. Espécie de cantata que acompanham dançando os bailarinos dos campos. (Nota do Autor)

44. Pagode é templo dos gentios, mas a acepção vulgar e em que tomo é de — reunião ou patuscada. (Nota do Autor)

45. Carne assada. É preparada sem desunir-se do couro do animal, em cuja parte se aplica o fogo. (Nota do Autor)

46. É assim chamada a parte posterior da região lombar, onde há, no gado, grande acumulação de substância gordurosa. (Nota do Autor)

47. Vitela. Julgo vir esta palavra do latim *tenerus*. (Nota do Autor)

48. Expressão latina: isto é.

49. Em 1835, Porto Alegre caiu sob o domínio dos insurrectos farroupilhas chefiados por Bento Gonçalves. Em 1836 a cidade foi retomada por Manoel Marques de Sousa. Passou então a viver forte assédio dos revolucionários até 1840. Esta resistência oferecida pela capital da província fez com que D. Pedro II lhe outorgasse, em decreto imperial, o título de "Leal e Valerosa Cidade de Porto Alegre", que ainda hoje está inscrito em seu brasão.

madras das *timbaúvas*, dos *cedros* e *grapiapunhas* e faziam oscilar os preguiçosos leques dos *butiazeiros*; o campo matizado de rubras, pálidas e brancas florinhas de *azedinhas* cedia à pressão dos pés dos ginetes ligeiros quais saltadores veados... Era a hora dos êxtases do céu, escolhida pelo anjo para a anunciação da Senhora. Almênio lembrou-se dos versos que outrora cantara ao som do alaúde da pátria, recostado ao frágil tronco da bananeira, contemplando o chão em que está sentada a *Princesa das Coxilhas*, e ele os repetiu com o coração nadando em mar de saudades:

Ouro brilhante das Espanhas plagas,
Púrpuras belas das Fenícias praias
Nos curvos horizontes se amontoam
E a vista turvam com milhões de raios
Nesta hora do prazer que os bens derrama.
O sol do Viamão risonho e meigo
Prolífico brilhou nos céus do espaço
E os que outrora animou verdentes campos
Abandona fugindo apressurado
Porque a noite chegou tristonha e feia
Sem da lua mostrar a face bela...
Oh! se a lua viesse ele mandara
Seus raios até nós! Plácida sombra
E sedutora imagem da inocência,
Mimo dos anjos, guia dos amantes,
Crepúsculo fugaz que ilude as trevas
E convida a cantar a dor que punge
Incertos arremedos de saudade!
Estou-te a contemplar e mil fagueiras
Gostosas sensações me fervem n'alma.
Tu cobres, lisongeira, os rubros tetos
Da *Princesa* inocente *das Coxilhas*
Que diademas cingiu d'altas Palmeiras
Vestida de mil plantas odorantes;
Tu preparas de flores brando leito
Qu'ao Guaíba conceda um sono fácil.
És casta virgem destes campos puros...

E depois o eco, repetindo o final de cada frase, ainda se ouvia choro e gemedor nos ângulos das montanhas... Bernardo deixou escoar duas lágrimas quentes em suas faces, luridas e macilentas, animada, às vezes, de fugitivo rubor pela melancólica canção do amado filho... Colomim, esse ente indiferente aos atos da vida, também soltou do peito um violento arquejo, um suspiro...

E quem há que, à vista dessa cidade, gozando o ar que aí se respira e o mágico trinar do sabiá e do canário, e o burburinho das águas cristalinas da *Azenha*⁵⁰, e o respirar de mil florinhas tão variadas em agradáveis e inimitáveis matizes, e tantos outros encantos, não sinta milhares de suaves modificações, impossíveis de classificar-se em determinada ordem na escala psicológica? Ah! inda frescas me passeiam n'alma as melífluas lembranças de um dia! Eu devia deixar minha pátria, o aromático berço que embalara minha juventude e a doce sociedade de minha carinhosa Mãe, de meus parentes e de meus amigos; era uma dolorosa separação! Mas um passo cruel que me conduziria ao santuário do *saber*; sem ele eu não poderia aspirar aos altos empregos do Estado para os quais meus sonhos de homem acordado me apresentavam predestinado. Era uma manhã de Setembro graciosa e revestida das galas de primavera. Eu me resolvi visitar o *Passo da Cascata*⁵¹. Um amigo me acompanhou, um desses amigos da minha infância; nós chegamos apenas a esses altos montes do Viamão quando eu, recordando-me dos passados tempos, lhe disse: — Quantas vezes, na mocidade, gozamos o lindo espetáculo dos campos sobre as montanhas que altivas se encadeiam em redor de nossa encantadora cidade, como uma guarda soberba às suas belezas naturais; e quantas não juramos amizade eterna sobre elas mesmas! Em aquela época o interesse, a vil e negra ambição não faziam mover nossos lábios; a natureza falava e os ainda verdes corações, não manchados de crime algum, pres-

50. *Azenha*: moinho de roda movido à água. Bairro de Porto Alegre, assim denominado, desde o século XVIII, em virtude da instalação de uma azenha para a moagem de trigo, junto ao Arroio Dilúvio.

51. O Autor parece referir a região ocupada pela antiga Estrada da Cascata, principiando no bairro da Azenha para terminar em Belém Velho. Atualmente, Avenida Oscar Pereira.

tavam espontaneamente os seus consentimentos. Lembrai-vos, sem dúvida, de uma bela tarde de estio passada à sombra das árvores do *Passo da Areia*⁵². A água que rolava por cima da miúda e ruiva areia não nos havia acordado de um doce sono, quando uma voz, uma doce voz que cantava a amizade, teve esse mágico efeito. As letrinhas ainda se me não varreram da alma; e, se as feições dessa camponesa, que trazia tão gracioso o chapelinho de palha enfeitado com uma grinalda de flores silvestres, atraíam as vistas de seu rústico companheiro, descendo na inclinada encosta da montanha, também enlevavam minhas idéias aos cumes celestes.

E eu as fui repetindo maquinalmente como esquecido de mim mesmo:

Quer na bela estrondosa matina,
 Em que trina saudoso o canário,
 Quer na noite gostosa e divina
 Deste mundo presente precário,
 Meus votos ardentes
 E o meu coração
 E os meigos afagos
 De pura afeição,
 Te darei,
 E serei
 Qual a terna avezinha plumosa
 De raminho em raminho a cantar,
 Na presença do amante formosa,
 Dele ausente só quer definhar.

Como eram mágicos estes versos, cantados por uma voz sonora e vibrante! Simulava um dardejar de setas que os antigos, os pagãos, representavam como vindo do céu nas mãos do Deus Cupido sobre um peito acessível à ternura com que o tratava uma *ninfa imortal*. Porém, como ia eu dizendo em minha divagação, nós, prosseguindo nosso passeio, chegamos ao gracioso e ruidoso *Passo da Cascata*. É um desses esmeros da natu-

52. O Passo da Areia, assim denominado em função da travessia do arroio da Areia, era a região atravessada pelo Caminho do Passo da Areia, de Porto Alegre até Gravataí. Hoje, Avenida Assis Brasil.

reza que a arte e o engenho do homem tentam embalde imitar! Para as idéias que aí se geram ainda não se inventaram palavras; para conhecê-las é necessário senti-las. Nós prendemos as rédeas dos nossos cavalos aos grossos e anosos troncos, discorremos por todo o sítio e depois banhamos nossos corpos na vítrea e espumosa linfa da Cascata, entregando-nos, por fim, ao repouso sobre o mole tapete de verdura e às meditações profundas que aí se apresentam douradas à mente do homem. Foi ao som de *Niagara*, aumentado pelo rosar surdo das florestas virgens da América, que Chateaubriand⁵³ cantou as paixões da alma em estilo grandiloquo, imensamente admirado pela velha Europa. Nós fomos despertados de um doce sono que havia pairado como o lenitivo suave de uma grave tempestade da vida, sobre nossos membros, por uma voz encantadora e que me não era desconhecida, cantando uma serenata agradável, a mesma que eu havia repetido há poucas horas ao meu companheiro. Notável coincidência! Existem coisas na vida que se não podem explicar pelas leis ordinárias da natureza; é então necessário remontar ao mundo metafísico e vestir as nuas realidades de sonhados e aprazíveis atavios. Vós estais, sem dúvida, absorvidos no pensamento deste novo encontro. Pois bem! No entanto dir-vos-ei que, antes que os nossos três personagens chegassem à sua habitação, no distrito de Belém, próximo à paróquia deste nome, tinham de passar por este mesmo sítio e, passando, também viram esta jovem camponesa.

Mas cantando?

Não.

Então o que fazia?

Entregava-se às santas e benditas práticas da nossa religião, da religião de Jesus Cristo, consolando o aflito e socorrendo os pobres que aí iam buscar o pão da piedade.

E quem era ela?

Era a DIVINA PASTORA.



53. François René de CHATEAUBRIAND (1768-1848). Escritor francês, um dos nomes tutelares do movimento romântico. Aqui, a referência é feita ao seu livro *Voyage en Amérique* (1827).

PARTE TERCEIRA

O AMOR

Nos espaços celestes passavam crepitando daqui e dali os rápidos fogos que o contato das nuvens, agitadas pelos ventos nas regiões superiores da atmosfera, desenvolvia com estampido horrível e medonho; desdobrando o manto da tristeza e do medo a natureza parecia aprazer-se no seio das *tormentas*. As árvores estavam dobradas sobre seus caules com o limbo de suas folhas, pendentes dos murchos pecíolos, a beijar o umedecido solo; não se via, como na madrugada, a pérola do rocío ou da transpiração vegetal pairar tremulante, duvidosa e transparente sobre suas verde-negras e luzidias páginas superiores; os racimos e capítulos de suas flores estavam voltados para o chão, fechando cada uma seu seio ao hálito pestífero do tufão. Dentre as rasteiras plantas a *trepoeraba*, sem temer o furacão que despedaça os ramos da altiva laranjeira, vicejava tranqüila e leda, enterrando seu colmo fistuloso na terra mole, e matizava os campos do montanhoso Viamão com suas flores de cor do céu; e a *azedinha* recolhia em seu campanular verticilo corolar os vapores aquosos que se tinham levantado da terra e então caíam condensados em miúdo graniço. O gado mugente e balante se tinha recolhido ao abrigo dos *capões* grupados nas colinas e cimos dos morros; com seus *chifres* abaixados para a terra ele esperava o ressurgir das pompas do dia de primavera e lançava de suas largas ventas densas fumarolas de vapores; enregelados estavam os seus membros e seu sistema nervoso como que não existia, porque as sensações externas não se verificavam — estavam como que em estado de *hibernação*. As aves, as filhas do céu, se tinham retirado a seus ninhos

no interior das antigas e emaranhadas florestas ou entre as capilares folhas das pálidas moitas; com seu calor, superior ao de todos os outros animais vertebrados de sangue quente, elas cobriam e acalentavam seus impumes filhinhos; com sua respiração dupla elas compunham grande quantidade de ácido carbônico que na expiração derramavam nas inferiores e densas camadas do ar frio e úmido; algumas, dentre elas, como as palmípedes e ribeirinhas, folgavam nos líquidos campos do Caí, do Gravataí e de muitos outros mananciais de provida riqueza que se espreguiçam e se deleitam nas devesas¹ rio-grandenses, iguais ao infante que alegre brinca no regaço da formosa e carinhosa mãe, beijando seu colo e rubicundas faces. O céu estava carregado de nuvens e parecia que as abóbadas do firmamento se desfaziam em copiosa chuva; negra estava toda a habitação da luz e a terra envolta em vaporoso manto lutava com os ventos que rugiam em guerra desabrida; e nem havia um só vivente que aparecesse na estrada e que escutasse o ruído da água caindo sobre as pedras nuas e já lavadas. Era um dia de primavera que representava fielmente a imagem viva de um inverno horroroso nos climas frios, aos 32º de latitude no hemisfério austral.

Em uma espaçosa habitação no distrito de Belém, sob seguros tetos e rodeada dos frutos desejáveis da paz, uma família estava entregue aos exercícios piedosos da religião. A tormenta a havia convidado ao reconhecimento das bondades do Deus-Vivo e dos milagres da santa caridade. Era a família de Paulo. Quando terminaram as orações, o rouco estrépito da trovoadá prolongada nos amplos horizontes tinha cessado. Edélia se dirigiu à sala da frente e viu, através das embaciadas vidraças, que a luz fendendo a poeirosa atmosfera se assemelhava a da branca e clara lua. Ela estava inquieta; escutava muitas vezes qualquer ruído e outras tantas firmava a vista na tortuosa estrada. Finalmente resignada deixou-se cair sobre uma cadeira; meio curvada apeou sua frente sobre o frio pedestal de uma coluna que sustentava uma das vigas da cumeeira e esperou... O tinir de uma espada, o ruído de esporas e três pancadas dadas de súbito na porta principal vieram ao mesmo tempo assaltá-la; ela correu e precipitou-se no corredor... Acácio abriu o ferrolho, os batentes haviam gemido sobre seus gonzos rapidamente, e Almênio estava sobre o limiar, firme co-

1. *Devesa*: arvoredó, mata.

mo guerreiro d'aquém do Uruguai, e alegre e donoso² como o cortesão dos paços imperiais entre ruidosas galas. Edélia estremeceu... Fria palidez cobriu seu rosto, onde apareceram raros assomos de uma beleza indefinível: era que algumas idéias de tropel lembradas passaram rápidas em sua alma, imprimindo traços quase imperceptíveis a um olho menos adestrado que o de Almênio no jogo das paixões. Almênio sorriu-se e, estendendo a mão a Edélia, disse:

— Minha prima, sinto a esta hora incomodar-vos, mas folgo ter-vos mostrado que as tormentas da natureza não foram capazes de fazer estremecer um coração que palpita...

— Obrigada, meu primo, atalhou com rapidez Edélia e seus lábios murmuraram palavras que não foram ouvidas por Almênio.

Eram palavras de descontentamento.

— E minha tia? Acácio, onde está minha tia? prosseguiu Almênio.

— Eu vou chamá-la, respondeu Acácio.

— Pode entrar... e... sentar-se, disse balbuciando Edélia.

Havia nestas palavras tanta incerteza e era tão vago o sentido delas que Almênio, sempre franco e generoso, hesitou...

— No entanto tu és tão bela e tão virtuosa como um anjo do céu... Se eu te pudesse agradar! dizia consigo, esperando por sua tia, o altivo jovem.

Margarida veio correndo.

— Meu sobrinho! disse arquejando e lançando a seus ombros seus dois vigorosos braços.

— Minha tia! exclamou Almênio e duas lágrimas rebentaram de seus dois olhos grandes sobre sua rósea face, que caíram por fim no materno seio de Margarida.

E eles estavam abraçados.

Era uma cena muda que comovia, que arrancava lágrimas, excitando idéias sublimes e santas nas almas mais indiferentes. Era um filho, um sobrinho que reconhecia piedoso os cuidados maternos que lhe havia ministrado na infância sua boa tia. Era uma tia que se deleitava no prazer de ver realizadas suas esperanças a respeito de seu sobrinho, seu primeiro filho.

Margarida era irmã da mãe de Almênio. Ambas se casaram ao mes-

2. *Donoso*: garboso, galante.

mo tempo e como virtuosas e educadas nos mesmos princípios não se separaram, antes convidaram seus maridos a viver juntos em casa de seu velho pai, um dos primeiros colonizadores do *Continente*. Deus lhes deu frutos de seus matrimônios ao mesmo tempo, mas o de Margarida morreu aos quatro meses de nascido e Almênio foi o venturoso ente que teve duas mães. As duas irmãs tiveram um filho comum, até que Margarida deu à luz, dois anos depois, a sua cara Edélia; e então Paulo e Bernardo, dividindo seus bens, se separaram, porque morrera nesse tempo o velho pai de suas virtuosas esposas.

Margarida não podia deixar de chorar e, quando Paulo veio interrompê-los, foi que ela cobriu Almênio com sua benção.

Edélia estava estática e o pequeno Aníbal, travesso e saltador, veio apertar o colo de seu primo e conservou-se sério e quieto, talvez pela primeira vez de sua vida, enquanto Acácio conduzindo Almênio para a sala sentou-se a seu lado e contou-lhe muitas novidades acerca da reação de Porto Alegre. Foi então que, de uma só vez, Paulo, Margarida e seus filhos interrogaram Almênio sobre o estado de saúde de seu pai, sua mãe e parentes vizinhos, ao que ele respondeu cheio de ternura e reconhecimento, tendo até de satisfazer às inquirições de Susana que veio da cozinha saudar seu senhor-moço e trazer-lhe a *cuia de mate*. De então começaram para ele todas essas pequeninas atenções de família que os *desnaturados* não conhecem, mas que o homem *positivo* sabe pesar na devida balança. Contudo, notaremos de passagem: Edélia não era que as tinha para o predileto hóspede de seus pais e de seus irmãos. Ela estava sentada a um canto da sala e repousava o cotovelo sobre o *parapeito* de um grande oratório da Virgem por excelência, da mãe do Homem-Divino, cobrindo com a mão seu rosto onde ressumbravam as emoções diversas que sentia.

— Homem iníquo! Eu te horrorizo e detesto teu hálito de desumana fera! Quando as gerações vindouras lerem os anais de nossa história encontrarão uma página de sangue e teu nome escrito em caracteres de infernal invenção. Teu crime parece desnaturar-me aos olhos da natureza. Eu não sou tua prima! (Pensava isto a jovem Edélia com o coração palpitante, lábios secos e uma respiração curta e arquejante.)

Era a expressão manifesta de um ódio inventado de mulher contra os horrores de uma revolução que indevidamente personificava em um ente que deveria amar.

— A Virgem Maria te perdoe e suplique pela tua salvação a seu bendito filho, disse Margarida ao ouvido de sua filha, passando por ela e sem que Almênio o percebesse.

Edélia lançou um olhar de desconfiança à sua mãe e disse tão alto que Almênio ouviu:

— Não posso perdoar crimes de lesa pátria!

Almênio então descortinou toda a amargura de sua prima e olhou-a com piedade; depois dirigiu-se a ela e pegando-lhe na mão:

— Tendes sobeja razão, minha prima, disse ele. Folgo ter renunciado o título de *farroupilha*³. Irreflexões me arrastaram e justamente sou réu no tribunal de vossas convicções; mas que importa o juízo dos homens se vós me absolverdes?

Edélia não respondeu e foi inquieta sentar-se à janela de onde, apesar das vidraças, via em grande distância os menores objetos.

O amor aperfeiçoa todos os nossos sentidos.

Almênio nada tinha compreendido, estava em um estado que bem podia se chamar de torpor.

A desconfiança é cega.

— Tanta demora! Minha alma é toda saudades, é toda chamadas na ausência daquele que adoro mais que a própria vida, daquele cuja existência se relaciona necessariamente com a minha! Se tendes amado, oh vós que habitais o mundo, compreenderéis o estado de minha alma; mas ao contrário não, nada sabereis dela. Amar é um arcano que se não pode penetrar impunemente; o denso véu que o cobre rasga-se unicamente ante o sopro intenso e fulminante de um peito onde bate um coração nadando em fogo! Amar é sempre uma triste coisa quando o objeto que entretém este sentimento doce o não sabe compreender em toda a sua extensão! Francisco!... Oh, este nome é mágico, exprime o mais encantador, o mais amável de todos os homens. Se alguém tentasse atrair-me e almejasse minha amizade, só o conseguiria com os dotes deste ser divino; mas ele, certamente, não sabe o que é — amar. Vinte vezes eu tenho vindo sentar-me neste canto da sala e espreitado pela vidraça se ele viria. Quando, rezando, ele-

3. *Farroupilha*: diminutivo de *farrapo*. Apelido deprimente que os legalistas atribuíam aos insurretos da revolução de 1835. Depois, tornou-se título honroso, identificando sempre aquele que pertenceu à República de Piratini ou aderiu à sua causa.

vava a minha mente à celestial morada do Criador do Universo, meus lábios expressavam de mistura com as preces um nome que me parecia a *iluminada idéia do Espírito Santo*; vinte vezes tenho esperado em vão e vinte vezes tenho desesperado... Ah! Como é dolorosa esta ausência! Se ele ao menos viesse... Mas talvez esteja doente, entregue à dor... Ah! A dor que horroriza!... Eu queria sofrê-la... Era melhor... O que vale a dor física em vista de uma inquietação tão amarga como a que sinto?

Edélia estava absorvida nestes pensamentos, mas era muda. Seus lábios apenas se moviam para pronunciar algumas palavras sem nexos e que não podiam ser percebidas.

De repente um som como a detonação súbita da electricidade acumulada nas nuvens se fez ouvir. Edélia ficou pálida como um cadáver... Ela tinha visto tudo. Seus olhos de Lince não perderam um movimento de toda a ação passada.

As outras pessoas que estavam na sala se olharam estupefactas, mas um segundo ruído as surpreendeu. Todos correram para um só ponto.

Edélia tinha caído desmaiada.

Almênio, aquele herói que jamais trepidara no campo da guerra, não vacilou um momento em procurar a causa do desfalecimento de Edélia... Ele, como ela, ouvira aquele estrondo espantoso... Correu ao lugar do perigo.

O cavalo do jovem guerreiro espumava e parecia desafiar a mesma velocidade quando ele se apeava e procurava socorrer um homem caído, a cinqüenta passos da casa de sua tia, e que tinha estendida sobre o rosto pálido uma densa nuvem de susto e dor. Ele examinou-o... Não estava ferido e nem a mais leve lesão mecânica apresentava. Suspendeu-o ao alto, botou-o sobre seus ombros e, rico com sua carga, Almênio entrou em casa de sua tia.

Edélia tinha recebido os mais minuciosos cuidados, mas ainda permanecia no mesmo estado. Foram ministrados ao novo hóspede todos os possíveis socorros que se podem achar em uma habitação do campo.

Tendes, amáveis leitores, de ver figurar na cena deste nosso pequeno teatro mais um personagem que ainda vos é desconhecido. Leríeis, sem dúvida, estas páginas sem interesse se não soubésseis o que ora vos vou contar.

Esta personagem é Francisco d'Albuquerque Soares, jovem sem recomendação moral alguma na sociedade; amado, porém, por suas belezas fí-

sicas, ele pavoneia-se alegremente nos salões brilhantes onde, com profusão, gastando os imensos cabedais que lhe vieram de uma rica herança, é admirado do casquilho papalvo, rodeado do refinado tratante peralvilho, convidado dos pais corruptos e arruinados da fortuna, obsequiado pelo magistrado venal e considerado pelas jovens levianas que as aparências tomam pelas realidades. Em poucas palavras: Francisco rico e bonito é alguma coisa no mundo imoral, mas *nada* entre os homens de entendimento reto. Para mim Francisco é um desses entes cujo fim está nas forças moleculares que o compõem e que tem a causa de suas ações no *instinto*, sem a menor distinção dos brutos.

Havia na cidade de Porto Alegre, Rua da Praia n^o..., uma família cujo chefe recebia os sufrágios de toda a população dela, não só pelos brilhantes serviços que prestara à pátria no exercício das armas, como também nos conselhos em que mostrava a madura reflexão unida a uma experiência longa nas coisas do mundo. Esta família era o tipo da honradez e da boa moral; seria um crime, para os melhores moralistas da cidade, o supor-lhe uma ação que não fosse prescrita pelo *dever absoluto*. Dentre as pessoas que a compunham Manuela sobressaía em graças, em mocidade e mesmo em virtudes. Quis Deus, também, que ela tomasse a dianteira no caminho da desgraça que seria trilhado por sua família. Ela teve o infortúnio de ser vista, em um domingo, na missa do dia, pelo pérfido e imoral Francisco. Ao voltar à casa encontrou sua família um cartão de visita em que estava inscrito o nome deste homem, que zombava da paz da velhice como o orgulhoso ministro de um rei tirano zomba do cortesão honrado mas expatriado e pobre. Esta tentativa que lhe foi de tanto proveito serviu de exórdio a um longo ataque manejado com todas as regras de estratégia amatória em que a inocência foi, como vítima, imolada sobre as aras do descaro e da perversidade. Manuela estava desonrada e tinha em seu seio o fruto de seu crime. Pobre menina! Quanto eras inocente em teus dias de verdura! Seu pai, entregue à mais cruel amargura da alma, havia proposto todos os possíveis partidos a Francisco a bem de lavar com o himeneu uma nódoa que havia aparecido sobre seu rosto, enrugado pela escaldada mão do tempo e que desfigurava sua encanecida cabeça. Francisco tudo havia recusado e alimentava-se com o prazer das lágrimas e sofrimentos de suas vítimas; era como o tigre que se ceva cruelmente, sentindo os derradeiros arrancos da presa cujas entranhas acaba de dilacerar.

Uma manhã fria de inverno o pai de Manuela entrou em casa e ouviu os vagidos de uma criança; embalde olhou para todos os cantos da sala e não viu pessoa alguma; ele correu ao quarto dela, mas que cena!... Sua mulher jazia estendida no pavimento do quarto e Manuela tinha um punhal cravado na parte esquerda do peito e estava deitada como dormindo o sono da inocência... Inocência! Oh, este atributo tão belo da mulher já não era dela e, todavia, ainda parecia pairar em sua face, como o riso divino e virginal da Mãe de Deus ao receber a anunciação do Senhor de Israel por meio da voz do Arcanjo... e um novo ente, tenro e débil como a vergôntea de um verde arbusto estava banhado em sangue, em sangue de mãe... Ah! Ser pai!... Ser esposo!... Ver isto!... Como é horroroso!...

O pai de Manuela recuou um passo, tapou os olhos e tremeu convulsivamente. Sentira um frio que lhe contraíra todos os músculos, uma dor do inferno, como o resumo dos castigos decretados aos Precitos pela vingança abominável do demônio... Depois... levantou a cabeça, olhou e embebeu-se todo no horror do espetáculo... e voltando-se para a sala viu uma faca grande de cabo de prata, que descansava sobre um toucador de sua mulher, pegou nela e enterrou-a, lentamente, com um riso de ironia sobre os lábios, no peito, entre duas costelas, e procurou meter a mão e arrancar o coração, mas caiu... uma nuvem passara rápida em seus olhos... Ele tinha morrido. A mãe de Manuela era uma mulher cujo coração não recuava diante de uma idéia negra e horrível de morte e, vendo que se aproximava a hora fatal em que um novo ente teria de dever sua vida à consumação de um crime, resolveu manifestar ao mundo que, se a mulher é branda como a pomba, é também feroz como a leoa; e, demais, tratava-se de uma existência desonrada... Desonra! É a propriedade que repugna com a existência da mulher; desde que ela não é honrada, deixa de ser uma divindade para tornar-se o mais abjeto ser da terra! E é bom não viver infamemente. Foi isto o que pensou esta mulher forte logo que Manuela lançou de seu seio o fruto de sua fraqueza e ela cravou-lhe um punhal no peito; e bebeu um violento veneno com o que se entregou à morte passados poucos minutos. O resto da família, que ela tinha tido o cuidado de mandar para casa de uma irmã, veio nesse dia, à tarde, e imersa ficou, para sempre, na morte, no luto e nos profundos lamaçais da miséria. Esse menino, o filho de Francisco, alimentado por estranhos, foi depois repellido por aquele que a natureza lhe dera por pai e morreu de uma epidemia

cruel que ceifou muitas vidas: a febre escarlatina remediou, em parte, as ações de um monstro desnaturalado, porque a morte previne, algumas vezes, muitos males e põe termo a centenaes de crimes.

Assim era Francisco. Era este o herói que vós ides ver representando um papel importante nesta novela. A justiça dos homens não havia tocado sua cabeça; porque a justiça dos homens muitas vezes é venal, é corrompida e injusta. A justiça do céu!... Oh! Essa estava torturando sua alma em cada dia, em cada hora, em cada minuto, em cada instante de sua vida desregrada. Mas o hábito embota até mesmo o sentido moral... e ele folgava! E revolvía-se no meio das dores das vítimas que havia feito.

Este perverso, que a toda parte levava a luz da perversidade com o archote do descaramento, havia tentado um novo crime, mas felizmente para a inocência ele não o havia consumado. Quatro *bravos* o haviam esperado para dar-lhe um castigo de seus crimes; tinham disparado sobre ele quatro tiros de carabina dos quais havia escapado.

Como dissemos, Almênio tinha-o levado ao asilo da inocência, à casa de Paulo. Uma circunstância porém ainda não sabeis; e esta é que é indispensável ao conhecimento dos fatos que vão seguir-se. Eu vo-la direi em três palavras.

“Edélia amava Francisco.”

Algumas horas depois do acontecimento dos tiros, Edélia levantou-se do desmaio em que tinha caído, soube que Francisco estava salvo e correu ao seu leito, onde ele ainda se achava imerso numa grande fraqueza. O perverso é sempre covarde. E a covardia vem quando não temos uma idéa moral em que façamos descansar nossas ações. Se Santa Prisciliana e muitas outras débeis e inocentes virgens ostentaram, sob o reinado do imperador Juliano, nos tribunais públicos de Roma, uma constância, um valor inconcebíveis, que afrontaram todo o poder desse abjeto tirano, é porque se apoiavam sobre uma virtude, sobre a idéa moral da existência de Deus.

Almênio considerava a ternura de Edélia e a fria e seca indiferença de Francisco como maus anúncios do porvir de ambos; e, todavia, ele ignorava a vida passada deste homem. Tinha mesmo, se é possível dizer-se assim, ciúmes da felicidade dele e compaixão da credulidade de sua prima.

— Se ela me amasse eu seria o mais feliz ente da terra, dizia ele consigo. Eu não teria inveja do existir do céu, se um riso de ternura lhe en-

treabrisse os lábios de corais e deixasse passar pelos esmaltados e brancos dentes um hálito que me bafejasse, que refrigerasse o ardor que me inflama o coração. Eu a amaria sem limites; ela seria o único ponto de minha vida, a única origem de minhas idéias, o único Deus... Sim, porque amar é uma virtude que vem de Deus; sem amar nada seria do universo; é este sentimento o laço que prende todos os elos da cadeia da existência... É ele que nos desperta a idéia de causas. Mas Edélia ama outro. Coitada! O pérfido é talvez um desses estouvados que a vida passam no variar de amantes, sem ter uma mira segura em seus amores. Coitada, ela ama talvez um ente insensível a tantas virtudes, a tantos encantos e a tanta inocência como as que adornam sua alma angélica e virginal e que tenha muitas vezes pensado em seduções, em desonra, em desprezos. Mas não, ela não será a vítima de um tirano!... Eu o afastarei com a ponta do gládio, se ele, um dia, quizer penetrar esta casa com a expressão do sedutor e como o bárbaro que assassina o amigo. Edélia, minha querida prima, marchará na estrada do dever de virgem enquanto a benção do Santo Sacramento do Matrimônio não a submeter a mais nobres e rigorosos deveres. Sim... eu serei seu anjo da guarda.

Edélia se tinha esquecido de si para só cuidar em seu amado. Ela vivia por ele. Era a virtude personificada.

— Meu primo, os perigos das estradas só podiam ser superados pela sua bravura, disse Edélia a Almênio com muita ternura.

— O que é que quer dizer? perguntou Almênio com interesse.

— Diz Susana que junto ao Passo da Areia mora um cirurgião e nós nos lembramos de pedir-lhe que o fosse chamar, respondeu Edélia. Você tem visto que Francisco está em perigo e é necessário socorrê-lo.

— Sim, minha querida prima, respondeu Almênio levantando-se e saindo.

Duas horas depois voltava com o cirurgião. Não temera o horror de uma tenebrosa noite. Uma ordem de sua prima desarmara toda a prevenção que nutria por este homem que lhe era desconhecido. Se maquinalmente obedecia a uma voz interior que lhe gritava sem cessar, acusando esse desconhecido, um desejo, um nada de sua prima o coagia a obrar em sentido inverso. Quando amamos alguém, tornamo-nos meros autômatos em presença da vontade alheia.

O Cirurgião, precedido da indispensável impostura que simboliza

a ignorância, examinou o doente e achou-o gravemente enfermo; tinha todos os sintomas de uma bronquite, de uma hepatite, de uma gastroenterite crônica, que a queda e o susto tinham feito aparecer em menos de um dia e, sem temer achar um homem de razão que lhe contestasse este imbroglío⁴ de palavras vãs, que o repreendesse de ter entrado no vasto campo da medicina sem conhecimento algum das ciências médicas, repimpou-se em uma cadeira de espaldar à cabeceira do doente e daí, como o tirano que com o cetro traça o destino de um povo, principiou a explicar a causa das moléstias e a receitar *bichas* e *tópicos*⁵ de todas as naturezas que em poucas horas, dizia ele, dariam vida ao enfermo e o salvariam do perigo iminente em que se achava, pretendendo provar que era tal sua perícia na grande arte de curar que ninguém por mais arruinado que estivesse de saúde deixaria de tê-la em bom estado se recorresse aos seus imensos conhecimentos médicos.

Oh, ignorância maldita! Assim são esses charlatães atrevidos que, tendo apenas idéias muito limitadas de uma imperfeita anatomia e uma clínica cirúrgica tão rançosa como disparatada, se metem no labirinto das classificações ontológicas; e, com essa linguagem esdrúxula, técnica e escura, às pessoas e à medicina se dão grandes quilates de saber. Muitos desses sem pejo e descaradamente se mostram por fim aos olhos do grande mundo alardeando uma importância que só a ignorância lhes poderia ter dado. Se um jovem médico, que como eu se tem exposto aos revezes de um longo, aturado e trabalhoso estudo e às provas públicas, se apresenta com pretensões altas às benevolências do povo, buscando captar as atenções dos homens científicos, acha sempre um entrave nesses zangões da sociedade, verdadeiros sanguessugas ou vampiros que nas trevas sugam o alimento vital dela. É para mim aviltante e mesmo repugnante essa idéia que resulta da comparação que faz o povo entre mim ou meus companheiros acadêmicos e essa casta de seres bestiais. Como já disse, o doente nada sofria e o improvisado discípulo dos remendões de Hipócrates o havia metido na lista dos moribundos. Eu, nesse caso, teria mandado a galope buscar na cidade de Porto Alegre um medicamento, temendo achá-lo bom quando voltasse o portador.

4. *Imbroglío*: confusão, barafunda.

5. *Bichas* e *tópicos*: sanguessugas e medicamentos externos.

Edélia e mais a família de Paulo viram com satisfação erguer-se o doente do leito da dor e tomar entre eles uma atitude que desgostava a alguém. De enfermo tornara-se o mais galante, apaixonado e feliz amante. Almênio era a vítima consagrada ao desgosto nesta festa de Vênus. Ele quis subtrair-se ao horror do sacrifício e, despedindo-se, retirou-se.

Achando-se só na estrada, sobre seu valente e ligeiro corcel, Almênio pensou em Edélia... Viu seus encantos... E viu a expressão apaixonada sobre sua face mimosa quando ela falava a Francisco. Edélia amava esse desconhecido. Isto não era coisa que fosse preciso adivinhar; sabia-se à primeira vista. Edélia, incapaz de enganar, manifestava exteriormente todos os sentimentos que modificavam sua alma. Almênio marchava imerso em negro e vago pressentimento, quando uma pomba branca revoou em redor dele; parou e olhou atentamente. Entre a nossa gente uma pomba branca é sempre um anúncio bom, um anúncio que nos vem do Céu. Não sei se isto terá algum viso de verdade, o que sei é que o povo assim acredita e muitas coisas sucedem em apoio dessa crença popular. Almênio, depois, esporeou o cavalo, e disse consigo: "*É um anúncio, mas é de bom quilate; ela será salva e eu assaz feliz*". Em uma encruzilhada perto da casa de Almênio um cavaleiro lhe entregou uma carta. Ele o reconheceu... Era Antonico, filho de Hendrichs, um irmão de Clarinda. Quebrar o selo que fechava o sobrescrito e passar os olhos pelo conteúdo dela foi obra de um momento. Brilhava uma avidez inexprimível em seus dois olhos grandes e perspicazes.

— Será satisfeito o voto de meu pai? perguntou o menino Antonico.

— Sim, meu amigo, respondeu Almênio.

— E quando? tornou a perguntar Antonico.

— Já... disse resolutamente Almênio.

— Não tanto, Sr. Almênio, atalhou Antonico, e nem agradaria a meu pai tanta precipitação; amanhã as estradas estarão guardadas pelos nossos amigos e podereis, sem risco, transitar por elas. Se exigirdes virei para acompanhar-vos...

— Oh, não, disse Almênio. Amanhã estarei às ordens do Sr. Hendrichs em sua casa; não é necessário o vosso incômodo.

Ambos se despediram; e Almênio, antes de chegar à casa, pensou muitas vezes naquele dia que passara cheio de delícias em companhia de Hendrichs e Clarinda. Suas virtudes lhe haviam atraído sincera amizade,

aquela amizade pura, sossegada e plácida que não arde, que não é filha do desejo, mas consola e enche nossa alma de uma satisfação e de uma grande delícia como se o nosso fim de homem estivesse perfeitamente completo. Seria feliz, se unir-se pudesse, em laços sagrados e indissolúveis, a essa família nobre, honrada e sem a menor mancha do aviltado opróbrio; mas a este pensamento vinha ligar-se uma idéia chamejante que lhe escaldava a massa encefálica: era a idéia que lhe representava Edélia, essa ninfa que ele pela primeira vez encontrara em uma casinha baixa e pobre, junto ao *Passo da Cascata*, oferecendo em holocausto ao Deus de nossos pais as primícias de seus campos, que revertiam em favor dos míseros indigentes que aí iam em presença do sopro da piedade secar as lágrimas arrancadas pela dor e sofrimentos. Essa divindade consoladora vinha pôr-se-lhe de permeio e como que o acusava de perfídia e de ingratidão.

— Ingrato! Não, eu não sou ingrato, disse consigo Almênio. Se possível me fosse patentear ao mundo inteiro a sinceridade de minha alma e a amizade que lhe consagro eu o faria; mas para que hei de lutar em vão contra os destinos marcados pelo dedo do Eterno?! Sei que as potências de sua inteligência estão submetidas à ilusão dos dotes físicos desse desconhecido e que lhe é impossível votar-me mesmo o mais indiferente de seus desejos e anelos. Se a guerra não houvera por tanto tempo ocupado os dias de minha vida, eu a houvera visto antes e recebera em meus lábios o seu primeiro ósculo de amor. Como estática, absorvedora e deliciosa é esta idéia! Ente feliz, eu diria a mim mesmo, correi aos pés do trono de Deus e subtraí-vos à inveja dos anjos; porque os anjos não poderiam tão completamente gozar os bens do céu, como eu na posse desse sentimento moral que me revelaria a realidade da existência.

Nesses pensamentos Almênio chegou à casa e lançou-se ao colo de sua mãe, da boa e simples Mariana.

Mariana, a mãe de Almênio, era uma *senhora* gorda, alta e de belas e engraçadas proporções; vendo-a ninguém diria que o fio de meio século já enredara sua vida, quero dizer, ninguém diria que ela tinha cinqüenta anos. A flor brilhante e colorida dos vinte e cinco anos ainda estava fresca e aberta sobre sua fronte, sem que uma sépala⁶ ou pétala tivesse murchado ou mesmo deixado empalidecer a crômula⁷ que nadava no

6. *Sépala*: peça do cálice da flor.

7. *Crômula*: clorofila.

líquido dos utrículos⁸ que a compunham. Uma alma simples, virtuosa e pura se derramava em suas feições, em seus modos e em todas as suas ações. Tinha cabelos finos e dourados, olhos da viva cor do céu, faces de uma alvura admirável onde apareciam as cores do lenho da *timbaúva* ou do sangue, seus lábios como a rosa nunca manchados da impureza da mentira, seus dentes brancos como a neve que cai em manhã de inverno sobre a elevada montanha de *Itacolomi* e que nunca rangido haviam por uma raiva, e o resto das feições e formas era ligada por uma harmonia constante, sedutora imagem da *inteligência universal*. Ela amava seu marido como se ama um filho, um pai, um ser a quem devemos a felicidade e a existência; e essa amizade era voluntária; era a expressão natural do fim de sua vida, que se tinha tornado espontânea como um ato necessário. Feliz do homem que é amado por uma mulher semelhante; sim, mil vezes feliz aquele que goza esta amizade, porque, como tenho dito, este sentimento é imediatamente vindo da Divindade, é melífero como se representavam o néctar e a ambrosia dos banquetes olímpicos nos livros do paganism, é puro como a verdade evangélica. Moisés subiu o monte Sinai e, recebendo das mãos de Deus as pedras em que estavam gravados os artigos que formavam o *decálogo*, as apresentou ao povo hebraico e resumindo-os em dois disse: — Meu povo, eu vos falo em nome do Senhor Deus dos Hebreus, ouvi! Amai ao vosso Criador e Amai ao próximo como a vós mesmos. — Estas duas idéias naturais, que formam o *dever absoluto*, estavam escritas na alma de Mariana em indelévels traços. Semelhante em feições e graças à sua irmã Margarida, ela tinha também um coração semelhante. Para seu filho tinha-se tornado inesgotável o cofre de suas ternuras.

Quando Almênio entrou e abraçou-lhe o colo, ela esqueceu-se do mundo real para reconcentrar-se em si, dar inteiro e livre curso aos vôos de sua imaginação e entregar-se à reflexão. Uma mãe! Quanto é doce o seu pensamento quando ela indaga no porvir de um filho! Quantos mistérios encerram seus lábios no sorrir de uma esperança para o ente que lhe deve a vida! Quando somos pais é que podemos avaliar a amizade de uma mãe. Se tentássemos achar o infinito contido no finito, diríamos: é uma amizade de mãe; porque ela é indefinível, não podemos com-

8. *Utrículo*: pequena vesícula junto às raízes das plantas insetívoras.

preendê-la sem assinar-lhe um termo.

— Meu filho, desde ontem!... exclamou ela olhando-o com uma ternura angélica.

Não era uma repreensão; era uma expressão de saudade. Almênio entendeu-a e respondeu-lhe com um abraço e um beijo ardente na face.

Ela não possuía uma idéia má, uma idéia repugnante com o justo e honesto a respeito de seu filho. Vive-se com frugalidade, com costumes simples, com hábitos regulares lá nos campos, longe do hábito pestífero das Cortes que condenam a virtude ao exílio e afagam em seus seios a danada inveja e a mercenária adulação. Por isso Mariana achava impossível o crime e não o podia supor mesmo no filho de suas entranhas. Se fora nas Cortes, uma mãe teria repreendido seu filho e com muita razão, porquanto aí refervem as maldades. Uma Corte podia descrever-se com estes versos que fiz quando criança, mostrando o horror de uma estância do Tártaro ou do Inferno.

Depois de examinada a morna Estância
 Entrei na mais ferina,
 Que o gênio da Ruína e dos Estragos
 Desesp'rado domina.
 Vi da sombria Inveja a baça fronte
 A si própria mordendo;
 Mirrado Ciúme o bem alheio olhando
 Longos dentes rangendo.
 O Pavor eriçando a escura grenha;
 Negros Ódios cingidos
 D'armas sangüíneas; temeroso Susto
 D'uns olhos nunca erguidos.
 Vê-se em pranto banhada amargamente
 A pálida Tristeza;
 Feia Blasfêmia contra os céus rugindo
 Insulta a natureza;
 A escura Inquietação; Discórdia armada
 Vil, atroz e maldita;
 Escândalo veloz; Malícia ingrata
 Que em crimes só medita.

Mas assim mesmo, apesar da amargura que eles respiram, eu não sei se podem dizer tudo.

Almênio entreteve-se o resto do dia nos prazeres da família, dormiu à noite um plácido e sossegado sono e, antes que o sol despontasse na abóbada oriental, levantou-se, mandou encilhar o cavalo e pôs-se a caminho para a casa de Hendrichs.

Tinha de caminhar, para lá chegar, perto de oito léguas. Os céus estavam claros, ondulantes e pareciam apresentar esse belo fenômeno, que chamamos *aurora boreal*. Era a imagem de um dia nas margens do fértil e possante Janeiro; puro era o céu, a atmosfera perfumada e não movida pelo tufão, e o verde esmaltado das montanhas refletia, ainda que muito modificados, os raios ligeiros da luz.

“Pára-te” — esta palavra trazida pelo vento veio vibrar-lhe a delicada membrana do tímpano. Estava no *Passo das Cavalhadas*.⁹ Almênio parou, suspendendo a velocidade de seu corcel, olhou e viu *a toda a brida* um cavaleiro com espada em punho que saíra de um capão e para ele se dirigia. Pôs-se em atitude defensiva, porque estava acostumado a este ato.

Se perto estivesseis, meus leitores, ouviríeis o estrondo de *uma pechada*¹⁰ e o do cruzar de duas espadas. Era um combate. As espadas tocavam-se e resvalavam-se com uma ligeireza incrível; a de Almênio prevenindo os golpes e a do adversário procurando dar a morte ou derramar sangue. Durava já um quarto de hora o encarniçamento da luta quando a espada de Almênio feriu casualmente o peito do contrário. — Ai! Disse ele, e caiu do cavalo à terra. Almênio apeou-se, largou a espada e procurou conhecer se era mortal a ferida; ela tinha sido feita no lado direito, junto ao externo, e a espada não tinha entrado na cavidade torácica.

— Sr. Francisco, não tendes sofrido mais que uma leve ferida, levantai-vos e sejamos amigos; dispenso-vos mesmo de uma declaração do motivo que vos induziu a atacar-me. Seja ele qual for, estou resolvido a tudo dispensar-vos.

9. *Passo das Cavalhadas*. Grafado, mais usualmente, *Passo da Cavalhada*. Bairro da zona sul de Porto Alegre, correspondente à região hoje atravessada pela Avenida Cavalhada, cuja origem remonta ao século XVII. Assim denominado porque aí se compreendia grande extensão de campo destinada a abrigar a cavalhada real.

10. *Pechada*: encontrão ou batida entre dois cavaleiros vindos de direções opostas. Deriva do espanhol, *pecho*: peito.

— Não, disse Francisco, prometi matar-vos ou morrer no combate aos vossos golpes...

— A quem prometestes? atalhou Almênio.

— À vossa prima, disse Francisco levantando-se e empunhando a espada.

— E quem é essa prima? perguntou Almênio lançando mão da sua mais ligeiro do que o raio.

— É D. Edélia, respondeu Francisco descarregando um golpe sobre a cabeça de Almênio.

— Edel...! Almênio não pôde acabar.

Tinha tão destramente se defendido do golpe que a espada de Francisco voou pelos ares em pedaços e depois, arremessando para o lado a sua, se lhe apresentou cara a cara. Ele queria dizer: eis-me com armas iguais, podeis saciar vossa vingança; mas Francisco era por demais pusilânime para entrar em um combate com igualdade. Se ele o ousara atacar com a espada era porque adestrado no manejo dessa arma julgava ter uma vantagem em seu favor.

Almênio percebeu-o perfeitamente e, se bem não fosse discípulo de Gall¹¹ nem de Lavater¹², já tinha lido em suas feições e mesmo na organização do seu crânio toda a fraqueza de sua alma, todo o horror de seus crimes. Almênio virou-lhe as costas com desprezo, vendo que ele não se atrevia a combatê-lo *mano a mano*, procurou a espada e embainhou-a e montando a cavalo seguiu seu caminho sossegado pela estrada. Só de quando em quando um suspiro revelava um pensar e uma saudade por sua prima, por aquela que recebera em suas mãos uma promessa ou talvez um juramento que importava a sua morte.

Francisco, se fora um homem honrado, teria tido uma raiva intensa ou um arrependimento imenso, mas longe disso este ato de Almênio lhe pareceu natural e muito em harmonia com as circunstâncias de então.

11. Franz Joseph GALL. Médico alemão (1758-1828), inventor da frenologia, que pretende estudar as funções intelectuais do homem a partir da conformação craniana dos indivíduos.

12. Johan Caspar LAVATER. Filósofo suíço (1741-1801), inventor do sistema da fisiognomonia, arte de conhecer os homens pelo estudo da sua fisionomia.

Os covardes chamam — *honra* — a essa ação que se conforma com algumas idéias que tendem à sua conservação individual e aos cômodos da vida. Toda a ação que pede uma privação de cômodos individuais, um sacrifício de vida, um heroísmo, não está, para eles, circunscrita nos limites da honra; é-lhes mesmo representada como uma loucura. Quando eu abandonei minha fortuna inteira, meu estabelecimento de muitos anos, minha família, minhas antigas relações de amizade que me garantiram uma paz de vida inalterável, que eram para mim uma égide onde se quebravam todas essas pequenas intrigas, e me retirei ao centro da vida literária do Brasil, à capital do Império, eu tive disto uma lição amarga. Os covardes não puderam descobrir o motivo desta minha ação, não a compreenderam; embalde eu lhes gritei: — a honra é que me dirige. Permaneceram ignorantes, não quiseram aprender de mim como se traçava o círculo de uma verdadeira honra. Mas voltemos ao curso de nossa narração.

Francisco não se vexou do desprezo que sofrera de Almênio, arrependeu-se mesmo de o ter atacado porque lhe doía sobremaneira o golpe que recebera e o sangue que corria em abundância o desfalecera alguma coisa. Ele procurou apertar o peito com um lenço, montou dificultosamente a cavalo e partiu para sua chácara. Ela era perto dali. Sigamo-lo porque lá poderemos saber algumas coisas que nos interessam.

Estais lembrados, meus leitores, que vos fiz conhecer os hábitos e costumes morais de Francisco contando-vos um caso singular em que ele figurava como principal herói; disse-vos mais que ele era dotado de bela aparência física, de uma organização sedutora pela sua regularidade em formas. Agora vos farei uma descrição mais ampla, mais completa de seu todo físico, com que vos satisfarei. Eu vou mostrar-vos o modo em que o encontraríeis se pouco depois de sua chegada entrásseis em sua casa. Ele estava deitado sobre um divã que guarnecia a sala, fronteiro a dois aparadores pejados de riquíssimas peças de porcelana e lavradas mangas de vidro debaixo das quais ardiam duas piras de pó de pedra, exalando o aromático fumo da Almecega do Brasil ou Resina-Elemi. Vendo-o nesta sala onde brilhavam os mais finos e esquisitos vernizes da China e Japão, onde o trabalho de milhares de artistas se resumia para encantar e arrebatrar os olhos do amator das Belas Artes, onde um magnífico lustre de gás, de gosto e espécie singular, prometia espalhar nas horas da noite todo o brilhantismo e intensidade da luz solar, toma-lo-íeis, sem dúvida, por um

príncipe oriental na fruição de gozos sem par. Somente alguns ais, representantes da dor, o denunciavam ao olho perscrutador do nosso leitor; não era o mesmo homem, há pouco combatente, mas um lascivo, um covarde, um homem que temia o menor ruído: era que o remorso o ralava internamente. Uma mulher já velha e de uma cabeça venerável chegou-se a ele, trazendo em uma mão um fogareiro com brasas e na outra folhas de *bálsamo*; ajoelhou-se, desapertou-o e procurando a ferida aplicou sobre ela as folhas quentes. Ele achou-se, depois do curativo, um pouco reanimado. Dois moleques entraram trazendo uma bandeja de rico aparelho com o almoço.

— Ninguém me disputará os bens da terra, e os do céu..., sim, esses me serão concedidos.

Pensava o devasso Francisco como se os bens do céu possam vir-nos sem a graça divina.

Ele recebeu da mão de um dos moleques uma xícara de café com leite e bebeu-a mesmo recostado.

A voluptuosidade enfraquece sobremaneira a razão, isto é, o resultado do exercício das faculdades de nossa alma, e nos torna ineptos às sensações morais.

Depois do almoço e de ter descansado da fadiga e mesmo recuperado um pouco do alento que perdera, levantou-se e dirigiu-se a um rico e dourado espelho, onde podia ver as menores partes de seu corpo. Ele mirou-se. Sua forma esbelta e elegante, sua cabeça altiva, seus longos cabelos pretos como o jacarandá, seus olhos grandes e sedutores, seu nariz aquilino, sua boca graciosa e que entreaberta deixava ver dentes alvos e regulares, e o resto de suas feições encantadoras e membros delgados mas torneados, tudo se lhe apareceu aos olhos; ele deu duas voltas garboso na sala e foi sentar-se soberbo de possuir tão belos quanto inimitáveis dotes.

— Edélia, disse ele depois de algum silêncio, certamente se ensoberbecerá de me ter por amado, mas se eu a adoro é só por entretenimento. Desejara poder obter seus favores, mas ela é esquiva em demasia. Não foi assim Manuela... Oh! Essa rendeu-se facilmente... Quanto era bela... Se não fora o gênio altivo de seu pai...

E uma fria nuvem cobriu seu rosto de uma pálida tristeza. Deixou-se submergir em um vago; a idéia do castigo infinito lhe apertava o cora-

ção como uma fera torquês.

— Meu filho!.. Infeliz!... E ele era o filho de Manuela... Ai!...

A esta última exclamação, que ele pronunciou com voz muito alta, a velha mulher veio correndo e achou-o em uma debilidade crescente; havia-lhe rebentado a ligadura e o sangue corria em borbotões. Ela se apressou em socorrê-lo e chamou os escravos de casa. Quando, depois de curado, procuravam deitá-lo em uma mole cama que havia na alcova:

— Amélia! disse ele delirando. Minha cara Amélia!

Dois lágrimas umedeceram as pálpebras da pobre mulher que cuidava em Francisco. Ela era uma viúva desvalida que ficara, depois da morte de seu marido, entregue à mais cruel miséria, com uma filha de quatorze anos. Francisco a tinha recolhido em sua casa; mas... é melhor não receber o benefício quando ele envolve o fruto do aviltamento e da desonra. A pobre mulher não chorou quando ouviu pronunciado pelo seu benfeitor o nome de Amélia, o nome querido de sua filha. Era impossível; ela supunha-a feliz... Ele lhe tinha assegurado isto; e, se deixara umedecer as pálpebras, como disse, era porque tinha uma saudade dela. Pelo seu benfeitor!... Como me deixo seduzir, às vezes, por denominações impróprias! Eu disse que ela ouvira de seu benfeitor o nome de sua filha... Se ele é benfeitor, poderíamos também assim denominar o carrasco e executor das altas justiças do Estado. Não; ides ver que Francisco não podia ser o benfeitor de ninguém.

— Amélia, tu és desgraçada..., continuou ele delirando. Tu és miserável... coitadinha!...

A pobre mulher chegou-se, ouvindo isto, rapidamente para Francisco, pegou-lhe na mão e perguntou-lhe soluçando:

— Minha filha é desgraçada? Onde está minha filha?

Francisco não respondeu; ele estava ardendo em uma febre que crescia a cada instante.

A pobre mulher, vendo isto, correu por toda a casa, perguntou a todas as pessoas notícias de sua filha; ninguém lhas pôde dar. Se até aqui dormia descansada é porque supunha que sua filha seria feliz; acreditara nas palavras de Francisco.

Desde um dia em que Francisco lhe fizera crer que ia mandar a sua pequena menina para casa de uma sua parenta que morava na cidade de Porto Alegre e a vira partir acompanhada de um séquito, que qualquer ri-

co lavrador daquela paragem invejaria, ela se tinha bendito pelo porvir feliz e talvez brilhante da engraçada¹³ filha de sua ternura. E ela dormia sonhando com os dias risonhos do futuro da menina, com os agrados e respeitos do genro, com os risos, com os brincos e com todos os encantos de seus netinhos. Mas agora?... agora que uma confusão acabara de ouvir da boca daquele que supunha seu benfeitor? Agora que ouvira dizer que sua filha era desgraçada e infeliz. Desgraçada! Infeliz! Estas palavras ela as repetia em voz alta por todos os cantos da casa; e estas duas idéias lhe tinham transtornado o juízo, tinham-na posto quase doida. Qual será a mãe que possa suportá-las... estas duas idéias para uma filha?... Oh, nenhuma! Quando ela saía de casa, desesperada e sem destino, foi detida por um estranho que perguntava se sabia que ali morasse a Sra. Joana. Era o nome dela. A mulher parou... Tinha concebido uma esperança. — Sou eu, respondeu ela. O estranho olhou-a com piedade e entregou-lhe uma carta. Ela abriu-a e leu com resignação, sossegada e cheia de si, o que se segue: *“Minha mãe. Francisco, esse homem indigno, seduziu-me cruelmente e entregou-me a um mundo que desconheço. Todos quantos procuro me repelem e aqueles que me buscam tratam-me com a maior brutalidade e incivilidade do mundo. É a troca do aviltamento que eu recebo o pão com que me nutro; não posso, por mais tempo, suportar esta vida tão infame; vinde em meu socorro, se ainda tenho em vosso coração o lugar de filha. Vossa infeliz... Amélia.”* Joana tinha tido uma idéia feliz que lhe tranqüilizava a alma.

— Mas minha filha é muito desgraçada? perguntou ela ao estranho com muito interesse.

— Sim, senhora, respondeu ele.

— Bem o confessou aquele malvado que ali mora naquela casa, continuou ela apontando para a casa de Francisco. Se quereis ser honrado fugi de entrardes lá. Oh, lá?... É impudico, é pestífero e imundo o ar que ali se respira; tudo ali é infâmia. Nunca entrastes no inferno? Sim, eu sei que lá nunca entrastes. Pois bem! Não entrai ali, porque ali é o inferno... o inferno mesmo; dar-vos-ão a beber veneno em uma taça de ouro... e esse veneno há de ser cheiroso como o cravo, como o mangericão, como a rosa,

13. *Engraçada*: o termo é empregado aqui no sentido de graciosa, gentil, como ocorre também em outras passagens.

e há de ser doce como o açúcar... e depois de o beber, quando estiverdes em ânsias de morte, aqueles demônios rir-se-ão com uns dentes tão brancos como os ossos dos mortos que lá estão expostos ao sol. Eu tinha uma filha, uma preciosidade, uma riqueza que herdara de meu virtuoso esposo e eu a guardava como o avarento guarda o seu tesouro. Um dia o demônio se me apresentou em casa e disse-me: *Sois bem miserável, não é verdade?* — *Sim*, lhe respondi eu. *Vinde pois a minha casa, trazei a vossa filha, eu vos darei riquezas e repouso de alma*, me tornou o demônio. E eu que queria repouso de alma e riquezas entrei naquela casa, no inferno; depois eles me roubaram a minha filha, eles a assassinaram para a honra-dez, tornaram-na desgraçada. Não é verdade que ela, a minha filha, é uma desgraçada, uma mulher perdida?

— Sim, senhora, respondeu o estranho com as lágrimas nos olhos.

— Ah! Não chorai, exclamou a pobre Joana, ide e dizei à minha filha que eu breve irei salvá-la, arrancá-la do opróbrio, mas primeiro me é necessário ir ao inferno, à casa de Francisco, cumprir uma ordem que tive de Deus, uma idéia que eu tenho nesta cabeça... sim... é nesta cabeça, continuou ela batendo na testa... nesta cabeça que teve tão pouco juízo que entrou no inferno para junto de demônios com uma filha tenra e débil. Se eu tivesse tido um anúncio!... Mas Deus não quis... Eu sou tão pecadora! Adeus, generoso desconhecido, dizei isto à minha filha e consolai-a se for possível.

Ela despediu-se do estranho e voltou para casa de Francisco. Esta-va pálida como se vinte dias dormira num cemitério rodeada de sombras ambulantes que o sono lhe embargassem. Achou Francisco num estado de desesperação, de delírio e de enfraquecimento que metia dó no coração dos humanos. Ela esperou... Cada hora ruminava um pensamento que significava um meio para chegar a um fim que havia compreendido, a essa idéia que a resignara e que a obrigara a voltar ao lugar de seu sacrifício.

Francisco esteve por muitos dias entregue ao remorso, à dor e aos horrores de uma morte próxima.

Joana foi, no entanto, fiel a todos os seus pensamentos. Vendo-a junto dele, dir-se-ia que ela era uma dedicada e inimitável amiga. Uma noite, quando o relógio tinha feito soar duas badaladas no levantar da manhã, ela se apresentou no quarto de Francisco; trazia na mão um punhal que refletia a luz do candeeiro e na outra um tinteiro e um papel.

Francisco dormia a sono solto, Joana acordou-o com cuidado. Quando ele viu brilhar o polido punhal, quis gritar. — Morrerás, disse ela, se proferires uma só palavra. — Então o que quereis? perguntou ele tremendo. — Uma reparação, só uma reparação e nada mais, quero tornar-vos virtuoso, ou... — Farei o que quizerdes, disse ele. — Pois escrevei, disse ela sossegada e entregando o papel e tinteiro, mesmo sobre a cama podeis escrever o que eu vos ditar.

Francisco pegou na pena e preparou-se a obedecer.

— *Juro*, disse ela ditando em voz alta, *que seduzi a jovem Amélia...*

— Eu não seduzi ninguém, observou Francisco temeroso.

— Escrevei... aliás..., disse ela com um olhar penetrante.

E fez brilhar o punhal agudo.

Francisco obedeceu e escreveu o seguinte que ela ditava com tom imperioso:

"Juro que seduzi a jovem Amélia e a tornei infeliz e desgraçada; que ela era pura e inocente, que a arranquei com falsidade dos braços de sua mãe; que abusei cruelmente da hospitalidade que lhe dava. Juro mais que a dotarei com dois contos de réis, segundo as leis penais do Império."

— Não, disse ela parando e pensando, não, isto eu não quero; dinheiro?... Não. O dinheiro deve representar a virtude, um serviço honesto e o trabalho do laborioso; é o equivalente do suor derramado num emprego necessário ou útil à sociedade. O dinheiro não dá virtude se a temos perdido; não, eu não quero dinheiro, seria aviltante... muito aviltante. Riscai essas letras que indicam dinheiro e escrevei em seu lugar:

"Juro casar-me com a jovem Amélia a bem de reparar minha enorme culpa ante o mundo que nos julga..."

— Eu casar-me?... perguntou espantado Francisco.

— Sim, respondeu Joana, é uma reparação, é só uma reparação e nada mais; eu quero tornar-vos virtuoso...

— Mas... interrompeu Francisco.

— Escrevei, continuou Joana, estas poucas linhas cujo sentido podeis iludir ante juizes comprados pelo vosso ouro.

Francisco continuou a escrever.

E Joana acrescentou com muita pausa:

.... e ante Deus a quem não são ocultos todos os ardís que empreguei para seduzir esta jovem pura."

— Assinai, disse ela em tom imperioso.

Francisco assinou e olhou-a cheio de respeito e admiração, e disse com os olhos rasos de água:

— Mas Joana não me percais, não me obrigueis a aceitar um estado que faria a desgraça de minha vida; dispensai-me de tão horroroso sacrificio e eu a dotarei...

— Com dinheiro? Oh, não; minha filha, a honra de minha filha nunca seria comprada pelo dinheiro e mesmo ela não seria hoje desgraçada se não abusasses negramente da hospitalidade que nos destes. Fostes um cruel, um bárbaro, um homem sem moral alguma, capaz de cometer estas vis, baixas e aviltantes ações.

Francisco deixou-se imergir em uma idéia aterradora e ficou por muito tempo entregue a um vago pressentimento. Joana aproveitou-se deste momento favorável, pegou no papel que Francisco escrevera e saiu. Dois cavalos a esperavam; ela montou em um e no outro um pajem que a acompanhou, afastando-se desta casa infernal, onde achara a desonra e o cálice amargoso da miséria viciosa. Se a pobreza entrara, noutros tempos, em sua casa, sempre a vira forte, mas agora uma má ação imprimira sobre a frente de sua filha o ferrete da ignomínia e ela era verdadeiramente infeliz. A virtude afronta todos os revezes da fortuna e levanta a nossa cabeça ante os olhares dos curiosos; mas o vício nos abate e nos prosterne facilmente aos pés daquele que nos diz uma verdade. Mas ela ainda era, por si, virtuosa e obrava como o braço da Justiça. Tinha obtido um pequeno triunfo e fugia do vencido. É muitas vezes o fugir uma prudência necessária.

Voltemos a Almênio.

Nós o deixamos em caminho para casa de Hendrichs.

Ele lá chegou. Clarinda viu-o na estrada e foi correndo ao seu encontro, como a corça que vendo seu dono corre a festejá-lo; ela lhe mostrou na face tanta alegria com uma simplicidade e inocência de alma em seus gostos e modos.

— Senhor Almênio, eu estava muito triste na sua ausência, disse ela risonha. Desde aquele dia venturoso em que o encontrei na *plainada* do moinho e que passou conosco um dia tão agradável como encantador, eu só penso no senhor; só o senhor ocupa meus sonhos e minhas horas de vigília.

— Sou bem feliz, minha senhora, respondeu Almênio sensibilizado

por tanta inocência, mas muitas vezes nós nos alimentamos de idéias que nos parecem agradáveis e ao fim se nos tornam a causa de muitos males.

— De muitos males? Como?... perguntou admirada Clarinda.

— Sim, minha amável senhora; a força da simpatia nos liga, torna-mo-nos amigos, e depois vem o amor escravizar-nos...

— Ah, ah, ah, senhor Almênio... riu-se com muita graça Clarinda e acrescentou: O senhor também tem as mesmas idéias de meu pai? Pois olhe, eu não acredito que o amor seja uma coisa má; todos os dias, à noite, no serão, meu pai se distrai conversando comigo em vários objetos e quando cai sobre este, depois de longa discussão, ele chega a concordar com o meu pensamento; pretendo convencê-lo da santidade do amor...

— Do amor? Não, minha senhora, atalhou Almênio. Da amizade?... Sim.

Conversando eles tinham chegado ao limiar da casa de Hendrichs. Este ancião generoso recebeu Almênio nos braços.

— Às vossas ordens! disse Almênio respeitoso e curvando ante a presença venerável deste homem sincero sua cabeça juvenil.

— Sim, meu amigo, eu preciso de vós, disse ele com alegria.

E eles entraram e Almênio descansou enquanto Clarinda, com a mais verdadeira satisfação, punha o almoço sobre a mesa, que compunha-se de *churrasco*, de um frango ensopado, de algumas ervas, de abóbora com leite e do indispensável mate. Era uma refeição frugal, um alimento rio-grandense e que vigora os músculos e torna os que dele usam fortes e sensíveis. Alguns historiadores tem querido que o clima¹⁴ só por si

14. Eu não concordo que o clima possa de alguma sorte alterar os costumes de um povo. Um escritor moderno nega essa opinião — dos sistemas dos climas; e, como se coaduna com o meu pensar, aqui transcrevo estas linhas: "Se a indolência é própria às zonas meridionais, por que se tem visto Cartago na África, Roma na Itália, os Flibusteiros na Tartaruga e os Pernambucanos no Brasil, expulsando os Holandeses de seu território? Por que se encontram Malaios na Índia e Beduínos na Arábia? Por que, ao mesmo tempo e debaixo do mesmo céu, estavam Sibari perto de Crotona, Capua perto de Roma e Sardes perto de Mileto? Ora, se com tantas circunstâncias contrárias, se notam os mesmos fatos e se diversos fatos se observam nas mesmas circunstâncias, onde estão os pretendidos principios? Onde a influência do clima? Que se entende pois por atividade? Não se concede senão aos povos belicosos? E Esparta sem guerra era inerte? O que é um país quente? Onde chegam os limites do quente e do temperado? Os partidários dos sistemas das influências que o declarem, a fim de que se possa determinar o grau do termómetro a que deve corresponder uma certa energia." (Nota do Autor)

forme o Rio-Grandense tão austero em costumes, tão forte e constante nos combates, tão bom e fiel amigo na sociedade e tão vingativo e implacável inimigo quando é ofendido, como ele é atualmente descrito por todos os estrangeiros que têm observado seus hábitos e seus usos e que têm atravessado as plagas que ele habita; mas, quanto a mim, que já me considero com algumas propriedades e quesitos necessários ao historiador, supponho dever atribuir-se muitas dessas coisas à sua alimentação e educação moral. O Rio-Grandense aprende, desde os seus primeiros passos, a respeitar os velhos, a ser amigo, a desprezar o covarde e a vingar-se do inimigo; guarda fiel os usos que lhe foram transmitidos por seus pais e julgarse-ia desonrado se um dia deixasse de cumprir os preceitos de seu evangelho. O evangelho da moral Rio-Grandense não é escrito, é tradicional, mas, apesar disso, ainda não foi alterado em um só de seus artigos: para sabê-lo, *in totum*¹⁵, é necessário ser Rio-Grandense e viver muitos anos naquela divisão política do Império que chamamos — Província do Rio Grande do Sul. E, demais, a alimentação frugal e sã, e uma higiene regular, e a atividade em que ele vive o resguarda dos vícios físicos e morais e o torna forte e acessível aos bons sentimentos da alma. O Rio-Grandense é o homem da natureza e conseqüentemente rico e desprezador das riquezas, se atendermos ao dito do célebre filósofo Epicuro: — *Si ad naturam vixeris nunquam eris pauper, si ad opiniones nunquam eris dives*.¹⁶ A frugalidade, disse Marmontel¹⁷, produz o desinteresse e este os costumes heróicos. Pompeu, vendo os soldados de César sustentarem-se de raízes agrestes, dizia: *Eles são uns animais selvagens*; mas veio um tempo em que chegou a conhecer que eles eram *verdadeiros homens*. A primeira virtude é o desprezo da vida, a segunda a redução das necessidades dela. Despido de todo o luxo que enerva os membros de um Estado, o Rio-Grandense acha recursos imensos em sua frugalidade e costumes simples; desprezando essas fúteis grandezas representantes das misérias reunidas de muitas famílias, ele goza inalterável o fruto de uma consciência enobrecida por ações generosas e bens conformes ao direito natural dos homens.

15. Expressão latina: na totalidade.

16. Se viveres para a natureza nunca serás pobre, se para os caprichos nunca serás rico. (Nota do Autor)

17. Jean François MARMONTEL (1723-1799). Escritor francês, autor de romances épicos (*Les Incas*, *Bélisaire*) e de escritos morais.

Mas deixemos essas considerações que *ad rem*¹⁸ aqui aparecem e escutemos o brado que se levanta furioso contra minhas idéias; declaro porém positivamente que não as reformo — são filhas de uma observação aturada, de um conhecimento real que adquiri sem prevenções nem juízo antecipado. Quando queremos caminhar sobre espinhos, lutar contra a velocidade de uma caudalosa torrente, afrontar as opiniões ou prejuízos públicos, acontece-nos o que aconteceu ao austero moralista Sócrates, que pereceu à condenação daqueles cuja vida desejava tornar feliz. Quando buscamos a glória ficamos sujeitos a faltar-nos o pão.

Como ia dizendo, Almênio descansou enquanto Clarinda punha na mesa o almoço. Almoçaram e saíram a gozar o lindo espetáculo dos campos.

Sob um céu azulado de delícias
Que no exprimir do *amor* mistério encerre!

.....
N'um dia de manhã que a alva serena
Por eles sobranceira se espraiava,
Que ondulações brilhantes se mostravam
Na parte luminosa do oriente
Cantando a natureza.....

.....
Salve, oh riso dos campos, oh ventura
Da vegetal mansão, tu és do dia
A grata primavera, oh manhã pura,
Que co'o Olimpo disputas à porfia
 Qual tenha mais beleza
Se o desalinho teu, teu brando gesto,
 Se dele a vã grandeza.

Debaixo de uma laranjeira, cujas flores exalavam um perfume que embalsamava o ar ambiente, eles se assentaram. Era a laranjeira predileta de Clarinda; a cuja sombra muitas vezes pensava em seu futuro estabelecimento, em suas distrações ao lado de seu esposo e apoiando-se em

18. Expressão latina: a propósito, com pertinência.

seu braço; era onde ela estabelecera uma tenda prussiana que chamava de — Frederico 2º — desse antigo general de sua pátria cuja vida sabia de cor. Aí, bastantes vezes, ela tinha lido a vida de seus ascendentes; porque desde um dia que seu pai lhe dissera que ela teria sido Marquesa de..., se razões de Estado o não tivessem estorvado, ela tinha querido saber isto e seu pai lhe havia contado tudo. Aí ela vestia um *roupão* prussiano e botava na cabeça um *boné* de peles e figurava-se passeando nas margens do *Sprée* que divide em duas essa antiga cidade de Berlim ou sobre *Langen-Bruck* ou ponte comprida, que une o bairro propriamente chamado Berlim com o da Colônia velha, ou nos passeios magníficos — *Linden Strass*, *Lust-Garten*, *Thier-Garten*. Ora parecia ver-se no meio da igreja de Santa Hedwiges ouvindo o officio divino e perfumando-se nas ondas de incenso que por ela rolavam; ora, segura ao braço de um jovem Marquês atravessar a *sala branca* do palácio real ornada com as estátuas dos Eleitores de Brandenburgo. Mas notemos também milhares de vezes que ela bendizia sua vinda às plagas brasileiras e sua modesta habitação perto da pequena povoação de São Leopoldo, principalmente desde que vira o altivo, esbelto e gracioso Almênio. Achava-lhe muitas semelhanças com o rei guerreiro, com esse herói filho do rei Frederico Guilherme, e tinha já dito isto a seu pai quando contemplava o retrato desse rei. — Não é verdade, meu pai? perguntava ela; este ar majestoso, esta sinceridade, estes olhos, estes cabelos não parecem que são de Almênio? — Sim, minha filha, respondia Hendrichs com o riso nos lábios.

Agora ela estava soberba de ver em sua tenda o guerreiro que combateria, um dia, às suas ordens. Napoleão na batalha de Waterloo não lhe teria parecido mais interessante do que Almênio recostado sobre os copos da espada e assentado debaixo desta laranjeira.

Depois de alguns minutos na entrada deste templo silvestre da inocência transplantada das arentas margens do *Sprée* para as águas límpidas do Rio dos Sinos, Hendrichs ofereceu o cachimbo longi-tubuloso onde ardia a *Nicotiana*¹⁹, descoberta pelos primeiros viajores da América em Tabasco, ilha situada no golfo do México. Almênio recusou cortesmente.

— É um mau hábito que tenho contraído, observou Hendrichs. Não é verdade?

19. *Nicotiana*: nicotina.

— Não sei, senhor, respondeu Almênio. Tenho-me facilmente acostumado a respeitar os hábitos alheios.

— Sim, meu amigo, continuou Hendrichs, fazeis muito bem. O melhor filósofo é aquele que, estudando a natureza, sabe aplicar seus conhecimentos à felicidade da sociedade e mesmo sabe conformar-se com o pensamento dela, porque o pensamento de uma sociedade é fácil de descobrir-se em seus usos e costumes e atacá-los seria uma louca pretensão. Eu nada acho de bom neste hábito, mas ele é geral na Europa, na Ásia, na África e na América, e como lhe acho algumas distrações vou indo com a opinião do mundo. Louvo sobremaneira vossa modéstia e circunspecção; é o melhor meio de ser amado enquanto somos moços. Achais agradável esta tenda de minha filha?

— Sim, senhor, respondeu Almênio.

— É na verdade encantadora; ninguém podia melhor aproveitar a sombra de uma laranjeira, continuou Hendrichs. Aqui nas horas do repouso venho distrair-me, observando os arranjos desta menina. Tem muita semelhança com a sua boa mãe... era uma boa mulher... ainda me lembro...

E Hendrichs como que se absorveu num pensamento. Era uma recordação, uma saudade.

— Quando cá estivestes da outra vez, continuou Hendrichs, isto não era assim?

— Não, senhor, respondeu Almênio. Estava sem bancos e sem estas plantas que nos cercam.

— É verdade!... Clarinda tornou-se mais assídua no trabalho, continuou Hendrichs. Trocou o jardim pela horta, já parece uma mãe de família, tem ensinado a ler e a escrever a seu irmão Antonico... tem-se tornado outra... mas é sempre um botão de rosa... uma flor mimosa que no jardim se ensaia a desabrochar... Não desabroches, continuou ele dirigindo-se a Clarinda, senão para a virtude porque é nela que acharás unicamente tua felicidade; tua mãe viveu e morreu feliz no seio da virtude.

Hendrichs contemplava sua filha com um prazer que bem se podia ler em seu rosto.

Oh que glória é ser pai!... só nas delícias
D'um porvir prazenteiro meditando
Rompe do esquivo tétrico futuro
As férreas portas que o Destino guarda.

Hendrichs esquecera todas essas fantasmagorias de uma Corte e reconcentrara-se em si, vivendo só para a vida de seus filhos. Amigo e companheiro de dois grandes reis da Prússia, tinha sido galardoado com o título de Marquês e servira com uma devoção nobre e sem exemplo; mas a intriga, que nos palácios tece as magnificas telas com que se veste, o lançou no desagrado de seu amo e lhe deu a vontade de expatriar-se com sua família e seus poucos cabedais. Não enriquecera, porque jamais o guiara o sórdido interesse nem a ambição desmarcada desses *áulicos* abjetos e corrompidos. Agora ele não desejava mais que um sólido estabelecimento para sua filha, mas que coberto não fosse com essas vãs aparências do mundo, quero dizer, queria um genro de coração virtuoso e puro e que se não tivesse entregado à ambição das grandezas, porque elas arrastam após si o vício e a infelicidade eterna. Ele via em Almênio um homem perfeito, um genro como o que procurava e longe de constranger-se mostrava um desejo claro de oferecer-lhe sua filha. Não era coisa dificultosa a um homem que se não nodoara com as artimanhas e vis intrigas das Cortes, a um homem cujos sentimentos transudavam de sua boca sem outra forma além da natural.

— Eu preciso de vós, disse ele a Almênio depois de ter conservado um pequeno silêncio, e é mesmo em presença de minha filha que eu quero manifestar-vos o motivo que me obrigou a mandar-vos chamar. Eu já estou velho... sim... Os pés me pesam e parecem conduzir-me às bordas do sepulcro, lá onde as grandezas do mundo se evaporam ante a idéia da existência infinita... Que é o homem neste lugar de assombro e terror para o perverso, de felicidade e de êxtase para o virtuoso?... É uma realidade passageira, é como uma idéia despertada no Árabe pela presença de um viajor que atravessou seus desertos e que ele mais não verá, é como um meteoro que brilha por instantes; se ele é virtuoso ainda deixa uma saudade que dura por algum tempo, mas se o não é, é como uma letra traçada por mão peregrina nas areias movediças da Líbia abrasadora. Eu já estou muito velho... mais velho que vosso honrado pai... e tenho uma filha... uma filha que me parece virtuosa... Vem cá, disse ele a Clarinda pegando-lhe nas mãos. Se eu morrer, Sr. Almênio, continuou falando ao jovem, ela... esta menina inocente fica só no mundo... sem mais ninguém...

— Minha família, minha boa mãe, exclamou Almênio, cuidará nos filhos de um homem honrado, de um homem cuja virtude...

— Basta, interrompeu Hendrichs. Ela ficará debaixo de vossa guarda, não é assim?

— Sim senhor, disse Almênio, mas praça aos céus que vossa vida se prolongue.

— Bem, muito bem... quanto sou feliz! exclamou Hendrichs apertando as mãos de Almênio e lançando lágrimas de verdadeiro prazer.

Clarinda, no entanto, inocente como uma pombinha, não entendera a promessa de Almênio; se ela soubesse que ela valia um casamento, ter-se-ia lançado ao colo dele e mostrado toda a efusão de sua ternura.

— Então vossa mãe será também minha mãe? perguntou Clarinda com muito interesse.

— Sim, minha senhora, respondeu Almênio.

— Deixai que beije as vossas mãos, Sr. Almênio, continuou Clarinda. Dizei-lhe que a amo tanto como se ela fora a minha verdadeira mãe.

Depois disto houve uma cena mais interessante, mais comovente, mais variada e cheia de emoções. Era a cena deliciosa que se passava nas almas destes três personagens.

Almênio, antes da noite e depois de ter ratificado a Hendrichs sua promessa, retirou-se dificultosamente porque a saudade lhe comprimia o coração.

Clarinda ficou chorando amargamente a ausência do seu guerreiro. Tinha desejos de acompanhá-lo e, no entanto, era obrigada a ficar junto de seu velho pai a quem amava sinceramente.



PARTE QUARTA

OS EPISÓDIOS

Era uma noite de julho, fria e gelada, cuja atmosfera escura e nebulosa simulava o misterioso dos píncaros escavados da região boreal. Em uma sala espaçosa, mas baixa, cujas paredes de tijolos refletiam a luz baça e sombria de uma lâmpada pendente do teto, estavam algumas pessoas que de todos nós não são desconhecidas, mostrando em suas faces, sombreadas pela escassez de claridade, um anelo de novidade e de misteriosas emoções.

Narrar-se-ia alguma legenda? Algum desses contos de agoureiras aves que profetizam os futuros acontecimentos, tão comuns como vagos nas tradições populares da nossa Nação, e que a serem compilados por um gênio ardente e meditativo comporiam um novo *Eda*¹ das regiões austrais?

1. *Eda* — significa *mãe da poesia* — escrita em caracteres chamados *rúnicos*, transmitida de tempo imemorial pelos antigos menestrelis da Dinamarca, Suécia, Noruega e Islândia, era uma crônica mitológica dos Escandinavos. Segundo esta crônica, o mundo existiu sem firmamento, formando um abismo insondável: era todo névoa. Havia porém doze rios que manavam de uma fonte que tragava todas as coisas. Estes rios alongando-se congelavam-se e chegaram por fim a encher o vazio do abismo. Ao meio dia deste mundo de névoa apareceu um mundo de luz. Do primeiro procediam todas as coisas negras e frias; do segundo todas as claras e quentes. Aquelle era o princípio da cólera e da morte; este o do amor e da vida. Aparecendo um vento suão do mundo da luz, derreteu a neve e os pingos descongelados se converteram em entes animados pelo poder daquele que mandou o vento e destes nasceu o gigante Ymir e a Santa Ash-Ydrahill ou árvore da vida, que estendeu as suas raízes por todo o abismo e o seus ramos por cima de todo o universo. Debaxo do braço esquerdo de Ymir cresceram um homenzinho e uma mulherzinha e destes

Não. Mas a conversa tinha um interesse que prendia todas as atenções. Não a devemos perder... Escutemos.

Susana, essa segunda mãe doméstica dos filhos de Margarida, estava repimpada sobre um grande cepo, como uma rainha de sua nação toda adornada de miçangas e tendo em sua mão um porongo cheio de pimentas que durante a tarde colhera para molho da comida de seus senhores-moços a quem amava mais que a própria vida. Ela ergueu uma cabeça que nunca baixara sem a terrível idéia da escravidão que sobre ela pesava, mas que pesava levemente; porque, direi de passagem, é melhor fisicamente a escravidão no Brasil do que um estado de dependência em qualquer país da Europa ou Ásia. Fisicamente! Disse eu? Sim; porquanto moralmente não. Oh? Isso é horrível em qualquer parte da terra! Ainda mais, é horribilíssimo! Ela ergueu a cabeça e com o sorriso bondadoso nos vermelhos lábios acenou para o chão pedindo que se assentassem e lhe dessem atenção.

Era uma ordem de mãe que a negra acabara de expressar.

Todos se assentaram em derredor dela e mudos esperaram... Ela principiou... Em suas palavras ouvia-se o acento africano bem pronunciado.

“Era em um tempo já muito antigo, um homem de muita honradez que vivia com sua família nas margens do Gravataí, muito acima do *Passo da Cachoeira*, que hoje tem uma ponte, onde levantara uma pequena casa de capim. Ele tinha filhos e tinha filhas que educava na santa moral

(Cont. da nota nº 1)

procederam os gigantes de neve, os heróis e os deuses. Esta cosmogonia é o fruto da observação da natureza feita na região boreal. É natural que a neve parecesse aos Escandinavos uma matéria morta ou como o mau princípio; e, pelo contrário, a luz e o calor como forças criadoras e, por conseqüência, tivessem isso em conta de bom princípio. A luta destes princípios, debaixo dos diferentes símbolos de bons ou maus gênios, de heróis e deuses, e a alternada ascendência de uns sobre outros, até que uma cobra ferocíssima consuma a natureza universal com as suas irresistíveis chamas, formam o ciclo desta grande tragédia, entre cujos incidentes, a morte de Balden — o belo ideal do heroísmo escandinavo, o Aquiles do Norte — é um dos mais comoventes episódios. A existência de um princípio dominador supremo e o conhecimento de uma alma imortal e espiritual no homem são coisas de que se acham vestígios em diferentes símbolos do *Eda*. Encontram-se nele os rudimentos da grande epopéia nacional dos alemães, intitulada o *Canto dos Nibelungos*. Na obra alemã de Kreutzer, intitulada — *Symbolik* — se podem achar notícias mais particularizadas acerca do *Eda*, bem como na *Introdução à História da Dinamarca de Mallet*. (Nota do Autor)

de Cristo, propagada, sustentada e exemplificada pelos bons Padres Jesuítas nestas incultas terras. Os pequenos, que faziam reviver o bom do homem em seus dias apressados da velhice, sabiam ler, escrever e contar, e tocavam flautas e rabecas com que divertiam toda a vizinhança; e as raparigas, além de tomarem parte com seus irmãos nos trabalhos do campo, lavavam e fiavam e era bom de ver como elas, cobertas de vestidos alvos como a neve, dançavam os fandangos da eira do pai. Tudo era alegria naquela santa casa. Mas como a felicidade neste mundo é sempre seguida de acontecimentos maus, quis Deus que o honrado homem fosse perseguido do infortúnio de uma maneira cruel. Como sabeis, meus filhos, o estrangeiro é sempre amado entre estas boas gentes destas terras, mas nem sempre também corresponde aos bons ofícios que recebe. Quando receberdes em vossa casa o estrangeiro, tratai-o como melhor vos for possível, mas nunca lhe abri o coração, porque esse é o órgão da vida e, se ele o tocar, vós morrereis de uma morte amarga! O Estrangeiro!..."

E uma nuvem sombria empalideceu todas aquelas fronteiras onde estava pintada a avidez da novidade. Mas uma delas não se viu... Estava colocada entre dois joelhos ou entre duas pernas nuas, vermelhas e lustrosas que resplandeciam à luz da fogueira que estava a um canto da casa.

Susana continuou morosamente, procurando interessar o auditório.

"Ah! Não, deixemos o estrangeiro, era uma estranha, era uma menina que o bom velho achou abandonada e que recolheu debaixo de seu teto, quem cavou a sua desgraça e o precipitou, para sempre, num mar de sofrimentos. Oh! Se João, nesse momento, pudesse abrir o livro do futuro e nele ler uma página escrita com letras de sangue, teria recuado espantado ao fazer uma ação boa."

Ouviu-se um prolongado ai, e aquele que escondera a cabeça sofreu violentas convulsões que só Susana percebeu. Ela continuou:

"A estranha estava abandonada debaixo de um *jerivá*... Talvez já sem esperanças neste mundo. E depois? Foi o funesto precursor das desgraças de uma família inteira. Melhor fora que João nunca a tivesse visto! É muitas vezes melhor não ver o raio que baixando das nuvens rola sobre a terra e nos vem tocar com a morte fria. Ele achou a desgraçada... a má menina... o instrumento fatal que deveria um dia cortar-lhe o fio da vida."

Todos estremeeceram.

Edélia lançou um olhar enternecido para Susana e perguntou suspirando:

— E como é que ele a achou?

Susana riu-se e apontou para Almênio dizendo:

— O senhor-moço é que sabe.

Almênio perfilou-se como o soldado à voz do seu Coronel e principiou entristecido e como oprimido por uma idéia dolorosa:

“Ela dormitava à sombra de um *jerivá*, planta muito comum em nossos campos, pertencente à família das palmeiras e cujo coco é muito estimado. E um rio sonoro corria perto dela, navegável por pequenas *piraguás*², cujas margens, bordadas de frondentes *sarandins*³ ressoavam o canto de milhares de filhos do ar que seus ninhos e seus amores celebravam. Brando era o vento que mal fazia tremular a copa das árvores e um ruído igual a um descuidoso remar se fazia ouvir ao longe. Era João, o Caboclo, que descia o saudoso Gravataí para prover-se de alimentos na Aldeia dos Anjos. Ele que tantas vezes dirigira ao céu ardentes preces para que Deus lhe desse mais uma filha, via sem fruto os seus esforços; e neste momento ainda se lembrava que Jesus Cristo não ouvira os rogos de sua Santíssima Mãe a quem ele isto pedia todas as noites em suas orações; e passaria despercebido, sem ver a pobre órfã, se uma viração forte não o tivesse obrigado a levantar-se para remar com mais segurança. Ele viu, então, uma menina com alvos vestidos que lhe pareceu um anjo descido dos céus para consolá-lo...”

— Não, meu filho, desceu ou subiu dos infernos; porque o inferno é a terra de que fomos formados — no céu só existe a virtude! E a virtude é espírito, é semelhante a Deus. Ela veio do inferno para provar que o homem, ainda o mais virtuoso, deve sofrer os males, quero dizer, o castigo que nosso pai Adão atraiu sobre sua cabeça.

Era Susana quem assim falava.

“João embicou a proa de sua pequena *piraguá* à praia; continuou Almênio sério e sem importar-se com o que ouvia. Era no *Passo dos Negros*. Piedoso recolheu-a e, em vez de seguir sua viagem, voltou ao seu lar de família, onde deixara sua mulher e seus filhos.

2. *Piraguá*: embarcação feita de tábuas e destinada ao transporte de mercadorias.

3. *Sarandim*: sarandi, arbusto que cresce à beira dos rios, freqüente em todo o Rio Grande do Sul.

“— Eis nossa filha, a Virgem Maria no-la mandou! dizia o pobre Caboclo banhado no pranto da mais pura e cândida alegria, entregando a menina à sua mulher.

“— Eu te abençoô, minha nova filha.

“E Maria, a boa e caridosa mulher, sem nada querer saber, imprimia nos lábios tenros da pequenina ardentes e prolongados beijos.

“— Terá ela recebido as águas benditas do batismo? lembrava-se suspirando o velho Caboclo a um canto da sua pequena casa de capim.

“— Como se chama a nossa filha? perguntou Maria.

“— Não sei, respondeu João tristemente.

“— Pois bem! Ela se chamará Maria; é o nome da Santa Mãe de Jesus Cristo.

“— *Amen!* E João deixou cair' uma lágrima que rolou em sua face tostada. Sua mulher tudo prevenia, a tudo dava pronto remédio, era o seu anjo da guarda sem o qual teria naufragado nas dificuldades que oferecem as coisas da terra. Foram passando os dias que, então, eram os mais venturosos para esta inocente laboriosa família. João, o Caboclo, enriquecido com esta menina que poderia antes dizer com Racine:

Helas! aquels soupirs suis-je donc condamnée,
Moi qui, de mes parents toujours abandonnée,
Etrangère partout, n'ai pas, même en naissant,
Peut-être reçu d'eux un regard caressant!⁴

“mas que ora gozava os mimos mais preciosos de pais extremosos e de irmãos desinteressados. João, como dizia, estava rico com esta nova filha e esmerava-se em prestar-lhe os mais severos exemplos de moral e de boa educação.”

4. Ai de mim, a que suspiros
Fui infeliz condenada!
Estranha estou neste mundo
De meus pais abandonada.
 Na tenra puerícia
 E mesmo ao nascer,
O néctar de uma carícia
Não me foi dado sorver.

(Tradução do Autor, inserida em nota ao texto da 1ª edição)

— Sim, mas a desgraçada não podia colher os frutos de tão boa árvore, ela já tinha no coração semeados os germens do vício; interrompeu Susana.

— Mas ela veio tão pequena para a casa de João, e havia de ser virtuosa; valem mais os exemplos em moral que todos os outros meios empregados para chegar a amá-la; observou com muita seriedade Edélia.

— O exemplo! Oh, certamente, é um molde em que se vazam todas as ações dos pais e dos mestres para se reproduzirem nos filhos e discípulos de uma maneira admirável, continuou Susana. Mas eu não entendo muitas coisas que cá na terra vejo. Dizem-me: *um menino é uma vergõntea*⁵ *que se torce à vontade; é um rio em sua nascente que toma a direção que apraz ao homem industrioso.* Mas, se é vergõntea, há de crescer com sua forma e com todas as suas nodosidades; e se é rio há de transbordar de seu leito, transpor os diques e envolver em suas águas limpas as estagnadas dos charcos quando aumentar em tempos de cheia. Meu senhor diz-me que o homem é aquilo que querem que ele seja; eis onde está a minha dúvida. Quanto a mim, todos nascemos sujeitos a um destino que nos é impossível quebrar.

— Destino! É verdade! disse Colomim soltando um suspiro.

Era ele quem sofrera as convulsões, ele que não podia gostar desta história.

“Foram correndo os dias, os meses e os anos, continuou Almênio, e a pequenina Maria havia tomado uma forma elegante, esbelta e sedutora. Era uma mulher completa; mas uma mulher de cabelos tão pretos como o jacarandá, de uma ampla testa, de arqueadas sobranceiras, de uns olhos, e que olhos!, mágicos...”

— Infernais! exclamou Susana.

Colomim levantou-se e a sombria nuvem que estava sobre seu rosto se dissipou ante um brilho vago talvez de uma idéia passada.

— Não, Susana, o inferno é negro, é horroroso, mas ela era branca e era tão agradável como benfazeja.

Todos os ouvintes o olharam espantados. Só Susana neste momento deixou de ser aquela mãe plácida que sempre acariciava, para tornar-se uma leoa que range os dentes e ceva, olhando sua presa.

5. *Vergõntea*: ramo, galho de folhas.

Ciúme! Sentimento doloroso que coage nossa alma a uma reação violenta de amor-próprio. As idéias que se geram em virtude dessa luta são assombrosas e muitas vezes conduzem-nos à perda do juízo prudencial. Uma pessoa arrastada pelo ciúme é capaz de entregar-se prontamente à idéia e realização do suicídio. Esta anomalia das funções vitais nos faz sofrer a mais perigosa de todas as sensações que atacam o coração e que sabemos designar com o nome de *paixões*. O poeta sabe pintá-lo e mesmo aprazer-se no seio das emoções que ele lhe fornece; mas o filósofo o condena com todos os dogmas de moral e consultando as idéias naturais que nós vêm pelo senso íntimo, julga-o indigno de ser o resultado dos juízos psicológicos. O teólogo dir-nos-ia, talvez, se nós o consultássemos sobre este ponto: "Sede humildes e só atendei às coisas do céu." Mas uma mulher é também uma coisa do céu e como deixar cair, sem dor, o seu anátema sobre a nossa cabeça; oh! uma maldição de mulher! um desprezo desse ente que é divino aos olhos de um amante! uma perfídia, uma ingratição é um raio para um coração de homem.

O ciúme é uma coisa horrível. Para mim é uma fulminação da vingança do inferno, que me prosterna aos pés da desgraça e das realidades da terra e que me reduz a um ceticismo vago como a idéia amarga d'além da morte e ao que sinto suceder-se um desfalecimento, um desprezo do mundo, uma como vontade de existir identificado com o *nada*.

Susana tinha ciúmes... coitada!

"Os olhos de Maria eram pois de uma graça que se não podia definir, continuou Almênio. E tinha faces onde as rosas moravam sempre brilhantes e seus lábios ofereciam um néctar que coava por entre brancos e polidos dentes tão doce como o mel de nossas colméias silvestres, seu seio derramava um aroma como o da flor de laranjeira numa manhã de outono, e sua forma era como a da palmeira que se eleva acima das outras árvores, sobre um alto morro, recebendo os raios benéficos de um sol dos trópicos. Nestes tempos a alma de Maria parecia já balancear-se com uma idéia — era a idéia do viver de mulher."

— Qual é essa idéia, meu primo? perguntou Edélia. Como é o viver de mulher?

— Para que a mulher viva é necessário que — ame — replicou Almênio. Amar! — é o viver da mulher. Fora disto ela não vive — existe.

"Maria amava... ainda havia inocência neste amar; ele era um senti-

mento virginal, um primeiro desejo da liberdade da virgem, um como despertar da vida. A amizade é uma virtude, é a primeira demonstração da *justiça* de Deus. Se quisésseis expressar a ação deste sentimento dir-nos-íeis — eu amo; porque o — eu amo — não mostra a ação do *amor*... oh! Não, o amor é um sentimento criminoso, é impuro. Quereis que vos eu explique, sem dúvida, minhas palavras? Pois, sim. A amizade é a vida da alma da mulher e o amor a vida do coração. Dos filhos de João algum seria, sem dúvida, que lhe tivesse despertado essa idéia. É verdade que a virgem pode amar vagamente, metafisicamente, porque ela tem necessidade de viver. Debaxo dos sombrios e ermos claustros a donzela, em seu primeiro sorriso, busca com avidéz os objetos externos, onde pensa achar um remédio a seu existir ambíguo, indaga mesmo sua memória, onde vagueiam as idéias de suas primeiras afeições, mas nada achando que encha o vácuo de sua alma é Deus — é só Deus que ela ama — e assim vive. Era, com efeito, um dos filhos de João quem Maria amava. Se João tivesse sabido, certamente buscaria cortar o mal pela sua raiz; mas, ao contrário, ele regou com o orvalho de sua benevolência uma árvore que sombrearia sua vida e que mesmo havia de sufocá-lo. Um domingo João saiu de casa acompanhado de seus filhos para distrair-se no majestoso dos campos. Esta nossa terra apresenta o quadro mais pitoresco do mundo, é um panorama rico variado copiado fielmente do *Eden* dos justos.

“João e sua família o contemplavam.

“Por cima de pequenas elevações do terreno extenso se estendia um tapete mole de verdura constante, que ia terminar debaixo das sombras do mato virgem das serranias gerais, dos Alpes americanos, como o tributário que se deita curvado pelo peso dos *presentes*, sobre os degraus do áureo trono de seu altivo *Senhor*; como o ginete que, acabrunhado da fadiga, se prosterna à porta do guerreiro invencível do sul, do *monarca das Coxilhas*⁶. Estendendo-se a vista neste oceano de campo cujas elevações simulavam as ondas levantando-se, embatendo-se e desvanecendo-se sucessivamente, além, lá onde o horizonte terminava em curvatura, via-se uma zona verde-negra bordada de aurirrojos esmaltes que nos deixa o sol retirando-se, no fim do dia, a iluminar a oposta parte da nossa esfe-

6. *Monarca das coxilhas* é sinônimo encomiástico de *gaúcho*, situando-o como guerreiro dominador do espaço em que vive.

róide terrestre. A longos espaços os bordados desse tapete eram interceptados à nossa vista por algumas árvores grandes e folhudas que formavam pequenos bosques conhecidos pelos habitantes destas plagas com o nome de *capões*, onde se acolhiam os ternos cantores da natureza. Eles estavam junto à margem do Gravataí; e João, levantando a cabeça para as abóbadas do céu, disse: — Meus filhos! Quando eu, às margens do Caí onde as brandas ondas do rio vêm quebrar o seu sonoro respirar, contemplava essas *timbaúvas* e *cedros* cujas cortiças atestavam o volver apressado de tantos séculos, tinha uma idéia dolorosa — o extermínio das gerações primitivas do continente americano que em remotas idades habitado haviam estas margens. E eu deixava correr por minhas faces as quentes e salgadas lágrimas. Os primeiros Americanos não roubaram a liberdade e honra de outros povos, viviam em plácida paz no gozo dos bens que a natureza lhes tinha destinado e sofreram de estranhos povos europeus, arrastados pela insaciável sede de ouro, as mais cruentas e vis perseguições. Teriam esses europeus um motivo justo para assassinar a vida de nossos primeiros pais, roubar e deflorar nossas irmãs e escravizar para sempre nossas famílias? Esses bárbaros que nos respondam e que nos digam se haverá um incentivo moral que na prática de nossas ações nos conduzir possa a cometer tão repugnantes quão atrozes atos. Eu meditando tenho largamente e quis mesmo, em outros tempos, achar nos recônditos arcanos dos destinos das nações uma causa dessa revolução de sangue e de morte operada na América por esses infames estrangeiros, mas uma voz me gritava, sem cessar, ao ouvido, e essa voz os acusava altamente — *Os assassinos têm sede de ouro*. O ouro! Miseráveis! Por que nos não pedistes este metal que calcávamos aos pés e que, para nós, era de nenhum valor porque desconhecíamos os vícios? Mas a inveja dominava vossas mentes e tínheis remorsos ao comparardes nossas virtudes com vossas ações infames, e quisestes tornar-nos tão infelizes aos olhos de Deus como vós o éreis: os restos de nossa grande nação são hoje tão vis como vós o sois porque são escravos, como vós, do abominável vício. Nossas famílias, que formavam uma grande nação, ou foram tocadas de vosso impiedoso ferro e corrupção ou foram dispersas pelos vastos e sombrios desertos da nossa terra; não mais vontade de homem reunirá essas tribos e porá um dique às invasões dos bárbaros. Lembrai-vos, Europeus, que depois da queda do império romano hostes de aventureiros desenfreados devassa-

ram vossos lares domésticos e vós vos queixastes amargurados aos vossos Deuses e imolastes vítimas, exorando deles vossas antigas liberdades; mas essas hostes eram governadas por hábeis generais que vos respeitavam, mas ainda hoje vós os difamais, chamando-os de bárbaros. Que diremos então de vossas ações? Que diremos de vós que vos alardeais povos ilustrados? Oh, indignos! Nossas irmãs choravam nas margens de nossos rios, nos campos de nossos pais, debaixo de nossos sagrados tetos, a honra que haviam perdido aos vossos desejos lascivos! Nossas mães imploravam levantando suas mãos livres aos escravos dos vícios, a esses terríveis conquistadores que com indiferença olhavam para os mais sagrados deveres do homem! Nossos velhos pais, curvados pelo peso da idade, eram profanados em suas câs por mãos mercenárias! Oh, infâmia! como nisto pensar e ser homem, ser Americano, sem lançar o anátema sobre esses bárbaros? As margens do Caí recebiam gemendo e com doloroso suspirar minhas lágrimas; o *jundiá*, a *piava* e a *traíra* deixavam-se escorregar brandamente ao curso do rio ouvindo minhas justas queixas, os ternos peixinhos não eram insensíveis à voz de uma alma que repugnava tantos males causados pelo esquecimento dos deveres do homem, e o *cedro* e a *timbaúva* curvavam seus longos ramos pesarosos, derramando de suas humildes folhas o rocio, como pranto sentido e que acompanhava minhas lágrimas. Ah! O doce sussurrar do vento nos auriverdes leques das altas palmeiras me parecia a voz de tantas gerações passadas sobre a florida superfície da minha terra que me animava em minhas dores e convidava à vingança. .. A vingança! E esta só idéia me aniquilava... Eu era tão pequeno para satisfazê-la... E, demais, havia nos campos de meus pais uma nova geração que a vida recebera debaixo dos *butiás* e *jerivás*, uma geração que me devia predileções! Eu esmorecia... e esmoreci para sempre quando vi que ela soltava um grito de liberdade e expelira de seu seio o domínio estranho, terrível flagelo de toda América.⁷

“E João, o Caboclo, como cansado e arquejando, ficou por alguns momentos entregue a um estado de resignação dolorosa, depois sentou-

7. Esta passagem, manifestando a ideologia do nacionalismo indianista, que teria largo curso no movimento romântico brasileiro, situa Caldre e Fião em posição privilegiada. O presente texto é de 1847; apenas em 1846 Gonçalves Dias publicara os *Primeiros Cantos*, e *O Guarani*, de José de Alencar, só aparecerá em 1857, dez anos depois portanto.

se sobre a barranca do rio e chamou Maria para si.

“— Minha filha, lhe disse ele, ainda por aqui se retraçam as imagens vivas de um existir de virtudes; muitas vezes o eco destas ribanceiras repetiu os cantares amenos e deleitosos do coração da virgem. As meninas da tua idade se aparelhavam para voar as danças com as compridas e ensiformes⁸ folhas dos butiazeiros e alegres, sem que a cor rubra do pejo viesse tingir as suas trigueiras faces, declaravam aos jovens que amavam toda a singeleza desse sentimento do coração que lhes haviam despertado e que jamais podiam supor um crime.”

“— Então não é crime o amar? perguntou medrosa e ocultando o rosto a cândida Maria.”

— Ela não era cândida, malévolo coração lhe batia dentro do peito; murmurou Susana que patenteava em todos os seus modos o mais amargo descontentamento.

Colomim olhou-a com desdém.

Podia entrever-se um conflito nestes dois entes, que, apesar de desaguisados tais, amavam-se sinceramente.

— Continuai, Susana, a história de Maria; disse Almênio procurando distraí-la.

“Maria tinha no coração um gérmen do mal, prosseguiu Susana, e quando isso perguntava a João queria achar no consentimento dele uma desculpa à má ação que pretendia praticar.

“— Não: amar não é crime, respondeu João, quando se não deixam de respeitar as leis de nossa alma.”

“E Maria, a pérfida, a ingrata maior do mundo, correu a abraçá-lo; porque, lá na África, o crocodilo atrai com choros e lamentos a vítima que quer devorar e assim, em toda a parte, o mau é com enganos e artimanhas que costuma vencer a razão do justo e do homem honesto...”

— Mas Susana, atalhou Almênio, não era assim que nos contavas, antigamente, esta bonita história. Tu dizias:

“E Maria, a cândida menina, que tinha visto nascer em seu rosto um rubor quando sentia essa paixão de amar e que isto julgava uma repreensão de Deus, riu-se e foi, correndo, brincar com seus irmãos e irmãs que nas margens do rio colhiam as doces cerejas e as rubras pitangas, e

8. *Ensiforme*: com a forma de espada.

colhendo-as também, veio repartir com seus carinhosos pais e depois abraçou-os com os eflúvios de uma sinceridade inocente.

“Voltaram para casa. Tinha o sol descambado no caminho do ocidente e a ausência da luz convidava ao sono o agricultor laborioso.

“Aproximava-se a hora fatal!

“Toda a família de João se tinha recolhido. O sono estendera suas asas negras por toda esta morada. Só João se entregara à vigília e subtraíra-se ao dominador geral das trevas. Quando avançara a noite ele lembrou-se de visitar os quartos de seus filhos como às vezes costumava. Apenas deu dois passos no quarto de Bernardo, com uma vela na mão, que recuou espantado.”

*Un moment quelquefois eclairecit plus d'une doute*⁹.

“Seu filho Bernardo dormia sossegadamente tendo a seu lado e sobre seu braço esquerdo a jovem Maria. Os lábios destes dois tocavam-se e ainda exprimiam um desejo. Como era horrível este crime aos olhos deste homem simples cujos costumes representavam a imagem pura da virtude! Como o assombrou e o entregou a um terror medonho este ato que ainda lhe parecia um sonho, uma perturbação dos sentidos e da mesma alma! Ele se envergonhou espontaneamente e retirava-se sem acordá-los quando tropeçou numa cadeira e caiu... e a este ruído os jovens acordaram.”

Pintai, oh romancistas, se vos for possível, a confusão e a vergonha de uns e a virtude do outro que para mim isto é nimamente dificultoso, é mesmo impraticável; e é por isso que remeto as idéias deste fato à cogitação dos leitores.

“João levantou-se e retirou-se deixando os jovens em um mar de amargos sentimentos. Para que havemos de ser criminosos? Não é melhor sempre a virtude? Quando somos virtuosos somos fortes e respeitados; quando viciosos somos fracos e desprezados. Praticai sempre a virtude, oh virgens brasileiras, e vós sereis o tipo e a fonte de um povo heróico e inimitável; e assim vos tornareis veneradas das gerações futuras.

9. Um momento algumas vezes
Muitos erros esclarece
Faz surgir a clara virtude
Mas os vícios emurchece.

(Nota do Autor. Constam exatamente assim na 1ª edição a transcrição e a tradução feitas por Caldre e Fião.)

"No outro dia, ao amanhecer, foram dizer a João que Bernardo e a menina Maria tinham fugido, levando toda a sua roupa. João recebeu resignado e com o rosto enxuto esta notícia horrível. Tinha-se preparado para o infortúnio como o soldado romano se preparava para ir combater debaixo das águias¹⁰ nas inacessíveis selvas da Germânia e nas matas sagradas dos Druidas na antiga Gália. O homem virtuoso é sempre o que mais bem sabe afrontar os reveses desta vida da terra.

"Sucederam-se ao desaparecimento destes inconsiderados entes, que iam lançar-se no pêgo¹¹ imenso e voraz de um mundo tormentoso, muitos anos sem que João se lembrasse de procurá-los. Doía-lhe, é verdade, no fundo da alma essa lembrança desses infelizes que outrora amara e que julgava virtuosos, mas conservava-se fiel à honra de sua família. Maria, a mulher de João, interrogava, às vezes, os habitadores dos campos circunvizinhos acerca destes meninos e, lá de vez em quando, tinha uma noticiuzinha que ela ocultava a seu marido. Os filhos de João, ao contar das histórias do inverno, lembravam-se de Bernardo e de Maria e, por entre algumas lágrimas, que a furto desciam por suas faces, ouvia-se um segredinho que revelava a existência de seus dois irmãos e o lugar onde habitavam. Havia, finalmente, saudades deles no seio desta família numerosa que ainda de todo os não repudiava. Talvez que, se Bernardo se despedisse de seus pais, não levasse sobre a cabeça o peso de uma maldição, e que João não fosse como Abraão que, ao expulsar seu filho Ismael, a rogos de sua mulher Sara, só lhe desse um pão e um vaso de água. Ele certamente seria mais liberal. Maria, sempre que podia, enchia uma *mala* de feijão, farinha, alguns queijos e rapaduras e mandava-lhes com meia dúzia de frangos e galinhas. Era mãe e isto a desculpava, tanto mais que ela observava que seu marido ao ver estes aprestos retirava-se, ocultando algumas lágrimas."

— Os pais desculpam sempre a seus filhos, observou Edélia, mas o que julgo necessário é que os filhos nunca abusem destas bondades de seus pais.

— Eu penso que João era bem culpável, disse Susana, em consentir que sua mulher protegesse estes dois perversos...

10. O emblema das águias constituía as insígnias que identificavam os exércitos romanos.

11. *Pêgo*: pélago, abismo.

— Eu era um perverso, interrompeu Colomim, mas Maria era virtuosa. Todos olharam para Colomim com uma surpresa inexprimível; não podiam entender o sentido destas palavras.

— É a história da minha vida, continuou Colomim vendo todos surpresos.

O espanto subiu de ponto.

— Como?... perguntou Almênio.

— Eu me explico, meu amo, continuou Colomim; esta mulher, esta Susana quis vingar-se de mim contando os meus passados crimes e vingou-se... Mas agora que estou arrependido, que fui absolvido pelo Santo Missionário, agora zombo dela.

— Conta-nos o resto, Colomim, gritaram os dois filhos de Margarida.

— Sim, meus meninos, eu vou contar, disse Colomim, e há de ser sem mentiras e sem nada esconder.

“Apenas meu pai descobriu o amor que ambos tínhamos, fugimos e fomos procurar na povoação de Mostardas ocupação e sustento. Tudo tivemos em troca de um trabalho assíduo e vivemos muitos anos em paz invejável; supunham-nos casados e nos respeitavam. Já possuíamos um rebanho de carneiros e algumas vacas. Tínhamos também família; dois filhos tinham nascido do seio de Maria e eu os amava. Destes filhos um já contava quatorze anos, quando eu me resolvi a participar a meu pai e o resto de minha família que ia casar-me com Maria. Escrevi com efeito a este respeito a eles e recebi uma muito favorável notícia. Tudo se preparava para em um próximo Natal celebrar-se meu casamento quando um meu amigo entrou em minha casa, que era cômoda, e me pediu o abrigasse de uma tenebrosa noite e de uma chuva medonha. Este amigo e meu antigo vizinho acabava de vender uma *fazenda* sua e retirava-se para a povoação de São José do Norte com uma porção de dinheiro em *onças* e *patacões*; ele aceitou de bom grado a nossa ceia e meu filho o serviu com um prazer que me agradou muito. Aconteceu porém que depois da ceia a chuva parasse e o céu se tornasse tão claro e brilhante, e o meu amigo quisesse aproveitar tão bela ocasião de viagem. Despediu-se pois de nós e partiu.

“Eu já dormia; era alta hora da noite, quando sinto bater e ouço a voz do nosso amigo; admirado fui abrir-lhe a porta.

“— Que é isto, lhe perguntei apressado, o que vos fez voltar?

“— Meu amigo, me tornou ele, eu caminhava absorvido em um letar-

go por esses campos e aproximava-me a um grande *capão*, quando vi sair dele um homem que me atravessou o cavalo adiante. O luar claro me fez ver que ele trazia o rosto pintado de preto: "O dinheiro ou a vida!" me disse ele com uma voz desfigurada, apresentando-me as bocas de duas pistolas. Tirei à pressa uma pistola da *guaiaca*¹² e ia dar ao gatilho, quando uma súbita reflexão me fez cair o braço. "O meu dinheiro? respondi, tirando o dinheiro da *guaiaca*; aqui o tendes." O desconhecido recebeu-o e desapareceu. Meu amigo, continuou ele dificultosamente, essa pessoa que me acometeu junto ao *capão*... o som de sua voz, a figura, o que pude descobrir das feições do ladrão através da tinta negra de que estavam cobertas, tudo me fez despertar um terrível pensamento. Tenho quase a firme convicção de que me não engano... Contudo a nossa amizade e a tua honra...

"— Que me queres dizer? Explica-te! bradei eu.

"— Um rapaz imprudente, talvez seduzido.

"— Fala, não me atormentes mais.

"— Escuta, me disse compungido o amigo. Fazem-se muitas queixas de teu filho e... Desculpa-me, porém a amizade que te tenho... e para que possas prevenir...

"— Acaba! bradei eu.

"— Pois bem, meu pobre amigo, suspeito...

"— Que foi ele?... Meu filho?

"— Sossega-te, poderemos desenganar-nos sem fazermos estrondo. Talvez apenas uma semelhança de figura me iludisse. Se ele estiver na cama...

"— Segue-me, respondi arrebatadamente. Acendi uma vela e dirigi-me ao quarto de meu filho.

"A porta não estava fechada; ambos entramos. Meu filho, deitado na cama, dormia profundo sono. Eu, que tremia com violência, para me afirmar, examinei-o de perto e, sentindo aliviar-se-me um enorme peso que estava sobre o meu coração, soltei um longo suspiro. O meu amigo abaixou a cabeça e ficou em silêncio. A incerteza tornou a apoderar-se de mim e inquieto corri com os olhos todos os cantos do quarto. Uma toalha suja de grandes manchas negras se me ofereceu à vista sobre um banco.

12. Cinta de couro lavrada, com bolsa para guardar dinheiro e mais misteres de um viajor. Vi-as na campanha de um gosto magnífico e de altos preços pela riqueza do trabalho. As rio-grandenses fazem-nas admiráveis com dificultosos e esquisitos bordados. (Nota do Autor)

Examinei tudo com mais atenção e descobri debaixo do travesseiro de meu filho duas pistolas e uma grande porção de moedas metálicas.

“— Isto não são ainda provas decisivas, disse o meu amigo, vendo as terríveis contrações que eu experimentava; além do que eu vinha a cavalo e ele não podia ter chegado com tanta antecedência.

“— Indo pela *restinga*¹³, lhe disse, e atravessando a *sanga*¹⁴, o caminho é atalho e muito curto... Olha, eis aqui suas calças e suas botas ensooadas de água e respingadas de lama.

“O meu amigo abaixou os olhos e não me respondeu nada.

“— E ele dorme!... exclamei tremendo de raiva em uma convulsão espantosa; e pode um ladrão dormir assim tranqüilo!... Um ladrão!... Um salteador!... E lançando arrebatadamente mão de uma das pistolas, engatilhei-a e, antes que o meu amigo pudesse estorvar-me, descarreguei-a contra a cabeça de meu filho e a fiz em pedaços.”

Todos estremeceram e se tornaram frios.

Colomim ficou estático e convulsivo como se ainda estivesse sob essa influência perigosa que o levara a cometer um ato tão horrível, tão espantoso.

— Desgraçado! Eis o que faz um mau filho! bradou Edélia.

— E depois? perguntou Almênio.

“Depois, continuou Colomim com muita pausa e com uma voz pesada e dolorosa, fugi... Abandonei tudo quanto tinha de caro sobre a terra... Não vi mais Maria e nem o outro meu filho... Não vi mais minha família... Fiz-me soldado... Tenho em vão buscado a morte nos combates... Ah!... a morte!... Como ela me seria doce...”

— Tu serás ainda feliz, disse Almênio compadecido.

— Impossível! exclamou Colomim. E meu pai! O sangue de meu pai?...

— O quê? perguntou surpreso Almênio.

“Eu não tinha pão sobre a terra, continuou Colomim. Eu estava homiziado nas florestas, nessas virgens abóbadas de verdura eterna das nossas matas, nos Pinhais de Santo Antonio da Patrulha, e descia aos vales para haver comida. Mas como achá-la?... Era necessário roubar... Cometer o mesmo crime que eu havia castigado em meu filho...”

13. *Restinga*: mata de pequeno porte à margem de qualquer curso d'água.

14. *Sanga*: arroio, regato, curso d'água de pequena extensão.

— Altos mistérios de Deus! exclamou Edélia. Eu não quero continuar a ouvir esta história.

— É verdade! E o que vai seguir-se? disse pesaroso Colomim. É ainda muito pior o que vai seguir-se...

— Então não quero ouvir... Arrepiam-se-me as carnes, continuou Edélia.

E levantou-se e saiu por uma porta que comunicava com o resto da casa de seu pai.

— És infeliz, Colomim, disse Almênio, e isto basta para interessar-me a teu respeito, se outro motivo não houvesse. Se o resto de tua história tem de custar-te algumas lágrimas, eu quero poupá-las; não nos contes o resto.

— E bem amargas lágrimas, meu amo, respondeu Colomim. Mas é uma ação expiatória... uma coisa que pode aliviar-me... umedecer este coração tão seco e tão árido como um forno aceso e cheio de brasas encendidas... que me tornar pode à vida, à sensibilidade que morreu em minha alma.

“Eu estava homiziado nos matos e sem sustento, porque se eu entrasse em qualquer casa para pedi-lo denunciar-me-iam à justiça que me perseguia por toda a parte. Via-me obrigado a roubar. Qualquer homem que eu encontrava na estrada punha-o em obrigação de dar-me uma *esmola*, que eu pedia com o arcabuz engatilhado. Quantos ladrões à *cara descoberta* não fazem o mesmo no seio da sociedade e recostados sobre dourados coxins nos palácios dos grandes! Passava um homem, uma tarde, embrulhado em um *poncho*¹⁵ e com um grande chapéu desabado que lhe cobria todo o rosto, pela estrada, montado em um cavalo branco; eu me cheguei a ele e lhe pedi algum dinheiro para comer; sem ameaças falei-lhe, e mesmo com alguma humilhação. O homem não me respondeu e continuou seu caminho. Cruel! lhe bradei eu, assim deixas morrer à fome um peregrino? — Bárbaro filho! Pai desnaturado! me respondeu ele exprobrando-me.

“Esta voz achou um eco horrível em minha alma e quase prostrou-me aos pés de seu cavalo, mas eu tinha me acostumado à altivez e o segundo sentimento que sucedeu ao primeiro, que fora de terror, foi o da vingança. — Um desconhecido insultar-me e não temer que eu... pensei atropeladamente e engatilhei o arcabuz e disparei um tiro sobre o passageiro. Ele soltou um *ai* que eu ouvi e estas palavras últimas: “*meu fi-*

15. *Poncho*: vestimenta quadrangular de pano, quase sempre de lã, com uma abertura no meio para enfiar a cabeça; substitui o capote na lida do campo.

lho." Senti como um raio que me estrangulava o coração, corri a certificar-me... era meu pai... morto."

— Ai! exclamaram todos. Colomim abaixou os olhos e não verteu uma lágrima.

Um minuto de silêncio. Todos se tinham retirado... Só Almênio segurava a cabeça de Colomim que tinha pela primeira vez em sua vida desfalecido. Tornando a si, Colomim olhou para seu jovem amo e chorou.

— É a primeira vez que choro, disse ele. Sinto nisto um alívio imenso. Meu amo, continuou ele, o castigo de Deus está sobre a minha cabeça, mas peço-vos que conteis esta história a alguém que a publique para exemplo dos filhos...¹⁶ Eles não devem desobedecer os pais... Foi uma desobediência única que me arrastou à borda de um mar de crimes. Uma desobediência de filho é uma porta aberta às desgraças de todo o gênero.

A noite se tinha adiantado muito; Almênio seguido de Colomim troteava na estrada atravessando o sombrio da atmosfera que nenhum movimento perturbava.

Naquela sala há pouco ruidosa uma mão havia sorrateira apagado a luz da lâmpada, como uma vontade de Fada.

Este serão terminara desagradavelmente.

— Está bem; me diz muito sério e espantado um dos meus leitores, mas uma coisa eu não posso entender: — Como é que aqui vimos Almênio em casa de Margarida, junto a Edélia, assistindo o serão da família de sua tia, se Francisco disse aí tirar-lhe a vida?

— Então não percebe? respondo eu agora. É isto mesmo o que eu queria, para torná-los confusos e ver se, no entanto, meditam sobre a moralidade que resulta do que eu acabei de escrever. Estes serões são anteriores ao encontro de Almênio com Francisco em casa de Paulo.

— Mas conta-nos assim estes fatos sem colocá-los na devida ordem?

— Sim, meus amigos leitores, foi onde unicamente pude achar um quinhão de originalidade para este meu escrito.

16. Desembarcando na vila de São José do Norte no dia 5 de março de 1843, quando me dirigia, pela primeira vez, de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, um homem me apareceu e me perguntou se eu era um tal Valle que compunha poesias. Ri-me com a singularidade da pergunta e respondi-lhe afirmativamente. — Pois aqui lhe dou este presente, disse dando-me um papel e desaparecendo ligeiramente. Abri-o e achei escritos nele os fatos que me serviram de argumento a este episódio. (Nota do Autor)

Na noite seguinte as mesmas pessoas, menos Colomim, estavam reunidas na mesma sala baixa e esclarecida pela escassez da luz da lâmpada. O vento sibilava horrivelmente na cumeada e o clarão dos relâmpagos devassava o interior do edifício através de algumas fendas praticadas no telhado; o raio, isto é, a matéria elétrica, propagava-se de nuvem em nuvem com rapidez incrível e, às vezes, baixava à superfície da terra e deixava um traço sensível aqui ou ali. Como o habitante das regiões polares, eles estavam tranqüilos no meio da tempestade.

Susana, como na noite precedente, presidia com gravidade esta assembléia doméstica. Ela tomou a palavra e disse:

“— João, que se não resolvia a procurar Bernardo e Maria, uma manhã de um domingo anterior ao Natal recebeu uma carta em que eles lhe participavam que iam casar-se e o convidavam a abençoar esta união. João alegrou-se, preparou sua família e partiu para casa deles. Chegando perto da habitação que lhe haviam indicado, à boca da noite, viu um clarão muito grande... Era um incêndio... Uma partida de soldados o cercava. — Onde é a casa de Bernardo? perguntou-lhes João. Os soldados o olharam espantados e o interrogaram: — Procurais um assassino!?... — Como? Eu procuro meu filho, respondeu João. Os soldados, então, compadecidos da surpresa do velho e do resto da família, contaram o que ontem ouvistes da própria boca de Bernardo...”

— Quem nos contou foi Colomim, disse Aníbal.

— É uma e a mesma coisa; Colomim é Bernardo e Bernardo é Colomim; quando se viu perseguido, mudou de nome.

“— E acrescentaram que, havendo toda a família desaparecido, eles haviam entregado a casa às chamas.

“— Imprudente! — Foi a primeira exclamação do velho e depois chorou amargamente. Voltando à sua casa ele pensou em salvar seu filho e abandonou todos os trabalhos dos campos para o procurar e achar-lhe um asilo seguro. Encontrou-o, infelizmente, em uma estrada e vós o sabeis... Depois Bernardo, atormentado do remorso, atravessou a *Campanha*¹⁷ e foi alistar-se como soldado debaixo do estandarte da nação e ser-

17. *Campanha*: a região baixa do Rio Grande do Sul, entre a serra e o mar, formada por vastos campos onde se exerce a atividade agropastoril por excelência.

viu sob o comando do coronel Bento Manoel Ribeiro¹⁸. Debalde buscava a morte nas batalhas; era intrépido e triunfava sempre. Ele foi um daqueles que acompanharam o coronel Bento Gonçalves da Silva¹⁹, quando em 20 de setembro de 1835 se apoderou da Capital desta Província."

— E Maria? perguntou Edélia.

— Oh! Maria, esta já pagou com a morte todos os seus crimes; cada lágrima de João, o seu benfeitor, ela expiou com um *ai* de sofrimento.

— Coitadinha! E o que lhe aconteceu? perguntou Edélia.

— Não vos lembrais, minha filha, disse Susana, daquela mulher magra e pálida que esteve em nossa casa quando éreis pequenina?

— Maria! É verdade. Era essa? perguntou Edélia.

— Sim, minha filha, respondeu Susana, era esta mesma.

— Edélia, minha irmã! bradaram os dois meninos, conta-nos o que foi de Maria.

— Eu era ainda pequenina, disse Edélia, tu Acácio estavas no colo e tu Aníbal ainda não tinhas nascido. Uma tarde de verão eu e nossa mãe andávamos passeando na estrada fronteira à porteira do curral quando vimos uma mulher que para nós se dirigia. Ela se chegou e nos saudou vergonhosa: "Uma esmola pelo amor de Deus para dar de comer a meu filho", disse-nos ela abraçando um menino que trazia pela mão. "— Minha amiga, lhe respondeu nossa mãe, em nossa terra não se pedem esmolas, imploram-se socorros mútuos; eu tenho um teto cuja guarda me foi confiada pelo Senhor nosso Deus, tenho também algumas terras que produzem o alimento de cada dia e que igualmente estão debaixo de minha guarda. Se disto quiserdes eu vos pagarei um tributo que devo à Providência de Deus." A pobre mulher nada disse e principiou a chorar. Nós a conduzimos com seu filho para esta mesma casa e aqui viveu até que deu a alma

18. Bento Manoel Ribeiro (1783-1855). Marechal-de-Campo do Império; um dos vultos mais eminentes do exército brasileiro, participou de todas as campanhas no sul do país de 1801 a 1851. Embora tenha apoiado inicialmente a revolução de 1835, passou ao lado legalista sob as ordens de Caxias.

19. Bento Gonçalves da Silva (1768-1847). Chefe Militar, participou de todas as lutas no sul do país desde a Campanha Cisplatina (1811). Deputado à Assembléia Provincial. Chefio o movimento revolucionário e separatista irrompido no Rio Grande do Sul a 20 de setembro de 1875. Foi eleito Presidente da República de Piratini e designado General-em-Chefe do seu exército.

a seu Criador.”

— Então morreu? perguntou Acácio.

“— Ela aqui viveu, continuou Edélia, mas coitada! Ela não dormia e cada hora era para ela um tormento; de balde eu a afagava e cogitava muitas coisas para distraí-la. Ela ria-se e dizia-me: “Para que te esforças? Edélia, não vês que eu definho em cada dia?” Ela estava tão magra que metia pena ao coração mais insensível. Nada comia, sustentava-se com duas ou três *cuias de mate* por dia. — O que te aconteceu, Maria? perguntei-lhe, um dia, com a indiscrição própria de criança. — Nada, me respondeu ela; se soffro é porque o mereço; ainda não é tanto quanto o devia; eu fui a causa da desgraça de meu pai. E ela se punha a soluçar e repetia algumas vezes: “Meu filho!” Uma manhã eu fui acordá-la, como costumava, para levá-la ao curral a beber leite quente, que lhe tinham receitado para a tosse que ela tinha. Achei-a fria e sem que nada me respondesse; corri a chamar minha mãe; ela veio e disse-me com lágrimas nos olhos: “Está morta.”

— E seu filho? perguntou Aníbal.

“— Uma semana antes de sua morte, continuou Edélia, veio à nossa casa um homem gordo que a chamava de *comadre* e ao menino de *afilhado*, e o levou com permissão de meu pai e de minha mãe. Ela ficou muito contente e eu notei-lhe esta alegria. — É porque ele é muito rico e pode fazer a felicidade de meu filho, disse-me ela muito satisfeita.”

“— Esse homem, disse Susana, era aquele a quem o filho de Bernardo assaltou junto ao *Capão*, aquele que presenciou a morte do primeiro filho de Maria.”

As pessoas a quem eram ocultas as particularidades desta história acharam-na muito interessante e cheia de emoções.

— Há muito tempo que estamos sem ouvir fatos tais, disse Acácio. Coitado do nosso amigo Colomim! Que fim levou ele, meu primo?

— Esta manhã, disse Almênio, saiu de casa. Contaram-me os escravos que ele não quis despedir-se de mim porque não tinha ânimo de deixar-me sem *peão*.

— Coitadinho! exclamou Aníbal.

Susana ficou surpresa e disse entre dentes: “Aquele ingrato deixou-me.” Ela amava Colomim com muita paixão e, se se tinha resolvido a contar a história dele, era porque tinha ciúmes de suas passadas aventuras;

mas agora arrependia-se de o ter feito com todas as forças de sua alma.

Veio um escravo participar que o Sr. Paulo mandava chamar os meninos para cear. Todos se levantaram e ficou adiada a sessão, mas como não havia matéria para a ordem do dia Almênio prometeu contar um caso que há poucos dias acontecera.

No outro dia à hora dada todos estavam reunidos e mais um novo sócio. Este sócio era o Sr. Fontoura, jovem galante, poeta, cheio de graças e que sua vida gastava por casa dos amigos folgazonamente.

“— Era um dia...” principiou Almênio.

— Basta, meu primo, não queremos contos de velhas, disse Acácio sorrindo.

Neste momento apareceu no limiar uma matrona gorda e de um aspecto venerável. Era Margarida. Todos se ergueram como os filhos de Jacó em presença das filhas do neto de Lachor. Ela fez um aceno e todos se assentaram.

— Venha mamãe, disse Aníbal, ouvir a história do primo.

Margarida assentou-se. Feliz por comunicar-se com a mocidade ela tomou uma atitude amiga. Ela era, na verdade, amiga de seus filhos.

Almênio principiou de novo.

“— Era um dia²⁰ em que o sol majestoso corria nos cumes celestes sobre seu carro de fogo açoitando de mais em mais os rápidos *etontes*. Um menino que apenas contava nove anos ligeiro galgava as costas de um cavalo e dirigia-se a este vasto oceano de campo que outrora talvez serviu de leito às salgadas águas do membrudo Atlântico, filho do Céu e de Vesta; sobre ele se balanceava garboso como o *burlantim*²¹ acostumado aos exercícios da ginástica. Este menino apresentava o aspecto de um guerreiro; a admitir-se essa teoria de Pitágoras da *metempsicose*²², dir-se-ia que ele tinha sido Hércules, Jasão ou Ulisses, agora preenchendo um destino menos elevado na escala da sociabilidade, mas de tão nobres feitos como muitos dos praticados por esses nunca esquecidos heróis.”

20. Este fato apareceu escrito no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro de 20 de janeiro de 1847. (Nota do Autor)

21. *Burlantim*: cavaleiro, ator em circo de cavalinhos.

22. *Metempsicose*: teoria da transmigração, segundo a qual uma mesma alma, transportando-se, poderia animar diferentes seres vivos em momentos diversos.

— Estás muito poeta, disse Fontoura rindo-se; este estilo já se não usa; é da antiga escola romântica.

“— Se o víssemos, continuou Almênio, nós que somos Rio-Grandenses compreende-lo-íamos e o respeitáramos; mas um estrangeiro!... Oh! Um estrangeiro não o podia compreender. Ele estava a serviço de um seu parente e, no empenho de recolher-lhe o gado que se derramava na extensão das planícies e matas, esforçava-se com o maior zelo em cumprir a sua missão. Um dia atravessou além dos marcos de divisa do campo de seu amo e penetrou na *estância*²³ de um alemão. Não é isto um crime porque as *possessões* não são valadas nem muradas e dão livre trânsito aos viajadores. Seu fim era recolher ao *rodeio*²⁴ o gado de seu amo, cuja *marca*²⁵ conhecia muito bem. O Alemão estranhou-lhe um ato bem indiferente entre nós que jamais suscitaria uma dúvida entre *estancieiros* da nossa nação. O menino era altivo por natureza, como são os Rio-Grandenses em geral, e exprobrou-lhe a sua grosseria sem razão; ele estava apoiado, ao seu ver, em bases sólidas de justiça, pois buscava aquilo que pertencia a seu amo e que por ele lhe tinha sido confiado; e fora só obedecendo o uso estabelecido que penetrara em campos abertos e invadidos por todos quantos apaziam transitar por eles. O Alemão tinha às suas ordens os peões da *estância* e resolveu castigar este menino; mandou amarrá-lo pois a uma árvore e deu-lhe nove vergalhadas.”

— Infâmia! bradaram todos.

“— O menino, que não podia repelir esta afronta e violência, sofreu-a resignado sem soltar um *ai* nem derramar uma lágrima. — O dia há de chegar da vingança! E há de ser um dia em que tu te arrependers horriavelmente... sem remédio, disse o menino ao Alemão quando o desamarraram. Este último riu-se e zombou da ameaça.”

— E ele vingou-se? Pelo Senhor Bom Jesus de Iguape que eu o faria! bradou entusiasmado Fontoura.

“— Passaram-se nove compridos anos. O menino tornara-se um gigante, um esbelto e formoso jovem de olhos grandes e ativos, de membros bem desenvolvidos, de formas graciosas e sedutoras; em suas feições, po-

23. *Estância*: fazenda de criação.

24. *Rodeio*: lugar no meio do campo de uma estância onde se reúne o gado.

25. *Marca*: emblema de propriedade com o qual o fazendeiro marca, deixando o ferro em brasa, o gado que lhe pertence.

rém, notava-se uma amarga tristeza, como um retraço de uma idéia negra que nos acerba o âmago do coração. Era o acento de sua voz, carregado porém claro e sonoro, que tangia cada uma das fibras daquele que o ouvia. Trajava em completo desalinho que contrastava com a elegância de sua figura, como o homem que desenganado do mundo torna-se misantropo e, desprezando todo o existir da terra, busca só no *espiritualismo* uma esperança que o vitaliza. Uma manhã ele se apresenta em casa do Alemão: — Conheces-me? perguntou ele. Aquele respondeu negativamente. — Pois bem! tornou o jovem, eu sou aquele menino que amarraste naquela árvore e em quem deste nove vergalhadas. Não é verdade que te prometi vingar-me?... Há nove anos! O Alemão ficou frio e mal pôde balbuciar uma desculpa arrancada pelo medo. — Eu te prometi vingar-me, continuou ele com aquela voz vibrante que se assemelhava ao eco dos sepulcros. Se queres defender-te procura a tua espada e seja em campo aberto. O Alemão, reanimado pela lealdade e franqueza do seu inimigo, quis chamar gente em seu socorro. — És fraco!... Mas é necessário, disse-lhe o jovem segurando-o com uma mão de ferro, que eu me vingue, que me vingue da vil traição que comigo praticaste. E cravando-lhe nove facadas o estendeu sem vida sobre o pavimento da sala.”

— Ui! exclamou Margarida. Assassino!

— Sim, senhora, disse Almênio, mas nobre e não maculado.

— Não há nobreza no crime, meu sobrinho, disse Margarida, são coisas bem diferentes entre si.

“— O jovem tinha idéias perfeitas da justiça, disse Almênio, e obedecendo a um impulso interno não se havia em nada afastado dela. Sabia que as leis positivas, de acordo com as naturais, punem aquele que tira a vida de outrem. Ele se apresentou às autoridades do país, aos respectivos Juizes de Paz, como criminoso e, contando-lhes todas as circunstâncias do fato, submeteu-se ao julgamento dos homens.”

— E como foi julgado? perguntou Margarida.

— Deus, sem dúvida, o perdoou, respondeu Almênio.

— Não falo desse julgamento, disse Margarida.

— É o único que pode importar-me, replicou Almênio, porque os outros!... O dos homens é falso como a base que o sustenta... E que importa o pensamento dos homens?!

— Deve importar-nos muito, disse Margarida, e foi sem dúvida o jul-

gamento dos homens que obrigou este menino a praticar uma ação tão má. Ele ficava desonrado aos olhos dos homens e quis lavar essa mancha de desonra... Mas como? Tornando-se criminoso, que é o verdadeiro desonrado, isto é, trocando uma idéia falsa que se extinguiria facilmente com uma real e eterna. Ele foi como o doente imaginário que, para aliviar uma dor que não tinha, aplicou sobre si um cáustico que as produziu verdadeiras.

Almênio calou-se porque achara prudência e autoridade nestas palavras de sua tia, se bem ainda as idéias generosas e romanescas lhe borbulhassem no cérebro. Parecia-lhe virtude uma vingança semelhante e interessava-se sobremaneira por esse jovem que generosamente se fora entregar aos braços dessa senhora — a *justiça* — que tão deslealmente trata os seus clientes.

A vingança é sempre um vício e nunca uma virtude.

Era hora da ceia. Eles foram cear, mas Fontoura prometeu ler depois dela uma *poesia* que havia composto.

Eles voltaram, depois dela, aos seus assentos e Fontoura começou com aquela harmonia imitativa, que caracterizava o cantor das *Bucólicas*, das *Geórgicas* e da *Eneida*²⁶, a recitar seus versos; não eram, é verdade, da têmpera e natureza daquele que fez da língua do Lácio a primeira e mais preciosa para a *poesia*, assim como Cícero a tinha tornado excelente para a *eloquência*, mas tinham, sem dúvida, alguma estima real, principalmente se atendêssemos à carência de estudos e de anos do seu autor, que muito influem na confecção de uma boa obra.

ODE

Medonhas nuvens no Horizonte ofuscam
Do Pai da natureza a luz brilhante,
E em negros turbilhões rolar parecem
Sobre o terráqueo globo.
D'equóreos campos em tumulto vago
Espessas sobem vaporosas chamas,
Rápidos passam nos etéreos cumes
Estrepitosos raios.

26. Referência às três principais obras do poeta latino VIRGILIO (71 a. C.-19 a. C.), notório pela perfeição de seu estilo.

Selvas, campinas, tudo horror infundem:
 Lá solta a Fera os pavorosos uivos,
 Cá busca a ave um protetor abrigo
 Cobrindo implumes filhos!
 Tétrico quadro que terror inspira!
 Falsas idéias só revolve a mente!
 Venha a lira do inferno, e os cantos sejam
 Em funerais acentos.
 "De Jove altivo a insólita vingança,
 E dos mais Deuses rancorosos ódios²⁷,
 Não temo; eu desafio e audaz afronto
 O negro injusto fado.
 Se aos Precitos lavrou-se atroz sentença
 Que tristes sofrem nos tártaros antros;
 Se achas acesas tortuosas serpes
 As Eríneas empunham;
 Se os negros males devastando a terra
 Fazem tremer a rígida virtude;
 Se ao mísero infeliz pesam cadeias
 Para o crime forjadas;
 Tudo é obra de um Deus... Oh Deus injusto!"
 Mas que musa invoquei? Tão feia... Horrível...
 Por serpes adornada a fronte escura...
 Um facho pavoroso?!!

27. Os pagãos materializavam tanto os seus Deuses e paralelizavam tanto as suas ações pelas dos homens que, à primeira vista, qualquer Espírito filósofo bem desenvolvido repugnava admitir divindades de tais naturezas. Parece-nos mais um parto da corrupção dos povos essa teoria politeísta do que uma conclusão bem tirada das leis que presidem o encadeamento das peças desta maravilhosa máquina a que chamamos — Universo. Nas antigas poesias e mesmo nas modernas, que seguem a escola de Horácio, vemos figurar esses Deuses sem número, que mais lisongeavam as paixões dos homens do que os ensinavam e os excitavam à virtude. A Teologia — *Scientia, quae ex principiis revelatis varias deducit conclusiones, tam de Deo, quam de iis a Deo quoquo modo spectant* — nos ensina que, de todas as religiões que têm regido a parte moral da sociedade, só a Cristã apresenta uma divindade absoluta — uma causa das causas — um Ser Onisciente que harmoniza toda a existência *et possibilis et impossibilis*. (Nota do Autor)

Não! Não, negra mulher, de mim te alongues!

Não posso acreditar que te invocasse

Se tu, qual me apareces, vives sempre

Afasta-te apressada.

Ah! Já de mim fugiu! Treme-me a destra

Rouquenha lira por meus pés se esmaga;

E de Apolo a dourada me apresenta

Calíope serena.

Co' o verde louro que cingiu na frente

Acena-me risonha e me convida

A seu Pai entoar cânticos puros

Em voz altissonante.

Venha a Musa do Céu! Puros acentos

Do puro coração só devotado

Às mais sagradas leis que Jove ordena

Ecoe lá no Olimpo.

"É Jove paternal propício sempre

À humana raça que incessante o adora;

São decretos os seus justos e retos

De sã sabedoria.

Os mais Numes tributam reverência

A seu grande poder que bem dirige;

Todos, sem exceção, jamais se eximem

De ante ele se curvarem.

Seu raio vingador fulmina o crime

Que nunca fomentou; mil bens esparge

No nobre coração do fraco humano

Que à virtude se presta.

Do Universo pertence-lhe áureo Trono;

Disputá-lo não pode algum dos Numes:

Receba como tal pois dos meus votos.

O voto mais sincero."

Estrondosos *bravos* se ouviram e verdadeira satisfação transluziu no rosto do poeta.

— Quer glosar um mote que conservo há muito tempo? perguntou

Edélia, dirigindo-se a Fontoura.

— Sim, minha senhora, respondeu Fontoura.

— Ei-lo, disse recitando Edélia:

MOTE

*Quantas vezes não pensa o desgraçado,
Em seus transes fatais, na morte crua.*

— É, na verdade, muito expressivo, observou Fontoura, e dar-me-á talvez muito trabalho.

Ele levantou-se, bateu na testa algumas vezes enquanto passeava e depois recitou a seguinte

GLOSA

No horror da campa o eco prolongado
Das misérias do mundo acaba e finda,
E dela além na vida al e porvinda
Quantas vezes não pensa o desgraçado;
Co'o peito opresso e de gemer cansado,
Rígida a alma e de prazeres nua,
Sem lágrimas tostada a face sua,
Como espectro ambulante entre os moimentos²⁸
Lenir procura do pungir tormentos,
Em seus transes fatais, na morte crua.

A satisfação inundou todos os rostos pela prontidão da glosa: é muito bom saber improvisar. Um poeta é a verdadeira antítese das infelicidades do mundo, é o único que sabe o que é o prazer, o único que o sorve em toda a sua extensão. Se ambiciona dinheiro, ele gera em sua mente tesouros incalculáveis, descreve-os e lhes dá o tipo de realidade e enfim goza-os; se ambiciona a glória... quem melhor pode alcançá-la? E sem maculá-la com o sangue nem as lágrimas dos infelizes. Se ama... Oh! Amar é a existência do poeta! como se pode sê-lo sem ter todos os sentimentos brandos, e demais...

28. Sepulcros. (Nota do Autor)

Dadas aos vates as formosas ninfas
Formosas ninfas pertencer-lhes devem.

Nunca serão algum da província do Rio Grande do Sul foi mais completamente desejado, mais completamente satisfeito do que este. Fontoura era a alma das sociedades domésticas e familiares, assim como o era também de todos os *pagodes*²⁹. A noite se tinha adiantado insensivelmente e as etiquetas de família ordenavam que Fontoura se retirasse porque não morava longe; mister era obedecer a este dever; quando ele o manifestou todos ficaram tristes, mas o deixaram sair com a condição de voltar no seguinte dia. Almênio o acompanhou e ambos foram silenciosos atravessando a estrada inundada de luz pela branca lua que a pouco e pouco, descrevendo seu ciclo, mostrava-se aos sombrios olhos do viajador bela e majestosa deitada sobre o regaço de uma nuvem, como antigamente, nos rochedos sendo, *Diana* se espreguiçava sobre o colo do formoso Endimião na gruta cara a seus amores sem a vista temer dos pegureiros. Separaram-se e cada um tomou o caminho de sua habitação.

Na próxima noite todos estavam alegres esperando que Fontoura contasse uma historieta que diziam ter ele contado em várias outras reuniões. Margarida e Paulo eram do número dos ouvintes. Fontoura tomou um ar sério e enternecido e começou.

“— Perto de uma floresta espessa e extensa, junto à Serra dos Tapes, via-se há alguns anos uma casinha sempre branca cercada de um bosquezinho de laranjeiras. Quem por aí passava e apeando-se a demandava achava nela um hospitalidade benfazeja que faria inveja entre o povo mais ilustrado da terra. Eu aí fui uma vez quando em minhas viagens ao Estado Oriental do Uruguai tive de demorar-me e prover-me dos misteres necessários para atravessar a Campanha na cidade de Pelotas. A encosta da serra verde-negra apresentava um verde-claro como um bem preparado esmalte que iludia e seduzia a vista desapercibida do viajor. O sol ia deitar-se nas sombras do mato e algumas pisadas rubras sobre as nuvens diáfanas ainda assinalavam a marcha do prolífico planeta na região imedida do Firmamento. Eu ia meio deitado sobre os arreios de meu cavalo, pensando em minhas transações comerciais, na quantidade que traria de gado para vender nas charqueadas e nas vantagens que me sorriam para o

29. *Pagode*: pândega, folia.

futuro, quando vi diante de mim, a trinta passos, essa casinha. À sua porta estava sentada uma mulher não muito moça, mas para quem ainda não pesara a foice do tempo, tendo deitado sobre o seu regaço um homem que parecia adormecido. Eram ambos indígenas; eu os distingui bem, apesar da escuridão que rápida estendia suas asas sobre os campos. Quando eu me aproximei — Kajururá, disse a mulher, levanta-te que aí vem um passageiro. Ele se levantou vagaroso, olhou-me e disse-me: — Pode chegar. Tinha apenas de transpor uma pequena porteira. Apeei-me e em breve me achei com eles. Verdadeira alegria aparecia em seus rostos ao entrar em sua casa iluminada por uma candeia que lançava grande quantidade de luz, como um farol que guia o viandante errante na superfície dos mares tormentosos. — Sentai-vos, senhor, disse-me o homem a quem a mulher chamara de Kajururá. Eu obedeci maquinalmente porque este nome me despertara uma multidão de idéias; — Conquista e Liberdade — eram duas coisas que me pareciam estar associadas a este nome que ouvira nestes ermos e quando menos o pensava; todavia eu ainda não podia acreditar. — Será este o horrível chefe das invencíveis hordas dos *minuanos*³⁰, aquele que jamais a arma do estrangeiro conquistador pôde vencer e menos destruir, aquele que zombou por tantos anos das forças reunidas de Portugal e Castela? Mas, nestes lugares, perto de uma cidade de cristãos e de filhos de portugueses? Eu me absorvi em um mar de dúvidas, por algum tempo durante o qual os dois habitantes da casa me fizeram algumas perguntas a que não respondi; depois olhei para as alfaias que a adornavam e vi dois grandes carcazes prenhes de flechas pendurados na parede por grossas cordas de embira, uma carabina presa a um prego pelo gatilho, uma espada, duas pistolas, um arco, um laço, umas bolas e alguns rebenques estavam também pendurados em diversas posições pelas paredes, uma mesa velha de cedro queimada em várias partes tinha em cima de si uma cuia de mate e dois boiões tapados com pires, e sete cadeiras de pau e três caixas compunham a mobília campestre dessa resumida habitação. Em cima de uma das caixas estava a candeia onde ardia um longo e volumoso pavio impregnado de gordura de potro. O resto da casa compunha-se de uma sala de jantar, onde estavam espalhados os arreios e ape-

30. *Minuano*: tribo de índios, habitantes do sudoeste do Rio Grande do Sul em data anterior à colonização.

ros de cavalos, e de três quartos, cada um com seu catre e uma ou duas cadeiras de sola.

“Era nesta habitação que, como eu disse, o viajor encontrava sempre uma fiel guarida.

“— Sois vós o bravo, o guapo e invencível Kajururá? perguntei-lhe eu levantando-me e depois de alguma meditação.

“— O estrangeiro não vem debaixo do meu teto interrogar-me, respondeu-me carregando o sobrolho e com olhar descontente.

“— Mas eu não sou estrangeiro, tornei-lhe surpreso.

“— Então! Não sois estrangeiro? Não sois filho dos algozes de minha tribo e dos meus conterrâneos? perguntou-me indeciso. Não sois, porventura, dessa raça de conquistadores malvintos aos campos vastos de meu pai?

“— Não sei, respondi, eu neto sou dos Portugueses; mas quem foram vossos primeiros pais? Foram eles sempre Americanos? E se o não foram, não vieram usurpar uma terra que não era deles?

“Enquanto eu assim falava, a mulher abanou a cabeça três vezes em sinal de aprovação. O homem demorou-se em pé sem dizer-me palavra alguma, mas ao fim dirigiu-se para o meu lado e disse-me:

“— Tendes razão, patrício; sois na verdade um guapo falador; se fores tão bom soldado como sois manejador de língua, estamos bem e sere-mos amigos. Ouvistes alguma vez falar em meu nome, prosseguiu ele, no nome deste velho índio que agora para nada presta?

“— Sim, amigo, respondi, muitas vezes meu pai me contou vossas façanhas.

“— Oh! Noutros tempos! Eu era um guerreiro bom e que não tinha medo, era guapo como um potro; bem vezes fiz em pedaços as cabeças dos conquistadores.

“A mulher encostou-se à mesa de cedro e deixou cair a cabeça entre os cotovelos; lágrimas lhe saltaram dos olhos.

“— Não chores, Balcaí, disse Kajururá, sempre hás de vir com lágrimas desmanchar o prazer que me causam as saudades desses outros tempos! Esquece-te de teu passado para só cuidares em mim.

“— Em ti só cuido, respondeu ela, para ti só vivo, o amor que te tenho é ainda aquele mesmo que tive na primeira vez que te vi.

“— E mesmo assim tão velho? perguntou ele.

“— O teu espírito nunca envelhecerá e é esse que eu adoro, respondeu ela.

“— Gostais de ver este amor tão firme? perguntou-me apostrofando o guerreiro Kajururá.

“— Sim, bravo guerreiro, lhe respondi.

“— Foi esta menina quem me fez largar as armas e, se não submeter-me ao cruel conquistador, ao menos ceder-lhe uma paz que lhe assegurou o domínio de nossa terra, disse-me Kajururá, olhando a sua companheira com ternura e interesse.

“Neste momento entrou um pequeno *chiru*³¹ com uma gamela de pau e a pôs a meus pés e poucos instantes depois entrou outro com água em um grande e bojudo porongo; preparado aquele apresto, lavaram-me os pés e isto mesmo fizeram ao guerreiro e à sua mulher. No entanto tinha entrado na sala uma *chiru* velha e tinha posto sobre a mesa carcomida um queijo, alguns *beijus*³² e uma chicolateira³³ de folha de flandres; fez mate e veio trazer-me a cuia.

“— *Tupá!* exclamou o guerreiro. Trazei *churrasco* que ele veio de longe.

“— Poderei apenas tomar esta cuia, lhe respondi.

“— Comei, me disse, que eu quero contar-vos a minha vida.

“Anuí ao pedido porque desejava ouvir da própria boca deste horrível Capitão as suas façanhas e sanguinosas ações, que me contara meu pai. Depois de comido o gorduroso *churrasco* e de bebido o *chimarrão*, nos recostamos sobre as caixas e ele começou:

“— Meu pai era o cacique dos *Minuanos* e dos *Tapes* no princípio da conquista; aliado dos Guaranis e Charruas, ele dominava estas vastas campanhas que ficam para cá de Camaquã e as da banda de lá do Jacuí com todos os campos que hoje chamam *Missioneiros*. Terrível inimigo dos conquistadores, ele fazia servir-se a bebida em seus festins por um crânio de um oficial português que matara com as próprias mãos. Morreu porém em um combate que deu junto ao *Ibirapuitã* contra uma partida espanhola. Eu herdei-lhe a coragem. Fui ainda muito *Colomim*³⁴ um

31. *Chiru*: caboclo, moreno carregado, com traços fortes de indígena.

32. *Beiju*: bolo de massa de mandioca.

33. *Chicolateira*: é o mesmo que chicolateira, mas com a exclusiva finalidade de ferver a água para o preparo do mate.

34. Na língua guarani quer dizer — moço, rapaz. (Nota do Autor)

bravo e guapo caudilho das minhas hordas. Que tempos venturosos e alegres! Eu então não tinha necessidade duma casa e destas roupas que me incomodam muito no verão! Deitado sobre o cavalo ou sobre o muito elegante lhama das cordilheiras empinadas dos Andes, eu vivia uma vida errante, vária e cheia de liberdade; meus guerreiros eram meus amigos, éramos todos irmãos, o *meu* e o *teu* não vinha martelar-nos o ouvido e espalhar a miséria entre nossas irmãs. Elas corriam pelos campos sem que o pudor lhes maculasse o rosto, livres e felizes elas não eram constrangidas ao crime porque o não conheciam. Uma coisa só poderia desgostarme: era a guerra; mas acostumado com meu pai eu tinha feito dela o meu elemento. Tive de pelear por quarenta anos sem interrupção, durante os quais milhares de cabeças caíram aos golpes de minha espada e muitos peitos foram atravessados pelas envenenadas pontas de minhas flechas. Muitas cabeças...

“Balcaí começou a soluçar, suas lágrimas corriam em borbotões de seus dois bonitos olhos.

— Já então, continuou distraíndo-se o guerreiro, os padres da Companhia tinham fundado suas missões em terras nossas. Eu tinha querido afastá-los, mas uma mão invisível me havia impellido a deixá-los em liberdade pregar a lei do seu Deus. *Tupá*, o Deus antigo da nossa terra, parecia retirar-se diante deles e obedecer a um poder superior. Eu soube que eles ensinavam muitas coisas que serviam para melhorar a sorte da gente. Resolvi-me a ir aprender suas lições; disfarcei-me, deixei meus companheiros emboscados em um capão perto e entrei na missão de São Borja³⁵. Suas palavras eram palavras de consolação; eu as ouvi com gosto e fui um discípulo pronto e assíduo; ninguém me perguntava quem eu era e já por fim vivia com tanta familiaridade que parecia um dos homens das missões. Uma vez ao retirar-me para os meus vi, na ponta de uma restinga, uma encantadora menina que se ocupava em lavar em um arroio que límpido deixava filtrar suas águas por uma areia ruiva e buliçosa. Ela

35. Vila de São Borja, outrora missão, fundada em 1690, está na lat. 28° 39' 51", long. 58° 15' 58", uma légua aquém da margem esquerda do Uruguai. Os edifícios de instrução e religiosos fundados pelos padres da Companhia de Jesus estão em ruína. Na margem do Uruguai há uma povoação chamada — do Passo de São Borja — onde temos uma alfândega que concorre ao aumento das rendas provinciais do Rio Grande de São Pedro do Sul. (Nota do Autor)

era diligente, vestida à maneira dos cristãos deixava cair seus lustrosos cabelos entrelaçados de flores dos campos sobre suas costas. Tinha um olhar! Como o luzir do raio em noite de tormenta. Eu me aproximei dela e lhe perguntei se me queria acompanhar para fazer a felicidade de minha vida: vi-a surpresa e assomar-lhe ao rosto um ligeiro vermelho como a cor da semente da romã. — Seguir-vos? me perguntou; aonde? — À minha tenda, lhe respondi, à morada do cacique dos Minuanos e Tapes. E eu lhe contei quem era e o que podia para fazê-la feliz. — Talvez meu pai não queira, me disse ela, ele já é Cristão. — Vejamos, lhe tornei. E ambos fomos demandá-lo e relatar-lhe os nossos pensamentos. O velho tornou-se sombrio, mas disse-me que com isto muito se alegrava. Desde esse dia a gramática foi para mim confusa, a língua portuguesa mal sonante e dura aos meus ouvidos e as orações difíceis de decorar... Numa só coisa ainda achava encantos nas missões, era na música do coro da Igreja, porque Balcaí juntava o melodioso de sua voz argentina com o harmonioso som do órgão. Eu tive, por alguns meses, uma vida de anjo junto à minha amada e engraçada Balcaí, durante os quais seu pai me convidou a abjurar a lei de *Tupá*, do nosso grande Deus que por tantos séculos dera a caça, a fruta e o mel para alimentos de meu pai e de meus avós. O pai de Balcaí sempre recebeu, porém, de mim uma formal recusa a este seu convite. — Não te darei minha filha, me disse ele um dia, se te não fizeres Cristão, e mesmo porque a lei do nosso Deus assim o ordena. — É bem injusto o Deus que proíbe os desejos naturais dos homens, lhe tornei eu amargurado; não quero mais que cumprir uma vontade que tive sem esforço nem força externa. Estas minhas palavras o desagradaram e nos retiramos zangados um com o outro. No dia seguinte me apresentei à hora do Colégio e Balcaí me disse que eu me retirasse porque me queriam prender; zombei da notícia e deixei-me ficar como costumava; passei o dia alegremente ao lado de Balcaí que vinte vezes me instou para que eu saísse da missão antes de tocar a anjos; ia retirar-me seriam oito horas quando me vi cercado em uma varzeazinha perto da povoação por mais de cinquenta homens armados de trabucos; era asneira e uma temeridade vã o resistir-lhes; deixei-me amarrar e mesmo espancar resignado e quatro dos mais fortes me conduziram liado de mãos e pés a um subterrâneo vasto mas úmido debaixo das lajes do pavimento do claustro, onde fui conservado por alguns dias, até que os meus bravos, sentindo uma falta tão longa de minha

presença, atacaram a missão não poupando uma só vida dos meus algózes, e eu fui solto pelos Jesuítas entre o estrondo e o bater das palmas dos meus que se alegraram ao ver-me restituído ao seu seio. Meu primeiro cuidado foi saber de Balcaí, quando me vi livre, e exigi dos Jesuítas a entrega dela; eles me a entregaram pálida, abatida e submergida em pranto. .. Seu pai havia sido atravessado pelas flechas dos meus, porque ele fora quem me havia denunciado aos Padres.

“— Ai! exclamou a pobre mulher; e eu a vi, cambaleando, segurar-se às costas de uma cadeira para não cair.

“— Há muitos anos isto se passou, me disse o guerreiro, e esta pobre mulher parece ter sempre presente e adiante dos olhos esta cena. E, fitando nela um olhar de compaixão, continuou:

“— O prazer de ver a meu lado esta menina dos meus olhos... então era uma menina elegante, bela e inocente, saltava como os terneirinhos livres nos campos em volta de suas mães... me havia feito esquecer todos os passados males, me havia tornado de austero e soberbo chefe em condescendente e afagador amante. Os Padres souberam da mudança do meu caráter e mandaram propor-me condições vantajosas para a civilização do meu povo... Entabulei negociações finalmente com os usurpadores de minha pátria. Balcaí, que já então era Cristã, muito me concitou a aceitar como Deus único o Deus dos Padres e o seu Deus... Não quis porém anuir de leve... eu, que pensava que uma mudança de religião comprometeria a felicidade e liberdade da pátria que me haviam legado os meus avós... Assim foi quanto a mim. Balcaí tinha lançado de seu ventre um filho das minhas ternuras; com quatro meses de nascido foi atacado da horrível epidemia das bexigas... Eu quase enlouqueci... Foram chamados todos os *curandeiros* que na serra se empregavam em herborizar, mas não puderam salvá-lo; a enfermidade continuava com cada vez mais mau caráter. — Batiza-o e ele ficará bom, dizia-me Balcaí dominada de uma fé inconcebível. Eu me propus a satisfazê-la, mais levado pelo desespero do que pela convicção de o salvar. Foi com efeito batizado e, no dia imediato, a crise tinha desaparecido e o sorriso da inocência lhe aparecia sobre os ainda pálidos beijos. Milagre! bradou o Jesuíta que tinha ministrado o sacramento ao ver este fato: Deus vos manda um anúncio chamando-vos ao seio da Igreja. E daí a três dias era Cristão... Minhas armas caíram quebradas debaixo dos meus pés... A corda do meu arco estalou sobre um tron-

co seco e carcomido de uma floresta solitária... Meus companheiros abandonaram-me horrorizados e se dispersaram nos matos inacessíveis e sombrios onde pé humano jamais havia trilhado... Deixei de ser rei para tornar-me escravo!...

“E estas últimas palavras foram pronunciadas com um som rouco e medonho; eu estremei e ele não pôde dizer mais uma palavra. No outro dia, aos primeiros albores da manhã, montei a cavalo e despedi-me da velha *chiru* porque ninguém mais me apareceu. As palavras do guerreiro ainda hoje parecem penetrar as cavidades das minhas orelhas e produzir em meus músculos estranhos estremecimentos.”

— Na verdade, disse Paulo, é muito interessante esta historietta; qualquer Estadista que sobre ela refletisse tiraria uma lição proveitosa; vede, meus filhos, que uma *reforma* repentina acarreta a destruição de um povo inteiro ainda o mais numeroso e bem regido da terra. Kajururá era de todos os caciques brasileiros o único que podia suspender o curso das vitórias dos portugueses e destruir seus planos de conquista, mas uma só mudança em seu estado de vida, uma só *reforma* em sua mente, transformou toda a esperança dos filhos dos indígenas e apagou o luzeiro brilhante da nossa pátria.

O *serão* terminou-se com esta reflexão de Paulo e com grande pesar de Edélia passaram-se os frios dos últimos dias de Julho, os ventos sopradores de Agosto e Setembro e as cheias do mês de Outubro sem que se tornassem a repetir em casa estas cenas de família, agradáveis e que facilmente não podem ser descritas. Edélia retornou, então, a seus hábitos e às suas ocupações diárias de *caridade*. Ela se levantava todas as manhãs para correr ao leito do infeliz onde a dor o retinha e seu hálito secava as lágrimas como o calor do sol seca o rocío da noite que goteja sobre as folhas da planta desolada do deserto; sua mão benfazeja acariciava a viúva, guiava o desvalido e cobria as faces do órfão inocente; seu seio era um seio materno onde voavam as esperanças da pobreza e da velhice; o seu sorriso era o raiar de uma aurora nos empinados montes das terras polares, cuja atmosfera se envolvera em trevas por meio ano, que trazendo a luz dá nova vida aos seres organizados que aí estavam condenados à *hibernação*. Haverá ofício mais meritório que o de fazer o bem?! O estado inativo em que se submergem muitos membros da sociedade humana os torna desgraçados e cegos ao estado de miséria do próximo: não é bastante

o não fazer mal; é necessário também procurar todas as ocasiões possíveis de fazer a maior porção de bem que pudermos. Edélia achava sempre um desgraçado a quem prestasse um serviço, achava sempre uma chaga roedora do infortúnio sobre a qual derramasse um pouco do bálsamo de sua candura e amor dos desvalidos. Quantas lágrimas não pode fazer uma verdadeira consolação deixar de banhar o rosto daquele que sofre. E que milhares de sensações vivificantes não adoçam o existir de quem faz o bem e assim se aproxima dos altares de Deus.

Uma dessas grandes desgraças que afligem a humanidade inteira, isto é, uma epidemia, com carrancuda fronte devassava o interior das famílias e ceifava uma a uma as vidas que encontrava. Cada um dos tetos dos infeccionados nos contornos de Belém viu a diligente, a benfeitora, a encantadora Edélia; ela adormecia sobre o leito dos mortos para velar sobre os que ainda viviam.

Debaixo de um desses tetos Edélia viu Francisco e amou-o...

Almênio tinha embalde empregado todos os meios para conseguir a afeição de sua prima, daquela que todo mundo designava com o nome de DIVINA PASTORA.



A
DIVINA PASTORA

NOVELLA RIO-GRANDENSE

POR

José Antonio do Valle

Cantando a virtude
Na terra natal,
Sorri-me o prazer,
De não fuger o mal.

TOMO II.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE F. M. FERREIRA,
Rua do Sabão, 117.

1847.

PARTE QUINTA

A MUDANÇA

Sobre o plano cabeço de um morro, cercado de muitos outros alcantilados e vestidos de um escasso tecido verde-amarelado, no município de Porto Alegre, para o lado de Itapoã e perto das margens do plácido Guaíba, vê-se uma povoação circular tendo em sua circunferência uma modesta igreja e em seu centro uma anosa e secular Figueira brava. É o Curato de Belém¹. Suas casas são baixas e insignificantes e singularidade alguma se registra nos anais de sua história. Quase tão antiga como a cidade de Porto Alegre, ela não tem dado um passo para o progresso; estacionária, parece regida unicamente pela mão da indolência. Nada ali atrai a curiosidade do viandante desapercibido e, a não ser algum devoto de Nossa Senhora de Belém que lá vai cumprir uma piedosa promessa, ninguém mais visita este lugarejo humilde. Resta porém confessar uma verdade; e é que se todos que ali tem ido tivessem subido ao alto dessa Figueira e visto os campos do Viamão,

Soberba região, rival do Elíseo!
Onde mais belo o Sol qu'em qualquer parte
A terra converteu n'um Céu dourado
D'êxtases puros, de magia todo.

1. *Belém velho*, situado na zona sul de Porto Alegre, não difere muito, nos dias atuais, da descrição oferecida por Caldre e Fião. O cenário manteve-se quase inalterado, inclusive em suas características rurais. Sua origem retroage a 1824, ano em que um pequeno grupo de fiéis resolve erguer uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora de Belém. A primitiva capela desapareceu, erigindo-se em seu lugar sucessivas reconstruções, mas é a ela que o texto ainda se refere.

e visto as águas meio azuladas da possante *Lagoa dos Patos*,

Onde as ondas brincando se atropelam
 Nas flóreas margens que a beijar se esforçam
 Nos dias de bonança.
 Raivosa e mui cruel entr'as tormentas,
 De morte pune o ousado
 Que a afrontá-la se expõe nas iras suas.

e visto mesmo esses morros sombrios e despidos da vegetação gigantesca dos trópicos e esses vales profundos e escuros onde só se ouve o surdo murmúrio das águas e dos ventos ali levados de quebrada em quebrada pelo respirar do Anjo das tormentas,

Maravilhas, portentos da natura
 Coevas da existência... ao contemplá-las
 Do sábio a mente se confunde em caos,
 Tenebroso mistério que rasgá-lo
 Não cabe ao homem... Só a Deus pertence!

teriam, sem dúvida, mudado de juízo e concorrido ao aumento da população deste infeliz curato. E quem sabe se as águas do Guaíba não se tornariam mais doces e não receberiam em seu seio inúmeras e incalculáveis riquezas!? Os campos de Viamão em que ele está assentado são férteis, agradáveis e próprios à cultura européia; ali se dão todos os frutos do meio-dia da Europa². Em derredor das habitações rurais, vêem-se vastos e frondosos bosques, filhos da cultura de seus habitantes, onde se notam os famosos pomos dourados do jardim das Hispérides e mil outros frutos sucosos e nutrientes; o chão está coberto da feculosa planta que os nossos indígenas chamam *mandioca* e que hoje se tem tornado uma necessidade para o sustento das baixas classes no Brasil. Uma chácara nestes sítios pode tornar-se uma mansão de delícias e oferecer a uma família honesta e econômica todos os cômodos precisos à felicidade, sem que custoso

2. O Autor refere-se ao *Midi*, isto é, a zona de abrangência das regiões meridionais da Europa.

suor seja derramado e sem custo de lágrimas. À vista do que digo, o Curato de Belém deveria necessariamente gozar o doce influxo de tanta fertilidade e ser uma das melhores povoações da província, mas não é assim; um mau fado preside seus destinos.

Uma manhã festiva em que os horizontes se ataviavam de púrpura e de ouro para, com a Aurora, receberem entre risos de amor o soberbo Rei do dia, o Curato de Belém se acordou também adornado de galas, festejando alegremente um grande número de hóspedes que enchiam suas habitações então risonhas. Debaixo da secular Figueira viam-se algumas carretas e muito povo atravessava de um para outro lado a sua praça circular. Dir-se-ia que um grande acontecimento animava toda esta gente. Era o dia em que festejava a graça da Virgem imaculada do pecado original, o dia da festa de Nossa Senhora de Belém. Vendo esta povoação assim tão alegrezinha mas tão pequenina, lembrar-nos-íamos da profecia de Miquéias, Cap. 5º, § 2. — *E tu Belém — Efrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá, mas é de ti que me há de sair aquele que há de reinar em Israel, e cuja geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade.* E suporíamos achar ali a redenção dos homens. O sino havia repicado alegremente, anunciando esta festividade anual, para a qual afluíam todos os fregueses da paróquia e ainda alguns curiosos ávidos das insípidas festas da roça.

À porta de uma das melhores casas da povoação estava uma carretinha de luxo pintada com muito bom gosto.

— De quem é esta carretinha perguntou uma negra gorda que passava pela frente da casa a um Caboclo que estava sentado no *cabeçalho* da mesma carretinha.

— Do Sr. Capitão Francisco, respondeu o Caboclo.

— Capitão Francisco! disse admirada a negra.

— Sim; do homem mais rico que há de Mostardas até Porto Alegre, disse o Caboclo; do homem que com o dinheiro que tem é capaz de comprar o mundo inteiro.

— Capitão Francisco! repetiu a negra ainda mais admirada.

— Sim; e de que se admira você, disse o Caboclo com calma. Será alguma coisa do outro mundo que meu amo seja Capitão?

— Eu não conheço este homem, disse a negra.

— É um ricaço que mora no caminho de Belém, perto do *Passo das*

Cavalhadas, disse o Caboclo.

Neste momento uma voz chamava por Susana.

— Estão me chamando, disse a negra. Eu voltarei para conversarmos.

E ela correu para o lado de onde vinha esta voz sonora, que mui bem conhecia.

A voz era de Edélia. Ela tinha vindo a esta solenidade com a firme tenção de votar suas preces à gloria da Virgem Mãe de Deus, da Consoladora dos aflitos que derrama o bálsamo da caridade sobre o coração dos desgraçados, e prestar seus socorros aos pobres e desvalidos.

— O Sr. Francisco, minha senhora! exclamou Susana.

Edélia ficou surpresa e como influenciada por uma idéia aterradora; sabia que Francisco, depois do duelo que tivera com Almênio, havia obtido a nomeação de capitão de cavalaria das Guardas Nacionais e que havia abandonado sua casa, temendo todos os dias as tramas e traições de seus numerosos inimigos, mas não sabia que ele se tinha aventurado a aparecer em uma reunião onde podia facilmente ser atacado por eles. Temia por sua vida, como a rola teme pela sorte de seus filhos, que vê serem roubados de seu ninho pela mão de um menino travesso.

— Como está ele? Tu viste-o? exclamou ela ansiosa. Como ele tem passado de sua ferida?

— Eu vou saber de tudo isto, disse Susana, querendo sair.

— Não, Susana, disse ela pensando. Vem cá, não saias, nada perguntas: é melhor não querer saber isto, porque se esta gente souber o interesse que tomo por ele há de reparar, há de julgar mal disto... Mas por quê? Não entro eu porventura em todas as casas onde existe a dor para afugentá-la? Hei de deixá-lo então abandonado? À ele! À pessoa que mais adoro neste mundo!

— Sem dúvida, minha senhora, observou Susana, o mundo tem seus caprichos e é preciso sujeitar-nos a eles, visto que estamos em sociedade.

— Mas que me importam estes vãos caprichos?! exclamou Edélia. Susana! Vai chamar um dos meus irmãos, eu quero vê-lo, quero ir à sua casa e, antes da festa, derramar em sua ferida um óleo de consolação.

Susana subiu e Edélia ficou pensativa, murmurando uma ária que lhe era mui favorita.

1^a
 O vil desespero,
 Da saudade a dor,
 São frutos amargos
 Do cruel amor;

2^a
 São tristes efeitos
 Do monstro falaz
 Qu'as setas com jeito
 Extrai do carcaz.

3^a
 Quem livre estiver
 Do férreo grilhão,
 Exulte em prazer
 O seu coração.

4^a
 O vil desespero
 Entranhas corrói,
 A negra saudade
 No peito nos dói.

Susana entrou alguns instantes depois, seguindo o galante Aníbal.

— Vamos, meu irmão, disse Edélia. Vamos visitar o Sr. Francisco.

Meia hora depois Edélia estava à cabeceira do leito de Francisco e com suma habilidade lhe fazia o curativo da ferida. Ao acabar enxugou seu rosto onde se haviam misturado gotas de suor e gotas de lágrimas.

— Vós ferido!... E eu fui a causa indiscreta das dores que hoje sofreis! Se eu tivesse previsto que meu imprudente primo empregaria meios tão indignos para atrair minha afeição, certamente que teria obrado violentamente afastando de minha casa este importuno; dissei-me de viva voz como se passou esse acontecimento.

— Sim, minha senhora, respondeu Francisco. Se o não soubésseis já, eu me absteria de pronunciar seu nome... mas... vosso primo Almênio..., foi ele...

— Covarde! exclamou Edélia.

— Não, minha irmã, acudiu Aníbal. Não, nosso primo não é covarde, eu o sei, e custa-me a crer que ele assim procedesse, porque...

— Cala-te, atalhou Edélia.

E deu-lhe três pancadinhas na cabeça com o leque fechado.

No rosto pálido e desfeito de Francisco assomou um vislumbre de fugitivo rubor que denunciava a vergonha de uma mentira dita e que a franqueza e a inconsideração de uma criança haviam patenteado. A mentira forma a vanguarda de todos os crimes na carreira da vida. Quem mente está apto a praticar todos os pecados contra o próximo e contra Deus.

A conversa ainda continuou por alguns minutos, mas o sino repicou

dando a hora da entrada da missa e Edélia despediu-se de Francisco e saiu. Ao dar alguns passos fora da porta ela encontrou-se frente a frente com um jovem alto e magro, de longos e anelados cabelos louros, de olhos grandes e penetrantes, que entreparou e a observou atento. Ambos se trocaram olhares de desprazer, como se este encontro lhes fosse por demais inoportuno, porém Aníbal se lançou ao colo de seu primo e o cobriu de carícias. Almênio lhas retribuiu generoso e cheio de ternura, deixando escapar uma cálida lágrima que veio apoiar-se em seu lábio inferior, como para lhe impor silêncio de resignação e de sofrimento eterno.

Aníbal reparou nisto e perguntou-lhe, passando uma de suas nevas e delicadas mãozinhas por sobre sua face de carmim:

— O que tem, meu primo?

— Na...da, respondeu Almênio, intercalando com um surdo suspiro as duas sílabas de que se compõe esta palavra.

Depois eles se separaram e Almênio fez uma seca cortesia à sua prima.

A festa havia começado; alguns estraladores e voadores foguetes tinham rebentado nos ares. Almênio entrou na igreja e, apesar de ser dotado de profundo sentimento religioso, contudo não foi à Divindade que dedicou sua atenção, pois estava entregue à ansiedade de ver entrar sua prima. Postado na única porta de entrada ele esperava... E viu com efeito entrar Edélia, apoiando-se ao braço de Francisco ou, antes, sustentando este homem macilento e cadavérico, que desfigurado em suas feições apresentava um aspecto sinistro como a imagem do réprobo influenciado pelo poderio do Anjo das trevas. Isto foi um raio que despedaçou o coração do jovem Almênio. Ele caminhou pensativo para junto da *capela mor* e ajoelhou-se formulando uma oração solene a Deus, cheio desse respeito indefinido que lhe infundira a sólida educação que lhe dera sua boa mãe Mariana.

Antes de acabar a festa Almênio notou, perto de si, dois homens que dirigiam suas vistas a Francisco e Edélia mui repetidas vezes e trocavam entre si algumas palavras; e, aplicando ávida atenção, ouviu o que segue.

— É mais uma vítima, dizia um deles, que aquele monstro tenta imolar à sua lascívia. Coitada e infeliz!... Se eu a conhecesse, a arredaria com sábios conselhos do precipício que a aguarda.

— Não, meu amigo, disse o outro, nós a salvaremos; ainda sangrenta me dói a ferida do coração, aberta por aquele homem indigno, para que eu deixe tão facilmente prosseguir ele em seus danados planos. Sabeis,

sem dúvida alguma, que a Divina Pastora tem jus aos nossos serviços e que devemos salvá-la a custo do nosso sangue.

— Sim, meu amigo, disse o primeiro, esse anjo que sobre a terra espalha os benefícios celestes, e que parece um missionário de Deus, tem jus aos serviços de todo mundo. Se eu a visse, a essa Divina Pastora, morreria feliz e convicto de ter visto sobre a terra a imagem da Divindade.

— Pois bem! A Divina Pastora, a mais caridosa, a mais virtuosa e caridosa de todas as donzelas do Brasil, é aquela mesma, aquela que vedes em iminente perigo de sua ilibada honra.

— Eu marcharei a defendê-la, ainda mesmo aos mais longínquos confins da terra, disse o primeiro; tendes porventura um meio seguro de salvá-la?

— Nós o acharemos, disse o segundo; vós me ajudareis, não é verdade?

— Sim, em tudo quanto não for contrário à maior glória de Deus e da religião.

— E eu serei um dos vossos, disse Almênio aproximando-se dos dois conversadores.

Eles se olharam com desconfiança; pareciam vacilar em vista de um tão inesperado companheiro.

— E eu serei um dos vossos, repetiu Almênio com segurança, porque amo a virtude por si mesma e detesto o abominável vício.

Estas segundas palavras, ditas no tom em que o foram e juntas ao simpático aspecto do desembaraçado jovem, atraíram a atenção dos dois; eles se cruzaram ao mãos em sinal de convênio e amizade. A festa tinha acabado neste instante. Eles saíram e montaram em soberbos e fogosos cavalos, convidando-se ao passeio dos campos. Havia um quarto de hora que eles troteavam em silêncio, como se preparados fossem a uma mortífera *guerrilha*, quando Almênio tomou a palavra.

— Conheceis aquele homem? perguntou ele vagamente.

— Sim, respondeu um deles, é Francisco, o estouvado, o homem mais perverso...

— Pergunto se conheceis a história de sua vida, atalhou Almênio. É só o que me interessa saber.

— Tanto conheço a vida dele como a minha própria, respondeu o outro; e vou contá-la:

“Filho de pais pobres e miseráveis, foi recolhido pela piedade de

um tio meu que lhe havia servido de *padrinho*, antes alguns dias da morte de sua mãe. Era sua mãe uma infeliz mulher que havia sido criada em casa de um caboclo, chamado João, e que tinha sido seduzida por um filho do mesmo; este foi o pai de Francisco. Recolhido, como disse, em casa de meu tio, foi tratado como filho e educado como melhor foi possível, sem que todavia ele tirasse fruto algum dos desvelos desse segundo pai. Muitas lágrimas derramou meu bom tio ao ver os desvarios desse estouvado. Muito cedo ele deu mostras de sua tendência à prática das seduções, dos raptos e do desprezo à honra do belo sexo; ele empregava a mentira, a dissimulação sempre como meios de obter seus fins. Tendo quinze anos, fugiu de casa com uma velha mulher que cuidava e tratava constantemente de meu tio e deixou-o em completo desamparo, ameaçado então de um ataque de cabeça. Pouco depois deste horrendo ataque de ingratidão, voltou à casa e meu tio o recebeu em seus braços banhando-o de lágrimas; e um ano depois ele recebeu o último suspiro de seu benfeitor que o deixou herdeiro de seus imensos cabedais. O luxo, a dissipação e todos os vícios inseparáveis destes dois se viram triunfantes debaixo daqueles tetos onde a mais regular economia, a maior ordem e toda a parcimônia de um velho honrado haviam reinado; os escravos velhos, antigos e devotados servidores, foram cruelmente tratados e depois vendidos para serem substituídos por moleques novos que melhor serviam a uma ostentação vã; os trastes modestos de uma casa de campo foram lançados fora e em seu lugar apareceram as custosas mobílias, dourados vasos, florões e todas essas esquisitas quinquilharias que o gênio francês pode inventar para seduzir as pessoas desmioladas; os belos e lindos trajes de *monarca das coxilhas* foram mudados pela casaca e mais incômodas roupas de um *palaciano* que se ufana nos saraus da cidade; suas ocupações diárias do campo não mais o entretiveram: trocou o *laço* pelas brancas luvas de camurça, as *rédeas* pela bengala e luneta, os *estribos* pelos envernizados sapatinhos franceses, o *poncho* pela casaca e o *chapéu desabado* pelo lustroso chapéu da fábrica de Mr. de tal. Tornado assim um verdadeiro casquilho foi em grande escala que ele continuou sua vida de seduções e abjetas traições: milhares de mulheres incautas foram o ludibrio das paixões voluptuosas desse homem corrompido."

E aqui lhe narrou, entre muitos, os fatos abomináveis que conhecemos, acrescentando:

“Eu tinha uma irmã, linda como as flores do campo, inocente como os anjos do céu, amável e terna como a mais carinhosa das mulheres: era o tesouro de minha mãe, o bem querido presente celestial de meu pai e o nosso bem único. Como o avaro nós a guardávamos. Seus prazeres eram puros como a sua alma; ela gostava de divertir-se no jardim, depois das costuras da tarde, pouco antes da *Ave-Maria*. Um dia, eu estava sentada na *porteira* e a observava muito entretida nos seus trabalho de cultura e vi chegar-se a ela uma velha que lhe falou por muito tempo, até que eu, distraído, saí do lugar onde estava, montei a cavalo e fui a uma caçada de tatus para a qual me tinham convidado. Ao voltar para casa era quase meia-noite, mas o luar estendia pelos campos seu manto branco e diáfano; ouvi um tropel e logo vi um grupo de cavaleiros que a galope corriam pela estrada: não distingui quem eram, nem mesmo suspeitei coisa alguma. Apenas cheguei em minha habitação, o quadro mais aflitivo, mais negro e medonho do mundo se apresenta a meus sentidos: meus pais banhados em amargoso e desesperado pranto lamentavam o rapto de minha irmã... Oh! Pensai um só instante e compreendereis a minha dor, mas eu não quis calculá-la... *O mundo está cheio de injustiças*, disse comigo, *a maior parte dos homens são infames e venais que se curvam ao poder do dinheiro... não me farão justiça, sem dúvida... é melhor obrar por mim mesmo... vingar-me!* E mais rápido do que o raio corri em perseguição do malvado; não me lembrei de que eu ia só e que havia encontrado um grupo de raptos; a idéia de salvar minha irmã me dominava por inteiro. Tive a felicidade de alcançá-los subindo a encosta desse grande morro que, coberto de pedregulho, está perto do Passo das Cavalhadas; à vista do número, minha coragem vacilou e hesitei em continuar minha veloz carreira, quis suspender as rédeas do meu ginete... *Mas não*, disse eu comigo, *hei de salvá-la!* E um minuto depois minha espada estava levantada sobre uma cabeça; ao cair do golpe um *ai* prolongado me fez ver que eu tinha ferido alguém: um corpo caiu sobre a terra e os outros deitaram a fugir. Apeei-me e reconheci minha irmã, estendida no chão, que gemia dolorosamente; em um estado de desespero inexprimível corri, a pé, para o cimo do morro, tirando as pistolas da *guaiaca*, e disparei para o lado onde ouvia tropel de cavalos sobre os fugitivos, mas bem depressa conheci que só devia cuidar de minha irmã. Eu liguei-lhe com o lenço, que me servia de gravata, uma larga ferida que eu lhe tinha feito sobre o ombro, pu-la

sobre minhas costas e conduzi-a a uma casa sita no cume de um morro oposto. Esta casa pertence a uma pobre mulher cega que aí vive com uma irmã viúva. Perpétua, este é o seu nome, recebeu-nos com uma hospitalidade lhana e cheia de franqueza e sua irmã se encarregou da minha com uma caridade verdadeiramente cristã. Eu, no entanto, não podia sossegar, apesar de minha irmã ter dado sinais de vida e de nos ter assegurado que sofria menos depois de um curativo que a irmã de Perpétua lhe tinha feito; devia procurar meios de comunicar a minha família o acontecido, afastar-me da proximidade em que estava de um inimigo covarde que podia mandar-me atacar por seus mercenários assalariados e demandar socorros cirúrgicos para a ferida. Era-me horrível abandonar minha irmã. Não havia escravos na casa: terrível colisão! Eu vi neste estado aparecer o luzeiro do dia, sem ter achado um meio seguro de cumprir meus anelantes desejos; foi preciso resolver-me a abandonar minha irmã à caridade de Perpétua e partir para minha casa. Antes de isto fazer recomendei à nossa boa hospitaleira um incessante cuidado sobre o estado da enferma. Parti; eram sete horas da manhã; o sol caminhava adiantado em sua carreira. O veado perseguido dos cães e dos caçadores não corre mais veloz nem mais ligeiro. Meus pais receberam-me entre lágrimas copiosas de alegria; fui logo apregoadado como um herói e vi que meus progenitores se submeteram de bom grado aos meus conselhos; nós nos dirigimos com alguns *peões* a buscar minha irmã à casa de nossa boa amiga Perpétua. Ao lá chegar soubemos que ela havia sido arrebatada dos braços das indefesas *senhoras* por uma turma de celerados. Terrível calamidade!... Imaginai nossa dor. Eu porém não cederia de pronto a essa influência; está bem de ver! Marchei, acompanhado dos meus, em busca de Francisco. À vista de sua casa, lembrei-me da inviolabilidade da propriedade do cidadão, suspendi meus passos e procurei saber se minha irmã aí estava; alguns *bombeiros*, que mandei a isto, voltaram dizendo-me que haviam ouvido ter ela sido conduzida a uma casa estranha, sem a designarem. Uma tempestade começava a formar-se nas celestes arcadas e a chuva empoeirava as camadas atmosféricas; eu me retirei cheio de mágoas e íntimas aflições a concordar com meu pai nos meios de a salvar, deixando *vedetas*³ postadas nos altos que lhe espreitassem os passos, pensando

4. *Vedeta*: sentinela, guarda avançada.

eu que ele iria visitar a sua presa. Passei ao lado de meu pai o tempo que durou o furor da tormenta, praticando com ele nos meios seguros de remediar este horroroso mal que sepultara minha mãe em um abismo insondável de amarguras e que, a não serem os cuidados da irmã de Perpétua, a teria derribado do cume da vida à profundeza do sepulcro. Um dos nossos nos veio avisar que Francisco saíra de casa e que tomara a estrada principal; dirigi-me aos meus e *destaquei* quatro para seguirem-lhe a pista; depois disto uma feliz idéia iluminou minha mente: mandei um *bombeiro* que entrasse e examinasse a casa do pérfido sedutor... E eu esperei. .. Um quarto de hora se passou e eu tinha em meus braços a minha cara irmã... pura e virginal... unicamente desfeita, pálida e com um véu mortal de angústias sobre o rosto. Dizer-vos o que se passou em minha alma e narrar-vos a cena que vi ante meus olhos quando entrei em casa de Perpétua e a entreguei a meus pais, são coisas que me são impossíveis. Os meus quatro *peões* voltaram antes da noite e relataram-me que, aproximando-se Francisco à casa de Paulo, o virtuoso pai da Divina Pastora, eles lhe tinham disparado quatro tiros, mas que um cavaleiro o havia socorrido prontamente..."

— Esse cavaleiro fui eu, atalhou Almênio.

— Então sois amigo desse homem, perguntou o outro em extremo admirado.

— Não, respondeu Almênio tristemente.

"Ao aparecerem os albos da matina no dia seguinte, nos pusemos a caminho para nossa casa, continuou o narrador, e desde então para cá a paz tem reinado em nossa família, a paz que aquele perverso só pôde alterar em nosso lar doméstico por algum tempo."

— Estamos próximos à povoação, disse o que se tinha conservado calado, e devemos procurar jantar.

— Jantareis comigo, disse o narrador, que em suas maneiras lhanas mostrava uma educação superior ao comum dos homens, e então descobriremos um meio de subtrair ao poder do tigre sanhudo e sanguinoso o mísero e inocente cordeirinho.

— Deus vela a inocência, disse o outro, que apresentava um caráter beato, mas simples e ingênuo. Deus penetra no íntimo peito dos maus para condená-los e assegura aos bons um escudo impenetrável para onde em vão se dirigem os tiros do vício.

Entraram na povoação e passaram algumas horas juntos em perfeita união, como se há muito fossem ligados pelos fraternos laços da amizade, tendo nesse ínterim praticado seriamente sobre a difícil posição em que Edélia, a Divina Pastora, estava colocada.

Aproximava-se a noite com seu manto de garça preto, cobrindo a superfície dos montes e os cimos das árvores, a luz apagava-se pouco a pouco nas altas regiões do céu e o vento desprendido das margens arenosas do Guaíba principiava a varrer as nuas estradas, levantando uma incômoda poeira que aumentava com o trânsito dos cavaleiros e de muitas carretas. O povo se retirava para seus lares, cheio de alegria e da satisfação que infundem na alma do cristão todas essas solenidades religiosas feitas em honra da Santa Virgem. A carretinha de Francisco passou fronteira à casa onde estavam Almênio e seus companheiros; eles a observaram: Edélia e Francisco iam dentro.

— Nós a salvaremos? interrogaram-se involuntariamente entre si os três, excitados por uma dúvida bem natural.

E montaram a cavalo e seguiram a carretinha. Uma vontade única os guiava. Mudos, não ousavam aventurar uma opinião sobre o que viam passar-se, temendo não concordarem nos meios que deveriam empregar para salvar uma moça que incautamente seguia o maior dos perversos.

Esses três importunos companheiros deram algum cuidado a Francisco, principalmente depois que reparou que eles praticavam muito entre si e não perdiam de vista a direção da carretinha.

Perto de uma encruzilhada Francisco deu algumas ordens ao Caboclo que guiava os bois e a carretinha seguiu o caminho que não levava ao *Passo das Cavalhadas*.

— Ele quer burlar de nós, disse Almênio sentindo-se atacado de um frenético desejo de castigar a audácia do pérfido.

— Não se aflija, camarada, disse o narrador das aventuras de Francisco, ele tem de haver-se conosco, e conosco que somos bons soldados.

— Quanto a mim, disse o beato, para glória de Deus e serviço da Divina Pastora sou capaz já de mandá-lo descer da carretinha e dar-lhe uma esfrega de mestre.

— É o que ele precisava, disse Almênio.

— Havemos de ver como há de ser isto, disse o narrador. Ele não há de certamente ser tão bem sucedido desta vez como tem sido das ou-

tras; há de lhe custar cara a patuscada; deixem por minha conta o negócio que eu sou bom general no exército de castigar patifes daquela laia.

— Bem, sereis o nosso chefe, exclamou Almênio.

— Amém, disse o beato abaixando a cabeça.

Eles seguiam silenciosos o sedutor a alguma distância. Perto de uma casa elegante que se achava na estrada, a carretinha parou e Francisco apeou-se ligeiramente e dirigiu-se a ela. Edélia, Aníbal e Susana ficaram dentro.

— Aproximemo-nos, disse o narrador. É tempo da vindita, sejamos prudentes, devemos antes de tudo salvar a Divina Pastora.

— Respeitável senhora, disse o mesmo dirigindo-se a Edélia, é a honra que nos dirige, salvai-vos antes que vos precipiteis no abismo do opróbrio e da ignomínia que sabe cavar aquele homem que vos conduz.

— Ele é Francisco... disse Edélia amedrontada e hesitando em vista destas palavras.

— Ele mesmo, continuou o narrador, o pérfido que traiçou minha família, que tentou contra a honra de minha irmã, amando-a para arrebatá-la dos braços de seus pais.

— Amou-a e roubou-a?!... exclamou Edélia dominada por ciúmes e receios. Mas não, vós me enganais para me entregardes a Almênio, continuou ela animada, vós sois uns enganadores, uns maus homens que tentais...

— Contra o crime, interrompeu Almênio, e que só almejamos a vossa salvação, que desejamos arrebatardes-vos às garras do abutre que quer devorar-vos; minha prima, eu jamais quis enganar-vos, amo a vossa honra tanto quanto a minha própria vida e morreria de dor se esse pérfido vos seduzisse e vos lançasse na infâmia.

— Não quero, isso é uma mentira! exclamou Edélia agitada por um momento de cólera.

— Deixemo-la entregue a suas próprias forças, meus amigos, disse Almênio com frieza. Em vão tentamos salvar a quem por si se arremessa num abismo...

— Jamais! exclamou o narrador. Se alguém salvasse a minha irmã eu lhe daria em paga a minha vida.

E rápido como um raio ele arremessa seu cavalo contra a carretinha e lança mão de Edélia que em vão tentou resistir-lhe: ele tinha um braço hercúleo.

Almênio voltou seu cavalo para a estrada com indiferença.

— Meu primo! Salvai-me! exclamou Aníbal.

Almênio chegou perto da carretinha e ele saltou ligeiro sobre a *garupa*.

Susana foi mera espectadora desta cena em que a virtude acabava de sair vitoriosa, ajudada da ardente mocidade que ordinariamente é acessível a todos os bons sentimentos. Ela ficou na carretinha, vendo afastar-se dela esses jovens virtuosos com certa emoção de prazer e arrependendo-se de seu comportamento criminoso. Fora ela que, atraída pelos presentes de Francisco, enganara sua *senhora-moça* e a induzira a segui-lo, pretextando seu estado de moléstia e conciliando o ardente amor que penetrara no coração da moça com considerações de humanidade e de piedade.

Meia hora depois deste acontecimento, a casa defronte da qual havia parado a carretinha e que até aí parecia estar sepultada nas sombras da solidão tornou-se uma *praça d'armas*; suas janelas se abriram com estrépito e nelas apareceram muitas caras de homens fardados e munidos de aprestos de guerra; à sua porta rinchavam encilhados cavalos e um movimento contínuo animava tudo.

Era só a guerra que se respirava aí.

Francisco era o chefe deste tumulto; havia mentido, sem dúvida, para alcançar o interesse dos habitantes desta casa. Em breve pôs-se em marcha uma partida de quinze homens, comandada por ele, e tomou a estrada que tinham seguido os jovens. No fim de uma hora de marcha veloz eles se avistaram. Ia travar-se um combate desigual; mas a vantagem do número não foi prevista pelos três jovens, porque lhes assistia a coragem que vem da virtude, a força que nasce da justiça e, por último, o heroísmo que se contém no desespero. Os jovens entregaram Edélia ao cuidado de um passageiro que se lhes tinha juntado no caminho e galoparam ao encontro da *partida*. A lua, mergulhando-se de quando em quando em largos e diáfanos cortinados de nuvens, aparecia por longos espaços para iluminar esta cena de terror que ia seguir-se e que só a poeira levantada pelo galopar dos cavalos podia ocultar à curiosidade de algum passageiro. O embate começou. Um surdo eco, repetindo os sons dos golpes das espadas, se perdia pelos vales próximos e distintos faiscas se notavam quando a luz escasseava na terra; os três combatentes, cercados pela partida, obravam prodígios de valor e tinham mais de uma vez derribado por terra os mais encarniçados inimigos; cedendo porém quase ao número, eles

se esgotavam em forças, redobrando em bravura para em pouco se entregarem à discrição dos vencedores. Francisco, no entanto, confiado em que obteria a vitória, tinha mandado uma *partida* de três homens buscar a encantadora Edélia, a qual a não encontrou apesar de muitas diligências que fez. O homem a quem os jovens tinham entregado o seu tesouro de virtude, temendo o mau resultado da temeridade deles e que os vencedores sem dúvida o buscariam, refugiou-se em um *capão* perto, onde achou uma *força* rebelde que emboscada esperava por uma *sortida* legalista, à qual conseguiu interessar em favor daquela virtuosa moça que o acompanhava. Quando os jovens, exaustos do ânimo, opunham já uma fraca resistência ao seus cruéis perseguidores, os sons de duas trombetas tocando a avançar e degolar retiniu de repente e feriu os ouvidos dos companheiros de Francisco que, olhando e vendo-se atacados por uma força de lanceiros, debandaram e buscaram na fugida uma salvação a seus crimes.

Os três jovens ficaram no campo, caídos e crivados de golpes, e mais quatro mortos do inimigo.

Francisco seguiu na fugida a sorte de seus companheiros que, maldizendo-o e atribuindo-lhe o mau resultado da empresa, o cobriram de facadas, deixando-o por morto na estrada.

Enquanto isso os três jovens recebiam de seus novos defensores todos os cuidados possíveis, levando-os a uma casa próxima onde Edélia, nas cabeceiras de seus leitos, lhes ministrava os puros socorros que nasciam de uma alma generosa. Francisco estava numa choça de dois negros que o tinham recolhido da estrada, entregue unicamente às forças da natureza.

Esse homem que havia cuidado de Edélia, durante a batalha, era o velho Lessa, antigo amigo de Paulo e Bernardo, morador da Capela de Vião, onde uma vez, como sabeis, Almênio se hospedou. Sua idade, suas virtudes e sua modesta sabedoria preveniram Edélia de uma parte da verdade, de sorte que ela se tornou agradecida aos bons ofícios praticados pelos valentes e briosos jovens.

— Seriam capazes de morrer por ti, minha filha, lhe dizia ele acompanhando-a no tratamento dos enfermos. Como eles são virtuosos! E tu os detestas, não é verdade? Tu que és tão boa como um anjo não vês com olhos de ternura essas chagas que o amor de tua honra abriu no corpo destes heróis? Qual interesse os guiou senão a virtude! Edélia, minha fi-

lha, acredita, por estes cabelos brancos, que Francisco é um moço estouvado e que jamais convirá para esposo de uma menina como tu.

Edélia ficou confusa, abaixou os olhos e nada respondeu; depois ela refletiu; a ninguém porém disse coisa alguma, mas o certo é que se tornou mais interessada na saúde de seus salvadores, alegrando-se sobremaneira com as rápidas melhoras que eles conseguiam todos os dias e que o ódio votado até então por ela a seu primo tornou-se menos notável.

Um mês havia já corrido e os jovens estavam salvos do perigo. Esta casa, onde eles tinham sido recolhidos, moradia de uma família honesta mas muito pobre, tornou-se o seio da abundância e da felicidade; as famílias reunidas de Paulo, Bernardo e dos dois feridos se congratulavam neste lugar pelo feliz restabelecimento de seus filhos e enchiam de *bens* os moradores da casa. Um dia em que todos estavam prestes a partir para suas habitações, Susana apareceu saudosa e, abraçando seus *senhores* e *senhores-moços*, entregou à Edélia uma carta.

Susana vinha da casa de Francisco.

Edélia, escrupulosa então nesta sorte de correspondências clandestinas, que tantas vezes arrasta ao precipício as mais honestas donzelas, procurou toda a família e, à sua vista, quebrando o selo da carta, leu o seguinte:

“D. Edélia. Agora que me acho melhor e livre do perigo em que me lançaram as traições de homens que eu tinha comprado para arrebatá-los das mãos de vossos pérfidos amantes, desses indignos pobretões, estou resolvido a manifestar-vos meus sentimentos. Nunca quis casar-me convosco, porque sois uma pobre e sem aquela educação brilhante que se necessita nas altas classes em que me colocaram minhas riquezas. Casar-me-ei sim com a mais rica e a mais bonita das *estancieiras* da Província. Nunca vos amei, somente entretive uma brincadeira de Cupido; foram distrações sem proveito as visitas que vos fiz. Amarei sim aquela que encher de ouro o meu cofre. Nunca tive de vós ciúmes, porque olho esses que vos amam como aproveitadores daquilo que não quero; terei ciúmes sim daquele que trajar melhor do que eu e que mais conquistador for no império do amor. Vossa escrava esta vos entregará, ficando vós na inteligência de que não quero e nem preciso de resposta. Vosso antigo amado.”

F. de A. Soares

Edélia teve resignação para ler esta carta, mas ao pronunciar a última sílaba tornou-se pálida e caiu fria em uma cadeira. Era demais para sua alma... Um insulto! Um desprezo tão positivo! Produzem idéias sempre horríveis em uma alma tão casta como a de Edélia.

— Francisco! exclamou ela tornando a si depois que lhe fizeram inspirar a fumaça de penas queimadas. Francisco!... O amor!...

Estas palavras eram sinistras e vagas como o gemer da ave dos cemitérios no meio de uma noite tenebrosa em que o clangor da tempestade o deixa ouvir apenas.

Edélia, submergida em tristeza, viu correrem os dias que ainda foi preciso que estas famílias passassem juntas, como pesados fardos que estavam sobre suas costas; viu separarem-se todos com certa expressão de amarga alegria; ela necessitava da solidão; as rosas e as papoulas do seu rosto tinham sido substituídas pelos malmequeres e pelas esponjas.

A mulher, mais fraca do que o homem em sua organização física, é mais forte do que ele em sua existência moral; ela sofre mais, ela goza mais; por isso Edélia esteve por muito tempo entregue à mais veemente dor; seus pungentes gemidos, suas abundantes lágrimas, seus amiudados soluços cederam muito dificultosamente aos minuciosos desvelos de seus pais. Ela passava as manhãs divagando nas solitárias sombras do mato, ensaiando um contínuo gemer que lhe ensinava o carcomido tronco do *ipê*, despido de folhas e abandonado dos pássaros que ele outrora em seus frontes ramos abrigara das intempéries do tempo, e as tardes sentada sobre uma nua laje que estava à porta de seu jardim, contemplando o laborioso exercício das abelhas que ali vinham sugar o doce líquido segregado pelo nectário das flores e ora chorava a saudade de seu peito, ora resignada se entregava a uma doce melancolia que a ocupava toda e que toda a absorvia.

— Findaste, amargo e comprido dia, dizia ela ao anoitecer retirando-se para casa. Foi mais uma folha que se desprende da árvore da minha vida para, murchando, tapizar o chão do passado. Foste uma gota de líquido lançada sobre os lábios de um febricitante que mais lhe incendeu o ardor do cérebro; de que me serviste? Não produziste o efeito que só há de vir do tempo lento... Quanto me amedronta o futuro; mas ele para mim caminha carrancudo, sua marcha é irrevogável... não retrogradará...

— Almênio! continuava ela, eu vos detestava, meu primo, eu vos abor-

recia de morte... Quanto era injusta! Fascinada pelas aparentes graças do enganador Francisco, eu cheguei a votar-vos um ódio implacável, tomei mesmo para motivo do meu rancor o partido que seguíeis lealmente e sem ser guiado pelo sórdido interesse das rapinas; não enxergava vossas virtudes e no entanto ouvia falar delas todos os dias com os maiores louvores que merecem os atos dos homens... Como andava cega e surda neste mundo!

Eram estas as reflexões que, todas as tardes, à hora do crepúsculo, ocupavam a mente da infeliz Edélia.

Um dia que ela assim pensava, estando ainda no jardim, viu através das negras sombras da noite que se estendiam sobre a terra um cavaleiro atravessar o terreiro da casa de seu pai. Ela entrou apressada a porta da cozinha, passou a sala de jantar, penetrou o corredor que conduzia à sala da frente e aí se apresentou já um pouco risonha e sem aquela palidez costumada que anuviava suas faces delicadas. O cavaleiro era Almênio. Edélia sentou-se frente a ele, fez-lhe agrados multiplicados, interrogou-o acerca de sua saúde, de seus negócios, e achou interesse nas menores, nas mais indiferentes reflexões de seu primo: tinha-se tornado outra; ela estava tão contente que não reparou na farda nem nas insígnias de Almênio.

— Sois oficial, meu sobrinho? perguntou Margarida reparando nisso.

— Sim, minha tia, respondeu Almênio. Entrei no exército do Imperador, liguei-me à causa da minha pátria, porque a *liberdade* não está naquele que a pronuncia todos os dias mas no mais reto e naquele que sabe melhor fazer respeitar e sustentar os seus deveres e os seus direitos.

— Pensaste bem, menino, disse Paulo. E então!... Estás Capitão? Quantas batalhas?

— Nenhuma, meu tio, respondeu Almênio. Foram-me dadas estas insígnias e eu as recebi como um fiador dos serviços que hei de prestar em prol da integridade do Império.

— Muito bem! exclamou rindo Acácio. Meu pai, eu quero ser capitão, se acaso essas *patentes* se dão sem serviços já prestados.

Houve uma certa hilaridade na casa de Paulo porque aí estimava-se mais os distintivos da paz do que os da guerra; ser *general* nesta casa era menos do que ser *agricultor* que do seio da terra tira à custa do seu suor as verdadeiras riquezas e a felicidade do gênero humano.

Edélia não reparou na farda de Almênio, como eu disse, porque ela lhe notava agora todas as suas belezas naturais e ainda mais, abrilhantadas pelo sol da virtude... Oh! A virtude! Este dom do céu, esta filha única da lei da graça que saiu do seio de Jesus Cristo tão pura, tão radiante como a face de seu autor! Ela por si só é bastante para tornar a mulher extraordinariamente bonita e o homem invencivelmente forte. Sua alma, embatida por sensações sem número, amargurada pelos desprezos e perfídias de Francisco, horrorizada por se ter votado sinceramente a amar um ente tão indigno como este, só podia minorar sua dor em presença de um sentimento forte como era o amor, a simpatia que produziam a beleza e as virtudes de Almênio. Ela começava a achar encantos na conversa dele; era um bom exórdio de amor que a natureza ensaiava. Mas poderia Almênio prestar-se a este jogo? Eis o que não sabemos.

Edélia e Almênio estavam com certo constrangimento que se conhecia, malgrado suas demonstrações de prazer, em presença um do outro; mas o motivo era vário: Almênio lembrava-se de Clarinda, sempre fagueira, e Edélia de seu amor a Francisco, da preferência dada a esse mau homem contra os vivos sentimentos de amor que seu primo lhe havia manifestado.

— Dormireis conosco hoje, meu primo, disse saltando o engraçado Aníbal e correndo suas mãozinhas pelo rosto de Almênio. Não é verdade que haveis de dormir conosco?

— Aníbal! bradou rindo Acácio. Não seja descuidoso. O nosso primo agora chama-se o Sr. Capitão Almênio.

Almênio riu-se e entreteve-se, talvez bem de propósito, com as lembranças de seus primos. Ele necessitava de distração, por que ao contrário seria surpreendido por Edélia no exalar de suspiros e na ansiedade que o assaltava cada vez mais, lembrando-se da encantadora Clarinda, dessa virgem pura que absorvera toda a sua alma e de quem ele libara o primeiro sorriso d'amor. Outrora folgara com as insígnias de tenente, tornara-se soberbo de seu posto, delineara batalhas campais e evoluções de multiplicados esquadrões que se moviam como autômatos ao som de sua voz sonora, aumentada pelo gemer dos ecos despertados no fundo das planícies, traçara com a ponta do gládio os limites do seu império todo conquistado à custa de sangue e de lágrimas da orfandade, vira muitas co-roas e cetros espalhados sobre o pavimento de seu suntuoso palácio... e

depois, como caridoso pai, chorando a miséria da humanidade e a loucura dos homens, se imergira em um estado de febricitante delírio. Mas hoje? Nenhuma idéia deste ato, não se lembrava de ter sido nomeado capitão. Só um único sentimento o devorava, uma única idéia: — era a idéia de Clarinda.

Veio a ceia e, como era Edélia quem fazia as honras da mesa, serviu-lhe a *cangica com leite* tão receosa que, ao dar-lhe o prato, este escorregou e aquela se derramou sobre a mesa. Almênio tomou este incidente como filho do ódio que Edélia lhe tinha votado; mas na realidade não era assim — era filho de um sentimento novo que aparecia em sua alma e que lhe perturbava os sentidos. Edélia tomou a perturbação de Almênio nesta ocasião como um anúncio de bom agouro para o seu amor. Depois a ceia continuou sem mais novidade e, finda ela, toda a família e Almênio passaram aos quartos de dormir, a descansar das fadigas do dia. Almênio adormeceu pensando em Clarinda e Edélia adormeceu pensando em Almênio.

No outro dia, ao romper da manhã, Almênio despediu-se da família de sua tia e tomou o caminho da cidade de Porto Alegre para encontrar-se com o seu novo amigo, o narrador das aventuras de Francisco. Ao chegar à cidade, na *Ponte da Azenha* ele o encontrou; aí conversaram largo tempo os dois amigos e depois se dirigiram, atravessando a vargem, para o caminho do *Passo da Areia*.



PARTE SEXTA

O DESENGANO

Ávila, Adalminda! pronunciava refletindo o Capitão Almênio à hora do meio-dia e passeando a largos passos debaixo de um *mamoneiro* à espera de seu amigo.

— Ávila e Adalminda! continuava ele. Não me são desconhecidos estes dois nomes, alguém me falou deles... Ah, sim (juntava parando e levando a mão à testa), foi o velho Lessa, quando uma vez na *capela* me hospedei em sua casa, naquele dia mau em que a última prova me foi dada fazer em prol da república de *Piratini*... dia mau em que ainda derramei o sangue de meus irmãos *legalistas*.

— Meu amigo! chamava o narrador das aventuras de Francisco dirigindo-se a Almênio. Eu vos fiz esperar muito, tende paciência, não estais zangado comigo?...

— Não, respondeu Almênio abraçando-o.

— Muito estimo, meu amigo, continuou o narrador, ficaria muito triste se assim acontecesse; vamos descansar em nossa casa; é aquela... Estais vendo? Há tempos que ali não habitamos; os *rebeldes* tomaram-na para hospital e construíram perto um cemitério que ainda conservamos.

— Sei disso, disse Almênio, aqui uma vez passei, perto de dois anos, e na *Capela* me disse o velho Lessa que esta casa pertencia ao Sr. Ávila.

— É verdade, a meu pai, disse o narrador. Vamos lá descansar; meu pai, minha mãe e minha irmã folgarão de ver-vos pois muito se interessaram por vós quando estivestes ferido.

Eles caminharam para a casa indicada; foram recebidos com transportes de prazer e aí o Capitão Almênio teve ocasião de refletir que, se to-

dos dos homens e mulheres do mundo fossem tão sinceros, tão leais e tão generosos como os habitantes desta casa, as coisas todas da sociedade iriam às mil maravilhas.

Ávila era um homem franco, simples e naturalmente bom; ignorava, é verdade, as etiquetas e esses termos polidos e limados que fazem do homem um ser de reciprocidades, de atenções e de zumbaias, mas em compensação a sua alma estava em seus lábios; era incapaz do engano e da mentira.

Adalinda era uma senhora magra e alta mas elegante; tinha polidez em suas maneiras, era meiga e nimiamente compassiva pela miséria dos outros.

A donzela Ávila, a espirituosa Joaquininha, era encantadora; habilidosa em todos os trabalhos, ela desenhava, cozia e bordava admiravelmente, fazia todas as castas de doces e tudo o que via fazer procurava aprender, e ainda mais tocava guitarra e cantava com muita graça e gosto algumas *modinhas*.

O jovem Ávila, o narrador das aventuras de Francisco, já nos é conhecido em parte; resta porém acrescentar uma coisa e é que ele era um exemplar dos bons filhos. Bravo, generoso, amigo dos pobres e filho obediente, ele se tinha facilmente identificado com o Capitão Almênio e tinha-lhe consagrado uma fiel amizade.

Almênio, incumbido de uma comissão militar, ainda se não tinha apresentado ao comandante de seu corpo e, por isto, resolvera aproveitar este ínterim em companhia de seu amigo Ávila, indo com ele depois a São Leopoldo visitar a engraçada prussiana, a sua inocente amada Clarinda. Passou portanto alguns dias com esta família honrada, cujos membros descrevi com o pincel da verdade, tendo interessantes conversas com a donzela Ávila sobre Clarinda, de quem não cessava de narrar todas as virtudes e todas as graças. Antes porém de partir, em uma tarde em que o anjo do crepúsculo desdobrava sobre a terra um véu de garça escura para ocultar-nos o astro luminoso, ele estava recostado sobre uma amarelada moita observando o refletir duvidoso da luz escassa sobre as verdes folhas das canas açucaradas, quando o ancião Ávila lhe apareceu risonho e cheio de confiança.

— És um bom rapaz, meu Capitão, lhe disse ele. Encontram-se assim poucos neste mundo.

— Oh! Senhor Ávila... disse Almênio levantando-se.

— Não, sentemo-nos, atalhou Ávila botando sobre o ombro do jovem a sua pesada mão. Sentemo-nos que é melhor estar sentado do que em pé. Eu quero contar-te um fato da minha vida porque tu és um rapaz calado e há de guardar segredo. Chega-te...

— Com muito gosto, acudiu Almênio chegando-se para junto de Ávila.

“Eu era um rapaz pobre que veio de Portugal para o Brasil sem parentes nem aderentes. O primeiro porto a que cheguei foi o Rio de Janeiro onde um *carne seca*¹ me tomou para seu caixeiro ou para melhor dizer, para seu criado, porque me tratava sempre a pancadas e descomposturas; ali estive um ano até que um mestre de barco que parava em casa de meu amo me desinquietou para embarcar e eu embarquei de *moço de câmara* com ele. Cheguei a Porto Alegre e, como o tal mestre de barco tinha experimentado em meu lombo todos os cabos, brióis² e estingues³ da sumaca⁴, fugi e meti-me de caixeiro em uma venda na Rua do Rosário; mas aí não tive felicidade nenhuma; antes, o amo me botou pra fora porque dei umas bofetadas num moleque dele. Resolvi-me nessa ocasião a ir para Santa Catarina e pus-me a caminho por terra e, ao passar por uma chácara antes de chegar à Capela, achei uma família que me deu de comer e me abrigou do frio.

“No meio dela, continuou ele, eu achei aquela boa cara e aquelas boas falas que tanto alegram a gente quando se está em casa alheia: nunca me envergonharam com ditos maus, nem com arremedos da minha terra. Afora alguns costumes, eu me parecia que estava lá nos montes da minha terrinha e, de tal modo me fui havendo e se haviam comigo, que me pareceu que ali devia viver e morrer, e não andar aos trambolhões pelo mundo. Pedi uma das raparigas para casar-me e o velho m'a deu logo sem refulhos de cumprimentos. No dia das bodas tudo estava alegre; fandanguava-se e cantava-se ao desafio que era um gosto de ver-se; como, porém, não há gosto sem desgosto, eu ouvi um tio da minha rapariga perguntar ao pai *se eu tinha algumas patacas* e, como aquele respondesse que eu era

1. Espécie de negociantes que se empregam na compra e venda de carne seca ou *charque*. (Nota do Autor)

2. *Brióis*: cabos das velas da embarcação.

3. *Estingues*: cabos das velas da embarcação.

4. *Sumaca*: antigo navio à vela.

pobre, logo saltou ele a gritar e disse-lhe muitas falas más. Eu ouvi isto e dois dias depois de casado larguei tudo e pus-me a caminho para a *Campanha*. Na minha viagem eu ia dizendo: — *Hei de trabalhar e ganhar patacas para que os tais melros não digam que eu me casei com ela por causa do que ela tinha*. Cheguei a Caçapava e sentei praça de soldado. Onze anos militei contra os castelhanos, ora num corpo de caçadores, ora num esquadrão de cavalaria ligeira. Minha mira era juntar alguns vinténs e de tal modo a tive em vista que no fim deste tempo eu tinha, em uma cinta de couro, vinte e duas *onças* e quarenta *patacões*. Apesar de estar já furriel, larguei o serviço, vim a Cachoeira, embarquei-me em uma *canoa de tolda* e vim dar com os ossos em Porto Alegre. Aí comprei um escravo por doze *doblas*⁵ e comprei também roupa para mim e para minha mulher.

“Um dia chuvoso, continuou Ávila respirando e cheio de orgulho, um dia de tormenta, de raios, de coriscos e trovões, eu dava o — *Oh de casa* — na porteira de meu sogro, montado em um cavalo *baio*⁶ muito faisca, com meu negro atrás de mim, montado em outro cavalo meu. Apareceu na porta de casa minha mulher que gritou que *entrasse quem era*. Quando entrei todos ficaram admirados: minha mulher veio abraçar-me chorando e rindo ao mesmo tempo; meu sogro e minha sogra ficaram calados e com má cara. *Tu fizeste o que não devias fazer*, disse meu sogro carrencudo; *deixaste minha filha dois dias depois de casada e te foste embora, o que deu motivo a que os nossos vizinhos dissessem que tu a tinhas desprezado porque ela não era uma mulher honrada. Se meus anos não andassem tão adiantados como andam, eu te faria pagar este teu desaforo, mas...* — *Meu pai*, gritei eu despedaçado pelo arrependimento, *perdoai-me que eu vos vou contar o motivo e prometo dizê-lo a todos para que esses patifes não falem da honra da minha Adalminda*. E eu contei-lhe tudo quanto me tinha acontecido e o que eu tinha ouvido do seu irmão a meu respeito; e depois disto apresentei-lhe as *onças*, os *patacões*, o negro e os cavalos, dizendo que os tinha ido ganhar para sua filha. Como não me admirei! Adalminda riu-se por mofa e meu sogro olhou-me com o maior desprezo do mundo e não me deram a palavra por todo aquele dia. De noite minha sogra disse-me que ia mandar fazer uma cama na *casa da atafona*⁷ para mim e que meu escravo já lá estava. *E minha mulher?*

5. *Dobla*: dobra, antiga moeda portuguesa.

6. *Baio*: o cavalo de pelo amarelado.

7. *Atafona*: moinho, azenha.

lhe perguntei eu acanhado. “— Nós não vendemos a nossa filha a ninguém, me respondeu ela; enquanto nada tinhas nós t’a dávamos de boa vontade, mas agora que foste buscar dinheiro para teres direito de a possuir, perdeste a afeição dela e a nossa.” Debalde supliquei, ajoelhei e chorei; nada mudou as ordens que estavam dadas. No dia seguinte procurei meu sogro para lhe pedir de novo perdão; respondeu-me com frieza que *em onze anos eu tinha tido tempo de pensar*. Estava desacorçoado e sem saber o que havia de fazer quando, por acaso, encontrei na horta a minha Adalminda: *Perdoa-me!* lhe gritei eu. — “— Sim, me respondeu ela como vida, mas com uma condição... — Com todas as que quiseres, lhe interrompi eu. Hás de repartir o teu dinheiro pelos pobres, continuou ela, para que ninguém diga que foi o interesse do dinheiro e não o do coração que nos ligou nos laços do casamento!” — *Sim*, lhe respondi com tristeza. Nesse mesmo dia eu fui repartir as minhas onças e patações pelas famílias pobres que ela mesma me designou; confesso-vos que então não fiz isso de coração, porque me lembrava do trabalho que me tinha custado para ganhá-los. “— Que ação tão boa a que fizeste! exclamou ela quando eu voltei; meu pai e minha mãe estão contentes contigo, os pobres hão de pedir a Deus pela nossa felicidade e todos hão de falar bem de ti.” Entrei nesse mesmo dia a gozar do sossego, da paz e do trabalho daquele bom homem que eu chamava com gosto e satisfação *meu pai, meu bom pai*. “— Não é o muito dinheiro, me disse ele um dia quando trabalhávamos na roça, que faz a paz da gente, mas o amor do trabalho regular e bem distribuído, a economia nos gastos e o cumprimento exato dos nossos tratos com os outros.” Algum tempo depois, meu sogro comprou este bonito sítio e deu-me e mais dois escravos. Apesar de que me não queria separar dele, contudo foi preciso que eu viesse fazer aqui esta casa e trabalhar nestas terras. Deus nos abençoou a nós todos. Minhas cunhadas casaram todas muito bem e foram todas felizes com seus maridos. Quando, passados alguns anos, a minha Adalminda deu à luz o nosso pequeno e depois a nossa pequena, eu entrei a tratar com toda a força de juntar algumas patacas e ela muito me ajudou com suas *quitandas* que mandava para a cidade; de sorte que em pouco eu tive dinheiro a prêmio em uma boa mão. Os meninos cresceram até ao ponto de botá-los na escola; eu fiz isto mandando-os para Porto Alegre e deixando-os em casa de uma mulher velha que era muito minha amiga. Felizmente os meus melrozinhos falam hoje como gente

e sabem mais do que eu nunca soube, nem meus pais. Disto não me arrependo, antes dou graças a Deus porque são muito bons meninos; e mesmo agora tenho pensado que o dinheiro que dei aos pobres e que nunca me fez falta ajudou-me muito na presença de Deus.”

— Certamente fizestes muito bem, acudiu Almênio. As esmolas repartidas com justiça e piedade são os mais seguros meios de atrair a recompensa do nosso Pai Eterno. Dai graças a Deus por terdes uma tão virtuosa esposa que vos encaminhou na estrada da virtude que é o melhor caminho para a felicidade e para o céu.

— Tu pensas assim, meu capitão? perguntou admirado o velho Ávila.

— Sim, meu bom amigo, respondeu Almênio. Eu creio que a vossa mulher é um anjo de bondade e que toda a paz e o sossego que tendes tido são vindos dela, dela somente porque vós obrastes mal quando com imprudência destes ouvidos às palavras de um homem que veio em casa alheia dar leis, deixando a sua sem ordem nem regulamento.

— Que palavras! exclamou Ávila. Que falas tão acertadas! Eu não supunha que eras como meu filho me tinha dito! Nunca pessoa alguma me falou tanta verdade! Hás de ser um bom amigo do meu pequeno.

E eles ali se entretiveram por mais alguns minutos até que o anjo da noite, esvoaçando pelas suas cabeças, espalhou o sereno úmido e as negras trevas com tal intensidade que os obrigou a buscar debaixo do teto dos Ávilas um garante contra os caprichos da inconstante natureza. Era esta noite a véspera da partida de Almênio. Adalinda e Joaquininha foram mais que nunca atenciosas com o seu hóspede. Contra o costume dos campos, neste dia não se deitaram cedo, antes passaram uma parte da noite em danças, em jogos e em alegres conversas.

Ao romper da alvorada do dia seguinte, quando o anjo da guarda de cada cristão formulava as regras das ações daquele dia para o seu protegido; e o anjo do crepúsculo se enfeitava em seu transparente espelho de éter, muito acima da última camada dos fluidos solares, e espalhava seus longos e finos cabelos purpurinos e dourados, nos vastos espaços do céu, e o leve e tenuíssimo véu com que se cobre sobre as flores e rociadas plantas; e uma bafagem de ar, agitado pelo mover das águas das fontes próximas, vinha dissolver as gotas líquidas depositadas pela noite nas verdes folhas das árvores, Almênio, acompanhado do jovem Ávila, despedindo-se desta casa hospitaleira, tomou o caminho de São Leopoldo.

Estes belos lugares que tantos e tão agradáveis como lisonjeiros pensamentos sabem inspirar na alma do homem lhes penetraram o coração com saudades dos passados tempos da infância que tão fagueiros lhes haviam sorrído.

É São Leopoldo uma graciosa vila⁸ situada à margem do Rio dos Sinos, quinze léguas acima da boca que o deságua no Guaíba. Seu chão é baixo e sujeito a freqüentes inundações no tempo das chuvas. Suas casas são regulares e de arquitetura gótica. Sem edificios públicos além de uma pequena igreja que está entre a *Praça da Igreja* e a *Praça da Alegria*, ela atesta essa simplicidade e essa mocidade risonha e aprazível de todas as nossas povoações modernas. Na margem oposta em que ela está assentada começam as habitações dos colonos alemães que, estendendo-se por uma vasta porção de terreno, vão terminar na encosta da serra geral e para as bandas do *Fachinal* e *Pinhal*⁹, tomando o nome de *Colônia de São Leopoldo*. As línguas alemã e portuguesa são faladas simultaneamente até pela baixa classe do povo. Existiam aí, em 1834, duas casas destinadas ao culto particular do Protestantismo, da religião luterana; duas escolas alemãs, uma das quais freqüentei pelo curto espaço de dois meses; e uma aula nacional. A indústria alemã, aí levada pelos colonos, prospera sem entraves, no meio de uma liberdade constante que é partilha dos brasileiros e que a ela bafeja agradavelmente. A agricultura, essa primeira mãe da felicidade dos homens, única e verdadeira riqueza dos estados novos, é exercida pelos seus habitantes e de seus contornos com admirável desenvolvimento. Entre alguns dos colonos, expatriados de sua terra por motivos talvez bem justos, encontra-se uma pura e adiantada ciência; conversei com muitos que conheciam de perto as ciências físicas, as matemáticas, a história natural, as ciências morais e muitas aplicações desses conhecimentos abstratos aos usos da vida, como, por exemplo, um que tão bem me desenvolveu a causa da elasticidade dos gases e de sua aplica-

8. Esta povoação foi elevada à categoria de vila em virtude da lei provincial n° 4 do 1° de abril de 1846, cujo Projeto foi apresentado sob n° 7 à Assembléa Provincial desse mesmo ano, assinado pelos deputados — J. Rodrigues Fagundes, Dr. Luis da Silva Flores, Patrício Corrêa da Câmara, Manoel José de Freitas Travassos Filho, Jacintho da Silva Lima, Oliveira Bello, João Capistrano de Miranda e Castro, Ignacio Joaquim de Paiva Freire de Andrade. (Nota do Autor)

9. Zonas periféricas que vieram a constituir bairros da cidade de São Leopoldo.

ção às máquinas de navegação e outros princípios de mecânica que me maravilhou a ponto de acreditar ser ele, como apregoavam, filho de um conde alemão, cujo nome é bem conhecido nos gabinetes políticos da Europa. Aí todos os domingos, descansando das fadigas da semana, dançava-se e brincava-se com grande alegria. Havia casas de pasto que nestes dias tornavam-se salas de baile.

Almênio e Ávila entraram nesta povoação num dia destes, em que a alegria risonha folgava no coração de todos. Chegando à margem do *Rio dos Sinos*, eles se assentaram na barranca junto àquele lugar chamado o *vau*, porque na verdade o rio nesta parte é vadeável. O anjo da luz nesta hora esparzia, envolto em ridentes e custosos mantos de púrpura, seus cabelos finos e dourados por todo o céu azul e já nenhuma sombra úmida da noite passada mostrava um traço único por cima do alto morro de *Sapucaia* nem da serra próxima do *Pinhal*. Eles se entretinham conversando em Clarinda e ninguém mais os ocupava. Almênio, dominado do amor, a ninguém mais via e Ávila, arrastado por essa invencível força de amizade que liga as almas, todo se absorvia na felicidade e esperanças de seu amigo. No entanto uma moça se tinha aproximado deles e, com a mão na face e a cabeça um pouco inclinada para o ombro direito, os contemplava atenta; depois uma lágrima caiu dos seus olhos sobre o lençinho branco que trazia ao pescoço e ela ia retirar-se calada, quando voltou rapidamente, animada por uma resolução firme, e pegando na mão de Almênio disse:

— Dois anos, cinco meses e dois dias! Tanto te esperei! Pensei que não voltasses!

— Rosinha! exclamou Almênio surpreendido.

— Almênio! pronunciou ela baixinho e chorando.

— Que fizestes até agora?

— Ainda hoje contava as horas; e contava-as, acrescentou ela tremendo, porque tu me tinhas dito que havias de voltar, quando te evadiste do serviço da república e eu te prometi velar na tua segurança, o que em parte fiz, escrevendo a teu pai para salvar-te de um assassino que te perseguia... Fiz quanto pude... Almênio! Eu era então de tua confiança; e hoje?

— Ainda, ainda! exclamou Almênio entusiasmado pela virtude da jovem alemã e apertando-lhe a mão com força.

— Ainda me amas?

- Estimo-te sobremaneira.
- Estimas-me, disse ela rindo-se com ironia.
- Darei por ti a minha vida; dispõe dela a teu bel prazer, só tu... só tu...
- Só eu! exclamou ela arrebatada e interrompendo-o. Só eu ainda em teu coração! Como és bom, meu amigo! Mas... minha palavra já está comprometida... ontem... ontem mesmo me obrigaram a comprometê-la..
- Como!?
- Eu te esperei dois anos, cinco meses e dois dias, sempre resistindo à vontade de minha mãe. Ela queria que eu casasse com um jovem alemão, filho da mesma aldeia em que eu nasci. Ontem porém veio à nossa casa o bom velho Hendrichs...
- Hendrichs! exclamou Almênio sobressaltado.
- Sim, e tu o conheces? Não é verdade?
- Conheço-o muito bem; é um homem honrado.
- É o pai de Clarinda, de uma boa e honesta moça que me estima como se eu fora sua irmã, disse ela olhando para Almênio com interesse.
- É pai de uma boa moça! Continuai.
- Hendrichs veio ontem à nossa casa, conversou longo tempo com minha mãe e terminou dizendo: *Clarinda está para casar-se com um jovem capitão chamado Almênio*; "Almênio!" gritei eu involuntariamente e um pranto e soluços que duraram todo o dia de ontem e parte desta noite seguiram-se a esse grito doloroso que partiu do fundo da minha alma e que expressava a dor mais veemente e mais horrível que se pode conceber. Meus olhos estão inchados, estão vermelhos como vês; eu estou amargurada, dilacerada de tormentos, mas...
- Meu Deus! como fui ingrato! exclamou Almênio levantando-se; Rosinha, eu não tive tempo de conhecer tua virtude, eu não te amei como me amavas porque não tive valor para compreender-te; minha mocidade começava cheia de orgulho e do amor da guerra e era impossível neste estado amar verdadeiramente; tinha-te, é verdade, muita afeição, estimava-te como se foras minha irmã, e ainda assim te estimo, ainda assim te considero.
- Tua irmã! É um lisonjeiro título, mas deixa-me que junte a ele a palavra — amiga; cabe-me tão bem que não prescindo dela!
- Minha irmã! Minha amiga!
- Sim, e para alcançar este último título, para alcançá-lo legalmen-

te, esta madrugada levantei a cabeça do meu molhado travesseiro, chamei por minha mãe que ainda dormia e disse-lhe: "Casarei com a pessoa que escolheste, estou resolvida." Minha mãe chorou de alegria, abraçou-me e deu-me três ardentes ósculos na face direita.

— E casarás, sem dúvida, muito breve?

— Hoje! Todos os papéis estão arrançados, os pregões já tinham sido feitos, Teodoro anelava unicamente pelo meu *sim*.

— E serás feliz?

— Depois de Almênio, só Teodoro pode tornar-me alegres os dias que vão seguir-se aos meus sonhos de ventura; ah! quantas vezes não te vi em meus braços recostado, fechando tuas pálpebras, teus os olhos tão bonitos, e teu hálito a recolher-se em meu seio, onde os desejos então brincavam tumultuosos! Quantas vezes não te vi adormecer ao meu lado debaixo do florido pessegueiro do quintal de minha mãe! Que de vezes não te vi risonho e feliz olhar-me e dizer-me palavras de amor! Sempre te tinha presente, no sono e na vigília.

— Minha amável irmã! Minha virtuosa amiga!

E ambos se abraçaram com efusão da mais pura ternura, cheios de virtude e de sincera amizade.

Rosinha nesse dia sacrificara a sua mais querida e predileta inclinação, para bem e felicidade de Almênio: era uma virtuosa e generosa menina. Almênio sentia, após alguns instantes do sacrifício de sua amiga, o não a ter amado; comovia-se de seus sofrimentos e dedicava-lhe cordial afeto: era um franco e generoso moço.

Apesar do ardente desejo que Almênio tinha de ver a jovem prusiana, os dois jovens esperaram na povoação para assistir ao casamento de Rosinha.

Eram dez horas do dia, depois da missa de Domingo, quando o Reverendo Pároco lançou a benção nupcial aos dois noivos. Rosinha suspirou neste momento profundamente e Teodoro cheio de alegria levantou-se para abraçar sua esposa como se não acreditasse na felicidade que tinha, como se temesse que a realidade lhe fugisse.

Um baile na casa de pasto do alemão Asmuss ia seguir-se a este ato para festejar em toda a extensão o casamento de Rosinha. Ele era público; podia dançar quem quisesse.

Almênio e Ávila, não querendo retardar mais a sua marcha, não as-

sistiram ao baile. Encaminharam-se pela estrada da Feitoria velha.
Logo que passaram o moinho d'água

Prezado lugarejo, amável sítio,
Grato e tão grato da poesia ao anjo!
Tua alma solidão, doce murmúrio
De teu arroio a se esconder na areia,
O pardo-escuro de volteantes sombras
Que quando o sol se vai te cobre ansioso,
Ternos cantares dos plumosos bandos
De teus mimosos lindos passarinhos,
Foram gratos motivos a meus pensares.

Nessa hora propícia e umbrosa
Em que a noite nos ares caminha,
Vi da linda e fagueira Rosinha
A esbelteza e a face mimosa.

Sobre a areia de teu claro arroio
Versos toscos da mente criei,
Altos sonhos pensamenteei
Sem da cega fortuna o apoio.

eles subiram o morro e apearam-se fronteiros à casa de Hendrichs.

Clarinda apenas viu que os dois cavaleiros se tinham apeado junto à sua casa e reconheceu Almênio, correu para ele e precipitou-se em seus braços, apertou-o com efusão de ternura e deu-lhe um beijo na face.

— Meu pai me ensinou a amar-vos, disse ela ainda em seus braços. Ele me assegurou que havíeis de ser meu marido.

— Sim, minha querida noiva, pronunciou Almênio com ternura e com a mais pura alegria, dando-lhe segundo abraço.

— Meus filhos! exclamou o velho Hendrichs, saindo da porta da casa e aproximando-se aos dois que se tinham abraçado. Deus vos lance a sua santa benção! Deus vos guie à virtude que unicamente faz a felicidade da gente! Vinde para o nosso teto que ansioso vos espera, porque ele se tem acostumado a ouvir os vossos nomes ligados um com o outro! Vin-

de meus filhos! Minha testa enrugada se expande pela alegria que me causa a vossa felicidade.

Todos entraram. O jantar frugal de um homem venturoso que tinha a seu cargo uma filha e um filho, ambos parcos pela boa educação recebida, estava posto à mesa; havia, em vez de três, quatro talheres distribuídos nos quatro cantos da mesa; este demais era para o passageiro faminto que ali viesse. Eles se assentaram e jantaram contentes.

A consciência de que somos bons e virtuosos produz a mais pura tranquilidade e a alegria sã que nos amplia a alma e nos aproxima a Deus.

Este dia foi consagrado à lembrança de uma promessa feita por Almênio. Contaram-se muitas histórias e, quando Almênio narrou todos os seus feitos desde o dia em que os tinha deixado, Clarinda, cheia de um prazer imenso, não distraiu para outra coisa, nem sequer um instante, a sua atenção; absorvida reconcentrou-se toda na alma de seu noivo, como se não existisse fora dele.

Ávila participou da alegria de todos e foi tratado por Hendrichs como um verdadeiro amigo de seu novo filho.

O descanso da noite veio terminar o dia e substituir na alma desta venturosa gente a avidez da curiosidade de suas ações dos dias passados.

Antes do romper da aurora já Clarinda estava debaixo de sua tenda, ansiosa e querendo despertar com seu canto os passarinhos que ainda dormiam para que eles fossem acordar seu noivo, trinando na horta que estava contígua ao seu quarto.

Almênio levantou-se pouco depois, porque nos amantes a felicidade embarga o sono, e foi encontrar-se com sua noiva; vendo-a, precipitou-se em seus braços, sentou-se a seu lado e aí com as mais miúdas narrações e protestos repetidos de um amor constante, firme e virtuoso esperou pela *manhã*.

A *manhã* é um fenômeno da natureza que se ostenta com mais graça e brilhantismo admirável que todas as misteriosas obras de Deus. Só devidamente o apreciaram e reverenciaram os antigos peruanos, quando no equinócio de setembro esperavam pelo ressurgir de sua grande Divindade, antes que ela coroasse o cimo do *Cayamburo* e, desmaiando as estrelas que matizavam o manto da noite, fizesse no oriente rutilar o ouro e o azul, entre o entoar dos hinos de seus filhos, repetidos desde o *Pandamarca* até além do *Potosi* por esse povo feliz antes da conquista.

Como o sorrir de uma donzela casta
Quando sente d'amor primeiro afago,
És assim, oh manhã! nos campos nossos.

Como um desejo
Da minha amada,
Surgir eu vejo
A madrugada.
São seus enfeites
De alta invenção
Traz-nos deleites
Ao coração.
Do campo as flores
Sabe orvalhar.
Doces amores
Em nós gerar.

— Haveis de pedir a meu pai para casar-nos? perguntou Clarinda.

— Sem dúvida, minha noiva, e ele não nos há de recusar isto...

— Oh! Meu pai é tão bom; como ele havia de recusar aquilo que tanto deseja? Fala sempre tanto em vós!

— E o que diz ele?

— Que sois um bom moço, que assim como sois um excelente filho haveis de ser excelente marido e ainda melhor pai; diz que eu hei de ser muito ditosa quando for vossa esposa, que a vosso lado hei de esquecê-lo... Mas isto não... Eu nunca deixarei de amar e de lembrar-me do meu bom e generoso pai... Oh! Isto me parece impossível! Hei de amar a todos dois, muito e muito.

— Meu amigo!

— Minha noiva!

E ambos se apertaram as mãos e involuntários seus lábios se tocaram em um êxtase do céu.

Ávila chegou neste momento e foi testemunha da mais bela cena de amizade em que duas almas puras e virtuosas faziam tácitas um voto de união eterna.

— Meu Deus, abençoai-os!

Hendrichs, que já a custo movia os pés, levantava-se todas as ma-

nhãs para gozar a doce e aromática viração dos campos. Nesta, como de costume era, encaminhou-se à tenda de Clarinda e lá achou os felizes noivos e o jovem Ávila.

— Deus vos lance a sua santa e bendita benção! pronunciou Hendrichs quando eles em sinal de respeito se levantaram e o saudaram.

— Meu pai, disse Almênio com acanhamento, é tempo de cumprir minha promessa, de ligar-me em sagrados laços com a vossa...

— Meu filho! Meu amado filho!

E Hendrichs apertou a mão de Almênio com toda a força, ficou extasiado e derramou muitas lágrimas.

— Já posso morrer descansado, já sou feliz!

E depois, pegando também na mão de Clarinda, as juntou com prazer.

— Deus vos abençoe! Quando eu morrer, digei aos vossos filhos que eles tiveram um velho avô, que amava a virtude e vos uniu por meio dela.

— Meu pai, não vos lembreis da morte, cuidai só em nossa felicidade, vivei para nós!

— Meu pai! exclamou Clarinda. Vivei para nós!

— Não lembrar-me da morte?! Assim fazem os homens vulgares, na festa da vida esquecem-se do banquete dos mortos, mas aquela é fugaz como o relâmpago e este duradouro como a eternidade.

— Desterrai estas idéias.

— A vossa felicidade me vigora os músculos, renova-me as forças, sinto que alguns dias de existência vão prolongar-se além do termo que me era marcado. Sois, para mim, o que é o sol para as flores do campo e do mato.

— Meu pai, como sois bom!

E Clarinda, exclamando assim, recostou sua cabeça loura sobre os ombros de seu pai e voltou seus olhos azuis para contemplar a face dele.

— Quando eu me casar, hei de amar-vos sempre; nunca me hei de esquecer de vós... Meu pai, como sois bom!

E passava-lhe as mãos pela testa para alisar as rugas que ali apareciam. Hendrichs correspondeu a tanta ternura, chorando copiosamente.

Os dois jovens estavam muito comovidos.

— É este mimoso tesouro, disse Hendrichs para Almênio, que deposito em vossas mãos; sois vós o único que o conheceis em seu verdadeiro valor... Estais satisfeito?

— Oh, muito meu pai!

— É necessário arranjar agora as justificativas no Juízo Eclesiástico e dele obter a competente licença...

— Estão dadas as justificações, acudiu Almênio, o nosso amigo Ávila de tudo se encarregou, durante o tempo que esteve em Porto Alegre; eu fui esperá-lo perto da cidade e, quando veio, tudo trazia pronto.

— Obrigado, meu jovem, disse Hendrichs apertando a mão de Ávila.

— Obrigadíssima, meu amigo, disse Clarinda.

— Nada tendes que agradecer-me, disse Ávila, porque nada me custou; ninguém pode duvidar da verdade do Sr. Capitão Almênio e todos conheciam um virtuoso homem que eu designava pelo nome de Hendrichs.

E foi apressado buscar os papéis. Os despachos estavam assinados pelo virtuoso varão e bem conhecido vigário da vara de Porto Alegre, o Reverendíssimo Cônego Thomé Luiz de Sousa.

— Designai-nos o dia do casamento! pronunciou Almênio.

— O próximo domingo, respondeu Hendrichs.

— E os pregões! observou Ávila.

— É verdade! chamaram ao mesmo tempo os três.

— Não me tinha lembrado! disse Hendrichs.

— Nem eu; a alegria tirou-me a memória, disse Clarinda.

— Arranjaremos até lá, pensou Almênio.

— Para a dispensa dos pregões é necessário requerer e isto leva algum tempo.

— Esperaremos! disseram todos.

Resolvidos e penetrados de sincera alegria, vieram sentar-se na sala da frente da casa. Aí Clarinda mostrou, dispostos em um lado, os seus trabalhos ao noivo; e foi cuidar do almoço. Almênio examinou-os: eram bordados e alguns desenhos a lápis e a pincel. Em um grande bastidor via-se um tapete de admirável trabalho, representando num campo verde, deitado debaixo de um copado coqueiro, o Anjo do Himeneu ligando as mãos de dois risonhos camponeses e tendo pendente de sua cabeça, cercada de uma grinalda, uma faixa azul com estas letras douradas — *Amor*. Em outro menor via-se um lenço, ainda não acabado, representando quatro divindades do paganismo e seus atributos: Netuno, o deus dos mares, armado de tridente e sentado em uma grande e enorme concha puxada por monstros marinhos e precedida de outros que emborcavam retorcidos búzios;

Diana, a deusa dos caçadores, descendo à terra envolta em cortinados de nuvens que abafavam a luz do dia e empunhando um lindo arco; Éolo, o deus dos ventos, cercado de seus quatro ministros, Boreas, Austro, Euro e Zéfiro que sopravam com suas enormes bocas o ar acumulado que os cercava; Plutão, o deus dos infernos, armado de seu bifurcado cetro e sentado em um trono de ferro, tendo a seu lado a bela Prosérpina, sua esposa, e a seus pés as riquezas dos abismos da terra, o sono, as parcas, o cego destino e os manes dos sepulcros e, um pouco retirado destes, à porta de uma ampla caverna, os três juizes infernais, Minos, Éaco e Radamanto. Em outro pequenino, um tapete de castiçal, representando um ramalhete de rosas, jasmims, perpétuas e cravos, enlaçados por um fita cor de flor de alecrim em um fundo branco. Em cima de uma estante estavam os desenhos. Um representava a *plainada* do moinho, onde se via, junto a uma árvore e ao regato, um jovem dormindo e à pouca distância uma linda e gentil camponesa entre a curiosidade e o sobressalto a contemplá-lo. Os traços e as sombras deste quadro mostravam um engenho admirável. Outro mostrava um coração atravessado de setas.

..... as paixões nossas:

Da matéria altaneiros movimentos
 Que em nossa alma produzem desusados
 Estranhos sentimentos!
 Sábios antigos e a moderna gente
 Como origem nos dão de tais idéias
 O nosso coração sempre agitado
 P'ra o circular do sangue.
 Dos nossos campos a loureira moça
 Sabe amor exprimir bem ao sentido,
 Um coração pintando
 Penetrado de setas ou ferido.

Outro representava a cidade de Porto Alegre, entrincheirada e apresentando uma desolação terrível em seu aspecto; o anjo da guerra estava altivo em seu céu carregado de nuvens e espalhava raios e torrentes de sangue sobre ela; na parte inferior do quadro lia-se esta inscrição: — *Dia 15 de junho de 1836 — Reação contra os rebeldes.* Outro mostrava a vila

de Rio Pardo¹⁰ regada pelos dois rios, Jacuí e Rio Pardo, e coberta de nuvens tenebrosas¹¹; dois exércitos viam-se travados em um forte combate; um deles porém vacilava e já apresentava destroços em todas as fileiras: era o exército brasileiro que, no dia 30 de abril de 1838, em força de mil e quinhentos homens de infantaria, cavalaria e artilharia, ao mando do marechal de Campo Sebastião Barreto Pereira Pinto e dos brigadeiros Calderon e Cunha, foi completamente derrotado pelo exército republicano Rio-Grandense em número de três mil homens quase todos de cavalaria, ao mando do general em chefe do estado maior da república, Neto, e do brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, nessa infausta vila, que em comemoração desta ação foi pelos republicanos chamada — Cidade Abrilina. Outro mostrava a pequena cidade do Rio Grande¹², tendo em sua praia três longas fileiras de grandiosos navios cujos mastros nus se assemelhavam a um vasto pessegueiral na rigorosa estação do inverno em que ele se despoja de suas folhas e flores, animado de um trato comercial muito ativo que bem se podia ver pela multidão de povo que circulava nas ruas *da praia e direita* e no largo do *arsenal* bem distintos pelo bem acabado do quadro; uma família saía da igreja de São Pedro, mostrando em suas faces a mais pura hospitalidade que caracteriza os bons habitantes deste lugar e os torna amados de todos os estrangeiros. Outro representava, ainda só traçados, um vasto terreno, um rio e sete povoações cercadas de cultivos e pomares.

Clarinda entrou nesta ocasião com uma *máquina de café* numa mão e quatro xícaras e pires na outra e as depôs na mesa.

— Explícai-nos este quadro, minha senhora? perguntou Ávila.

10. PROJETO DE LEI.

N. 10 — A Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul resolve: Artigo único. Fica elevada à categoria de cidade a atual vila do Rio Pardo com a mesma denominação; e terá todos os foros e prerrogativas das outras cidades da província. Sala das Sessões, 6 de março de 1856. — Oliveira Belo, Patrício Corrêa da Câmara, Travassos Filho, Dias de Castro. (Nota do Autor)

11. A cidade de Rio Pardo, conhecida como a "Tranqueira Invicta" do Rio Grande do Sul, foi um importante núcleo militar e comercial de 1753 em diante. Dali irradiou a defesa da fronteira meridional desde os tempos coloniais.

12. O principal porto da província e seu entreposto comercial. Conforme as informações de Berlink e Hörmeyer teria, na época mencionada, de 12.000 a 16.000 habitantes.

— Pois não, Senhor Ávila, respondeu Clarinda. Quis eu desenhar a antiga província de Missões, essa terra dominada e povoada outrora pelos Padres Jesuítas e que hoje faz parte desta província do Rio Grande do Sul, mas não o pude conseguir; estou muito esquecida da nossa topografia e por isso escapam-me as verdadeiras localizações desses chamados *Sete Povos de Missões* ornados de seus ricos templos e colégios; esse rio caudaloso do Uruguai não está talvez em seu próprio leito.

— Estudastes geografia? perguntou Almênio.

— Sim, ao mesmo tempo que aprendi o português e o francês, porque antes só falava alemão.

— Quem foi o vosso mestre nesse retiro?

— Meu pai, que também se encarregou de ensinar-me o latim, o desenho e a música.

— Bem o aproveitastes! Desenhais com muito bom gosto! acudiu Ávila.

— Oh, muito mal; somente risco alguma coisa.

— E os trabalhos de agulha?

— Foi minha mãe quem m'os ensinou.

— Era ela de suma habilidade em todas as coisas que fazia! exclamou Hendrichs. Ainda conservo como preciosas relíquias os seus bordados! Minha pobre mulher... Morta longe de sua família...

E ele ficou imergido em profunda tristeza, uma idéia vaga lhe escaldava a mente e um sinistro véu de amargor lhe sombreava a testa.

— Generoso Hendrichs, recebi este penhor da amizade de meu pai, disse Ávila aproximando-se ao velho e oferecendo-lhe um vestido de fina cassa branca. É um presente de noivado para vossa filha; e permiti que eu ajunte, acrescentou tirando do dedo um anel de alto valor, este insignificante sinal do respeito que vos consagro.

Todos ficaram admirados do presente do jovem. Almênio não estava disto prevenido. Ávila soubera guardar segredo para surpreender o seu amigo.

— Obrigado! disse Hendrichs deixando cair uma lágrima.

— Como sois bom! disse Almênio.

— Tanta generosidade, meu amigo! exclamou Clarinda.

Esse dia se passou alegremente.

No dia seguinte Ávila se dispunha a partir para Porto Alegre a fim de obter dispensa dos pregões e, já montado a cavalo se despedia dos feli-

zes noivos e do velho honrado, quando um soldado de cavalaria que galopava a *toda brida* parou um pouco distante da casa, apeou-se e dirigiu-se a ela com um papel dobrado em grande formato.

— Novidade! exclamou Clarinda assustada.

— Não há de ser coisa alguma que meta medo!

O soldado parou no terreiro onde eles estavam, perfilou-se e fez a devida continência ao seu capitão.

— A que viestes?

— O Sr. coronel mandou-me entregar a Vossa Senhoria este officio.

— Onde está ele?

— Em Porto Alegre, mas em ordem de marcha para a vila do Triunfo, de onde se diz que logo seguiremos para a Campanha.

— Ai! exclamou Clarinda empalidecendo.

Almênio rasgou o fecho de obréia¹³ e abriu o officio.

“Por ordem de Sua Excelência, o Sr. General Comandante-em-Chefe do Exército, tem o corpo a meu comando de marchar para a fronteira, a fim de entrarmos em operações com as forças rebeldes; o que comunico a Vossa Mercê para apresentar-se quanto antes neste quartel e seguir o dito destino com a sua companhia.”

— É necessário obedecer! E no entanto... disse Almênio abaixando a cabeça.

— Senhor Almênio! Ides deixar-nos? Para entrardes no horror dos combates, exposto a milhares de balas, a tantos perigos...

— Deixar-vos! exclamou Almênio. Esta idéia me horroriza... Maldita ordem! continuou, apertando os beiços e amarrotando entre os dedos convulsivos o officio.

— Senhor Almênio! repetiu Clarinda olhando-o com as faces banhadas de lágrimas.

— Maldita ordem! Continuou ele tremendo. Eu não irei! Mas... o soldado deve sempre obedecer!... Sempre...

— E nunca vacilar um instante sequer! disse Hendrichs com aquela segurança que caracterizava o velho ministro de dois grandes reis.

— Então! É o soldado um autômato? perguntou Ávila.

13. *Obréia*: fina camada de massa que serve para grudar papéis.

— Um autômato! disse admirado Hendrichs. Não, mas todo homem está subordinado ao dever; e o dever do soldado lhe impõe a obrigação de correr imediatamente ao primeiro grito da pátria em perigo; aquele que não satisfaz o dever não tem jus aos privilégios e garantias que a ele se seguem.

— E o dever de família? perguntou Ávila.

— A família está contida na pátria! Senhor Almênio, marchai em defesa comum e depois voltai aos nossos braços para gozardes a paz que vos devemos.

— Eu parto! disse Almênio sufocado em soluços.

— Adeus! pronunciou Clarinda banhada em copioso pranto.

— E ela! A minha noiva! exclamou Almênio refletindo e lançando um olhar de inteligência para Ávila.

— Oh, meu amigo! Eterno reconhecimento...

Ambos os jovens se abraçaram; depois Almênio revestiu-se de suas armas e saiu acompanhado de seu amigo e do soldado. Tomaram a estrada de Porto Alegre.

Clarinda ficou ajoelhada defronte de uma imagem de Jesus crucificado, orando e chorando, e Hendrichs comovido acompanhou em voz baixa as preces de sua filha.

Tinham-se passado muitos dias quando Ávila voltou e noticiou a partida de Almênio em uma barca de vapor para o Triunfo.

— Estou às vossas ordens, senhor Hendrichs, disse Ávila.

— Obrigado, meu amigo, respondeu Hendrichs. O regulamento a que submeti minha conduta e meus misteres domésticos me fazem descansar e tornaram-me de tal forma independente que de quase nada preciso, mas a fraqueza em que me têm lançado os meus anos tornar-se-á menor com o auxílio de vossa amizade.

— Virei sempre visitar-vos.

— Esperar-vos-ei todos os domingos.

— Vinde, senhor Ávila, disse Clarinda, tornar menos amarga a longa ausência do virtuoso Almênio.

— Nunca faltarei.

Ávila partiu nesse mesmo dia.

Na manhã seguinte um homem se apresentou em casa de Hendrichs, deu-lhe novas de Almênio e insinuou-se o mais que pôde nos ânimos des-

ta boa gente.

— Vi-o em Rio Pardo, disse ele respondendo às multiplicadas perguntas de Clarinda sobre Almênio; falou-me ele muito de vós, gabou-me vossa virtude, vossa hospitalidade, e deu-me uma carta para vos entregar.

— Uma carta! exclamou Clarinda. E onde está ela?

— Esqueci-a em minha mala...

— Está em vossa casa?

— Não tenho casa.

— Oh, benvindo sejais à nossa, que podemos recolher-vos... e tanto mais que trazeis uma carta de Almênio.

— Virei talvez dar-vos muito incômodo...

— Não, não, vinde morar conosco; por amor de Almênio tendes em nós verdadeiros amigos.

— Pois bem! Esta tarde irei buscar minhas malas para aproveitar-me dos obséquios que me fazeis em atenção ao meu bom amigo, a esse virtuoso moço.

— Dizeis bem! É muito virtuoso, acudiu Hendrichs com sinceridade.

O aventureiro aí jantou e atraiu a atenção de Clarinda falando sempre bem de Almênio. Ele soube iludir por alguns dias a curiosidade de Clarinda que lhe pedia com ansiedade a carta e parecia já ir ganhando afeição no coração da incauta moça, quando Ávila veio, como prometera, ao domingo, visitar os seus bons amigos.

— Francisco! exclamou Ávila ao entrar dando com os olhos no aventureiro. Covarde!... No asilo da inocência um monstro desta ordem que tu do empesta com imundo hálito!

Todos se tornaram petrificados e o vil sedutor tremeu de medo.

— Francisco! exclamou Clarinda recobrando os sentidos e apontando para o aventureiro. O sedutor da pobre Amélia!

— Francisco! disse Hendrichs alevantando-se animado pela indignação. Homem covarde, que vieste iludir um pobre velho com tenções de raptar-lhe a filha e despenhá-lo alfim no fundo do sepulcro! Homem indigno e covarde!

— Eu não sou covarde! disse Francisco. Sei medir a minha espada com a do inimigo; e se este jovem não se recusa...

— Recusar-me! exclamou cheio de furor o moço Ávila. Mais de uma vez tenho-a medido...

- Com a tua?
- Sim, e bem tens tu sentido a desvantagem da tua...
- Qual é teu nome?
- Jovem Ávila!

Francisco abaixou a cabeça e disse entre dentes:

- Fatalidade! Sr. Hendrichs, um engano notável me trouxe à sua casa.
- Enganador! Falsário! exclamou Ávila.
- Permiti que eu me retire, senhor Hendrichs, disse Francisco.
- Não! Eu hei de castigar-lhe a audácia! exclamou Ávila.
- Deixai-o ir em paz e Deus que o julgue! pronunciou Hendrichs

com tom solene e religioso.

Francisco saiu, deixando nesta casa ilesa a virtude dela, e nada depois ocorreu de extraordinário na habitação de Clarinda. Ávila velava sobre ela.

Enquanto esses fatos que relatamos se passavam, Edélia, a virtuosa Divina Pastora, ardia no fogo de um novo amor. Era Almênio que lhe dominava os sentidos, que vivia dentro dela imperando com todo o despotismo de uma paixão de moça.

Um dia, Fontoura, o jovem poeta que conhecemos em casa de Paulo, veio visitá-la e lhe contou que Almênio marchara imprevistamente para a Campanha a entrar em operações com o seu regimento contra os republicanos. Edélia ficou surpresa e entregue a um estado de verdadeiro desânimo.

- Quê! Pois Almênio deixou-me! exclamou ela involuntária.
- Vós o amáveis?
- Deus!... Perdoai-me, senhor Fontoura; o meu segredo...
- Ninguém o saberá! Dizem que os poetas não são assaz discretos, mas eu vos prometo guardá-lo por tempo indefinido; sim, minha amável senhora, ninguém o saberá.
- Obrigada! Conto muito com a vossa discrição.
- E eu com a vossa! Tanto que...
- Que quereis dizer?
- Que vos amo, que meu coração é todo fogo, todo paixão, que sois para mim uma rosa da manhã desabrochando ao primeiro sorriso da manhã enfeitada de graças as mais ridentes, mais sedutoras que a alma do homem jamais tem sentido; que vosso semblante é como a estrela da minha vida fulgurando no imedido espaço da esperança; vossos olhos como

as primeiras idéias que me surgiram no mundo sensível quando eu apenas começava a verde existência, que só me ocuparam e me ocuparão eternamente a razão; vossos lábios como o manancial perene das fontes sagradas do Egito onde encontro o consolo e o néctar de minhas penas; e vossas faces como um jardim encantado das fadas orientais onde vagam de continuo as minhas mais queridas esperanças e desejos...

— Perdoai-me! Não me é lícito ouvir-vos...

— A mim? Então ofendo-vos?

— Não, não me é dado amar-vos, porque, como soubestes agora, o meu coração não é livre; ele pertence a outrem.

— Venturoso Almênio! Então de todo me repudiáis?

— Não vos repudio; serei vossa amiga; estimar-vos-ei já que não posso amar-vos e tanto mais que prometestes guardar o meu segredo.

— Sim, e serei o vosso confidente.

— Confidente! exclamou Edélia surpreendida.

Uma moça não pode ter por confidente um moço sem que o ame e muito; o mais leve sinal de confidência de um para o outro é um ensaio de amor; e o amor é como a faísca que ateia de pronto o combustível, propagando-se, e produz um grande incêndio.

— Sim! E serei o vosso confidente! repetiu com ênfase e confiança o jovem poeta. O estro é o confidente do Vate, o verdadeiro amigo, o único que lhe dá vida; o moço é o confidente da moça, o único amigo que a pode preservar de muitas penas. Confiai em mim e considerai-me como um amigo de Almênio que em vosso coração entra como um fiador dele.

— O meu coração acredita na fidelidade de Almênio.

— Tendes porventura a certeza do amor do meu amigo?

— Não! disse ela suspirando.

— E se ele não puder amar-vos, se disser-vos o que me dissestes: "*o meu coração não é livre, ele pertence a outrem*", o que fareis nesse caso?

Edélia não respondeu, entristecida abaixou a cabeça sem ânimo de dizer uma palavra; tinha tido uma idéia que até ali não lhe passara pela mente. Sofrera já os desprezos de um perverso que a tentara iludir e tinha achado isto muito natural e dado graças a Deus por tê-la afastado de um tal monstro, mas ser desprezada de um homem virtuoso, de um homem que lhe manifestara simpatia... Oh, nisto ela não pensara! E no entanto agora lembrava-se que desde tanto tempo, e mesmo em virtude de al-

guns dos seus desdêns, talvez ele tivesse votado a alguém um amor que se não altera como é o amor do homem sincero e virtuoso.

Fontoura, vendo-a nesse estado, despediu-se e retirou-se, deixando sobre uma banca um papel fechado com obréia. Edélia abriu-o e leu a seguinte

CANTATA

Como as flores do campo eu ignorava
 Como as águas da fonte e como os lindos
Beija-flores, d'amor castigo e penas.
 Era ufanoso como os verdes leques
 Do alvo *butiá*, era garboso
 Como em mês de janeiro a *goiabeira*.
 Livre estava o meu peito e meus sentidos
 A par corriam do prazer nos jogos;
 Bem vezes indiferente em doces margens
 Do rio nosso, do *Guaíba* ameno.
 Sustentei em meu braço almas belezas,
 Gentis ninfas d'amor co'o amor nos lábios;
 Seus encantos, seus mágicos sorrisos
 De meu peito arrancar jamais puderam
 Um suspiro sequer, mesmo um arquejo.

Mas teu meigo semblante

Como o sol a surgir na madrugada
 Que doira os vales, que as florestas doira,
 Murchando as folhas, desfolhando as flores,
 Minha vida doirou d'almos prazeres
 E as flores me secou da paz serena
 Da branda e doce paz que me afagava.

Teus olhos sedutores

Brilhantes a luzir num céu d'amores

Quais raios do meu anjo

Que em cuidados me botou

E do perigo em mares

Raivoso me lançou,

Tornaram-me da vida almo futuro

Escuro a borbulhar em mil tormentas.
Teu mágico sorriso,
De *aurora-boreal* na glácia terra
Mimosa imagem cândida e serena,
O meu peito inundou de luz intensa
Da luz que ativa nos consome e abrasa.
Sou outro neste estado,
Já o mesmo não sou qual era dantes!
Se tu, se tu quiseres
Um brando lenitivo a tantas dores
Humana conceder, corre a meus braços
E neles acharás constante peito
Que te há de agradar, d'amor encher-te.
És bela como a Aurora,
E como o despontar do riso em faces
Da própria Divindade, em faces de anjos.
Teu canto sonoro
É cântico dos céus que os céus estimam
Dos Querubins em música entoado.
Tua alma meiga e simples
Iguala de Maria a virgindade,
Alta pureza e ser imaculado.
Respeita as leis do Eterno
Que amar nos ensinou co'o próprio exemplo.
Quando irmão se tornou da humana espécie
Aos irmãos nossos: — *Fazei sempre aos outros*
Aquilo que quereis que se vos faça.
Amai-me qu'eu vos amo!
Unidade se tornem nossas almas
Num só laço d'amor, d'amor num laço.
Aguardo o teu decreto
Que pode aniquilar a essência minha
Se amar me recusares;
Ou tornar-me feliz, rival dos anjos,
Se amar-me pretenderes.

— Meu Deus! E ele diz que me ama! Ah, meu coração, és tão ingrato que não calculas o futuro! Dizem que o coração de uma jovem amante é sempre adivinho, mas como julgam erradamente; talvez que neste instante em que eu vacilo entre uma declaração de amor e a idéia de Almênio, ele folgue com o prazer de amar e ser amado; e me esqueça e em mim não pense! Fontoura é um poeta — o amar de Poeta é amar de fogo! — quão feliz não é a jovem amada de um vate! Petrarca tornou imortal a sua Laura¹⁴, Gonzaga a sua Marília!¹⁵ Se me fosse dado amar o jovem Fontoura e ser por ele cantada, para ser imortal também, quão belo não seria esse instante em que eu pudesse responder-lhe — *eu te amo*. Almênio me disse que me amava, que ardia por mim num fogo intenso de paixão, mas já se passaram tantos meses!... Eu primeiro desdenhei dos seus extremos e depois disso não o ouvi falar mais em seu antigo amor... Quem sabe se já me não ama! E eu hei de nesta dúvida desprezar o amor puro de um poeta? Não, três vezes não... Mas Almênio? Como é lindo o seu aspecto, como garboso o seu porte, como gracioso o seu sorriso!!! Não posso amar o jovem Fontoura! Amarei somente com força irresistível o meu valente e generoso primo... E demais não me salvou ele das garras de um tigre?...

Edélia levantou-se apressada, procurou uma pena em sua escrivaninha e escreveu por baixo do bilhete de Fontoura:

Eu amar-te não posso, um fogo intenso
Dentro de meu coração alheia destra
Já de há muito ateou, de há muito escrava
Em cruenta paixão toda me abraso.

Depois chamou um escravo e mandou-lhe entregar o seu bilhete. Pareceu respirar livremente; mas pouco tempo esteve sem que a idéia de um novo amor de Almênio lhe viesse barulhar o cérebro, reduzi-la a um estado cruel que se pode chamar o crepúsculo da existência, estado equívoco entre a morte e a vida, entre a dor e o prazer.

Fontoura voltou, passados dias, reiterou seus obséquios de amor, seu culto de paixão amatória, mas não recebeu de Edélia uma só resposta, porque ela se achava imersa em um abismo insondável de tristeza.

14. Laura, a musa inspiradora dos *Sonetos* de PETRARCA (1304-1374), o primeiro dos grandes humanistas da Renascença na Itália.

15. Marília, protagonista dos poemas líricos de Tomás Antonio GONZAGA (1744-1809), reunidos na obra *Marília de Dirceu*.

— Quando fordes desprezada, quando vos achardes só neste mundo sem esperanças de amor, volvei a mim! exclamou ele com ironia.

Ela levantou os olhos para os céus e suspirou, como se quisesse dizer que Deus protege os desamparados e que nunca os deixa sem os alívios de sua misericórdia.

Fontoura saiu desenganado.

Três meses se passaram e Paulo, vendo sua filha sempre triste, resolveu mudar-se para uma casa sua na cidade de Porto Alegre, no *Largo do Paraíso*¹⁶, para essa praça outrora tão bonita mas que hoje apresenta um curto espaço entulhado de carretas da vila de Santo Antônio, porque nela foi construída uma *praça de mercado*. A casa de Paulo tinha um sótão na frente. Edélia logo que aí chegou recolheu-se a ele e vivia a contemplar essas bonitas ilhas que bordam a margem oposta do sereno lago do Guaíba; a superfície prateada do mesmo lago retratando as vergas de vinte a trinta pequenos navios que nele bóiam como os marrecos num tanque a refrescar-se e as laranjeiras, os limoeiros, as romeiras, os coqueiros e mil outras árvores que enfeitam suas ribanceiras plácidas, encrespando-se às vezes pela bafagem dos ventos ocidentais na hora do fim do dia; essas casas elegantes, construídas sobre as águas da praia, que iam formando já a — *rua nova da praia*¹⁷ — assoberbada pelo lucro do comércio da cidade. Quando ela via todos esses vermelhos telhados dessa parte da cidade, agora renovados, ela lembrava-se da desolação passada, do tempo em que debaixo do teto de muitas delas a fome entrava com carrancudo aspecto, convidando ao crime e à desordem famílias inteiras, e ela, então, como a mais compassiva das virgens, parecia querer voar em socorro de todas essas vítimas que já tinham passado e cumprido o seu cruelto sacrifício. Depois ela recordava-se da guerra infausta e via... o quê?...

Eram irmãos que se apunhalavam.

16. *Largo do Paraíso*. Corresponde, hoje, à atual Praça Quinze de Novembro, na zona central de Porto Alegre. O Autor refere-se, adiante, à construção do primeiro Mercado Público, inaugurado em 1844 e que funcionou até 1870, quando foi demolido em virtude do surgimento do novo Mercado, um pouco mais além na mesma região.

17. Assim na 1ª edição, grafado em letras minúsculas.

O ensangüentado dia 20 de setembro de 1835 em que a revolução começou os seus furores sob o mando do coronel Bento Gonçalves da Silva; o dia 15 de junho de 1836 da reação contra os rebeldes em que um punhado de homens (240) se constituiu vingador da nacionalidade brasileira; o dia 30 do mesmo mês e o dia 20 de julho do mesmo ano em que estes mesmos homens, sitiados por terra e mar por uma força de quase dois mil homens, souberam sustentar o seu primeiro ato com uma heroicidade igual a que mostraram os portugueses sob o vice-reinado do imortal D. João de Castro, na Índia, quando sustentavam a fortaleza e a cidade do Diu.

Eu vos descrevi na parte primeira desta obra o repouso e as virtudes desta família, quando ela aqui morava. Só me resta pois acrescentar que nela não vegetava o mais leve e pequenino germen da intriga dos partidos, que nessa casa, agora, se confundiam todas as crenças, todas as classes e todos os princípios políticos, que aí não havia ódios nem predileções para ninguém, o que era coisa bem singular num tempo em que a fermentação ainda apresentava o seu terrível aspecto, em que os pais, os filhos, os irmãos e os amigos se almaldiçoavam mutuamente.

Um dia em que Edélia botava o seu óculo de alcance de seu sótão para a boca do rio Jacuí, viu uma bonita canoa que arvorava uma bandeira brasileira num pequeno mastro de proa; ela se admirou disto porque nunca vira tal coisa; depois ela seguiu com os olhos o curso da canoa, que se dirigia para a praia da *Praça do Paraíso*: a canoa embicou à praia e saltaram quatro oficiais militares, e entre eles Edélia reconheceu Almênio.

— Meu primo! exclamou ela dominada da mais pura alegria.

Susana, que estava no sótão varrendo e arrumando os trastes de sua *senhora-moça*, ouviu esta exclamação e perguntou:

— Quereis, minha senhora, que o vá chamar?

— Sim, vai oferecer, da parte de meu pai, a nossa casa àqueles senhores.

Susana saiu e foi cumprir a ordem de sua *senhora-moça*.

Os oficiais aceitaram o convite e Almênio ao entrar em casa do seu tio foi recebido por todos com sincera e cordial amizade, aumentada pela saudade que sua ausência tinha produzido.

— Sois bem feliz, disse a Paulo o Coronel do regimento de Almênio, que era do número dos quatro, em terdes por sobrinho este nosso virtuoso Capitão. É um moço como se encontram poucos, especialmente na nossa classe em que a ociosidade gera muitos vícios e nos convida à prática

de atos algumas vezes indecentes.

— Os bons exemplos de seu pai, disse Paulo, o colocaram no mundo para a felicidade.

Houve uma certa comoção em todos que aplaudiam interiormente o jovem.

— Obrigado, meu Coronel, disse Almênio cheio de pejo, eu vejo sempre em vós o mais carinhoso pai...

— Se fora vosso pai não vos deixaria casar, interrompeu o Coronel, porque ainda sois muito jovem para isso, não tendes ainda bastante experiência para reger uma mulher.

— Casar-se! murmurou Edélia envermelhecendo.

— Coronel, ele gosta muito das prussianas, disse rindo um dos oficiais.

— Aposto que irá a São Leopoldo, disse o outro.

— A vossa Clarinda, a vossa bela prussiana, disse rindo o Coronel a Almênio, sem dúvida já se esqueceu de vós.

— Esquecer-me! Nem seu coração, nem mesmo seu pai, disse com ênfase o jovem, terão consentido tal coisa!

— Ordinariamente as moças são como os cataventos, disse o primeiro oficial, vão para onde lhes dá o vento.

— Isto são as brasileiras, disse com ironia o segundo, as prussianas são muito constantes.

— Qual! Ele ainda há de mudar de opinião, há de convir conosco que as *senhoras* todas vivem dos enganos que nos fazem, observou o primeiro.

— Ora, meus amigos, vocês não deixam descansar o nosso *amante* em sua praça entrincheirado, querem sempre atacá-lo por todas as brechas que lhe acham.

— Sou inconquistável! exclamou rindo Almênio.

— A sua bela fortaleza, seu mais seguro reduto é a prussiana do pé do *moinho de água*, disse o Coronel. Ninguém poderá vencê-lo, porque primeiro será necessário tomá-la ou por um apertado assédio reduzi-la a que aceite uma capitulação.

— Ou que se entregue à discricção, à vontade do vencedor, interrompeu o segundo oficial.

— Nunca! exclamou o jovem. Conheço bem a sua alma.

— Bravo! exclamaram ao mesmo tempo o Coronel e os dois oficiais.

Antes que esta cena burlesca terminasse, Edélia tomada de uma

cruel agitação se retirou da sala e se foi pôr a um canto da sala de jantar, encostada a uma mesa, chorando amargamente. A profecia de Fontoura se tinha realizado. Almênio falava cheio de uma veemente paixão por uma nova amada.

— Cruel rival! pensou ela consigo; anjo decaído do gozo da face de Deus, para que me vieste reduzir a este estado místico de certeza cruel e de inabilidade para a crença da minha desventura; eu o amava e tu m'ó roubaste; eu o esperava em meus braços e ele fuge de mim para lançar-se eternamente nos teus; eu o aguardava ansioso e feliz, mas és tu, só tu... que gozas o seu doce amor; eu sou desgraçada e tu fagueira verás despontar em seus lábios os sorrisos de amor e de candura... Oh, quanto não daria eu para que esses sorrisos me pertencessem, fossem meus e meus somente...

— Minha filha! chamou Margarida.

Edélia enxugou as lágrimas, enfeitou seu rosto com o véu da dissimulação e foi para a sala.

Almênio e os oficiais se estavam despedindo para retirar-se.

— Meu tio, disse Almênio, temos de apresentar-nos ao comandante da guarnição da cidade e mister é que isso se não demore; eu voltarei porque muitas coisas tenho a falar-vos.

— É, sem dúvida, a *maçada* costumada dos elogios de sua Clarinda, disse um dos oficiais.

Edélia suspirou.

— Não, disse Almênio percebendo-a, eu disso não falarei a meu tio. Coisas de mais interesse...

— Bem! Vamos, meu Capitão, interrompeu o Coronel.

E eles saíram.

Edélia recolheu-se a seu sótão e se pôs a pensar, entre a dúvida e a certeza, no que Almênio queria dizer a seu pai.

— Mas para quê eu não aceitei a declaração de amor que me fez Fontoura? Não podia eu prever que Almênio, a quem eu havia tratado com desdém, poderia procurar um amor fiel e que lhe fosse correspondido? Não me lembrei que não tinha direito algum ao seu coração? Não me veio mesmo à cabeça a idéia de um desprezo se eu pretendesse aos seus afetos depois de tê-lo desprezado? Como fui injusta! Terrível amor de Francisco que me afastou para sempre da felicidade! *Que se vai casar*, sem dúvi-

da. *Que será muito feliz com sua futura mulher:* e eu hei de aplaudir a sua escolha quando ele a indigitar? Horrível pensamento!... Eu hei de aplaudir com face serena a causa que me vai tornar desgraçada e para sempre decidir da minha vida... Tornar-me desgraçada...

— Deus! exclamou uma voz forte e que Edélia desconheceu.

Edélia voltou apressada os olhos dominada da maior surpresa que se pode conceber e viu... o beato, o companheiro de Ávila que havia exposto a sua vida em defesa dela no combate dado contra Francisco.

O beato, tornado desde esse tempo fiel amigo da família de Paulo, tinha liberdade de entrar no interior da casa, sem que alguém o estorvasse. Há muito tempo, porém, ele não aparecia e agora, inesperado, tinha vindo surpreender Edélia no mais recôndito de seus pensamentos.

— Deus! repetiu ele. O nosso pai comum não desampara a ninguém, não temais as obras dos homens quando o Eterno vela sobre vós.

— Deus? perguntou ela envergonhada.

— Sim, minha amiga, e somente Ele é quem nunca nos atraiçoa, quem somente nos conhece os pensamentos e nos remedeia nas ocasiões de perigo; sede boa filha de Deus, desprezai as vaidades humanas e vereis como vos correrão os dias felizes.

— Mas o meu amor?

— Alguém vos desprezou, sem dúvida; não vos aflijais por isso; amai a Deus e ele nunca vos há de desprezar; dai-lhe o vosso amor, os vossos pensamentos, as vossas flores e todos os vossos dias, e vereis como se-reis amada, como felizes os vossos pensamentos, como bem aceitas as vossas flores e como alegres os vossos dias.

— Fazeis o que me aconselhais?

— Sim, minha amiga, porque eu estou desenganado. Eu amei em outro tempo uma menina galante e de olhos feiticeiros. Lembrai-vos da irmã de Ávila?

— Sim, lembro-me muito.

— Pois bem! Joaquininha é a menina que eu amava. Eu ardia por ela na mais violenta paixão e esta paixão era sincera como a vontade de um anjo; nada nela havia de impuro nem dos desejos da terra. Não me animava a declarar-lhe o meu amor; recorri à amizade de seu irmão e ele me assegurou que havia de falar-lhe nisto. Muito tempo esperei, sem que Ávila me dissesse o resultado da sua missão. Um dia ele entrou em meu

quarto e disse-me: *Minha irmã te estima e não se zangou quando eu lhe perguntei se queria casar contigo*. Saltei de contente a esta notícia e abracei o meu amigo mais de uma vez. Desde esse dia tratei de pôr em ordem os meus poucos haveres, com os quais tentei uma especulação em *fumos, água-ardentes e algodões* para Rio Pardo. O ataque de 30 de abril de 1838 veio destruir para sempre todos os meus planos, tudo perdi... estou de todo pobre!

— E o que tem isso? Sois ainda muito moço, podeis trabalhar e juntar riquezas.

— É verdade, mas deixei de ser amado.

— Como?!

— Joaquininha não me tratou mais como me tratava dantes.

— Estais, sem dúvida, enganado; a vossa prevenção vos fez ver as coisas sem a sua própria cor.

— Não, porque suponho que Almênio...

— Estais enganado! Joaquininha nunca o amou.

— Oh! Como respiro! Mas a minha pobreza?

— Ela é virtuosa; se vos amou foi sem o sórdido interesse do dinheiro.

— Poderá isso assim ser?

— Asseguro-vos.

— Bem, minha amiga! Tomai, Ávila me encarregou de dar-vos esta carta.

E o beato entregou a Edélia uma carta com subscripto para o — *Sr. Paulo de Souza Miranda*. Desceram e foram ter com Paulo e Margarida que estavam na sala.

Paulo abriu a carta e leu:

“Neste momento acabo de obter licença de meus pais para casar-me com a jovem que neste mundo mais me tenha agradado. A minha escolha está de há muito feita pelo meu coração... É a vossa filha... a jovem Edélia... Se quizerdes e for do gosto dela, breve me apresentarei em vossa casa; folgo que isso assim deva acontecer porque...”

Bateram na porta; ela se abriu e Almênio alegre precipitou-se na sala. Paulo continuou: “... o único obstáculo que poderia haver para o meu casamento com a jovem Edélia é o Capitão Almênio, mas para removê-lo

participo-vos que só o esperamos da Campanha para concluirmos seu casamento com Clarinda, a bela filha do velho Hendrichs de São Leopoldo.”

— Estou desenganada! exclamou Edélia caindo sobre uma cadeira.

— Eu não sabia do seu amor! Eu não sou culpado... de nada! murmurou Almênio abaixando a cabeça e tornando-se rubro de envergonhado.

PARTE SÉTIMA

A PROVIDÊNCIA

Era a rigorosa estação do inverno. Os ventos do sul lambiam com suas enormes línguas os campos e as coxilhas da província do Rio Grande, que um pouco afastada do benéfico sol dos trópicos está à mercê do influxo desabrido do pólo do sul. O manto da tristeza tinha caído do céu, enegrecido pelas nuvens que nele se espalhavam, e livremente se não podia respirar. Era a atmosfera abafada e carregada de fluidos elétricos que em correntes rápidas anunciavam o poder incomensurável do Deus dos Cristãos, esse Deus grande, cuja existência é revelada psicologicamente e moralmente, sem necessidade de cobrir-se do denso véu do *mistério* que sustentou os falsos Deuses dos egípcios, dos persas, dos caldeus, dos gregos e dos antigos romanos.

Triste é a natureza do Rio Grande do Sul na estação invernososa.

Nessa Austrina estação gélida e fria
Em que o ano envelhece merencório,
Em sombra envoltos, em chuviros sempre,
Três velhos Anjos, da existência coevos,
De guarda à natureza estão postados:
Um tem na mão de *Cancro* o pardo signo
Todo esmaltado de fuzis e raios;
Outro o *Leão* soberbo subjugando
Copioso suor à terra manda
Tornado em chuva que o trovão precede;
E o terceiro, o guardador da *Virgem*,

Só gera nuvens que o pudor resguarde,
E de tal sorte que se o Sol pretende
A casa lhe invadir raivoso brama,
E junto à Virgem dessa afronta chora.
O *Tempo* se encanece e se enregela;
É morta a natureza e tudo é morto.

Se esta terrível estação existisse sempre e sempre impávida dominasse a terra,

Ao terrífico caos voltara o mundo;

mas não é assim: as estações se sucedem de três em três meses e a natureza que parece morta no rigor do inverno é festiva nos braços do verão, e alegre e inocente no seio da primavera.

Volve do *nada* à vida em tempo breve
Nova escala discorre, e outra e outra
E muitas e milhares, a natura.

Edélia ocupava-se dolorosamente de uma idéia terrível — a vingança; mas que meios para isso lhe poderia sugerir a sua alma cândida e meiga e que só tinha sido formada para as sensações brandas? Nenhum. Ela conheceu isto; então falou consigo mesma:

— É necessário resignar-me, submeter-me ao mais medonho sacrifício! Almênio disse a meu pai, continuou ela refletindo, que lhe queria falar! Como me iludi! Supus que ele queria pedir-me em casamento... Mas não foi assim... Pediu-lhe que se interessasse por seu consórcio com uma alemã, que obtivesse de meu tio Bernardo a permissão... Meu pai negou-se à comissão dizendo que eu tudo poderia arranjar porque muito posso no ânimo de meus tios... Medonho sacrifício! Hei de eu obter a permissão para que meu amado, o único homem que me podia tornar verdadeiramente feliz, se separe de mim para sempre e vá viver nos braços de outra!? Não me é possível calcular toda a extensão da minha desgraça, meu Deus! Como estou tremendo... É necessário distrair-me...

E ela se sentou, cansada e arquejante como se um grande peso estivesse sobre o seu peito, e procurou em sua memória um pensamento qualquer que a tirasse deste estado de angústia.

Poucos dias antes se espalhou a notícia na cidade de um assassinato praticado na pessoa de um infeliz lavrador carregado de filhos que morava na *Ponte Rasa*; dizia-se que o assassino era tão temido que, apesar de que se obstinava a ficar por esses sítios, nenhum dos moradores se animava a prendê-lo; e que o seu aspecto unicamente fazia fugir aos mais valentes e animosos moços da vizinhança; havia mesmo se engendrado uma série de aparições diabólicas e de almas perdidas, que se atribuíam às relações imediatas deste feroz assassino com os ministros do inferno, especialmente com o Belzebu, o rei potente dos demônios: era uma boa forma de entreter a credulidade da gente para conservar-se impune à malvadeza. A autoridade policial, porém, que ordinariamente é desabusada, e que não acredita nessas patranhas e caraminholas de almas perdidas, vagueando cá pelo mundo, mandou uma partida de soldados *policiais* e em menos de dois dias o teve em muito bom recato, bem acondicionado e de baixo de coberta enxuta.

Nesta hora uma voz se ouvia de boca em boca — *chegou*; e se alguém perguntava *quem?* respondiam os outros: *o assassino — o matador*.

— É ele! minha senhora, exclamou Susana entrando esbaforida; é ele mesmo!

— Quem? perguntou Edélia assustada.

— Colomim! O matador do pobre lavrador!

— Colomim! repetiu Edélia com voz cheia de desconfiança.

E depois, buscando instintivamente uma cadeira, sentou-se e disse, procurando respirar com desafoço e com voz misteriosa:

— A Providência de Deus!... Vai, Susana, indagar onde mora meu primo e relata-lhe esta desgraça; diz-lhe que Colomim é um infeliz açoitado pelo castigo do nosso Pai Eterno... Meu primo é tão bom! Não vacilará um instante!

Susana que se tinha posto em *cócoras* defronte de sua *senhora-moça*, com a mão na cara para encobrir-lhe a mais profunda tristeza que até então lhe havia assaltado, levantou-se prontamente e saiu. Um raio de esperança lhe brilhou nos olhos neste momento.

— Infeliz! exclamou Edélia vendo-se sozinha. Infeliz Colomim! Quan-

tas desgraças te não assinalaram a amargurada vida! A morte de teu filho, a morte de teu pai! Dois entes queridos que deviam dourar-te a existência e que riscaste com mão ensangüentada de assassino do áureo livro da vida... O remorso, esse demônio terrível do inferno, como te não terá dilacerado o coração e todas as tuas entranhas e enegrecido de idéias medonhas a tua alma proscrita já das delícias do céu.

Maldição! Maldição sobre o perverso,
O mil vezes cruel, o Parricida!

Mas dizem que nada é — *mal* — neste mundo, porque, sendo ele uma obra de Deus, tudo é um — *bem relativo*. Acredito nesta asserção, mas sou obrigada a confessar que tal ou tal homem é então um instrumento desastroso do bem dos outros, à custa da sua mais completa perdição! Quantos acasos e sucessos não meditados não levaram este homem à proscricção eterna, à habitação dos *precitos*¹, onde o Anjo da esperança recebe daqueles que para lá caminham toda a porção deste benéfico bálsamo que tanto nos consola durante a vida e nos entrega eternamente às penas nunca calculadas pela mente do homem, porque elas são infinitas!!!

— Minha irmã! disse Acácio entrando da rua, como estou triste! Se soubesses!

— Já sei, disse Edélia, o pobre Colomim veio preso por ter matado um homem...

— Um pai de família, único arrimo de sua mulher e de sete filhos, o mais velho dos quais é uma menina de treze anos que trabalha muito porque sua mãe está de cama com uma tísica incurável há perto de um ano...

— E Colomim praticou uma ação tão bárbara?

— Matou-o quando o encontrou no mato coberto de suor, cortando lenha para ir vender na cidade, porque a *cheia* tinha inundado a parte da ilha em que ele morava e destruído as suas plantações.

— Infeliz família!

— Estiveram três dias sem comer e mesmo até agora ninguém os tinha ido socorrer, segundo se conta, porque o furor do assassino metia medo a todos...

1. *Precitos*: os réprobos, já condenados de antemão.

- E tu, meu irmão, tens medo de lá ir?
 — Para socorrer infelizes nunca o terei em tempo algum.
 — Muito bem! Meu querido irmão, já vês que me é impossível acompanhar-te; irás vê-los, não é verdade?
 — Sem dúvida; já o tinha pensado...
 — Tenho algum dinheiro! Ele não serve senão para as necessidades da gente.
 — Juntarei ao meu.
 — E comprarás mantimentos?
 — Sim; e alguma roupa!

Edélia correu à sala de jantar, tirou do escaninho de sua caixinha de costura três patações e entregou satisfeita a seu irmão. Ele no entanto havia tirado outros três do seu baú e, juntando-os, saiu para ir socorrer a infeliz família do assassinado.

Quanto é boa a prática da virtude! Como satisfeita não fica a alma daquele que faz o bem! O homem que nunca praticou um ato de piedade é como a árvore que sem folhas cresce no deserto árido e desabrido de uma região polar: de nada presta ao viandante, nem mesmo serve de abrigo ou de nutrição aos pequeninos vermes da terra. O homem que não pratica o mal mas que não busca fazer o bem é como a árvore que não dá fruto: crescendo em corpulência e espalhando a sua ramagem por um grande espaço, rouba os sucos da terra às árvores frutíferas e mata com sua sombra as humildes plantas. O homem que pratica o mal é como a planta que dá o fruto venenoso, é como o *Timbó* (*Paullinia Lucia*²) que se não pode introduzir no estômago dos animais sem que lhes dê a morte: é o instrumento dos demônios que exercem sua influência sobre a terra.

Susana entrou pouco depois; vinha cansada e coberta de suor.

- Encontrei-o, minha senhora; tudo lhe contei... Prometeu achar um meio de salvá-lo...
 — Salvá-lo! exclamou Edélia com uma voz duvidosa.
 — Tu viste Colomim desembarcar? perguntou Edélia continuando a falar.

2. Veja-se a obra — *Elementos de Farmácia* — de J. A. do Valle, página 13, edição de 1846. Vende-se no Rio de Janeiro, Rua do Sabão n° 117 e em Porto Alegre, Rua da Praia, n° 303. (Nota do Autor)

— Sim, minha senhora.

— E como vinha ele?

— Eu vi-o desembarcar na *Praça da Alfândega*³; o povo se apinhava para vê-lo cheio de curiosidade e de emoções de medo e de terror... Ele desembarcou tranqüilo... Vinha sossegado e desembaraçado como se nada lhe tivesse acontecido...

— E não tremia? Não se envergonhava do horror de seus crimes?

— Certamente que não.

— Eu me horrorizo! As idéias morais parecem-me ser bem diversas nos diversos homens! Assassinar um pobre pai de família, cravando-lhe um punhal agudo que o priva para sempre de socorrer e aliviar seus inocentes filhinhos! É uma ação de que não posso compreender a causa e que me petrifica toda!

— E assassinar seu pai?

— É verdade, Susana! Mas pensa bem, ele não o conheceu, a fome que o conduzia à vil ação do latrocínio o guiou passo a passo para um abismo insondável cuja existência ele não tinha imaginado. Mero instrumento de altos destinos decretados no livro férreo dos atos das paixões que Lúcifer, o anjo decaído da graça de Deus, levou aos últimos alicerces do Universo, lá onde o espaço infinito se confunde com o nada e onde ele enegreceu com fluidos atroz, corrosivos e azóticos os caracteres traçados e deu-lhes um sentido infernal, um sentido horrível, cuja expressão nos faz convulsar e nos aterroriza — *Crimes*, Colomim parece ser unicamente um homem muito infeliz, porque os Códigos não designaram a pena do Parricídio, nem o *Decálogo*, julgando-o moralmente impossível... Impossível! Sim, sempre impossível... Um filho assassinar um pai é uma coisa que repugna com todas as ações de nossa alma e com todos os nossos deveres... Se algum parricídio se tem contado entre os homens não é em seu sentido verdadeiro... Colomim não intentou tal ação... Com acontecimento imprevisto...

E Edélia retirou-se ao sótão. Ela tinha necessidade de descanso e de distrações mais agradáveis que estas. Embebida ainda em um terrífico pensamento ela encostou sua cabeça encandecida no portal da janela que dava vista para o *Alto da Caridade*, e não pôde suster as lágrimas.

3. Na época da ação do romance, a Praça da Alfândega, abrindo para o Guaíba, possuía um embarcadouro, provido de ponte, cais e trapiche.

— Ali, disse ela, a piedade de um homem justo plantou os primeiros alicerces do asilo dos pobres enfermos, dos desvalidos que morreriam sem cuidados, sem quem os assistisse na hora do passamento e lhes cerrasse as pálpebras. Homem que imitaste a Deus, secundando-lhe as pisadas! Tu descansarás em paz no seu santo Reino e lhe verás a face como os Querubins e os Arcanjos, extasiados sempiternamente no seio da *harmonia divina*. Ele, o amigo da humanidade... Francisco...⁴

Mas ao pronunciar este nome ela sentiu uma comoção violenta; havia uma coincidência desarmônica entre o primeiro nome do homem piedoso e o primeiro nome do homem devasso que a havia tornado estranha à felicidade e para sempre destruído a flor mais mimosa do seu jardim de esperanças.

Nesse mesmo dia, à noite, na volta de Acácio, quando Edélia se assegurava de que a família do infeliz assassinado recebera entre prantos de reconhecimento um auxílio tão inesperado, qual o que a sua piedade lhe tinha fornecido, e de que o horror da fome não levaria ao sepulcro uma viúva desvalida, enferma e rodeada de inocentes filhinhos, lhe vieram participar a chegada de seu tio Bernardo.

— É a hora do sacrifício! exclamou ela descendo.

— Meu tio, disse ela depois de pedir-lhe a benção e de abraçá-lo, estou encarregada de pedir-vos uma coisa...

— Tudo podeis pedir, minha sobrinha, disse ele interrompendo-a. Nada me pedireis que eu vos não possa fazer...

— Não é para mim! acudiu ela cheia de emoção e acanhamento. É para meu primo Almênio... Ele quer casar-se...

— Convosco, minha sobrinha? Eu muito folgaria...

— Meu Deus, meu tio!

E Edélia empalideceu e tornou-se visivelmente confusa. O velho Ber-

4. O Reverendíssimo Padre Francisco Ferreira Leitão foi um dos primeiros e mais assíduos fundadores da Santa Casa da Misericórdia e Caridade da cidade de Porto Alegre. Em 1837 eu fui encarregado, sendo ele Provedor, da administração da Botica deste piedoso estabelecimento e aí conheci seu desinteresse e dedicação constante a favor dos pobres e dos enfermos. A clínica médica e cirúrgica a que eu sempre assistia merecia-lhe particular atenção; não havia um só ramo da administração que ele negligenciasse e que não fiscalizasse com uma miudeza que se não devia esperar de sua já muito adiantada idade. (Nota do Autor)

nardo a havia ferido, sem querer, no mais íntimo do coração, a havia surpreendido em sua inclinação e reconhecido o sacrifício.

— Veja, minha cunhada, como são as moças! Tremem à idéia do casamento e é a única idéia que as alimenta e que lhes dá vida; sem ela, elas sucumbem de pronto ao primeiro perigo que se lhes apresenta.

— Há um recurso muito valioso, disse Margarida, e que muitas conhecem...

— Qual!

— O claustro, essa solidão perene em que nossa alma se concentra em Deus e, não embatida pelas sensações externas e tumultuosas do mundo, tranqüila passa à habitação dos justos.

— É uma quimera; no claustro *existe-se* sem que *se viva* e a natureza que fez os homens para as relações mútuas não tolera um estado de isolamento tal.

— Aí existem relações...

— Mas são relações cuja importância não está em harmonia com a organização dos seres vivos; são relações circunscritas que não dão em resultado o progresso, essa necessidade consumidora de nossa natureza e que assaz nos distingue do resto dos animais.

— A posse de Deus é bastante para fazer a felicidade de nossa vida e por isso podemos abstrair o conhecimento do mundo sensível.

— A idéia de Deus nos traz imediatamente as idéias do Criador e das coisas criadas, dessa dependência mútua que forma a *harmonia universal*; se abstrairmos o conhecimento das coisas criadas, nós não teremos uma posse completa da idéia de Deus; e demais o homem, para que seja *piadoso*, é necessário pôr em prática os atos morais que dependem da bondade e onisciência do Criador, isto é, é preciso que ele seja *justo* e *temperante*, e poderemos ser justos, ser amigos do nosso próximo, conhecer-lhe todas as precisões para remediá-las, afastando-nos dele, encerrando-nos nas abóbadas de um claustro solitário?

— As instituições desse gênero produziram bons resultados.

— Parto de uma fermentação do espírito dos homens. A *reclusão* nos manifesta um total desaparecimento de deveres, uma idéia negativa que só satisfaz uma alma em estado anormal. Todas essas *instituições* têm baqueado e continuarão a baquear à proporção que o espírito dos homens se esclareça e se torne de dia em dia mais positivo. Quando Jesus Cristo

veio entre os homens pregar a doutrina de seu altíssimo Pai, o que fez? Vestiu-se dos frágeis paramentos do homem e sofreu, para remi-lo, a dor que só podia provir dele, da matéria que constituía uma parte da sua natureza; finalmente o mesmo Deus associou-se conosco e deu-nos o exemplo da mais voluntária sociabilidade que até hoje tem aparecido. E perdere-mos nós esse exemplo do mesmo Deus, seguindo o de monges ainda pouco firmados na santidade da nova crença, vacilantes entre os decretos de Júpiter e os dogmas de Cristo, quais foram os primeiros monges do primeiro século do cristianismo? Não, minha cunhada, nunca vos convençais de que a reclusão é boa... O homem, é verdade, pode acostumar-se a ela, mas isto não é argumento que prove, por que ele também se acostuma com o crime; e as mais indignas ações, sendo muito tempo praticadas, acabam por embotar as sensações morais.

Edélia, que se aproveitara desta conversa para reanimar-se e ganhar forças a bem de cumprir sem desfalecer o seu terrível sacrifício, disse:

— Meu tio, conheceis, sem dúvida, um velho prussiano que se chama Hendrichs?

— Sim, e muito.

— Este honrado velho tem, segundo me dizem, uma filha encantadora, uma moça que honraria sobremaneira aquele com quem se casasse...

— Entendo-vos! E Almênio quer casar com ela! Bem, consinto de boa vontade; conheço bem esta gente; mas vós, minha sobrinha, achais isto de bom agouro para o futuro de nossa família?

— Meu tio! Dispensai-me de entrar em semelhante juízo; eu vou escrever a meu primo a vossa resposta; ele não tardará e vos abraçará cheio da maior alegria que é possível.

Bernardo riu-se e esperou por seu filho. Edélia aparentava uma tranqüilidade que lhe não pertencia e que só vinha de seu profundo juízo e sua demasiada prudência.

Poucas horas depois entrou Almênio com a alegria pintada no seu semblante. Seus olhos vivos se dirigiam de seu pai para sua prima e de sua prima para sua tia Margarida, com uma rapidez indefinida. Seus lábios tinham suspenso um discurso de agradecimento para sua prima, mas a bondade de sua alma parecia querer derramar a cada instante sobre o seu seio. Seu coração pulava dentro de seu peito com um desassossego incrível que se notava por fora de sua fina e apertada farda. Ele sentou-

se respeitoso junto a seu pai.

— Tiveste dois bons advogados, disse-lhe seu pai; tua prima e a tua escolha...

— Minha prima! exclamou Almênio pegando na mão de Edélia e fazendo menção de ajoelhar-se.

— Meu Deus!... exclamou Edélia levando a mão à cabeça e deixando-se cair nos braços do sofá a que ela estava encostada.

Almênio levantou-se assustado e quis socorrê-la.

— Não, isto é nada, disse Edélia recobrando a serenidade.

— Bem, muito bem, tudo está terminado, disse Bernardo. Tu me mandarás participar uma semana antes, que eu quero mandar festejar o teu casamento lá na nossa casa da roça...

— Hás de, sem dúvida, ir casar lá, não é verdade?

— Consultarei o Sr. Hendrichs, disse Almênio. Quanto ao dia, não pode ser já, porque estou encarregado de uma comissão que me não deixa tempo algum de meu. Já escrevi a Clarinda, pelo meu amigo Ávila, participando-lhe que nosso casamento só poderá ter lugar depois de finda a comissão de que estou encarregado.

— Bem, tratarei por minha parte com o Sr. Hendrichs e lá te desculparei, porque a menina há de estar insofrida por casar-se.

Edélia consumou resignada o seu sacrifício e para sempre viu cortada a flor que, abrindo-se de um mimoso botão, primeira lhe sorrira e a embalsamara de um odor mágico que lhe havia embriagado os sentidos; murcha agora, sem cheiro, deixara cair em seu seio todas as suas folhas empalidecidas: era como o fim de sua vida ardente de moça, tornada em manhãs de gelos, em tardes de ventos e frios e em noites compridas de inverno sem sociedade de amigos nem de parentes.

Nada de amor lhe restava no mundo.

Ela ainda tinha, porém, na alma, a amizade de seus pais e de seus irmãos. Esta amizade, tão pura para ela, tornou-se a sua estrela bem querida que a devia guardar na vida, a sua mais pura consolação, e achou-se fortificada contra todos os embates que na carreira do mundo tivesse de sofrer; assim forte e resignada, ela, durante o resto da noite, não dormiu, pensando nos seus antigos e desafortunados amores com Francisco e nos seus recentes com Almênio, e achou que a Providência de Deus tinha velado sobre ela, afastando-a dessa vida de amores tão malfadados e que a ti-

nham perturbado na rua carreira de piedade.

— Quantos infelizes não deixei de socorrer, ocupada com meus amores! Quantas queixas deixei de ouvir dos que sofriam enquanto me entretinha com palavras amatórias e com saudades dos meus amantes! Quantos passos perdidos e que poderia ter aproveitado em bem de uma viúva ou de uma desvalida! Quantas noites passadas em claro e que poderiam servir no velar de um pai abandonado ou de uma velha mãe doente e desolada! Tantas lágrimas corridas de meus olhos sem fito e sem objeto legítimo, que poderiam ser gastas no chorar das misérias dos outros! Ah!... A Deus prometo nunca mais ocupar-me com ninharias de amor; o desengano cruel que acabo de sofrer junto ao terrível, medonho sacrifício por mim feito hoje me determinaram na vida futura...

No dia seguinte Edélia levantou-se pálida, mas a ninguém queixouse. Falou somente de uma promessa que fizera ao beato; escreveu a Joaquininha e ao velho Lessa, que era o pai do beato; e depois pareceu respirar com mais liberdade, tornando-se mais satisfeita e alegre e encarregando-se com gosto de todos os arranjos domésticos.

A Almênio, nadando num mar de alegrias pela aprovação de seu pai, restava-lhe dar cumprimento a uma promessa que mandara fazer a Edélia por Susana; restava-lhe procurar um meio de salvar Colomim.

No dia seguinte ele se encaminhou ao quartel do 11º Batalhão de Caçadores, que servia de cadeia civil, e aí encontrou Colomim. Este, quando viu o seu antigo amo, tremeu e derramou copioso pranto, como se uma idéia passada o acusasse perante um juiz inexorável.

— O que devo fazer para salvar-te? perguntou Almênio a Colomim.

— Salvar-me!... murmurou Colomim. Já não é possível... Nem eu quero salvar-me...

— Minha prima Edélia, disse Almênio, muito me recomendou que vos procurasse salvar e que vos não desamparasse...

— Ah, meu Deus! exclamou Colomim levantando para o céu as mãos juntas. Ainda há neste mundo quem se compadeça de um infeliz assassino! Como é piedosa aquela moça! Deus há de ouvir as últimas rogativas de um condenado! E as minhas rogativas não hão de ser pela minha alma, porque essa já está perdida, mas para que Deus cubra de bençãos tão boa moça. Meu amo, é impossível salvar-me! Eu sou soldado e o homem que matei também o é: julgo que hei de ser entregue à justiça militar; é

melhor... aviar-me-ão mais depressa... De que me servem estes últimos dias tão amargos? Não posso dormir, sinto um calor ardente que me devora e que me abrasa todo, sinto uma ânsia terrível, minha cabeça é como a oficina de um *ferreiro* onde todos batem o malho e onde há um barulho medonho... Não sei se isto são remorsos, o que sei é que já me parece estar no inferno, porque estas gentes que me rodeiam parecem-me demônios todos a olharem-me com uns olhos de fogo muito saltados para fora e com uns dentes arreganhados muito pretos e rangendo como se estivessem serrando ferro.

E Colomim, levantando as mãos, apertou a cabeça com toda a força e bateu-a duas vezes contra as grades da prisão, depois perfilou-se, arregalou os olhos e soltou um assobio agudíssimo procurando com a mão segurar em Almênio. Este retirou-se e olhou para o pátio da prisão, onde estava muita gente que lhe gritava que se retirasse.

No entanto o acesso de Colomim parou e ele acenou para que Almênio chegasse.

— Tens alguma coisa a dispor? perguntou Almênio chegando-se.

— Eu?!... Não tenho nada! respondeu Colomim abatido. É verdade! Eu tinha um filho, um filho que me restou de minha mulher... Não sei dele... Era um bonito menino... Claro como jaspe...

Neste momento o Capitão Francisco atravessou o pátio da prisão e lançou um olhar de desdém para o preso e para Almênio.

— Que moço tão bonito, meu Capitão, disse Colomim, não é verdade?

— É muito bonito, sim, respondeu Almênio, assim tivesse uma alma boa.

— Então ele é mau? Deus há de castigá-lo! O meu filho era claro assim como este moço, era bonito assim, mas se ele fosse mau eu havia de amaldiçoá-lo com uma maldição de condenado... Ah!... Meu filho!... Mau... assassinar teu pai... Maldição... Maldição sobre a tua cabeça!...

Francisco ouviu tudo e assistiu a este acesso em que Colomim caíra.

Almênio retirou-se pesaroso e sem ânimo de dar um passo mais em favor deste infeliz. A sua perda era inevitável, porque todos os espíritos condenavam a sua perversidade. Tentar salvar este homem era lutar em vão contra as ondas de um mar tormentoso e encapelado; todavia a alma piedosa de Almênio não consentia em abandonar tão de pronto este infeliz à sua sorte. Ele lembrou-se de declarar a Francisco que Colomim era

seu pai, mas hesitou e vacilou mais de uma vez.

— Envergonhá-lo?! disse ele consigo. Dizer-lhe que ele é filho de um assassino?! Oh, nunca lhe direi tal coisa... Ele pensará que eu quero vingar-me aviltando-o, que o quero menosprezar... Não... Mas como salvar o pobre Colomim? Como arrebatá-lo esse infeliz proscrito dos braços da morte?... Da morte que nada remedia e, pelo contrário, conduz mais depressa à perdição, pois muitas vezes não dá lugar ao arrependimento do condenado!

Muitos dias ainda Almênio não se resolveu, mas quando soube que Colomim fora submetido a um julgamento militar e que o Capitão Francisco fora nomeado vogal do conselho do julgamento pegou apressado em uma pena e escreveu:

“Sr. Capitão Francisco.

“O homem que ides julgar, o infeliz Colomim, é vosso pai. Foi ele quem seduziu Maria, vossa mãe, da casa de seu pai, onde ela havia sido criada, e teve dela dois filhos: um mais velho que ele mesmo assassinou, quando vos abandonou e à vossa mãe e vós, que a expensas de vosso padrinho fostes criado e depois herdeiro único de seus bens. Se alguma destas particularidades sabeis, vereis que vos não engano, etc., etc.”

Almênio não assinou a carta e entregou-a a um soldado desconhecido que procurasse o Capitão Francisco para lhe entregar, mas infelizmente o soldado não entregou logo e o julgamento se fez com grande presteza.

Amanhecera o dia 30 de junho envolto em trevas, como se negra noite se obstinasse em dominar sobre a natureza. As idéias que corriam na cidade eram negras como as trevas que estavam sobre os céus. Toda a gente falava nos crimes de Colomim, em sua condenação, na confirmação de S. M. o Imperador e no dia da execução.

O Capitão Francisco estava em seu gabinete de visitas, recostado sobre um canapé, quando o soldado, seu ordenança, entregou um ofício que lhe tinham trazido. Ele abriu-o: era uma ordem expressa do Comandante da guarnição que o mandava comparecer no Quartel do Comando da Guarnição para responder sobre algumas irregularidades havidas no processo

de Colomim. Ele levantou-se, vestiu-se à pressa, pôs à cintura o telim de onde pendia a polida espada, na cabeça o boné militar e saiu. Achando-se na Rua da Igreja, em caminho para o quartel, ele se absorveu em um pensamento que o ocupava sempre.

— Colomim! disse ele consigo. Como é que podes constantemente atrair minha piedade? Homem estranho à minha vida, parece que alguma coisa te liga a mim com cadeias de ferro; não sei se uma voz do inferno ou do céu me fala sempre por ti ou se este ruído prolongado parte de minha consciência!

Ele chegou ao grande portão do pátio do Palácio da Presidência, triste e com as faces pálidas e sombrias; tomou à esquerda e entrou em uma sala vasta e baixa que servia então de Quartel do Comando da Guarnição. O General estava empregado no expediente mas, apesar disso, recebeu-o com agrado e designou-lhe a mesa onde se deliberava em Conselho de Guerra. Depois de algumas horas, conheceu-se que irregularidade alguma havia; em virtude do que a execução devia ter lugar no dia seguinte, como estava determinado. Foram expedidas as competentes ordens.

Francisco retirou-se sombrio; alguma coisa de extraordinário o agitava, alguma coisa que ele mesmo não podia adivinhar.

— Colomim, repetia ele muitas vezes, tu és um homem para mim estranho e todavia um não sei quê me liga a ti com cadeias de ferro.

A manhã do dia seguinte, o dia 1º de julho de 1843, apareceu fria e terrivelmente assustadora; nenhuma nuvem estava no horizonte, mas o *minuano*⁵ sibilava e varria as ruas da cidade e fazia voar as telhas de muitos telhados. Um dia destes é um dia extremamente frio na Província do Rio Grande do Sul. Se alguém se atrevia a sair à rua era castigado pelos olhos com a poeira que se levantava do chão.

Depois das dez horas do dia, o acompanhamento militar se punha em marcha, do Quartel do 11º Batalhão de Caçadores para a extremidade inferior da vargem. O Capitão Francisco marchava à frente de um esquadrão de cavalaria, com a cabeça baixa, deixando as rédeas à mercê do cavalo e sem importar-se com as evoluções de seu esquadrão. O réu marchava, porém, sossegadamente; em sua frente via-se a serenidade de

5. *Minuano*: vento frio e rijo do sudoeste; cf. Teschauer, a denominação se dá por soprar este vento do lado que habitavam os selvagens minuanos.

uma alma resignada, de uma vontade firme, de um homem que se resolve a morrer, preferindo um castigo pronto aos tristes remorsos que sucedem sempre ao crime.

O acompanhamento chegou ao lugar da execução e começaram desde logo os preparativos para a morte.

Neste momento um soldado veio correndo e entregou ao Capitão Francisco um papel fechado. Este abriu-o, apeou-se rapidamente e ia dirigir-se ao comandante do destacamento, quando o sinal foi dado, seis tiros se ouviram e duas balas atravessaram o peito do infeliz Colomim que não deu um só ai.

— Meu pai... Morto!... exclamou o Capitão Francisco e correu a abraçar Colomim.

Colomim já era um cadáver.

Francisco voltou a colocar-se à frente do seu esquadrão, pálido e confuso. Lágrimas banhavam suas faces; estava tremendo.

— Meu Deus! balbuciou ele consigo; e são assim castigados na terra tantos crimes como os que as minhas dissoluções originaram! Grande Deus! Quiseste que eu pronunciasse a morte de meu pai e que o visse morrer no momento de o reconhecer?

Ele se encostou nos arreios do seu cavalo como se um vágado⁶ o tivesse assaltado.

— Sr. Francisco, disse uma mulher aproximando-se a ele, lêde por piedade este papel; é uma promessa que fizestes, uma reparação que deves às misérias de uma infeliz mulher.

Francisco olhou e baixou os olhos envergonhado.

— Meus crimes! exclamou ele. É necessário expiá-los...

— Tendes uma ocasião oportuna, atalhou a mulher.

— Qual é? perguntou ele.

— Casai com minha filha, disse ela, casai com uma mulher que tornastes perdida, miserável e prostituída; e cada dia uma infâmia se estampará em vossa frente como a do réprobo...

— Não é bastante o ter pronunciado meu pai à morte, disse Francisco, e tê-lo visto morrer no momento mesmo de o reconhecer? Ei-lo... o cadáver de meu pai.

6. *Vágado*: vertigem.

— Colomim! exclamou ela, este assassino era vosso pai? E vós o pronunciastes à morte? Maldição sobre o filho que assassina o pai! É mil vezes assassino! Maldição eterna!

— Por piedade! exclamou Francisco convulsando.

A mulher afastou-se apressada e desapareceu.

Esta mulher era Joana.

Francisco ficou entregue a um poder sobrenatural que parecia marcar sua testa escandescida⁷ com o ferrete da reprovação; ele tremia como o junco verde plantado na margem de um ribeiro, em um dia de tempestade, e balbuciava sons inapercebíveis como o louco que não pensameteia; seus olhos fixos pareciam buscar uma coisa que ele mesmo não conhecia; seu ouvido estava atento como o do réu que espera ouvir as últimas palavras de sua sentença de morte... Oh! Horrível é este estado!... Ele não existia em si mesmo porque o seu existir era um existir do inferno, depois de abandonado da justiça de Deus.

Quando o acompanhamento militar voltou, Francisco não vinha à sua frente; um alferes lhe ocupava o posto, porque ele estava abraçado ao cadáver de Colomim e não havia palavras que o fizessem voltar à razão. Depois foi conduzido à sua casa; estava verdadeiramente doente: horríveis frenesias de loucura substituíam longas horas de um abatimento mortal, e vice-versa, conservando-o assim alternativamente por muitos dias.

Quando os delírios diminuíram e o desfalecimento se tornou menos sensível, Francisco mandou encilhar o cavalo e saiu. Ele percorreu todas as ruas da cidade, procurando alguém; depois dirigiu-se ao *Riacho* e, fronteiro à ponte, apeou-se e bateu à porta de uma pequena e insignificante casa. Uma mulher moça, porém alquebrada de rosto, lhe veio abrir a porta e vendo-o deu um grito de espanto e a fechou apressada.

Esta moça era Amélia.

Francisco sentiu tão forte abalo pela repugnância de Amélia, que cambaleou e apenas teve tempo de sentar-se em uma grande pedra que estava sobre a areia na porta da casinha. Ele esteve em silêncio e meditação por alguns instantes, mas foi dela subtraído por um grande rumor que fizeram quatro soldados de polícia batendo na casa de Amélia e chaman-

7. *Escandescida*: incandescida, inflamada.

do-a com epítetos que denotavam a devassidão e miséria em que ela estava submergida. Depois ele levantou-se, porque a indignação e a lembrança de seus crimes, combatendo-se horrivelmente, o tinham animado e, montando a cavalo, tomou o caminho de sua casa.

— Meu Deus! exclamou ele lançando-se inertemente sobre o canapé da sala de sua casa. Meu Deus! Casar-me com uma mulher devassa e perdida, entregue à mais vil infâmia e à execração pública?!... A *Amélia do Riacho*! Este nome é só por si aviltante e horrível! Ninguém o quer pronunciar porque se envergonha!... A multidão de soldados que devassam a sua casa! Aquela algazarra que faziam como me martela a cabeça! Uma mulher infame! Casar-me com uma mulher execrável que toda a gente repudia, que toda a gente horroriza! Não... mas... mas... é preciso!... Não fui eu quem a perdeu, quem a lançou no mundo, quem a tornou para sempre desgraçada e execrável?! Sim, fui eu mesmo... Como remediar minhas faltas sem número e que já enegreciam a terra?... Casar-me-ei com a *Amélia do Riacho* e todos apontarão para mim como um homem sem vergonha e sem mérito... Ah! Que peso enorme tenho sobre esta cabeça!... É este o fim dos sedutores e dos perversos! É este o fim daqueles que menoscabam a honra das famílias! É este o fim dos malvados que julgam como brincadeira a honra da mulher!... Eu me casarei com uma mulher perdida!... E assim sanarei da minha cabeça a maldição de meu pai! A maldição que o ouvi pronunciar na cadeia contra mim... Meu Deus! livrai-me deste estado horrível em que me acho dilacerado de tormentos!

Francisco deste estado de delírio passou a um abatimento muito grande e dormiu todo o resto do dia. No dia seguinte ele se apresentou na casinha de Amélia; ia pálido e abatido ainda. Amélia apenas o viu fechou a porta e esteve encerrada até que uns marinheiros vieram bater-lhe à porta e convidá-la para passear. Amélia saiu com os seus companheiros e Francisco, que estava sentado na pedra, levantou-se e acompanhou-a até uma taberna que há no canto do Riacho e da Rua Bela; aí deixou-a e, montando a cavalo, foi para casa ainda mais abatido, envergonhado e cheio de pesares que no dia passado.

Durante uma semana Francisco fez sempre destes passeios sem conseguir falar a Amélia e cada dia quando chegava à casa dizia:

— É preciso!... Eu zombei da honra das famílias, eu tornei-a para sempre infeliz e desgraçada; os remorsos me matam a cada instante.

Uma vez, porém, ele a encontrou na rua, coberta de trapos e sofrendo os motejos da multidão que se apinhava e a designava com o nome de *Amélia do Riacho*; ele chegou-se para ela e a conduziu pelo braço à pequena casinha dela. Os que isto viram retiraram-se sorrindo. Amélia estava embriagada e cambaleava a cada passo, resistindo e descompondo o Capitão Francisco que a guiava.

Francisco deixou-a nesse dia, mas no dia seguinte se apresentou em sua casa. Amélia recebeu-o envergonhada e pediu-lhe desculpa do que lhe tinha dito, dizendo que estava fora de si naquela ocasião.

— Tudo te perdôo, disse Francisco. O que hoje sofres, sem dúvida, deves à minha barbaridade e à minha cruel obra; tu eras inocente nos braços da tua mãe, eras uma galante menina que poderia ter obtido um vantajoso casamento...

Amélia entregue a uma estúpida apatia não respondeu coisa alguma; olhou-o somente com uma indiferença espantosa.

— Meus crimes aniquilaram o meu ser de homem, tornaram-me indigno a meus próprios olhos e assinalaram-me um termo em que devo repará-los; eu te devo a honra... Queres casar comigo?

— Casar-me! exclamou ela com uma alegria incalculada e só dita pela tolice.

— Sim, casar-te comigo! Não queres ser a mulher do Capitão Francisco? Não queres ser rica e feliz?

— Mas eu quero passear e ver os moços.

— Sim, tu hás de passear comigo a cavalo ou a pé e hás de me ver sempre; não sou um moço bonito?

— É, disse ela olhando para ele com uma indiferença notável.

— Quando queres casar comigo?

— Quando você quiser.

— Então, hás de ir para minha casa, para que se façam vestidos bonitos para ti e os mais arranjos de casamento.

Francisco nesse mesmo dia levou-a sem dificuldades para casa e tratou logo de dispor o casamento. Não apareceram impedimentos porque as centenas de seduzidas por este homem perverso envergonharam-se de se apresentar em competência com a *Amélia do Riacho*, a mais perdida mulher que se conhecia em toda a cidade de Porto Alegre. Correram os pregões e Francisco teve licença de casar-se com Amélia. Todo o povo

considerava isto como um castigo exemplar das perversidades do sedutor.

É assim que a perversidade dos homens acha, as mais das vezes, um castigo cá na terra, se não equivalente ao menos bem próximo à intensidade dos seus crimes! Quantos sedutores não zombam com escárnio e irrisão das famílias, mas ao fim sofrem a sorte deste herói da minha novela! Quantos perversos não menoscabam a honra de uma infeliz donzela, arrastada pela sua fraqueza e pelas traças e infâmias deles, mas no fim de seus dias vêem levadas ao crime as suas famílias para castigo de sua malvadeza! Quantos tresloucados não fazem consistir a sua glória em conquistas amatórias, mas em breve se reduzem ao estado penoso de maridos desonrados! Longe e para bem longe de nós tão terrível peste que flagela a sociedade, perturba a paz das famílias e causa milhares de danos individuais! Respeitemos as famílias e com especialidade a fraqueza do amável sexo, que seremos felizes e sossegados poderemos viver no seio das nossas.

Enquanto Francisco marchava na senda do castigo celeste e via próximo o dia de seu sacrifício, a casa de Paulo apresentava um aspecto festivo, risonho e cheio da mais pura alegria.

As famílias do velho Lessa e do generoso Ávila aí se achavam, congratulando-se por um próximo e futuro acontecimento que ia entrelaçá-las para sempre em domésticos elos.

O jovem Ávila, o piedoso beato, que de há muito renunciara sua inclinação eclesiástica, estava tratado para casar-se com a interessante Joaquinha.

Era à Edélia que os dois noivos deviam toda a sua felicidade. E ela, desta vez, estava verdadeiramente alegre, porque a gente piedosa não pode ser indiferente aos prazeres daqueles que procuram fazer felizes.

Em um domingo próximo, celebrar-se-ia o Santo Sacramento que os devia unir eternamente e tornar de duas almas uma só vontade, confundindo-as em unidade de essência, em unidade de faculdades, de atos e de pensamentos.

Edélia e Almênio eram duas das testemunhas escolhidas. Paulo e Margarida seriam as outras.

O sábado, a véspera do desejado dia, amanheceu tormentoso e vestido das roupas do inverno, espalhando a tristeza por toda a família e especialmente sobre os noivos. As asas da tormenta espanejaram-se na ma-

nhã do domingo e a poeira dos chuveiros e os coriscos e raios, esses meteoros incômodos a um casamento, se conservaram por todo o dia nas regiões altas da atmosfera.

Edélia, que não podia sofrer desprazer à vista da próxima felicidade de seus amigos, convidou a todos para um entretenimento de família, substituindo assim com um leve prazer a imensa alegria que haveria se o casamento nesse dia se consumasse. Eles dançaram, cantaram e folgaram toda a tarde; e quando tocaram as *Ave-Marias*, foram para uma mesa de doces preparada com esmero pela engraçada rainha da festa. Edélia e Joaquininha entretiveram-se abrindo *amêndoas de estalo* e lendo os letreiros extravagantes que aí se encontravam. Uma vez, porém, Edélia leu baixinho o verso que saltara sobre o seu prato no quebrar de um estalo e ficou triste e sombria. Joaquininha reparou nisto e procurou o papelinho e leu:

Tu nunca serás casada
Nem também freira serás,
Na solidão lá dos campos
Tua vida acabará.

— Que é isto, minha amiga? perguntou Joaquininha. Então! Acreditais em sinas e bruxas?

— Certamente que não, respondeu Edélia, mas aquele decreto está de há muito escrito em minha alma.

— Ora, deixai-vos disto; eu vou quebrar outro *estalo*, o verso será vosso, vereis como será alegre; há de restituir-vos a alegria!

— Não, não, minha boa amiga!

Joaquininha insistiu, quebrou um *estalo* e o verso caiu debaixo da mesa; ela abaixou-se ansiosa e leu com surpresa:

Em vão tentas da fortuna
Ferrento laço quebrar,
Há de teu fado cumprir-se
Sem nenhum til se mudar.

Ambas então se retiraram para a alcova, dando por motivo uma leve indisposição de estômago. Estavam na verdade dominadas por uma

influência sobrenatural.

Nos dias seguintes a tempestade esvaneceu-se e veio risonho o sol matizar o verde dos campos, dourar o espelho polido do Guaíba e aformosear com seus raios o aspecto da cidade. Edélia reanimou-se, voltou à antiga alegria e resignada disse consigo:

— Deus assim o quer! Quem poderá compreender os destinos de sua mente infinita? A mais leve idéia sua encerra milhares de mistérios inacessíveis à compreensão infinita do homem! Para que desanimar na carreira da vida, quando ele que é nosso pai comum vela sobre nós? Resignemo-nos e glorifiquemos o nosso Criador!

No domingo que se seguiu era alegre a natureza e mais alegres ainda os corações da gente da casa de Paulo. Eram onze horas da manhã quando os noivos e três testemunhas entraram na elegante igreja matriz da cidade.

Francisco e Amélia estavam ajoelhados ao pé do altar-mor e recebiam a bênção nupcial do ministro do Senhor.

— A Providência de Deus! exclamou Edélia vendo-os levantar.

— Amélia! exclamou Margarida.

— Eu hei de ser infeliz se me casar neste dia, exclamou Joaquininha a tremer.

— Não, minha filha, disse o sacerdote com tom religioso e solene ouvindo a exclamação da noiva; na casa do Senhor recebe-se igualmente o justo e o injusto, o bom e o mau; não vedes como o sol vivifica a todos sem distinção de crenças nem de nações! Deus reparte igualmente os bens pelos seus filhos, guiando-os sempre para o caminho do céu. Não vos envergonheis de beber pelo mesmo cálice em que o ímpio bebeu, não vos envergonheis de ajoelhades na poeira do templo levantada pelos pés dos soberbos da terra, porque o nosso Pai Eterno julgará a todos no dia do juízo com uma sabedoria infinita!

E depois abençoou, ministrando-lhes o Santo Sacramento que forma a base sólida em que está assentada a paz das sociedades.

Alguns dias depois uma carretinha estava à porta da casa de Paulo.

Uma mulher rota e de vestidos cobertos de lama, perseguida pelos moleques e rapazes, refugiou-se dentro dela. *A doida! Olhem a doida!* gritava a chusma que a perseguia.

Edélia chegou-se à janela para ver o ruído que faziam em frente à sua casa e viu!... Amélia... A mulher de Francisco havia enlouquecido...

Sem inteligência, estava de todo perdida!

Edélia chorou sobre as desgraças de uma infeliz que ela conhecera inocente e bela em casa de sua mãe e cuidou em mandar recolhê-la. Amélia, então num estado de perfeito delíquio, deitou-se sobre um estrado que se achava na varanda do fundo da casa e aí se entregou ao sono. No entanto Paulo escreveu um bilhete ao Capitão Francisco, participando-lhe que sua mulher tinha sido recebida em sua casa e o remeteu.

Meia hora depois, Francisco bateu à porta de Paulo e entrou nessa casa, que ele outrora profanara com seu hálito pestífero de sedutor e de pérfido, e apareceu diante dessa mulher que ele ousado tentara manchar do ultraje, escrevendo-lhe aquela insultante carta em que, para sempre, renunciava-lhe os direitos de amante; mas desta vez o rubor lhe assomava nas faces, seus olhos não tinham o brilhantismo do *apaixonado* e nem seus lábios se enfeitavam com aquele irônico sorriso do homem que tem segurança do seu triunfo; desta vez seus olhos se fixaram no pavimento da sala, como os do homem que teme a cada instante ser testemunha de uma grande desgraça, e seus lábios convulsos meio pálidos contrastavam com o vivo vermelho que aparecia no seu rosto. Ele não ousou dizer uma palavra.

— Ela dorme, disse Edélia a seu pai. Será bom deixá-la descansar.

— Sim, é justo, disse Paulo. O Sr. Francisco esperará até à noite, ocasião em que mais facilmente poderá conduzir a *senhora*.

— E a carretinha, meu pai; talvez hoje eles não vão; eu vou pedir-lhes para que fiquem conosco até amanhã.

Edélia foi para dentro e voltou com a engraçada e risonha Joaquininha, de braço dado e cheia de alegria.

— Eles não irão, meu pai, disse ela.

Logo que Joaquininha deu com os olhos em Francisco, um sobressalto se apoderou de seus membros e ela quis retirar-se, mas o velho Paulo a reteve, perguntando-lhe:

— Podeis dispensar, menina, a vossa carretinha para conduzir à sua casa a *senhora*.

— Oh! Pois não! Sr. Paulo, está às vossas ordens.

Um instante depois, o jovem Ávila apareceu na sala; ao ver o sedutor horrorizou-se, mas pouco a pouco tornou-se sossegado e sentiu substituir-se em sua alma a compaixão àquela primeira emoção que devia natu-

ralmente produzir-lhe a presença de um enganador, de um homem que abusa da confiança e fraqueza do mais amável dos entes, que abusa da mulher!... do ser divino que se encarregou da mais sublime missão que poderia partir do seio do Eterno — *conduzir pelo caminho do dever o homem, passo a passo, para a felicidade.*

Quem não abominará o sedutor... esse ente vil como o réptil! Quem não repelirá esse monstro do seio da sociedade!

Francisco fora um sedutor, mas então?... Um desgraçado! E o que competira ao cristão fazer vendo-o infeliz?... Lamentá-lo, socorrê-lo e chorar com ele. Santa religião de um Deus humanizado! Quantas consolações não espalhais sobre o coração dos homens! Vós sois a mais bela, a mais formosa das maravilhas do Universo! Sem vós morreria proscrito e desamparado o infeliz, que só em vosso meio pode achar o bálsamo da justiça eterna. Divina Lei da graça, selada com o sangue do mesmo Deus! Tu és a delícia da humana prole, que sem ti baquearia no imensurável abismo do crime e para sempre se arremessaria ao castigo dos réprobos; tu és como a donzela caridosa que, habitando no deserto e encontrando o viandante perdido, o enche de bens e lhe ensina o caminho, guiando-o com suas próprias mãos e, muitas vezes, sacrificando sua pureza para consolo das misérias alheias... E o homem? É como esse mesmo viandante sempre ingrato e desconhecido aos bens que recebe, procurando seduzir e lançar no crime aquela mesma que, como uma estrela do céu, o salvara do desvio e lhe ensinara o verdadeiro caminho.

Francisco estava em um estado doloroso, porque é tanto maior a desgraça que faz sucumbir um indivíduo quanto maior for a prosperidade e a soma dos prazeres que o cercavam antes desse instante.

Amélia apareceu na sala, encostada ao seio de Margarida; vinha com vestidos novos e pronta para um passeio; um vislumbre de formosura lhe aparecia nas faces; seus olhos lânguidos revelavam o amor e o reconhecimento. Ela lançou um olhar para toda a sala.

— Ele!... exclamou ela apertando o colo de Margarida com o braço que tinha nessa parte para segurar-se e poder andar. Querem-me entregar a ele? continuou, olhando para Edélia com ar de tristeza. Eu não quero sair daqui... Não, minha amiga, não, ele é um assassino... Enganou-me para me matar.

Francisco, pela terrível emoção que lhe tinham produzido as últi-

mas palavras de sua mulher, chegou-se para o oratório que casualmente estava aberto e se pôs a orar cheio de um verdadeiro arrependimento. Depois levantou-se e olhando para Edélia viu que ela afagava sua mulher, chamando-a sua amiga, e que algumas lágrimas a furto lhe caíam dos lindos olhos. Esta última cena o confundiu inteiramente; ele não podia entender como uma donzela a quem ele ofendera gravemente podia ainda chorar sobre as suas desgraças; ele não sabia que a mulher é um anjo de ternuras e de piedade.

Aproximava-se a noite e mister era transportar Amélia para sua casa. Ávila encarregou-se de acompanhá-los e de prestar-lhes os cuidados necessários.

Ao sair da casa de Paulo, Amélia chorou amargamente, dizendo que ia morrer, porque seu marido lhe tinha prometido matá-la. Coitada da Amélia! Estava inteiramente doida! Sem dúvida um grande acontecimento tinha transtornado a cabeça de uma infeliz para quem eram indiferentes todos os atos da vida moral! Talvez!... Mas eu só sei que ela enlouquecera depois que Francisco lhe proibira a continuação de sua vida devassa e de descaradas infâmias. As mais das vezes é impossível afastar da carreira dos crimes aquele que nela se tem entranhado muito e tem desses hábitos adquiridos formado toda a base de suas ações. Mas isto, que assim é para nós, o que será a respeito de Deus?...

Deus é infinitamente bom!

Alguns dias depois, Susana foi atacada da febre escarlatina e, apesar da aplicação constante de bichas no pescoço, de duas largas sangrias, de vomitórios e cáusticos, com que costuma a imperícia de muitos cirurgiões martirizar os coitados enfermos, sucumbiu a ela, deixando todos os da família de Paulo numa grande consternação.

Ordinariamente se diz que as mulheres são curiosas, mas quanto a mim não supponho isto senão a necessidade de sua atividade que busca sempre adquirir idéias sem nunca fartar-se de conhecimentos. Foi em virtude dessa necessidade ardente, que tanto solicita a atividade da alma das mulheres, que Edélia foi um dia perscrutar os escaninhos da caixa da defunta Susana e aí encontrou algumas moedas de prata e uma de ouro e juntamente uma carta com o sobrescrito de seu nome; ela ficou surpresa mas, ávida de saber o que isto era, rasgou a obréia e leu o seu conteúdo: era uma carta de Francisco, escrita há muito tempo, em que procurava

seduzi-la, convidando-a a fugir para casar-se com ele; e o que mais era — indigitava a própria Susana como agente de toda esta horrível estratégia.

A escravidão é um mal! E levada ao centro das famílias quanto não são mais graves os seus resultados! Susana era a bem querida amiga de todos os seus senhores e ainda assim ela se tinha preparado um dia para ser o instrumento da perdição e desgraça daqueles que a amavam.

Quem tinha salvado a inocente Edélia?... a Providência Divina.



PARTE OITAVA

A CONCLUSÃO

Alegre e animado era o baile da roça, para melhor dizer, o honesto *fandango*¹ que se celebrava em casa de Bernardo. Duas longas e fornecidas mesas, todas enfeitadas de jasmims e rosas, ofereciam agradável refeição a um numeroso concurso de pessoas que tinham sido convidadas de toda a vizinhança: uma estava colocada no terreiro debaixo de uma grande e ramosa figueira onde se apinhavam a *rapaziada* e aqueles que gostavam de mais liberdade e do som de uma bem tocada viola por mãos adestradas; e a outra na sala de jantar, onde estavam aqueles que gostavam da etiqueta e que a tomavam por um dever social, ouvindo o melodioso som de uma flauta acompanhada de dois violões e uma guitarra e o bom *dançado* de algumas contradanças que de quando em quando se entremeavam com algum *tatu*² ou *tirana*³. Nos rosados rostos dos jovens brilhava uma alegria sedutora; seus lábios murmuravam segredinhos de inveja, risos de ironia e mofa desapiedada. Os velhos folgavam e bebiam sinceros à saúde e felicidade dos autores da festa; mas as velhas lançavam epigramas a cada instante contra os casamentos e contra os to-

1. *Fandango*: baile campestre de danças sapateadas que se alternam com canções populares ao som da viola.

2. *Tatu*: música popular que se executa à viola; é uma das variantes do fandango e grande número de suas quadras é dedicado ao folclore do tatu, mamífero freqüente no sul.

3. *Tirana*: música popular que se executa à viola; é outra das variantes do fandango. De origem lusitana, a tirana encarna a mulher esquiva que maltrata e despreza os admiradores.

los, diziam elas, que *caíam no laço* que lhes armavam as *gasguitas*⁴ raparigas. Os moços estiveram sinceramente dominados de prazer e animavam as danças e os jogos de maneira a tornar um divertimento como há muito não tinha havido semelhante em derredor da povoação de Belém. Toda a família de Paulo aí estava e Edélia, com sua afabilidade natural e superiores conhecimentos, atraía os olhos das alegres raparigas; ela porém estava pálida e mostrava em suas faces uma nuvem sombria de tristeza, apesar do esforço que fazia para tornar-se risonha. Havia entretanto alguém que se tornara o mais interessante ser desta festiva companhia, por suas virtudes, por suas graças, por sua ingenuidade e ainda mais pela mudança de seu estado. Era Clarinda: a inocente menina filha do velho Hendrichs, que neste dia solene havia dado a mão de esposa ao generoso Almênio. Almênio era feliz havendo realizado o pensamento mais nobre de sua alma, isto é, casando com a interessante Clarinda.

Três dias duraram estas festas tão encantadoras que por longo tempo permaneceram na memória dos convivas. Durante elas, Almênio mostrou-se generoso, poupando a Edélia todas as ocasiões possíveis de pena e sofrimento; e, assíduo amator, buscando variados meios de divertimento à sua esposa. Todos os estranhos se tinham já retirado e só ficado os amigos íntimos de Bernardo e de Almênio. O velho Lessa, o jovem Lessa com sua esposa Joaquininha e a família do velho Ávila. Paulo e sua família aí se demoraram por muitos dias, saboreando as delícias de um consórcio tão meditado e que com tanto gosto havia sido formado.

Um dia em que o velho Ávila, o velho Lessa, Hendrichs, Paulo e Bernardo se reuniram na eira da casa, deliberaram um passeio no campo e saíram cheios de alegria. Já tinham caminhado muito quando, sentindo-se cansados, se assentaram numa eminência que dominava um vale muito bonito.

— É aqui, meus irmãos, disse o velho Lessa, que havemos de comemorar esta nossa última reunião cá na terra!

— Não falemos nisso, disse o velho Ávila.

— Nem eu falarei noutra coisa, replicou Lessa, porque é esta a melhor ocasião que temos de tratar de comemorar um dia que lembre sempre aos nossos filhos que fomos amigos.

4. *Gasguita*: moça oferecida.

— Apoiado!!! gritaram Bernardo, Paulo e Hendrichs.

— Seja aqui mesmo! exclamou Bernardo. Meu filho Almênio tratará de conservar o que fizemos e chamará todos os nossos filhos para aqui se reunirem.

— O que faremos? perguntou Paulo.

— Plantemos árvores, disse Hendrichs, elas são testemunhas perenes das ações dos homens, são estátuas vivas que se reproduzem e que sempre dão frutos aos viandantes.

— Feliz de quem planta árvores; sempre terá frutos! disse o velho Ávila.

— Bem, plantemos árvores e nossos filhos que tomem o nosso exemplo e as gerações que nos imitem! exclamou Paulo.

Bernardo mandou à casa buscar sementes de árvores frutíferas, abriram covas, enterraram estacas e escravos vieram abrir uma larga vala que circundasse um amplo recinto que ficou sendo chamado o — *Pomar da Amizade* — e a estrada que dirigia à casa o — *Caminho dos Amigos*.

Poucos dias depois cada qual se retirou às suas casas, levando uma lembrança bem doce dos dias que aí haviam passado.

Um ano tinha corrido veloz sobre os campos de Bernardo e lhes havia esparzido a abundância agrária, essa riqueza que, única, afastada do luxo pernicioso das cidades, produz uma verdadeira felicidade nas famílias. Seus paióis estavam cheios e sua dispensa recheada de bens; nos campos via-se uma multidão de terneiros de ano e outra considerável de cabritinhos e ovelhinhas; as árvores estavam prenhes de frutos e algumas ainda de flores. Que agradável vista não produziam os pessegueirais cobertos de flores cor de púrpura, entremeados de butiazeiros altivos que, deixando preguiçosos cair seus compridos leques, balouçavam no meio deles e faziam estremecer seus raminhos! Que perfume tão embriagador o que lançavam as brancas flores das laranjeiras, misturando-se com as flores de pessegueiros e o cheiro dos ananases! Como era belo o aspecto de um bosque de bananeiras e o aspecto de um canavial de contínuo a sussurrar! Como bela a presença de um mandiocal verde-ondeante a refletir de diversos modos a luz brilhante do sol! Que magias não se sente ao acordar de manhã! O balar dos terneiros e das vacas! O canto do sabiá saudoso! A cadente harmonia de milhares de passarinhos! O frescor da primeira bafagem do dia! Os encantos que a luz aparecendo efetua no límpido e claro dos céus! A sonora corrente dos rios! A solidão e as seduções das fontes!

Ah... Meu Deus!... Como é mágica e encantadora a vivenda dos campos!... Feliz quem sem ambições pode saborear-lhe as delícias! Feliz quem sossegado pode viver nos campos!

Bernardo era um desses homens cuja felicidade consiste no aumento de seus gados e nas produções da agricultura. Depois disso sua família era tudo para ele. Quão feliz não era Bernardo!

Um ano se tinha passado e o *Pomar da Amizade* desta vez já se enfeitara de folhas; tornara-se de gala à espera de seus benfeitores.

Almênio resolveu convidar seus amigos a celebrar a amizade de seus pais. Aproximava-se o dia 25 de janeiro, dia de sua inauguração, e Almênio enviou convites a todos os seus amigos.

No dia aprazado, a mocidade e o brilhantismo dos *monarcas das coxilhas* disputavam a glória nos triunfos de amor e a preferência nos salões de Bernardo. Os jovens respiravam o hálito da guerra e das cavaleirias lidas dos campos; suas roupas eram as originais da província e seus adornos a espada, a lança, o laço, as bolas e as ricas e pesadas *chilenas*; suas faces eram rosadas e animadas da atividade da vida que lá se vive nos campos; e suas formas eram delgadas e bem regulares, mostrando um desenvolvimento bem pronunciado pela frugalidade de alimentos e pela simplicidade de costumes em uma natureza livre e sem os atavios da arte dos homens. As jovens, lindas de presença e de formas admiráveis, exalavam de mistura com o cheiro das flores que compunham suas tranças e enfeitavam seus seios a voluptuosidade da alma dos seres virtuosos; de cada uma delas os olhos brincadores corriam, cheios de amor, pela multidão dos moços e não paravam senão sobre a face da companheira, que com um gesto lhe exprimia uma sensação de amizade ou um sorriso de calculada ironia; seus lábios murmuravam mil palavras, que elas desejavam que alguém ouvisse, mas que esse *alguém* lhes não fosse indiferente; seus pezinhos saltavam ligeiros bailando, como os dedos dos anjos resvalando insensíveis nas cordas dos saltérios do céu. As danças nesse dia não podiam ser senão o *fandango*, porque assim se determinara no programa da festa, disposto por Almênio, e o *fandango* dava a todos os jovens uma alegria sobrenatural.

Era um tumulto de vontades e um centenar de paixões que se representavam na casa de Bernardo.

O *Caminho dos Amigos* estava bordado de coqueiros e de linda rama-

gem de árvores silvestres, tapizado todo de folhas das cheirosas pitangueiras e de algumas flores do campo, como perpétuas, malmequeres e muitas outras. Neste caminho ouvia-se o tinir das esporas chilenas dos cavalheiros que davam os braços às graciosas rio-grandenses e se dirigiam ao *Pomar da Amizade*. Aos lados do caminho o campo era ainda verde e matizado de flores cheirosas, mas de uma vegetação já um pouco ressentida dos ardores do sol da estação calmosa, onde se viam rinchando⁵ e dominados de alegria os animais da guerra.

No *Pomar da Amizade* estavam artificialmente as pequenas árvores cobertas de flores cheirosas e de frutos sazonados; as suas ruas estavam bem varridas e apresentavam, no centro, onde elas iam todas convergir, formando uma pequena praça, uma larga mesa coberta de variadas comidas todas simples à moda do país, entremeadas de flores silvestres. Aí, à hora do jantar, a comida foi servida por Joaquininha e Clarinda e todo o resto do dia a mesa esteve coberta de iguarias e do precioso licor que, sem necessidade da arte do homem, a natureza lhe oferece na placidez das fontes e na frescura dos rios.

À tarde, quando todos se apinhavam no salão da casa para recommençar de novo o *fandango*, Ávila, um dos jovens convidados, bateu as palmas e silencioso ficou pedindo a atenção e o silêncio de toda a companhia. Todos os olhos fitaram nele e pareciam estar a interrogá-lo a respeito de sua exigência. O jovem Ávila abaixou os olhos e com voz harmoniosa recitou a seguinte

COPLA

É junto às margens do meu pátrio rio
Ao ouvir de encantos do sabiá mimoso,
Que a cantar a Amizade eu desafio
Dos almos campos o cantor famoso.

E dirigindo-se ao jovem Fontoura lhe entregou uma flor roxa (perpétua do campo), que simbolizava a amizade melancólica mas duradoura da velhice.

5. *Rinchando*: relinchando.

Fontoura recebeu-a e levantando-se respondeu com outra

COPLA

Não sou formoso, nem cantor subido
Que a Amizade cantar lhe seja dado,
Mas qual no monte o eco repetido
O meu canto do teu será formado.

Ambos se puseram no meio da sala para romper o dançado; as violas começaram a tanger-se e a mocidade alegre se dispunha em pares. Eles cantaram, ao som da música, um

DUETO AFANDANGADO

- ÁVILA — Para ti crescem as flores
Dos nossos campos mimosos,
Do rio as margens repetem
Os teus versos primorosos.
- FONTOURA — Como crescem as roseiras
P'ra lindas flores brotarem!
Estão ufanas, contentes,
Por suas filhas te darem.
Pára o seu curso veloz
O Guaíba enternecido
Quando escuta os teus cantares
Pelos montes repetido.
- ÁVILA — Da terra todas as aves,
Todos os peixes do mar,
Todos os bichos do campo
São feitos p'ra te agradar.
- FONTOURA — Da terra todos os entes,
Todos os entes dos céus
Testificam tua glória
Que vem do poder de Deus.
- ÁVILA — Sussurra o vento brincando

Co'a ramagem da figueira,
Tua vida revelando
Sempre bela e prazenteira.
Por ti as fontes suspiram
Na solidão das colinas;
Tornam-se murchas e pálidas
As verduras das campinas,
Quando tu daqui te ausentas
E te vais para a cidade.

FONTOURA — Onde tu, oh vate, estás
Não pode haver soledade!
O vento, a figueira, as fontes
E as colinas também,
Por ti somente é que vivem
Não almejam mais ninguém.
Das campinas as verduras
Não podem por mim murchar
Quando eu vejo que os teus olhos
Fazem as flores brotar.

ÁVILA — O Rio dos Sinos belo
E o Caí se entristecem,
Fugindo de suas margens;
As suas flores fenecem,
Se tu lá não vais risonho
Co'as ninfas suas brincar,
E nas suas águas doces
O teu corpo refrescar.

FONTOURA — Dos Sinos o rio amante,
O sonoro Caí,
O Jacuí assoberbado,
O lindo Gravataí;
E o airoso Guaíba
Que banha a altiva *Princesa*⁶,
Sem ti não tem louçanias

6. A cidade de Porto Alegre. (Nota do Autor).

Sem ti morrem de tristeza.

ÁVILA — Uma ninfa eu adorava
 Mais pura que os puros céus
 Mas ela foge a meus olhos
 E vive só pelos teus.

FONTOURA — Essa ninfa sempre esquivava
 Mil agrados repudia,
 Mas se amar lhe fosse dado
 A ti somente amaria.

E eles cessaram de cantar.

Estrondosos aplausos se ouviram por todo o salão; todos inundados da maior satisfação vieram cumprimentar e abraçar os jovens poetas. No meio desta confusão geral e geral entusiasmo, Clarinda apareceu, trazendo duas meninas pelas mãos, vestidas de branco, as quais ofereceram a cada um dos jovens poetas uma grinalda de perpétuas do campo entremeadas de flores de laranjeira e de jambeiro.

A mocidade toda admirou a graça e a inesperada oferta com que Clarinda galardoara a alegria dos dois cantores, elogiando-a sobremaneira; e os velhos vieram beijar-lhe as mãos e desejar-lhe prolongados anos de uma vida sempre inocente e pura. Clarinda, porém, longe de sentir orgulho pela aprovação de todos, subtraiu-se às vistas dos convivas e foi procurar Edélia, que solitária tinha ido sentar-se num banco no *Caminho dos Amigos* e, sentando-se junto a ela, fez-lhe mil carícias.

Edélia estava confusa e cheia de um ciúme melancólico, mas frio. Por mais consciência que tenhamos de que merecemos o castigo e que outrem merece o prêmio, nós não podemos deixar de sentir uma dor violenta pela nossa desgraça, que é tanto maior quanto mais avulta o prêmio do nosso rival; isto depende da nossa natureza que nos ordena a lei da conservação individual. Os dois cantores, amantes desprezados por ela, tinham terminado a cantiga, mostrando a sua cruel injustiça e após isto os aplausos retumbaram por todo o salão... Que queria isto dizer? Que ela era a mais ingrata das mulheres, que todos reprovavam o seu proceder a respeito dos dois moços; mas ainda aqui não pára o curso de suas desditas... A sua rival, aquela que lhe havia roubado o mais belo lírio do seu jardim, é aplaudida com um entusiasmo sobrenatural. Mas poderia ela quei-

xar-se com razão dos outros? Não, certamente; tudo provinha dela e sua dor era intensa por isso mesmo, pois se ela pudesse atribuir a alguém estes males, tornar-se-ia amiga de sua consciência e livre de tantos tormentos, ainda agravados pelas carícias de Clarinda. Esta não pôde roubá-la à sua dor e, vendo isto, ficou silenciosa ao seu lado. No entanto, a noite se veio aproximando lentamente, preguiçosa e com risonha face para espalhar sobre a terra o manto das trevas e da solidão. Era a hora do crepúsculo: esta hora é grata à meditação, porque nela a majestade e beleza do dia se confundem com a humildade e placidez da noite. Edélia meditava.

Clarinda levantou-se e pegou receosa na mão de Edélia para notar-lhe que o sereno lhe poderia fazer mal. Ambas tomaram a direção de casa.

A noite tinha chegado, como sempre, mais bela que em parte alguma, porque no céu de Viamão a noite se atavia de galas inimitáveis: as suas estrelas são cintilantes e de uma luz vivíssima; o seu espaço é desentrevado de toda umidade que embacia a claridade dos planetas e cheio, além da atmosfera da terra, desse éter que os físicos consideram como enchendo toda a imensidade; a sua frescura é tão amena como a delícia do gozo de Deus; e a sua lua!... a mergulhar num mar de luz fluidíssima!...⁷

7. Em uma noite em que eu contemplava a harmonia e doçura do céu brasileiro, sentado em minha varanda, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, o anjo da luz aparecendo no espaço recostou-se sobre a lua e começou risonho a espalhar, por todo o vasto campo dos astros, os seus cabelos finos e prateados, infiltrando através das vidraças até mim os raios frios de seu fulgor. Eu refleti então e disse comigo: — É mais bela a noite de minha terra. Refletir é para mim pensamentear com a harmonia dos céus, é um arremedo do Vale Eterno, sentado sobre o pináculo do Universo, tirando sons admiráveis do saltério divino. Eu refletia, então; e um instante depois meu pensamento, a poesia do meu coração, estavam derramados sobre um plano branco, estavam simbolizados e sensíveis à mente dos outros homens. Eram uns toscos versinhos que eu tinha chamado

A NOITE DA MINHA TERRA.

Fugiu do dia a brancura,
Chega a noite em sombra envolta,
Traz no aspecto a feiúra,
Traz a negra trança solta;
Não vem garbosa e toucada
Das estrelas rutilantes
Espalhar pelos amantes
Prazeres de enamorada

Fontoura caminhava tristonho pelo *Caminho dos Amigos* e encontrou as duas jovens, que vinham em silêncio; ele ficou estático e elas instintivamente demoraram os passos.

— Por piedade! exclamou ele ajoelhando-se aos pés de Edélia. Por piedade, escutai-me!...

Edélia, tomada de um violento susto, correu apressada para casa, deixando Fontoura ajoelhado no meio do caminho e entregue à mais violenta dor.

Clarinda, com palavras meigas, tratou de consolar o desventurado amante, que levantando-se prometeu procurar esquecer aquela que tão cruelmente o havia apunhalado no íntimo da alma. No momento em que Edélia entrava em casa, Ávila, vendo-a assustada, lhe lançou um olhar de interrogação interessada e, aproximando-se, quis pegar em sua delicada mão para beijá-la e assegurar-lhe que ele velava por ela. Ela, porém, o olhou indiferente e retirou a mão que ele buscava.

(Cont. da nota nº 7)

O janeiro se entristece
Sem luz para refletir,
No jardim a flor fenece,
Não vê-se o campo sorrir;
Aqui é tudo tristeza
Quando vem da noite a face,
Não goza do amor enlace
A tristonha natureza.

Mas lá no meu Porto Alegre
Como és, noite, graciosa!
Lá tu não tens quem te regre
Com matina ruidosa
A hora do alevantar:
Podes com doce alegria
O poder do curto dia
Sobre a terra disputar.

Em teus braços a natura
Lá gosta bem de brincar,
E na tua formosura
Sua face retratar.

— Será possível! exclamou o jovem com uma altivez que lhe não era habitual. Eu repudiado?... Oh... Nunca fui assim desprezado!

Alguns jovens, ouvindo isto, rodearam Ávila e o sossegaram com palavras cheias de uma ironia picante que ofendia gravemente o belo sexo.

No dia seguinte os convivas se dispersaram e Edélia, amargurada, retirou-se com sua família para a cidade, donde embalde tentaram depois arrancá-la os amigos de seus pais.

(Cont. da nota nº 7)

Como corre ameno o rio
Copiando o arvoredado,
Quando tu por um brinquedo
Tens com Vênus desafio!

Como aqui és poeirosa,
Abafada e sem primor!
Não sabes da amante ansiosa
Favorecer doce amor?
Lá quando frios ventilam
Desabridos Minuanos
Fere Amor sem fazer danos
Os corações que vacilam.

Teu véu de graça deixaste
Nos morros da minha terra,
Lá onde, amiga, brincaste,
Com os pinheiros da serra?
Teus raios de luz sutil
O Guaíba os recolheu?
Aqui tens a cor do breu
E lá tens a cor do anil.

Lá deixaste as baforagens
Da rosa e dos alecrins
Do Caí nas doces margens
Perfumadas de jasmims?
Lá deixaste as cantorias,
E tocatas primorosas,
Que em horas silenciosas
Nos enchiam de harmonias?

Amargurada Edélia! Sem o querer ela preparara o seu destino de uma maneira amargosa e esse destino não era, certamente, o que lhe convinha, o que convinha à sua alma terna e cheia das mais nobres e generosas afeições.

Edélia viu, cheia de pesares, a confirmação, em mais de uma prova dos desregramentos de Francisco; testemunhou o casamento feliz de Almênio a quem ela já votava irresistível simpatia e os dias amenos de Clarinda sua rival; desprezou desdenhosa os amores e obsequiosos cumprimentos de Fontoura; não respondeu à carta do jovem Ávila... Que lhe restava

(Cont. da nota nº 7)

Oh, deixaste!... E indo há pouco
Lá no céu do meu país
Da palmeira amaste o coco,
Foste soberba e feliz!
Viste as fontes de cristal,
Sussurro dos pessegueiros,
Os mal-me-queres rasteiros
Co'a cor do rico metal.

Viste elegante a Matriz
Da minha linda cidade;
Viste o *alto* que se diz
Da Bronze, e a *Caridade*;
Tu viste o *Caminho Novo*
De *sarandins* todo orlado,
De *Belas Caminho* amado
Pelo bom gosto do povo.

Quanto és boa, oh doce amiga!
Lá no tempo do verão!
Minorar n'água a fadiga
P'ra o *Riacho* todos vão.
A tua luz que ali cai
Em ondas toda se espraia,
Não há divisa nem raia
Para a gente que lá vai.

Aqui de nuvens coberta
Não dás o menor prazer,
Não há uma flor aberta
Que perfume o teu viver.
Na Niterói decantada

pois? A *solidão* — essa antítese cruel do movimento e da vida. A jovem que goza a *solidão*, mas que não tem amado, indaga com avidez da interessada as louçanias da natureza resumidas, em sua alma, em um só pensamento; em seus enlevos, num remanso de delícias, esse pensamento lhe faz perder a consciência de seu *nada*, porque o seu estar é um estar ainda novo, vaporoso, inconcebível; e, então, a luz de seus olhos foge para outros olhos, o som de seus ouvidos transmite-se a outros ouvidos, o odor do seu olfato é o de outro olfato, o gosto de seus lábios aparece em outros lábios e o seu tato resente-se só ao tocar de um corpo onde palpita seu coração, onde cogita sua alma; ela não existe em si mesma porque ninguém lhe possui os sentidos; ela não vive em si própria, porque outro mortal nela vive; a este tipo, nos momentos de sua calma, ela chama *amado*, nos seus êxtases *anjo*, nos seus delírios *deus* e a esta *trindade* respeitosa tributa cultos. Quanto lhe é delicioso o tempo em que pensa só e tão só

(Cont. da nota nº 7)

Sempre triste te encontrei!
Que não amas eu bem sei
A terra do sol queimada!

Como é que nestes ardores
Podes viçosa existir!
Para os meus e teus amores
Vamos sozinhos fugir?
Oh, que vamos! Eu bem sei
Que vais lá graças ganhar,
E eu alegre saudar
A terra que tanto amei.

Aqui estás triste em degredo,
E lá tens a cor do céu!
Daqui me leva em segredo
Embrulhado no teu véu,
Que o não saibam estas gentes
Senão quando eu lá me achar,
Pois nem eu nem tu estar
Podemos aqui contentes.

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1845

José Antonio do Vale

no objeto que a escuda dos combates da vida! Ela entrega ao zéfiro um suspiro de saudade, ao regato um ósculo de amor e a Deus uma súplica para essa pessoa. Da esbelteza do tronco, da pureza do sítio, do canto do pássaro, da frescura do arroio, da alvura e esmalte das flores e de tudo que há de encantador, ela tira partes para a formação de um *todo* perfeito, e esse todo é — ELE. A *solidão*, porém, não é a mesma, não tem os mesmos encantos, não tem os mesmos efeitos para a jovem que amou, que não colheu os frutos deliciosos de amor e que só liba o amargo veneno do desprezo e dos desenganos do mundo. Neste caso, nada a arrebatava de uma submersão terrível em amazonas de pensamentos tétricos; o presente lhe é completamente nu de expressão, porque a tudo ela empresta a sua estúpida apatia; a vida, que a seu grado arriscaria ao reboar da borrasca, ao punhal do malvado, aos desvarios da razão, não lhe pertence: toda resumida, concentrada, sem exterioridades, permanece como em unidade e mesmo assim ela não tem noção de si mesma. Subordinada a um destino truculento, busca por períodos, como em febricitante delírio, subtrair-se a si mesma, furtar-se à sua própria existência, mas não podendo entregar-se, arquejante e abatida de cansaço, a tudo quanto a cerca, para tudo odiar, tudo temer. Negro, medonho e horrível espectro que a persegue é para ela o futuro; o presente, como dissemos, é nada; e o passado!, fantasma nebuloso, sempre com o tanger do inferno nos amarelos e imundos dentes, que todo o passo lhe entrava, que ela encontra em todo lugar que olha. O dia, se alguma vez o percebe, tem para ela a cor tenebrosa da medonha noite das terras geladas e a luz, o vermelho escuro da chama do carvão mineral, ardendo numa caverna vasta e úmida, morada de horror e dos latrocínios de uma quadrilha de salteadores. A noite, que lhe é eterna como a imensidade, prende-a a uma coluna de padecer constante, cuja base é tão forte como a base do infinito. O arroxeadado lençol que cobre o horizonte na hora do alvorecer lhe representa a atmosfera que incendiada volteia na entrada das arcadas do inferno, onde Dante pôs esta inscrição⁸:

8. A passagem encontra-se no Canto III do *Inferno*, na *Divina Comédia* de DANTE ALIGHIERI (1265-1321).

Per me si va nella città dolente,
Per me si va nell'eterno dolore:
Per me si va tra la perduta gente

.....
Lasciate ogni speranza voi ch'entrate⁹.

Como o inferno de Dante, a solidão não dá, à jovem desenganada do mundo, uma única esperança; é horrível até ao extremo: há aí uma única estrela que pode descobri-la, entretê-la na alma, é Deus, mas seu peito por demais enegrecido nas trevas dos flagícios constantes não pode senão dificultosamente vê-la e muito dificultosamente, porque Deus é a imagem da luz, da pureza, de tudo quanto há de mais brilhante, e por isso não pode ser visto, aguardado e acolhido por almas assim submersas em fluidos corrosivos de trevas infernais. A desenganada é como o réprobo, cuja frente não se alça nunca, cuja sociedade são os seus sofrimentos e os seus pesares.

Envolta em trevas, trevas só lhe aprazem;
O gemer do vulcão, da tempestade,
São música perene aos seus ouvidos.

Se neste estado último se achasse Edélia, como concebê-la feliz?
Mas nada aventuramos sem ouvi-la em suas próprias palavras.

*A meu pai, o Sr. Paulo de Sousa Miranda, na cidade de Porto Alegre,
Rua de Bragança n.º...*

“Poderíeis crê-lo, meu pai? Acho-me feliz com o meu retiro; e agora quero tudo contar-vos para que tudo conteis à minha mãe. Eu pedi-vos e de vós obtive o retirar-me a estas nossas terras; e vos confesso agora que não gostei que facilmente me concedêsseis uma loucura que me tinha vindo à cabeça, porque quando dela me lem-

9. Por mim se vai à tenebrosa estância,
À dor eterna, à condenada gente:
Oh vós que entraís, perdei toda a esperança! (Nota e tradução do Autor)

brei foi só por achar um motivo de afligir-me e não para me afastar de vossa companhia, mas como condescendestes, com tanta bondade, não quis depois maltratar-vos, dizendo que era um capricho que eu mostrava contra o meu próprio coração; se soubésseis no entanto o bem que isto me fez, daríeis à minha loucura millhares de parabéns...

“Depois que me despedi de vós, acompanhada de meus dois bons irmãos, atravessei a Rua da Igreja¹⁰, cheguei ao *portão*¹¹ e, mesmo sem o sentir e com as rédeas abandonadas sobre o pescoço do cavalo, segui a direção que tomavam os meus guias, absorva em um único pensamento... o amor... Não vi a *Vargem*¹², porque a monotonia de seu vasto plano me convidava a refletir; não vi a graciosa *Azenha* e seus arredores, porque nem a arte dos homens nem as obras da natureza eram capazes, nesse instante, de roubar-me a mim mesma; e não vi o *Caminho de Belém*, bordado de suas bonitas *chácaras* e desses morros altos, ora escavados, ora cobertos de umas ervas meio amareladas porque a alegria e a tristeza dos objetos que me rodeavam não me tocava; parei, porém, a uma lembrança... Eu tinha passado, sem a ver, a casa da pobre Joana... Minha mãe me tinha recomendado que lá fosse, que lhe entregasse uma carta. Examinei o lugar em que me achava — era perto do *Passo da Cascata*. Voltei, porque me tinha adiantado um pouco, e encontrei a mísera Joana deitada em um jirau de *taquaras* mui pouco seguro, coberta com um velho e sujo cobertor de lã, com seu netinho nos braços. Sua casa de *capim* estava caindo, entrava-lhe o vento e a chuva por muitas partes. Como me doeu o coração a infelicidade desta mulher e o desamparo daquela criança que definhava talvez sem

10. *Rua da Igreja*. Atual Rua Duque de Caxias, uma das principais vias de Porto Alegre desde os primeiros tempos, assim chamada porque aí estava localizada a Igreja matriz, por certo período a única da cidade.

11. *Portão*. Assim grafado, em letra minúscula, no texto da 1ª edição. Praça do Portão é o primeiro nome do logradouro, que assinalava a entrada da cidade, no curso da Rua da Igreja. Também se encontra Largo do Portão e Rua do Portão.

12. *Vargem*. É a *Várzea* ou atual Parque Farroupilha, vasta planície alagadiça, abaixo do antigo portão da cidade, onde se reunia o gado destinado ao abastecimento da população. Passando por sucessivas transformações veio a constituir o principal parque público de Porto Alegre, com vasta área arborizada e ajardinada.

alimentos. Fiquei envergonhada ao lustre da seda dos meus vestidos ao pé da grossa teia que a cobria: se pudesse os teria rasgado para não ofender os olhos da desafortunada. Entreguei-lhe timidamente e com inexplicável acanhamento a carta de minha mãe. Ela não a pôde ler; pediu-me que o fizesse. Eu o fiz, interrompendo com lágrimas cada um dos períodos:

“Minha boa amiga, muito vos lamento, porque é agora que eu soube dos vossos infortúnios. Nada posso dar-vos que vos restitua a felicidade, mas para a vida eu vos ofereço a morada em nossa casa do Passo da Cascata. Minha filha vos acompanhará e vos servirá de amiga...”

— Sim, interrompi eu, e chegando-me a ela, beijei-lhe a mão descarnada. Coitadinha! Via-a entre mil comoções diversas; ela deu um suspiro e disse: — Não me pode dar nada e, no entanto, dá-me tudo quanto eu não tinha ousado pedir a Deus; restitui-me à vida quando eu via sem remédio a minha morte. E ela se pôs a chorar. Depois a criança também chorou e pediu *pá-pá*. Secaram-se-lhe as lágrimas... Ela se tinha lembrado que seu netinho não comia há dois dias e fez-me notar isto. No mesmo instante olhei para Acácio e ele me compreendeu; cinco minutos depois meus irmãos tinham dado a Joana a segurança de que a nossa boa mãe velava sobre ela e sobre o seu netinho... Joana olhava para mim com arrebatamento, parecia ter renascido e seu netinho estava tão alegriinho que parecia já outro. Deu-me a boceta de tabaco da sua avó, onde estava pintada uma cabeça de moça, mostrou-me com o dedo e a chamou de *mamãe*. Que doces emoções senti então! Que amor que eu tinha à minha mãe! Como voava para ela a minha alma.

“Achar-me-eis, sem dúvida, extravagante, meu pai, quando vos narro tão miudamente a minha visita a Joana, mas eu aprendi convosco a ter essa paixão pela virtude que faz com que uma boa ação me arrebate e que eu sinta no fundo de minha alma a gratidão, assim como o dissabor dos desafortunados.

“Nesse mesmo dia Joana foi transportada na carretinha de casa para a nossa chácara. Meus irmãos é que se encarregaram de tudo. Ela vive conosco e parece estar satisfeita. Seu netinho cada dia me parece mais galante.

“Meu pai, quanto gosto me tem dado o retiro! Além de brincar com o bonito Levindo e de ensinar-lhe as primeiras palavras, tenho-me aperfeiçoado no desenho. Pintei um quadro, uma bonita paisagem. Representa ele um lugar que vos é muito caro. Num ponto de um sítio montanhoso, está uma pequena *restinga* de árvores pequenas, como *gabirobeiras*, *bacoroparizeiros* e *carobas*, onde corre um regato serpeando num leito tapizado de verdes *gravatás*, *avencas* e *trevos*. Este regato sofre uma queda por um abaixamento considerável de seu leito e apresenta uma engraçada cascatinha que faz um ruído surdo e monótono. Mas como havia eu de representar o ruído com o pincel? Coloquei Levindo junto a ela, admirado e aplicando o ouvido; foi uma engenhosa lembrança. Depois o regato perde-se entre uns *água-pés* de flores azuis. Julgo que estais vendo o *Passo da Cascata*. Vê-se deste *Passo*, a perder-se nos amaranhados dos morros, uma estrada estreita e avermelhada. Ao lado direito, na coxilha mais aprazível, pintei uma casa bonita, rodeada de laranjeiras e limoeiros, com uma cerca que vai comunicar com o *curral*, cuja *porteira* posterior dá para a *mangueira* e a anterior para a estrada. No centro da *mangueira*, numa pequena eminência, botei outra casa, tendo uma linda aparência. Não me esqueci de uma horta do lado esquerdo da casa da frente e até me parece que desenhei bem as plantas, especialmente uns pés de tomateiros, que estão encostados ao cercado. Roças de mandioca, algodoeiros, canaviais, duas fontes e alguns capões encheram-me os espaços descobertos. Pintei na porta da casa um ancião gordo e alto, de veneráveis cãs e com o sorriso nos lábios, estendendo a mão a um jovem alto, magro e de cabelos ruivos e anelados, fardado com os galões de capitão; e, mais afastada, uma *senhora*, cuja ingenuidade se lê em seu rosto, tendo recostada sobre os seios uma menina de dezoito anos que parece feliz; dois meninos brincam inadvertidamente na *eira*. Esquecia-me uma coisa e agora vou fazer para tornar mais perfeito o meu trabalho: pintar uma mulher pálida, colhendo uma rosa no cercado que da casa vai dar ao curral, porque aí estão plantadas muitas roseiras. Agora, porém, depois de ter completado a descrição do meu quadro, eu vos confesso, meu pai, que não gostei dele, que cheguei a afligir-me seriamente; porque essa chácara é a nossa e essa cena passada na

porta da casa foi à hora do crepúsculo; tive de pintar portanto o céu escurecido, a luz um pouco escassa. Não vos lembrais, meu pai, daquela visita que Almênio nos fez quando eu comecei a amá-lo? Falovos com tanta liberdade porque tudo vos contei e porque me é impossível ocultar-vos coisa alguma. Então! Se alguém souber disso, o que dirá? À hora do crepúsculo, quando a noite se aproximava, deixar descuidosa e pensando em amores o meu Levindo sozinho e longe de casa, escutando o ruído da Cascata. É uma falta que eu mesma não me atrevo a perdoar-me. Coitadinho do Levindo! Se eu ao menos tivesse posto Joana ao pé dele, oferecendo-lhe aquela rosa que ela está colhendo no cercado, eu não ficaria tão triste de seu cruel desamparo. Hei de, em compensação desta minha crueldade, dar-lhe hoje muitas *boquinhas*, fazer-lhe mil afagos e jurar-lhe que nunca mais hei de deixá-lo longe de mim, pensando sem ser nele. Como me há de acariciar com suas mimosas mãozinhas! Há de chamar-me *mamãe*! Há de dar-me em seu coração o lugar que deveria ter a infeliz Amélia! Como hei de, então, ser ditosa!

“Meu pai, mande-me algumas quinquilharias para brinquedos de Levindo, mande também alguns doces.

“Saudades de minha mãe, de Vossa Mercê e de meus irmãos são os únicos dissabores que aqui me podem tocar.

“Chácara, junto ao Passo da Cascata, 10 de novembro de 1844.

Edélia de Sousa Miranda”

A meu pai, o Sr. Paulo de Sousa Miranda, na cidade de Porto Alegre, Rua de Bragança n.º...

“Não me enganei, certamente, quando vos assegurei que Levindo, o neto de Joana, me havia de chamar *mamãe*, que eu havia de substituir no coração dele o lugar de Amélia e de... Não, não devo pronunciar este nome... Mas, o quê! Não devo então lembrar-me dos desgraçados? Francisco é o nome de seu pai, Amélia o nome de sua mãe: dois desafortunados, levados ao crime por causas diversas. Meu pai, o menino Levindo deve pertencer-nos, porque é infeliz. Ele

já não vive sem mim, chora quando me não vê e dá-me a cada instante o doce nome de *mamãe*.

“Esta noite a hora ia adiantada e eu estava rezando, quando ouvi passos no corredor e alguém batia à porta do meu quarto; fui ver quem era e vi Joana com Levindo nos braços; este saltou-me ao colo e deu uma risadinha, como se me tivera surpreendido. É tão cheio de graças este pequenino! Joana estava alegre e aparecia-lhe já o vermelho nas faces, indício certo de boa saúde; sentou-se na minha cama, dizendo-me que vinha entreter-me na solidão da noite. Ela me contou, a instâncias minhas, os últimos dias de Francisco e Amélia. Encarrego-me de relatar-vos o que ela me disse então.

— Francisco, depois que se achou doente, encarregou a um procurador de causas da cidade de Porto Alegre a direção dos seus negócios. Bem vedes que estes malditos sanguessugas são a peste da sociedade, para facilmente acreditardes que em breve os restos da fortuna dele fossem evaporados: restavam-lhe só a chácara do *Passo das Cavalhadas* e alguns negros, quando despediu e desonerou o tal procurador. Um dia, ele estava entregue à mais violenta dor reumática e minha filha Amélia em acessos de sua loucura dava horríveis gritos, buscando desprender-se de suas prisões, quando eu entrei e nada lhes vi em casa; os negros tinham abandonado estes dois infelizes que há três dias nada comiam; e após mim entrou também um velho avaro, de uma branca cabeleira e com a expressão do perverso e do demônio na descarada fronte; eu bem o conhecia... Era o Fabrício, aquele atrevido velho que não faz bem senão onde pode tirar um duplo interesse, que alardeia sempre o que não faz, nem seria capaz em tempo algum de o fazer. Eu revoltei-me à sua vista: um homem que oprime cruelmente a um mísero escravo, carga-o de ferros e desterra-o, para usurpar-lhe uns míseros vinténs que o acaso de uma loteria lhe tinha dado, é o mais abjeto dos entes e não poderia agradar-me a sua presença. — Que quer, lhe perguntei altiva. — Às ordens de V. S^a, me respondeu submisso e curvando a cabeça. Enojei-me disto tanto que não me importei mais com ele; deixei-o só na sala e fui cuidar de arranjar comida para os dois enfermos. Quando voltei, achei o usurário de posse de sua presa; estava na alcova de Francisco tratando de comprar a chácara. No primei-

ro impulso de cólera, eu não pude suster-me. — Meu filho, este homem é um ladrão! bradei eu fora de mim; não vos deixeis seduzir por sua abominável malvadeza. Francisco olhou-me com uma vista lânguida e amortecida, fitando depois os olhos no teto da alcova, e o monstro, o verminoso Fabrício nada me respondeu, ficou impassível; só a ambição e o crime, nesse momento, ocupavam a alma desse homem vil. Como ele havia concluído o trato, trouxe na manhã seguinte uma *escritura* que com muitas lábias obrigou Francisco a assinar e saiu logo levando-a. — O dinheiro? Ele entregou o dinheiro? perguntou-me Francisco. Eu entendi imediatamente a *ladroeira* e corri atrás dele, gritando que ele nos roubava, que tinha carregado a *escritura* sem fazer o pagamento; mas quando se ajuntaram algumas pessoas que o observavam e um *moleque* lhe deu um assobio, ele parou com grande descaramento e disse: — Esta mulher está doida, é a *mãe da doida*, é a *mãe da Amélia do Riacho*. Não foi preciso mais. Tinha caído um raio a meus pés, estava eu cega e surda e mesmo sem sentidos... *A mãe da doida! A mãe da Amélia do Riacho!* Estas palavras retiniam dentro da minha cabeça como o ranger da serra sobre o ferro. Quando dei acordo de mim estava em casa de meu genro... O réptil nojento tinha-me subtraído à polícia... Francisco chorava como uma criança, porque nada lhe restava. Daí a dois dias eu me achava um pouco restabelecida do grande abalo que sofrera e resolvi-me a ir obter humildemente o que não tinha obtido com violência: — a desesperação não conhece meios-termos. Cheguei à sua casa e pedi-lhe, coberta com a mantilha e sem dar-me a conhecer, uma audiência particular e relatei-lhe a miséria em que estávamos. — Sim, me disse ele e tão alto que todos os que estavam na sala ouvissem, eu gosto muito de dar esmola aos que são verdadeiros pobres; toma e remedeia as tuas precisões. E dava-me um *patacão*. Eu não pude sofrê-lo; arremessei-lhe com ele à cara e disse-lhe: *Não te venho pedir esmola, mas o que nos roubaste...* Não pude acabar, porque nos cercaram e me entregaram a soldados que me levaram às prisões do 11º batalhão, no Portão, onde estive um mês encerrada sem notícias do que se passava em casa de meu genro. Quando saí, fui correndo à casa dele e achei a porta aberta; entrei e senti um mau cheiro terrível... Francisco estava morto e já em putrefa-

ção... Amélia estava expirando e tinha a seus pés esta criança que parecia ter nascido naquele dia. Colhi-a em meus braços e beijei-a banhada de lágrimas; ele estava todo coberto de manchas pretas. Amélia, ainda em seus últimos arrancos de morte, olhou para mim, mas sempre com olhos tresvariados. Nunca pensei, desde que a vi grávida, que ela pudesse ter a criança viva; muitas vezes chorei por isso, mas felizmente hei de ter até à minha morte de abraçar este renovo da minha filha... Minha filha!... Como me oprime a sua lembrança!... Sempre a desejei feliz... e nunca pude conseguir-lhe a felicidade!

“A boa Joana terminou esta história em soluços e convulsões. Meteu-me tanto medo! Nunca mais, meu pai, hei de ser curiosa como hoje. Ela retirou-se com o Levindo e eu não pude dormir toda a noite.

“É já alta hora do dia e como tenho um portador, que lhe há de levar uns bonitos ananases e um balaio de aipins, aproveito escrever algumas novidades que por aqui têm ocorrido.

“Há três ou quatro dias, apareceu-me aquele velho e venerável sacerdote que esteve em nossa casa quando morávamos no *Paraíso*; vinha visitar-me e ao mesmo tempo pedir-me um agasalho. Achei bom convidá-lo a vir morar conosco e ofereci-lhe a casa da *mangueira*, que não se acha ocupada com coisa alguma. Hei de agora ter muitas distrações! Que bonitas histórias ele sabe da Bíblia e da vida da Virgem Maria! Havemos de rezar com ele aqueles *terços* da virgem da Lapa que eu tanto gostava noutro tempo!

“O João e o Bento, que foram escravos de Vossa Mercê, me vieram pedir para morar aqui ao pé de mim; concedi-lhes de boa vontade que fizessem suas *senzalas* junto à casa da mangueira, prevenindo não deixar solitário o nosso bom padre. Estes dois pretos forros estão casados, e têm seus filhinhos bem educados.

“Acaba Joana de me dizer que quer também ir morar lá. Não quero que ela faça isto, porque o meu Levindo há de chorar estando longe de mim. Se Vossa Mercê soubesse o como ele está feiticeiro! Está tão gordinho que dá gosto! Hei de tirar-lhe o retrato brincando com os bonecos que Vossa Mercê mandou e vestido à turca com um turbante de seda que lhe fiz; ao pé dele hei de colocar a boa

Joana, alegre como ela se acha agora e com aquela rosa que ela estava colhendo no cercado a enfeitar o turbante de seu netinho; e este retrato oferecerei à minha mãe.

“Do dinheiro do aluguel de minhas casas, Vossa Mercê continuará a dar os 4.000 réis mensais à pobre Delfina e me remeterá o resto em chitas e morins, que os meus protegidos não têm roupa de verão e mesmo não estão muito fartos disso.

“Tem-se-me metido na cabeça um caprichozinho que Vossa Mercê há de aprovar. Depois que vi esta pobre gente aqui contente comigo, deu-me vontade de fazer uma aldeiazinha de pobres para eu viver nela com eles. Peço-lhe que remeta um crucifixo bento e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição também benta e muito bem encarnada para fazermos um oratório na sala da casa da mangueira, onde o nosso bom padre quer dizer missa todos os domingos e dias santos de guarda; será já um bom principiozinho da nossa aldeia. Como há de ser isto bonito! Todos os nossos vizinhos hão de vir aqui ouvir missa e hão de amar os nossos pobres. Meu pai, estou saltando de contente; se assentirdes nisto, prometo-vos pagar a vossa condescendência com outra minha que muito vos há de alegrar: prometer-vos-ei nunca casar-me e sim dedicar-me toda ao serviço de Deus e dos desafortunados.

“Disponde de vossa filha e não vos esqueçais de remeter as imagens que eu vos peço. Recomendações à minha mãe e meus irmãos.

“Chácara, junto ao Passo da Cascata, 18 de dezembro de 1844.

Edélia de Sousa Miranda”

A meu pai, o Sr. Paulo de Sousa Miranda, na cidade de Porto Alegre, Rua de Bragança n.º...

“Esta manhã, meu pai, estava ao piano tocando a *Valsa dos últimos momentos* de Weber e tinha vontade de cantar depois de uma ária triste que compus para mim, porque a música é remédio contra a tristeza da alma e o cantar, às vezes, quase que é falar consigo e responder a si próprio, quando veio Levindo interromper-me, brin-

cando com uma bonita rosa. Pedi-lhe mas não me quis dar; chamei-lhe cruel e ele se zangou comigo. Debalde lhe disse que aquela rosa me era devida; não esteve por isso; teimou em não me querer dá-la. Estou seriamente aflita! Levindo já não me ama como me amava em outro tempo! E no entanto não me é dado o queixar-me! É Joanna quem me roubou sua afeição; é sua própria avozinha que todas as noites o traz para junto de mim e lhe ensina palavras meigas para dizer-me.

“Agora, que ela soube disto, foi colher um ramalhete para me oferecer por mãos de Levindo; estimaria bem que ele não fosse desta vez tão amante das flores para eu ter o gosto de botar no peito um ramalhete do meu Levindo. Como me fugiram da alma as tristezas que eu tinha! Levindo deu-me a sua rosa, desfolhou outra e lançou sobre mim algumas folhas. Como me voou a alma para o céu! Dirigi-lhe então preces pela conservação e felicidade deste anjinho da terra. Permita Deus que nunca o mal venha tocar sua cabeça!

“Meu pai, não sei como acreditar o que ora vos vou dizer. Acreditareis vós? Almênio sabia o dia dos meus anos e quis festejá-lo. Clarinda concorreu muito para o brilho da festa com uma traça inocente que fez ajudada do nosso bom sacerdote.

“Almênio aqui esteve no dia 4 de outubro; admirei-me do interesse que ele tomava em falar com todos, até mesmo os escravos; e todavia de nada desconfiei. Passaram-se alguns dias até que raiou nos céus o dia 15 de outubro, o dia da minha vida.

“Eu ainda dormia e ouvi um cântico, semelhante ao que ouve um viajante passando por uma remota igrejinha do deserto à hora em que o Ministro entoava o Ofício Divino; supus que sonhava, mas pouco a pouco fui despertando e o cântico se me tornou mais distinto. As vozes eu não conhecia, mas elas se aproximavam cada vez mais e ouvi ruído de passos de muita gente na sala contígua ao meu quarto. Levantei-me e vesti-me apressada e saí. Que surpresa! Que traça tão inesperada! Ao primeiro ver do clarão do dia, meus olhos se ofuscaram e eu não pude distinguir logo tudo; mas depois, cheia de arrebatamento, dei com a vista no bom padre que paramentado empunhava a imagem do Redentor crucificado, em Almênio fardado em grande gala, tendo ao seu lado a inocente e caridosa Clarin-

da, toda enfeitada de flores do mato, em Joana com Levindo nos braços e em todos os aldeões da nossa Aldeia, tendo atrás de si os nossos escravos. Confesso-vos que não sabia o que devia fazer, porque me achava visivelmente acanhada, quando Clarinda se adiantou, com sua filhinha nos braços, para me oferecer uma capela de flores que tinha o meu nome e que eu tomei. Levou a pequenina a mal que eu lhe tirasse a sua capela e chorou por ela. Clarinda, Almênio, o bom Padre e as mulheres da aldeia quiseram fazê-la compreender que me tinha dado; não esteve por isso; quanto mais lhe falavam, mais ela teimava; enfim, restitui-lhe a capela, que contudo folgaria de pôr na cabeça. Muito satisfeita a pequenina, permitiu-me abraçá-la, desmanchou depois a minha capela e espalhou a meus pés as suas flores, quando eu já não lhe pedia isso. O bom sacerdote disse-me: *A exemplo desta criança, eu tenho de oferecer-vos uma coisa que me não haveis de tomar.* Prometi-lhe quanto queria. Os velhos, as mulheres e as raparigas da Aldeia começaram então por sua ordem a oferecer-me cestinhos, *boiões* de doces, casais de pombinhos, gaiolas com sabiás, franguinhos e muitas outras coisinhas, que recebi chorando de alegria. Joana estava comovida. Ela chegou-se para mim e disse-me ao ouvido — *Se me prometeis restituir a oferta que eu vos fizer, eu acompanharei esta pobre gente em suas mostras de gratidão.* — Sim, lhe respondi eu. Ela então me ofereceu Levindo. Oh! Foi esta a mais cara, a mais prezada de todas as ofertas que recebi nesse dia! Que prazer eu senti! Como fui então ditosa!

“O Sacerdote, Almênio e Clarinda me convidaram a descer à Aldeiazinha. Não me fiz rogar. Apenas saí de casa, vi o caminho todo bordado de coqueiros e o chão coberto de folhas verdes; havia um bonito e elegante arco na porteira do curral, onde estavam os pequenos da Aldeia, que ao passar nos cobriam de uma chuva de flores desfolhadas; e depois um deles cantou a primeira copla de uma ária antiga.

Nós éramos dispersos
E ela nos juntou,
De pobres como éramos
Felizes nos tornou.

“E os outros responderam em coro:

Com uma só voz
O céu invoquemos,
E dos benfeitores
O nome cantemos.

“Repito-vos com prazer estes versos, porque deles o benfeitor primeiro sois vós; e sois vós que deveríeis ouvir o canto dos desafortunados que tornastes felizes!

“Muita gente nos acompanhava; íamos como em triunfo. Ao chegar à Aldeia, nova surpresa veio dominar-me: no dia antecedente nada se me anunciava fora do ordinário; e, então, quando ali chegávamos estava tudo vestido de gala. Tive de passar por um outro arco que estava à entrada da nossa povoaçãozinha, onde novas flores nos foram atiradas e ouvimos novos versos que se dirigiram a mim só. Não gostei dessa preferência; mas como Joana me acompanhava e Levindo me fazia festas a cada instante, esqueci-me logo do meu dissabor.

“A Aldeiazinha estava muito festiva: as suas duas ruazinhas cobertas de folhas verdes; a casa grande que serve de *Capela* toda armada, apresentando uma linda perspectiva; a um lado o gado que temos granjeado para esta boa gente e a outro as bagatelas que lhe temos repartido, e que assim, junta como estava, parecia coisa de consideração.

“Entramos na Capela e o piedoso Sacerdote disse uma missa, que ouvimos cheios de reverência. Quando acabou veio até mim, trazendo uma nova Santinha que me oferecia; era este o presente que ele me fazia; tornei a restituí-lo como tinha prometido. Ele a colocou no altar e consagrou-a. *De hoje em diante*, disse o bom Pastor, *esta igreja é dedicada à reverência da DIVINA PASTORA*. Meu pai, como fiquei envergonhada ouvindo estas palavras! É esta a denominação que me dão nestes lugares e eu não podia sofrer que misturassem a sobeja gratidão que votam aos meus insignificantes serviços com idéias de reverência em uma igreja! Mostrei-me abalada e mesmo aflita, ao bom Padre, desta lembrança; pedi-lhe que substituísse

São Paulo, o Apóstolo das gentes, por essa Santinha; riu-se com ingenuidade e não me respondeu. Recorri à prima Clarinda; mas o que poderia eu obter dela a esse respeito? Foi ela quem se lembrou desta traça, que todos aprovaram, foi ela quem mandou a Santinha. Saímos da igreja; eu vi então na rua que está fronteira a ela este letreiro — *Rua de São Paulo*; e na outra, que lhe corre paralela, este outro — *Rua de Santa Margarida*. Senti, eu vos confesso, meu pai, com isto uma espécie de orgulho que me elevou acima de mim mesma. Caminhando pela Rua de São Paulo, na extremidade, chegamos a uma fonte aprazível. Aí estava um arco com esta inscrição — *Não temos senão o que ela nos deu*; e, a um lado, uma grande mesa, coberta de muitos assados e de vasos cheios da cristalina água da fonte; aí almoçamos, acompanhados de toda a gente da Aldeia. No meio do almoço fizeram-me notar uma inscrição que havia numa pedra da fonte; eu a li — *Fonte de Levindo*. Como isto me agradou! A alegria me transbordou do coração para as minhas faces!

“Nesse lugar delicioso passamos uma parte do dia. Quando jantávamos, as raparigas nos trouxeram três lindos ramalhetes e nos ofereceram: um a mim, outro a Clarinda e outro ao nosso bom Padre. Ficou este envergonhado de que se lembrassem dele e que misturassem a sua lembrança com o dia de meus anos. Dei-me por bem paga desta pobre gente não se ter esquecido daquele que em vosso nome espalha sobre ela tantas e tão boas consolações; e mesmo achei nisso uma vingança que elas tomavam por mim, por ele ter colocado na igreja a santinha que eu não queria. Foi uma boa invenção que traçaram para significar ao bom velho a afeição de todas! Tomara eu que elas nunca dele se esquecessem! Eu tomei as flores que estavam espalhadas na mesa e reparti por elas. Como ficaram satisfeitas!

“Foram Almênio e Clarinda que inventaram esta festa.

“Almênio, antes da noite, saiu a cavalo e voltou com vinte *terneiras*, que tinha mandado vir de seu gado, e distribuiu-as com igualdade pelas famílias da aldeia; deu também instrumentos de lavoura a cada uma delas. Clarinda lhes distribuiu chitas e algodões tecidos para roupa, ajuntando em nome de sua filhinha brincos, lenços de seda e muitos objetos miúdos às raparigas e outros aos rapazes.

Que bela ação tão digna de imitar-se! Fazer os pobres felizes! Dar-lhes um dia de prazer e de descanso! Nunca me hei de esquecer deste dia! Em cada ano hei de reservá-lo para imitar Almênio e minha boa, minha virtuosa prima, minha melhor amiga Clarinda! Passaram o resto do dia comigo e ainda mais alguns em que tive ocasião de refletir que fui injusta quando invejei a sorte de Clarinda, porque Deus parece que lhe pagou a sua virtude casando-a com o mais virtuoso dos homens. E eu! Fui algum dia tão virtuosa como ela? Eu que amei Francisco quando as qualidades de Almênio se me tornavam patentes e que conhecia o seu coração!...

“Não posso, meu pai, lembrar-me disto sem uma comoção que me confunde. Deus os fez para a virtude, um para o outro; e a mim para o retiro e para o seu serviço: conformando-nos à sua vontade, seremos todos felizes!

“Um quadro da minha Aldeiazinha é o que vai junto a esta carta; os dois esposos que se deleitam na contemplação dela e que aflagam a gente que os rodeia são Almênio e Clarinda; o ancião que está desenhado à porta da igreja, correndo a mão pela face de um menino, é o nosso bom Pastor, o virtuoso Padre.

“Saudades à minha mãe e a meus irmãos. Recebei os votos de minha alma.

“Chácara, junto ao Passo da Cascata, 28 de outubro de 1845.

Edélia de Sousa Miranda”

Poucos dias depois que Edélia escreveu esta carta última a seu pai, Hendrichs veio visitá-la e quis ver todas as boas obras desta generosa mulher; ela o satisfaz cheia daquela generosa complacência que nasce da virtude e da tranqüilidade de nossa alma a respeito das boas ações que praticamos. Quando eles se acharam sós, sentados sobre a borda da *Fonte de Levindo*, Hendrichs, acentuando suas palavras, disse a Edélia:

— Deus vos recompense, minha menina, por todos os vossos atos... Ele há de recompensar-vos... Há de lançar-vos a sua infinita e misericordiosa benção...

— Nada tenho praticado, atalhou Edélia dominada de um profundo respeito às veneráveis cãs de seu velho amigo, senão o que me ordena o dever.

— Bem convenho nisso; mas além... alguns sacrificiozinhos...

— Tenho muitas vezes errado.

— É verdade; e fostes por isto castigada... Conheço bem a história da vossa vida, assim como a da vida de muitos outros... Deus é sempre justo... é tão regular e harmônica a distribuição de sua justiça.

— Mas, meu bom amigo, ainda não pude de todo convencer-me desta verdade! Amélia, a infeliz Amélia, sempre tão corrida da desgraça! Ela, que saiu do seio da virtude de sua mãe, arrastada por mão assassina, para ser precipitada em um abismo voraz que a tragou inteira e que ajudada da morte consumiu seus restos!... Ela, que era tão inocente!...

— Minha filha, não mais profiras um juízo que te tem enganado. Amélia saiu, é verdade, inocente e pura do seio de sua mãe e foi abominavelmente seduzida por Francisco; mas ela não retrogradou da boca tenebrosa do antro do crime porque não quis. Nesse momento, Deus lhe enviou uma mão benfazeja, que procurou afastá-la desse lugar de morte, mas ela insistiu e caiu na profundidade do abismo.

— Sem dúvida, alguma outra mão infernal lhe embargou os passos e a empuxou para a sordidez e a infâmia.

— Também é verdade: Fabrício, esse gênio abominável que conheceu e que se apoderou da fortuna de Francisco, foi o seu gênio mau, que a empuxou para a morte; mas a mão benfazeja devia ser a preferida; era a de um amigo do mesmo Fabrício, jovem de uma alma bem formada.

— Amélia, ignorante do mundo, não podia distinguir facilmente a virtude do vício.

— Mas distinguiu a riqueza da pobreza. Fabrício era um rico vicioso e seu amigo um pobre virtuoso; ela não hesitou em preferir Fabrício ao outro.

— Coitadinha! Pereceu no crime por ignorar as distinções do bem e do mal.

— Ninguém as ignora: a fonte da moral é a própria alma de cada um de nós. Deus, no momento em que nos infundiu essa substância semelhante à sua natureza, deu-nos as regras imutáveis que dirigiriam as nossas ações e, para demonstrar-nos, sem cessar, as condições delas, fez aparecer as dores físicas e os remorsos ou dores morais, que nos despertam da letargia da indiferença corpórea a que também, por uma dupla condição, estamos submetidos; em razão de que, todas as vezes que preferimos

o prazer e o interesse ao dever, somos culpáveis e dignos de castigos do céu.

— Como sois austero! Mas conta-me tudo; quero engendrar um conto moral que hei de narrar muitas vezes a seu filho, ao meu amado Levin-do, para afastá-lo da torrente dos males.

Hendrichs refletiu, como se chamasse uma idéia que a sua memória lhe não fornecia, e contou deste modo:

“Amélia, quando se viu só no mundo, chorou os seus males aflitamente; mas alguns dias se passaram e ela se achou mais sossegada. Num desses dias, o amigo de Fabrício viu-a e, compadecendo-se de seu estado, lhe prometeu garanti-la da prostituição. Ela lhe tinha contado sua vida e esperava sossegada. Fabrício soube disto e adiantou-se a fazer-lhe ricos presentes, a troco da desonra. Embalde o amigo do monstro reclamou de Amélia a sua promessa e lhe fez ver o abismo em que ia cair; esta não lhe deu ouvidos e achou prazer na abominável degradação em que a sociedade a lançou. Quando Fabrício, enfraquecido do acesso de sua torpeza, a abandonou, ela escreveu à sua mãe; mas aquela tardou, porque pensava realizar projetos que restituíriam sua filha à honra; e Amélia blasfemou contra ela e zombou dos poderes do céu. — *Minha mãe!* disse ela então, *mulher ingrata que abandonas também um renovo de tua vida, como abandonarias uma coisa que te não devesse cuidado.* — E, no entanto, Joana trabalhava amargurada e Amélia era nessa ocasião a única culpada de sua desgraça. Desde então Amélia não teve um instante de felicidade e morreu só... sem quem lhe velasse nas horas que precederam sua morte...”

— Dois dias, talvez, depois da morte de seu marido que também morreu só...

— Foi Fabrício quem lhe adiantou a hora do seu passamento, roubando-lhe os restos de uma imensa fortuna e privando-o dos mais necessários recursos que devem acompanhar um moribundo.

— E onde está Fabrício?

— Não sei, minha filha; Deus o terá castigado!

Eles se levantaram; e, com Joana que os veio procurar, se adiantaram até ao meio da Aldeia. Aí viram um velho, coberto de andrajos e rodeado dos aldeães, que vinha pedir um agasalho, atraído pela notícia da piedade e amor que caracterizavam a dona da aldeia. Quando estavam perto do pobre:

— É Fabrício! exclamou Joana, tapando os olhos.

Edélia o mandou recolher a uma das casinhas da aldeia e retirou-se para casa, acompanhada de Hendrichs e Joana, mais convencida do que nunca das futilidades e inconstâncias das coisas do mundo.

— Minha filha, a virtude... só a virtude é boa! disse Hendrichs separando-se de Edélia, no dia seguinte, para ir passar o resto de seus dias na agradável companhia de seus filhos.

FIM

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE CALDRE E FIÃO

Carlos Reverbel

José Antonio do Vale nasceu em Porto Alegre, a 15 de outubro de 1821. Bem mais tarde, em fins de 1849, ele acrescentaria ao nome de família os apelidos Caldre e Fião, palavras de feição inusitada mas com raízes na toponímia lusitana. Ficara assim estabelecida marcante diferença entre o seu e os nomes do pai e do avô, respectivamente José Antonio do Vale e Antonio José do Vale, ambos de nacionalidade portuguesa.

Órfão de pai antes de completar dois anos de idade — é quase tudo o que se sabe a respeito da infância do futuro escritor. A julgar, porém, pelas circunstâncias em que vamos encontrá-lo, em plena adolescência, as carências e limitações que o envolveram, naquela quadra da vida, devem ter sido bastante acentuadas. Passados alguns anos, já na idade adulta e longe da querência, ele aludiria, de passagem, a um vago tio materno como segundo pai.

Em 1837, José Antonio do Vale, então aos 16 anos de idade, requereu e foi admitido como “auxiliar da botica da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre”. Conforme o regime do estabelecimento, “vencia este empregado unicamente a ração diária, como os demais pensionistas”. Consta a referida ração apenas “de carne e farinha”. Com a chegada de novo boticário do Rio de Janeiro, foi despedido o “praticante José Antonio do Vale”¹.

Assim, a sua permanência como auxiliar de botica na Santa Casa não chegou a um ano. Começou em abril de 1837, indo até fevereiro de 1838. Os praticantes ou pensionistas trabalhavam pela alimentação, em

troca do aprendizado. Poucos ganhavam algum dinheiro, além de “rações de carne e farinha”. Como ficou registrado nos livros de atas da instituição, “pagava-se oito mil réis por mês a um homem branco, para cozinhar no mesmo hospital”².

Anteriormente, em 1834, quando ia pelos 13 anos de idade, ele teria começado a trabalhar numa farmácia porto-alegrense. No afã de ser-lhe preenchida a cronologia biográfica, esta informação foi lançada quase no vazio, ao desamparo dos devidos respaldos. Quando os pósteros se deram conta de que valia a pena biografar-lhe, já era tarde para a reconstituição de muitos passos de sua vida. Nossa memória nunca primou pela longevidade.

Foi a partir da mudança para o Rio de Janeiro, com o sonho de ingressar um dia na Faculdade de Medicina, que ele passaria a protagonizar lances biográficos dignos de nota. Ainda assim muitos se perderam. São os deploráveis “desvãos da sua biografia”, de que fala Guilhermino César, em ensaio inovador e fundamental³.

Resumindo a situação, pode dar-se por não realizada a biografia de José Antonio do Vale Caldre e Fião. Este seria um bom momento para reparar-se a secular omissão, mas nem pensar — a pesquisa teria de ser longa e o prazo disponível é premente. Afinal de contas o que realmente importa, nas atuais circunstâncias, é a pulverização definitiva do “enigma bibliográfico” que envolvera o texto de *A Divina Pastora*, deixando em branco, por tanto tempo, o espaço que lhe caberia na história literária do Rio Grande do Sul e do País.

Por muitas décadas não se informa-se com exatidão sequer as datas de nascimento e morte do autor de *A Divina Pastora*. Repetiam-se as indicadas nos aspectos biográficos alinhavados, nos primeiros anos do século, por Aquiles Porto Alegre⁴ e Múcio Teixeira⁵. Só a partir de pesquisas documentais, com as mais objetivas sendo iniciadas por Lothar Hessel, em 1963, ao menos aqueles dados biográficos ficaram corretamente estabelecidos⁶. Entretanto, poucos rio-grandenses, entre os seus contemporâneos, lograram capitalizar tantas e tão fascinantes reservas biográficas.

Se é verdade que *A Divina Pastora* sumiu, virando raridade bibliográfica quase lendária, não é menos verdade que *O Corsário*, segundo romance de José Antonio do Vale, também se eclipsou em prolongado sumiço. Há aproximadamente 40 anos não havia notícia de sua presença em

nenhum acervo bibliográfico do Estado. O mesmo acontecia em relação às principais bibliotecas públicas dos maiores centros do País. Essa situação deve ter concorrido para que o autor fosse ignorado pelos nossos primeiros historiadores literários, a exemplo do que ocorreu com o admirável João Pinto da Silva. O reconhecimento de sua condição de "criador do romance no Rio Grande do Sul" só aconteceria no momento em que atilado pesquisador e ensaísta localizou um exemplar de *O Corsário*, em mãos de compreensivo bibliófilo e escritor⁷.

Aqueles que têm escrito a respeito de José Antonio do Vale nada assinalam no estirão compreendido entre 1837, quando ele era aprendiz de boticário em Porto Alegre, e 1846, ano em que as atividades que vinha desenvolvendo, no Rio de Janeiro, já o haviam projetado, de forma surpreendente, notadamente nos meios onde se praticava, difundia e ensinava o sistema terapêutico estabelecido por Hahnemann. Tanto assim que, naquele ano de 1846, quando contava 25 anos de idade, publicou *Elementos de Farmácia Homeopática para uso da Escola de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro e da curiosa mocidade brasileira e portuguesa que quiser estudar este ramo de ciência médica*⁸.

Ao lançar esse primeiro trabalho, editado no Rio de Janeiro, Tipografia Brasiliense, F. M. Ferreira, Rua do Sabão, 117, o jovem autor já era detentor dos seguintes títulos: "Membro do Instituto Homeopático do Brasil, fundador e membro efetivo do Liceu Médico-Homeopático, lente substituto de Farmácia da mesma Escola, redator-chefe da *Enciclopédia dos Conhecimentos Úteis*". Submetido ao Dr. Bento Mure, homeopata francês então residindo no Rio de Janeiro e apontado como "propagador e apóstolo da doutrina de Hahnemann", o trabalho foi aprovado, sendo-lhe dedicado pelo autor. No prefácio, José Antonio do Vale alude aos seus "doze anos de prática farmacêutica" e, depois de recriminar "os zoilos que pretenderam morder-lhe", finaliza revelando o desejo de "voltar ao país natal, entre amigos e parentes".

A volta ficaria relegada a dias ainda distantes. E as presas dos zoilos não lhe causaram danos. Como feliz cultor da homeopatia ele se encontrava, aos 25 anos de idade, em situação quase equivalente à de um final de carreira. Poderia acomodar-se segundo as perspectivas de suas primeiras conquistas profissionais. Mas não quis fazê-lo. Pretendia empregar-se a fundo também no desempenho de outras atividades. Reservava-se para

incursionar e tomar posição na área que seria a das suas maiores dedicações — a vida pública, com humanismo e engajamento social. E a vontade de cursar a Faculdade de Medicina, motivo determinante da sua mudança para o Rio de Janeiro, não seria abandonada.

Não se conhece uma linha sequer sobre a formação intelectual de José Antonio do Vale. O que acaso se tenha dito ou escrito a seu respeito, nesse particular, não chegou aos nossos dias. Pelos dados biobibliográficos disponíveis, somente vamos ter o prazer de conhecê-lo já homem feito, até com livro publicado. Aliás, sob o título de *Elementos de Farmácia Homeopática*, nome aqui reproduzido em dose mínima por ter sido transcrito acima, em toda a enorme extensão, como era de uso e abuso na época, em se tratando de teses de formatura.

É isso aí. Mas há sombras cobrindo o assunto. Enquanto alguns bibliógrafos afirmam tratar-se de tese de formatura, outros garantem que se trata de obra didática. Inclino-me nesse sentido, pois não se dispõe de elementos comprobatórios de que José Antonio do Vale tenha cursado regularmente a Escola Hahnemanniana de Medicina, fundada em 1844, apenas dois anos antes da publicação dos *Elementos de Farmácia Homeopática*. Talvez a licenciatura lhe tenha sido concedida em função de seus “doze anos de prática farmacêutica” e da obra didática que escrevera sobre a matéria, não em razão de curso regular feito em escola homeopática de extração recente.

Seja como for, os *Elementos de Farmácia Homeopática* trouxeram um aporte editorial cuja utilidade permanece, servindo de auxílio aos bibliógrafos do autor de *A Divina Pastora*. Na quarta capa do compêndio hahnemanniano, a Tipografia da Rua do Sabão apresenta, como estando no prelo, duas obras do mesmo autor: *Enciclopédia dos Conhecimentos Úteis e História das Funções da Vida Humana*, esta em versão resumida mas acrescida de notas, apenas às *Proposições de Fisiologia*, do Dr. Leitão⁹.

Seria de esperar que José Antonio do Vale desse continuidade a essa ordem de cogitações professorais, deitando cátedra e ganhando a vida em nível incomum entre cidadãos da sua idade na Corte daquela época. E sem indagar se a nova aventura podia perturbar a sua futura carreira, resolveu publicar uma novela. Resolveu, é bem o termo. Porque a tal novela iria aparecer na sua vida pregressa como se fosse produzida por geração espontânea. Entre os contemporâneos deve ter havido os que to-

maram conhecimento do caso nos meios literários e, talvez, até pela imprensa. Nada, porém, chegaria até nós a respeito das circunstâncias em que o autor surgiu como novelista. E muito pouco se ficou sabendo sobre a obra, mesmo depois da sua publicação. Fosse como fosse, nascera *A Divina Pastora*. E ia ter início a história mais singular e apaixonante tanto da bibliofilia como, principalmente, da bibliografia nacional, em termos de romance.

A ficha bibliográfica correspondente ao livro foi registrada corretamente por Sacramento Blake¹⁰. Reza o seguinte: "*A Divina Pastora*: novela rio-grandense. Rio de Janeiro, 1847. 2 vols., 188 e 200 p. in-8°". Deixou de ser mencionada apenas a tipografia (F. M. Ferreira), detalhe indicado, também de forma correta, no *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio. Por sua vez, o *Correio da Tarde*, do Rio de Janeiro, n° 31, de 10 de fevereiro de 1848, noticiou o aparecimento do 2° volume de *A Divina Pastora*, acompanhado de expressivo resumo da obra. Após a matéria redatorial, este aviso publicitário: "Vende-se a obra completa por 2\$000 na Rua do Sabão n° 117, Rua da Quitanda n° 70 e na Travessa do Desterro n° 8"¹¹. Fica assim documentado, bibliograficamente, o aparecimento de *A Divina Pastora*. E houve quem a manuseasse, para fins de pesquisa dialetológica. Foi o caso de Antonio Alvares Pereira Coruja, que incluiu três palavras, na sua *Coleção de Vocábulo e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, recolhidas na novela de José Antonio do Vale: churrasco, guaiaca e picanha¹².

Sendo assim, é fora de dúvida que *A Divina Pastora* teve publicação normal, não faltando fatos comprobatórios do seu aparecimento no mercado livreiro. Entretanto, as circunstâncias em que iria transformar-se, primeiro em raridade e, posteriormente, em "enigma bibliográfico", mantiveram-na desaparecida durante cerca de 145 anos. O nosso principal bibliógrafo resolveu alijá-la do verbete dedicado ao seu criador, "até conseguirmos uma notícia circunstanciada sobre este enigma bibliográfico."¹³ Não chegou a negar-lhe a existência, como se dava a entender, à boca pequena, entre bibliófilos de pouco fôlego, frustrados por não merecerem o ar de sua graça. Retirou-a solenemente de circulação, até segunda ordem. Nestas condições, *A Divina Pastora* alçou-se a uma situação jamais verificada entre nós, adquirindo valor inestimável entre os colecionadores de livros raros e assumindo importância fundamental entre os pes-

quisadores da história literária rio-grandense, para não dizer brasileira.

Ao inaugurar a produção literária do autor, este livro disse ao que vinha, de forma insólita e inovadora, tomando posição, com ímpeto vocacional, em território a ser desbravado — o romance de feição e raízes regionais. Passados pouco mais de três anos — em 1851, ainda no Rio de Janeiro — José Antonio do Vale publica a sua segunda obra de ficção — *O Corsário* — articulada na linhagem da produção de estréia, sob todos os aspectos. E fica nisso, para o resto da vida, a sua criação ficcional, embora nunca tenha deixado de escrever, com abundância, nos demais gêneros — poesia, teatro, ensaio, jornalismo — com considerável reforço oratório, pois não se fazia de rogado quando convidado a proferir discursos e conferências. Ficção, jamais. E se não fossem as duas novelas e seus mistérios ele teria desaparecido do mapa literário.

No excelente estudo em que aponta Caldre e Fião como “criador do romance rio-grandense e um dos criadores do romance no Brasil”, Guilhermino César faz este reparo sobre o sumiço de *A Divina Pastora*: “...o fato é que o romance de Caldre e Fião desapareceu por completo”. E mais adiante se abre nesta confissão desalentada: “Tentamos, desde 1950, localizá-lo no Rio Grande e em todos os demais Estados do Brasil, em Portugal e na Espanha. Todas as buscas foram negativas.” E acrescenta, dando o assunto por encerrado, melancolicamente: “Não há notícia de um só exemplar de tal obra em nenhuma biblioteca particular ou pública”¹⁴.

Somente agora, quando são passados 42 anos desta constatação e quando faltavam apenas cinco anos para o sesquicentenário do histórico sumiço, *A Divina Pastora* afinal foi descoberta e entregue aos cuidados daquele que, ao tornar-se seu primeiro leitor e crítico, vai conduzi-la ao lugar que lhe estava reservado na história literária do Rio Grande do Sul.

Não há informações precisas sobre a duração da permanência do escritor no Rio de Janeiro. O detalhe não é fundamental, embora a sua vivência na Corte tenha sido. Foi onde ele fez a formação profissional e intelectual, destacando-se a ponto de jamais ter-se livrado do epíteto que não tardariam a aplicar-lhe e que tanto o constrangia: cultura enciclopédica. Por natural associação, não se pode deixar de lembrar outro epíteto de que também jamais se livraria: caráter adamantino. Se fosse cultor do próprio ego, teria formado ao longo da vida enorme coleção de epítetos, tendo como pedra de toque a palavra que melhor espelhava a sua pessoa: generosi-

dade.

Enquanto morou no Rio de Janeiro, os dados biográficos que lhe dizem respeito nos chegam de forma episódica e desarticulada. Além dos famosos desvãos já referidos, há verdadeiros claros na sua trajetória carioca, dando-se o caso, entre inúmeros outros, de nos defrontarmos com ele numa posição elevada, sem ficar-se sabendo onde e como teria se aparelhado de recursos profissionais ou intelectuais para galgá-la. No período compreendido entre 1847, ano da publicação de *A Divina Pastora*, e 1851, ano da apresentação da sua tese de formatura em Medicina, o acontecimento marcante, do ponto de vista existencial e biográfico, foi o seu casamento, para o resto da vida, com Maria Isabel Lemos, proprietária do Colégio da Estrela, onde ele era professor. Seria um casamento de romance cor-de-rosa, apesar das agruras do mundo. Não houve filhos. Talvez por isto o casal tenha proliferado de outra forma.

Um fato importante (a exemplo de diversos outros) projetado na fase carioca de José Antonio do Vale, sem nenhuma referência anterior, como se tivesse saído do nada: o seu aparecimento em 1849, de súbito, investido nas funções de professor do Colégio da Estrela, dirigido e de propriedade de sua futura mulher. E vejam só as matérias que ele lecionava: Francês, Italiano, Latim e Filosofia Comparativa entre estes três idiomas e o nacional. Ao transmitir esta informação, Guilhermino César aplicou-lhe providencial "sic", com carradas de razão, assim traduzindo estranheza a propósito da última disciplina. Além dessas matérias, reunidas numa das classes do Colégio da Estrela, o mesmo professor ainda ministrava, segundo a mesma fonte, as seguintes disciplinas, concentradas na última classe da escola: "Filosofia Moral e Racional, Ciências Naturais e explicação dos fenômenos físicos mais importantes"¹⁵.

Foi ainda nesse curto período, de pouco mais de quatro anos, balizado entre 1847 e 1851, que o fundador do regionalismo rio-grandense começou nova atividade — o jornalismo. Iria desempenhá-la, a par daquelas a que já se havia engajado, e jamais a abandonaria, porque a todas costumava infundir espírito de missão. O seu objetivo, ao abraçar o jornalismo, era bem determinado: combater a escravidão. Para isto, fundou um periódico, a que deu o título de *O Filantropo*, instalando-o à Rua do Lavradio, 44, e lançando-o a 6 de abril de 1849. O periódico seria "humanitário, científico e literário". Foi o momento em que lhe ocorreu acrescentar ao no-

me, pela primeira vez, os apelidos *Caldre e Fião*. Ao fundar-se em 1850, a Sociedade Contra o Tráfico de Africanos e Promotora da Colonização e Civilização dos Indígenas, pleiteou que *O Filantropo* fosse investido nas funções de órgão oficial da novel entidade abolicionista, o que foi aceito. A sua atuação à frente desse periódico estendeu-se de 6 de abril de 1849 a 23 de maio de 1851. Dois anos e poucos dias. Teriam lhe faltado recursos para manter o jornal, de que também era proprietário. Sobrecarregado de encargos, multiplicando-se em atividades mantidas em vários setores, era dos que imprimem rotatividade aos sonhos e iniciativas, mas não deixam de perseguir os mesmos ideais, nem se afastam do campo da luta. Não pôde manter a propriedade do jornal e teve de renunciar à sua direção. Continuou, porém, como seu redator, mesmo porque o periódico fora assumido pela sociedade de que era órgão oficial e continuava a campanha abolicionista. Na mesma época, colaborou em dois outros jornais, também editados no Rio de Janeiro e igualmente abolicionistas. Daí em diante passaria a assinar-se José Antonio do Vale Caldre e Fião. Definitivamente.

Quase ao fim dessa quadra da vida, em que em menos de cinco anos tornou-se homem de nome feito, a vários títulos, Caldre e Fião publicou a sua segunda e derradeira novela — *O Corsário*. Com a publicação desse livro, deu por encerrada a carreira de escritor de ficção, renunciando, por motivos ignorados, ao trato do gênero literário que, afinal de contas, iria garantir-lhe a sobrevivência, a ponto de sua novela de estréia, publicada há 145 anos, estar sendo lida e criticada, pela primeira vez agora, por imperativo absoluto da própria história literária. *O Corsário* veio à luz em folhetins, no jornal *O Americano*, do Rio de Janeiro, a partir de janeiro de 1849. Seria sua primeira edição. A segunda, já em livro, foi publicada em 1851, também no Rio de Janeiro e aos cuidados da Tipografia Filantrópica. A edição seguinte voltou a aparecer em folhetins, por iniciativa do jornal *O Pelotense*, da cidade de Pelotas, a partir de outubro de 1852. Finalmente, a quarta edição saiu em 1979, pela Editora Movimento, de Porto Alegre, em convênio com o Instituto Nacional do Livro e Instituto Estadual do Livro. Apresenta uma *Introdução*, por Guilhermino César, tendo a Professora Rosa Maria Hessel Silveira se encarregado da fixação do texto. É uma edição acadêmica, de primeira ordem.

No dia 10 de dezembro de 1851, José Antonio do Vale Caldre e Fião

defendeu tese perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tema da tese: *Considerações sobre os três pontos dados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: 1º — Quais as condições para que a água seja potável? Meio de reconhecer o ferro nas águas ferruginosas: quais os estados em que ele se acha. 2º — Versão e evolução espontânea. 3º — Heterogenia.* Esta tese foi publicada, segundo norma já então adotada. E como o respectivo volume deixou de seguir o exemplo de *A Divina Pastora*, não desaparecendo, carregaria o destino de transmitir em vida duplo recado: o primeiro meramente circunscrito aos limites e especificidades da referida tese; o outro providencialmente informativo a respeito da biografia do próprio autor. O volume em que foi impressa guarda uma lista confiável de significativos títulos conquistados por Caldre e Fião antes da formatura. Ei-los: "Membro e 1º secretário do Ginásio Brasileiro; membro conselheiro da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional; relator da Comissão de Aulas da Imperial Sociedade Amante da Instrução; membro da Sociedade Contra o Tráfico e Promotora da Colonização dos Indígenas, etc., etc." Nas dedicatórias da tese, homenageia o tio materno (a quem considera segundo pai) e os seus professores Francisco Freire Alemão e Joaquim José da Silva, referindo-se, ainda, a outros nomes de sua especial afeição, com alusões capazes de abrir clareiras em sua biografia.

Ao que parece, ele aguardava a formatura para regressar ao Rio Grande do Sul. Seria esta a missão a que se propusera ao transferir-se para o Rio de Janeiro? Talvez, conforme ele próprio dá a entender, no prefácio de *Elementos de Farmácia Homeopática*, seu primeiro livro. Dissera, então: "...mas com a amizade dos sábios me consolo, e quando, completa a minha missão, voltar ao seio do país natal entre amigos e parentes, direi — os sábios me estimam". Quero crer que também não seria descabida uma indagação a respeito da motivação de suas duas únicas novelas. A nostalgia da querência não teria influído na temática e na ambientação de ambas, criando uma atmosfera ficcional a que jamais voltaria? Seja como for, o retorno aos pagos nunca esteve fora de suas cogitações. Antes de deixar o Rio de Janeiro, cuidou da elaboração de um projeto, com vistas à sua reintegração na Província natal, mesmo porque voltava com veleidades políticas. Ocorrera-lhe, então, a idéia de recuperar São Nicolau, o primeiro dos Sete Povos das Missões. Fundada em 1626, pelo Padre Roque Gonzalez, a antiga redução jesuítica, situada à margem esquerda do

rio Uruguai, significava uma utopia em ruínas. Caldre e Fião tentaria salvá-la, infundindo-lhe novas condições de vida e desenvolvimento, através de trabalhos de colonização.

Constam de sua biografia, nos tempos em que viveu no Rio de Janeiro, a publicação de versos ou dramatizações de ocasião, a respeito de personalidades ou acontecimentos. Um exemplo de sua lavra, no gênero: *Elogio Dramático do Faustosíssimo Batizado do Príncipe Imperial Dom Pedro*¹⁶. Se tais práticas, de resto freqüentes na época, nada lhe renderiam literariamente, serviam-lhe, no entanto, para projetar-lhe o nome, social e, mesmo, politicamente. Obrigado a cuidar de si desde os verdes anos, por falta de recursos de família, também teve de abrir caminho, na idade adulta, por sua própria conta. Em tais condições, os resultados não podiam ter chegado mais precocemente. Tanto assim que, ao retornar ao Rio Grande do Sul, em 1852, contava 30 anos de idade, mas já entrara na posse de todas as credenciais para candidatar-se à deputação geral. Deixara a Província como insignificante aprendiz de boticário, tendo conseguido, mesmo à distância, capitalizar expectativas a ponto de ser recebido com uma cadeira de deputado à sua disposição. Boas-vindas sem precedentes.

Ao aportar em Rio Grande, de passagem para Porto Alegre, Caldre e Fião teve boa acolhida por parte dos mandatários do jornal *O Rio-Grandense*. Na notícia que lhe dedicou, o órgão rio-grandino destaca a sua atuação como prócer abolicionista, apontando-a como capaz de dar respaldo à sua candidatura a deputado¹⁷. Passados alguns dias, já então na condição de colaborador de *O Rio-Grandense*, ele estabeleceria paralelo entre a calorosa receptividade com que fora acolhido no Rio Grande e o ambiente de hostilidade que o envolvia e ameaçava quando deixara o Rio de Janeiro. Efetivamente, os fatos respondiam pela procedência do paralelo. Elegendo-o deputado, os abolicionistas de sua Província neutralizavam as ameaças dos escravocratas da Corte.

Logo no início da campanha eleitoral, Caldre e Fião dirigiu mensagem "aos dignos patrícios do Rio Grande e Pelotas", através de *O Rio-Grandense* (edição de 11 de agosto de 1852), em que faz referências a perseguições de que fora alvo, por causa de suas atitudes e lutas abolicionistas. As novas alusões a tais perseguições, por ele reeditadas ao retornar à sua Província, reportam-nos à época em que, ainda radicado no Rio de Janeiro e sendo proprietário de *O Filantropo*, este periódico acu-

sou Manoel Pinto da Fonseca de “contrabandista de carne humana”, por ter introduzido no Rio Grande do Sul, depois de proibido o tráfico negreiro, mais de 20 mil africanos, teoricamente sob proteção legal. Em represália a essa e outras críticas, o traficante Manoel Pinto da Fonseca, então o maior mercador de escravos no Brasil, teria promovido o sumiço de *A Divina Pastora*, retirando-a criminosamente de circulação. O envolvimento do nome do famoso traficante, no desaparecimento da incrível novela, teve origem em outras fontes. E seria veiculado por terceiros, em dias ainda muito distanciados — jamais pelo autor. José Antonio do Vale Caldre e Fião desembarcou no porto de Rio Grande guardando silêncio a respeito das novelas gaúchas que escrevera e publicara no Rio de Janeiro. E assim se manteria. Definitivamente, ao que parece. Era como se as tivesse enjeitado. Decifrado o enigma bibliográfico de que fora protagonista, resta esse enigmático silêncio.

Em 1921, decorridos 74 anos da publicação de *A Divina Pastora*, o escritor Múcio Teixeira, futuro Barão Ergonte, divulgava esta página, uma das mais ilustrativas das diversas versões que se criaram à sombra do ex-enigma bibliográfico: “No mais renhido da primeira luta abolicionista, em 1848, alguns possuidores de escravos ofereceram-lhe grandes somas para que um dos seus romances fosse retirado de circulação, mas Caldre e Fião, que atravessava um momento de dificuldades materiais, repeliu a oferta e continuou com maior entusiasmo a sua tenaz propaganda, pelas colunas do seu jornal *O Filantropo*, o que lhe angariou tal perseguição e tão repetidas ameaças de morte que os amigos o obrigaram a não continuar a expor-se, o que o levou a transferir sua residência para a terra natal¹⁸.

Caldre e Fião trilhou muitos caminhos, exerceu muitas atividades, realizou obras, praticou ofícios. E deixou marcados com o seu nome dois lugares onde viveu — uma rua de Porto Alegre e um bairro de São Leopoldo. Não precisou que os pósteros se encarregassem de prestar-lhe tais homenagens. Recebeu-as de corpo presente, outorgadas pelos moradores dos mesmos sítios, seus vizinhos, amigos e conhecidos. Tornou-se homem de escol, finamente cultivado, feito na vida — escritor, médico, parlamentar, jornalista, político, orador, conferencista, poeta, professor — mas é fora de dúvida que foram somente duas as atividades a que sempre se entregou por inteiro, de corpo e alma: a campanha abolicionista e a prática

da medicina. Dir-se-ia que a sua vocação era lidar com o sofrimento humano. E jamais trabalhar por dinheiro.

José Antonio do Vale Caldre e Fião chegou ao parlamento imperial através da ala dita Progressista do Partido Liberal, de cujo diretório fez parte, sob a chefia de Gaspar Silveira Martins. A sua ação parlamentar tomou certo vulto na legislatura de 1855, cujos anais registram a apresentação de três proposições de sua iniciativa. Além de abordar a conveniência de ser apoiada a construção de um seminário em Porto Alegre, já iniciado pelo primeiro bispo da Província, insistia na necessidade da retomada da colonização do antigo povo missioneiro de São Nicolau e, finalmente, abordava o problema da navegação das lagoas que permitiriam a ligação entre a província de Santa Catarina e a localidade rio-grandense de Santo Antonio da Patrulha. Esta seria uma reivindicação bem-vinda se pudesse vingar em nossos dias, bem como o porto de Torres, reivindicação igualmente remotíssima.

A exemplo do que fizera na época em que viveu na Corte, Caldre e Fião não tardou a vincular-se a um jornal porto-alegrense. Aparece, então, como redator principal de *O Conciliador*, periódico fundado em 7 de outubro de 1857 pelo irrequieto Cândido Augusto de Melo, que se transferira de Pelotas, carregando uma tipografia. Esse mesmo elemento, sendo mais afeiçoado às artes gráficas do que ao jornalismo, fundara anteriormente *O Rio-Grandense*, na cidade de Rio Grande, jornal de que Caldre e Fião se tornara colaborador. Como a maioria dos jornais que circularam em Porto Alegre nesse período, *O Conciliador* era de pequeno formato e saía duas vezes por semana, em edições de quatro páginas. A carência de espaço não chegava a impedir, mas impunha limitações, com rigorismo, à publicação de trabalhos especulativos e produções de expressão literária. Era natural que predominassem os textos eivados de partidarismo político, mesmo porque, tanto os liberais, como os conservadores, dispunham de órgão oficial e folhas oficiosas. Aliás, o jornal mais bem feito e influente do período seria *A Reforma*, órgão oficial do Partido Liberal. Além de circular diariamente, dispunha de um elenco de articulistas, redatores e colaboradores em que por vezes figurava, de pena em riste, o próprio Silveira Martins. Outros grandes nomes do jornal: Carlos von Koseritz, Florencio de Abreu, Timoteo Pereira da Rosa, Felix da Cunha e Eleutério de Camargo. Caldre e Fião não tardaria a integrar o destacado grupo. E foi

dos que muito ajudou na consolidação do histórico jornal. Participou, inclusive, da comissão de angariação de fundos¹⁹.

Embora entregue à prática da medicina, desde sua chegada à terra natal, ele ainda não se fizera notar no exercício da clínica. A situação começaria a mudar, de modo extraordinariamente marcante, por ocasião de novo surto epidêmico de cólera, que se abateria sobre Porto Alegre, de março a dezembro de 1867. O surto anterior, verificado há menos de três anos, se conservava vivo na memória coletiva, tais os sofrimentos causados pelo morticínio que o acompanhou. As expectativas eram aterradoras, não tardando a confirmar-se, sob todos os aspectos, mas em extensão bem mais ampla. Entretanto, a experiência serviria para que as medidas adotadas pelas autoridades, na luta contra a reincidência da epidemia, desta vez contassem com solidariedade e ajuda por parte da população. Foi aí que a figura do Dr. Caldre e Fião tomou vulto. O jeito de cuidar os doentes revelou o destino que lhe estava reservado, como médico dos pobres, naquela comunidade.

Na falta de ilustração, alusiva ao assunto, recorro a esta página de Aquiles Porto Alegre: "À noite, na embocadura das ruas e praças, enormes fogueiras, alimentadas pelo alcatrão, davam ao povoado uma aparência sinistra, como se um medonho incêndio lavrasse, ao mesmo tempo, em diversos pontos. E ainda para mais vivamente impressionar o espírito já abatido da população, ouvia-se, de quando em quando, o ranger da grilheta dos encarcerados que cruzavam as ruas, conduzindo em padiolas as vítimas da peste. E esse som áspero e penetrante, quebrando o silêncio das horas mortas da noite, ressoava tristemente como dobres de finados. E, à luz apavorante das labaredas das fogueiras, que ardiam nas ruas, desertas e silenciosas, via-se passar, apressado, ao lado de um ou outro, o Dr. Caldre e Fião, para ir socorrer os atacados da epidemia, sobre cujas cabeças ele espalmava as asas do seu carinho e da sua caridade infinita"²⁰.

Hoje em dia o velho Aquiles Porto Alegre é desdenhado a vários títulos. De minha parte, porém, continuo a prestar-lhe sinceras homenagens. Quer me parecer, por exemplo, que é o único integrante do famoso trio Porto Alegre que ainda pode ser chamado à baila. Restam-lhe da copiosa obra, tida como desimportante, importantes memórias porto-alegrenses. É de sua autoria este retrato do Dr. Caldre e Fião, em pleno exercício de sua rotina medicinal de aldeia: "Viveu sempre pobrememente, quando podia

ter todo o conforto, quando podia acabar seus dias comendo em pratos de ouro. Como médico de grande clínica, jamais exigiu retribuição dos seus serviços. Só os conscienciosos, espontaneamente, lhe recompensavam o trabalho. Morava numa casa de modesta aparência na travessa Paissandu*, quando ainda não havia sido invadida por maus elementos, como foi mais tarde e permanece até hoje". E mais adiante: "Não tinha horas marcadas para o repasto. Só vinha à casa quando sua clínica o permitia. Tomava apenas uma refeição diária, um jantar de pobre: uma posta de peixe, comprada na venda, com um pedaço de pão e duas rodelas de salame, rebatidas por uma laranja chupada na própria mesa em que escrevia os seus cintilantes artigos de propaganda"²¹.

Se é verdade, como afirmou Guilhermino César, que "o médico matou o romancista", não se pode deixar de reconhecer, na militância então desempenhada por José Antonio do Vale Caldre e Fião, que o médico não matou o abolicionista. Assim, os "cintilantes artigos de propaganda", a que se reporta o memorialista porto-alegrense, seu contemporâneo e grande admirador, eram artigos de propaganda abolicionista. A propósito, deve-se ter ainda presente que, a par dos artigos de propaganda, ele nunca deixou de participar de sociedades abolicionistas e, principalmente, de desenvolver atividades práticas em favor dos escravos. É bastante significativa, a esse propósito, a atitude que veio tomar, ao lado da esposa, Dona Maria Isabel, albergando, por conta própria, no sítio de sua propriedade, localizado próximo à então vila de São Leopoldo, crianças negras que, beneficiadas pela Lei do Ventre Livre, eram abandonadas pelos senhores que mantinham as mães no cativeiro. Trata-se, aliás, da face mais desumana da escravidão no Brasil.

A investidura consensual de Caldre e Fião, na presidência honorária do Partenon Literário, define o conceito em que o velho lidador era tido, entre a intelectualidade rio-grandense da época. Os fundadores do Partenon eram na maioria jovens, diversos recém-saídos da adolescência. O próprio Apolinário Porto Alegre, figura central do movimento, ainda se encontrava na casa dos 20 anos. E entre eles havia um menino: Múcio Tei-

* Atual Rua Caldas Júnior. Os maus elementos a que o autor se refere a seguir eram prostitutas que ali passaram a viver e... operar. — C. R.

xeira. Mas esses jovens, acompanhados por alguns espíritos amadurecidos, representavam os quadros mais lúcidos e atuantes daquele momento cultural rio-grandense, e era nítido e esperançoso o seu comprometimento com o futuro. Ao escolherem Caldre e Fião, colocando-o, honorificamente, à frente da Sociedade Partenon Literário, o que eles queriam — talvez de modo inconsciente, mas verdadeiro — era apresentar à sociedade rio-grandense o símbolo vivo da sua instituição.

O velho lidador se encontrava nos últimos anos e, não dispondo de poder, sua influência estava bastante limitada. Além disso, vivia notoriamente em estado de pobreza franciscana. Há flagrantes, fixados por contemporâneos seus, que são bastante ilustrativos a esse respeito. Naquelas alturas, já não se podia taxá-lo de figurão e, menos ainda, de medalhão. A sua integração nas atividades rotineiras do Partenon (não nas honrarias que lhe foram reservadas) aconteceu ao natural. Convidado a desempenhar funções honorárias na Sociedade, ele se transformou, na prática cotidiana, num de seus membros mais atuantes e produtivos. Assim, foi-lhe possível dar continuidade, dentro do Partenon, a alguns de seus habituais motivos de viver e de lutar, seja como jornalista e escritor, seja como abolicionista e educador, ou na sua vigília de médico eternamente de plantão. Ele tivera a sorte de encontrar, concentrados na estrutura providencial do Partenon Literário — com seus cinquenta associados, sua revista, sua biblioteca, seu museu, suas aulas noturnas, suas conferências literárias e científicas, sua Sociedade Libertadora dos Escravos — os meios e instrumentos de ação social e cultural correspondentes aos que haviam ocupado até então²².

José Antonio do Vale Caldre e Fião faleceu em Porto Alegre, a 19 de março de 1876. Dona Maria Isabel, a esposa carioca, sobreviveu-lhe não se sabe por quanto tempo. O casal não deixou descendentes.

NOTAS

1. Pesquisa inédita, realizada pelo historiador Leandro Teles, nos Livros de Atas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, e transmitida gentilmente ao autor.
2. Da pesquisa de Leandro Teles. Livro de Atas nº 4. Atas de 23 de abril de 1837, fls. 56, de 22 de maio de 1836, fls. 49 e de 11 de fevereiro de 1838, fls. 66.

3. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre, Editora Globo, 1956, págs. 138/150.
4. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Tipografia do Centro, 1916, págs. 43/45.
5. *Os Gaúchos* (2º v.). Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurillo, 1921. pág. 104.
6. *Caldre e Fião*. In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 de agosto de 1963.
7. O exemplar pertencia a Olinto Sanmartin e o reconhecimento foi feito e divulgado por Guilhermino César, em 1954. Ver *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, 1ª série. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1954, págs. 69/83.
8. Segundo os bibliófilos Ari Martins (*Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, UFRGS/IEL, 1978, pág. 116) e Pedro Leite Villas-Bôas (*Dicionário Bibliográfico Gaúcho*. Porto Alegre, EST/Edigal, 1991. pág. 91), trata-se de uma tese de formatura. Outras fontes bibliográficas apresentam-na como obra didática, em consonância com o respectivo título.
9. *Introdução*, de Guilhermino Cesar. In: *O Corsário*, de Caldre e Fião. Porto Alegre, Movimento/IEL/INL/MEC, 1979, págs. 27/30.
10. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1898, vol. IV, págs. 313/314.
11. Elói Pontes transcreve a matéria do *Correio da Tarde*, na íntegra, em *A Vida contraditória de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1939, págs. 16/17.
12. Levantamento inédito realizado pelo pesquisador Júlio Petersen e transmitido gentilmente ao autor. O mesmo pesquisador conserva inédito amplo documentário reunindo provas de que *A Divina Pastora* foi realmente publicada.
13. Pedro Leite Villas-Bôas, obra cit., pág. 91.
14. *Caçada nacional à Divina Pastora*. In: *Correio do Povo*, 30 de dezembro de 1978. E também a já citada *Introdução*, págs. 22/23.
15. *Introdução*. Pág. 21.
16. Segundo verbete de Sacramento Blake: *Elogio dramático do faustosíssimo batizado do Príncipe Imperial D. Pedro, augustíssimo herdeiro do sólio do Brasil; oferecido ao Senhor D. Pedro II*. Rio de Janeiro, Tipografia de M. da Silva Lima, 1848, 16 p., in-8º.
17. "O sr. Caldre e Fião — afirmava *O Independente*, edição de 28 de julho de 1852

— é um dos novos candidatos que com mais jus se apresentam à deputação geral. Dizemos com mais jus pelos relevantes serviços que tem prestado à extinção do tráfico como escritor e membro da Sociedade Filantrópica". (Pesquisa de Guilhermino César)

18. *Os Gaúchos* (2º), pág. 105.

19. A propósito desta fase jornalística, ver *A Imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870*, Sérgio Roberto Dillenburg, Porto Alegre, Sulina/ARL, 1987.

20. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Tipografia do Centro, 1916, págs. 44/45.

21. Obra cit. pág. 44. Outras páginas de Aquiles Porto Alegre sobre Caldre e Fião: *Serões de Inverno*. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1923, págs. 65/67; *À Beira do Caminho*. Porto Alegre. Livraria do Globo, 1925, págs. 84/89; *Revista do Partenon Literário*. Porto Alegre, ano V, jan. de 1876, págs. 3/9 e págs. 177/178. Matéria biográfica, publicada sob o pseudônimo de Manfredo, no ano da morte de Caldre e Fião (dois meses e 19 dias antes do desenlace), ocasião em que Aquiles Porto Alegre contava 28 anos.

22. A bibliografia básica sobre a Sociedade Partenon Literário e sua Revista, de interesse fundamental mas bastante divulgada, foi acrescida por estas duas obras, de publicação posterior: *O Partenon Literário-Poesia e Prosa*, de Regina Zilberman, Carmem Consuelo Silveira e Carlos A. Baumgarten. Porto Alegre, Instituto Cultural Português/Escola Superior de Teologia, 1980. *O Partenon Literário e sua Obra*, de autoria coletiva, Porto Alegre, Flama/SEC/IEL, 1976.

BIBLIOGRAFIA

Ainda está por ser feito o levantamento completo da bibliografia de Caldre e Fião. Há algumas indicações, principalmente de Sacramento Blake e Inocêncio, sobre vários trabalhos seus que até hoje não foram comprovadas. Bem assim, o conjunto de suas colaborações na imprensa, que foram em grande número, tanto no Rio de Janeiro como em Porto Alegre, neste último caso sobretudo na *Revista do Partenon Literário*, sociedade da qual Caldre e Fião foi presidente. Por outro lado, a bibliografia sobre Caldre e Fião, durante muito tempo quase inexistente, só entrou a crescer desde que Antonio Carlos Machado, em artigo de 1949, reivindicou para ele a posição de precursor do romance brasileiro.

F. L. C.

BIBLIOGRAFIA DE CALDRE E FIÃO

- * *Elementos de farmácia homeopática para uso da Escola de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro e da curiosa mocidade brasileira e portuguesa que quiser estudar este ramo da ciência médica.* Rio de Janeiro, Tipografia Brasiliense de F. M. Ferreira, 1846.
- * *Enciclopédia dos conhecimentos úteis.* Rio de Janeiro, s. ed., 1846.
- * *A Divina Pastora.* (Novela rio-grandense). Rio de Janeiro, Tipografia Brasiliense de F. M. Ferreira, 1847. 2 tomos.

- * *Elogio dramático ao faustosíssimo batizado do Príncipe Imperial Dom Pedro, augustíssimo herdeiro do sólio do Brasil; oferecido ao Senhor D. Pedro II.* Rio de Janeiro, Tipografia M. da Silva Lima, 1848.
- * *Ramalhete poético dos excelentes versos recitados na Bahia, por ocasião de ali se achar e representar o insigne artista brasileiro João Caetano dos Santos.* Rio de Janeiro, Tipografia Fluminense de Rego & Cia., 1848.
- * *O Corsário. (Romance rio-grandense).* Rio de Janeiro, Tipografia Filantrópica, 1851. (Este romance foi publicado em folhetins no jornal *O Americano*, do Rio de Janeiro, a partir de 1849.)
- * *Considerações sobre os três pontos dados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: 1º) Quais as condições para que a água seja potável? 2º) Versão e evolução espontânea. 3º) Heterogenia.* Tese. Rio de Janeiro, 1851.

BIBLIOGRAFIA SOBRE CALDRE E FIÃO

- ATHAYDE, Tristão de, pseud. [Alceu Amoroso Lima]. *Afonso Arinos.* Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1922.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul — 1868 a 1880.* Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982. p. 18.
- BITTENCOURT, Aurélio Verissimo de. Discurso lido ao ser dado à sepultura o corpo de C. e F. *Revista Mensal do Partenon Literário*, Porto Alegre, 1876.
- CESAR, Guilhermino. O criador do romance gaúcho. In: VÁRIOS AUTORES. *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense.* 1ª série. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1954.
- . *História da literatura do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, Glo-

bo, 1956.

———. . A vida literária. In: VÁRIOS AUTORES. *Rio Grande do Sul, terra e povo*. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1969.

———. . *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1970.

———. . Caçada nacional à Divina Pastora. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 dez. 1978.

———. . Introdução, cronologia biobibliográfica e bibliografia. In: CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. *O Corsário*. 4. ed. Movimento, Porto Alegre, 1979.

———. . O patriarca das letras gaúchas. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 out. 1981.

CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979.

———. . Corsários e vaqueanos. In: ————. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

———. . *Gaúcho escrito*. Porto Alegre, SAMRIG, 1982.

———. . O amor contrariado de Caldre e Fião. *Zero Hora*, Porto Alegre, 05 set. 1992.

COUTINHO, Afrânio, org. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação — FAE, 1990.

DESCOBERTA do livro mais raro do Brasil marca os 35 anos da RBS. *Zero Hora*, 01 set. 1992. Reportagem.

DESCOBERTO único exemplar de livro editado em 1847. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02 set. 1992. Reportagem.

- DOCA, Emílio Fernandes de Souza. *História do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Simões, 1954.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre — Guia histórico*. Porto Alegre, Editora da Universidade — UFRGS, 1988.
- HESSEL, Lothar. Caldre e Fião. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 ago. 1963.
- . *CIPEL (20 anos de pesquisas)*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1987.
- HESSEL, Lothar et alii. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre, Flama/ SEC, 1976.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: aspectos culturais*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1982.
- MACHADO, Antonio Carlos. Um precursor esquecido. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 out. 1949.
- . Caldre e Fião: novos subsídios. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 nov. 1981.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Editora da Universidade — UFRGS, Porto Alegre, 1978.
- MEYER, Augusto. O grupo gaúcho. In: COUTINHO, Afrânio, org. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editorial Sul-Americana, 1953. vol. 2º.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira. (Romantismo e realismo)*. São Paulo, Cultrix/USP, 1984.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1990.
- OBINO, Aldo. O Corsário, de Caldre e Fião. *Correio do Povo*, Porto Ale-

- gre, 23 jan. 1980.
- O LIVRO que ninguém leu. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 02 set. 1992. Reportagem.
- PEREIRA, José Augusto Medeiros. A Divina Pastora e a escravidão. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 07 jan. 1978.
- . O elogio dramático ao Príncipe Dom Pedro. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15 abr. 1978.
- PONTES, Elói. *A vida contraditória de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.
- PORTO ALEGRE, Achyles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Livraria Selbach, s. d.
- . *Serões de inverno*. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1923.
- . *À beira do caminho*. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1925.
- PORTO ALEGRE, Apeles. Discurso em memória de Caldre e Fião. *Revista Mensal do Partenon Literário*, Porto Alegre, 1876.
- RBS adquire único exemplar do primeiro romance gaúcho. *Zero Hora*, Porto Alegre, 01 set. 1992. Reportagem.
- REVERBEL, Carlos. A Divina Pastora. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 mar. 1982.
- . Chega ao fim o mistério de "A Divina Pastora". *Zero Hora*, Porto Alegre, 05 set. 1992.
- RONNA, Fernando Marcos. (Notícia da localização do anúncio de venda de *A Divina Pastora*, em *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, abril 1848, n° 11). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 05 jun. 1975.

- SACRAMENTO BLAKE, Augusto Vitorino Alves. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883-1902. Vol. IV (1898), pp. 312-314.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português. Estudos aplicáveis à Portugal e ao Brasil*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923. Vol. IV (1860).
- SILVEIRA, Amaro da. A veneranda memória de C. e F. *Revista Mensal do Partenon Literário*. Porto Alegre, 1876.
- SOUZA, José Galante de. (Verbete). *Enciclopédia de literatura brasileira*. (Direção de Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro, Ministério da Educação — FAE, 1990. Vol. 1.
- SPALDING, Walter. Itinerário da literatura sul-rio-grandense. In: BECKER, Klaus, org. *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas, Editora Regional, 1956. Vol. 2º.
- TEIXEIRA, Múcio. *Os Gaúchos*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro e Maurillo, 1921. 1º vol.
- VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre, A Nação. 1974.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- . *Literatura gaúcha*. Porto Alegre, L & PM, 1985.
- . *Roteiro de uma literatura singular*. Porto Alegre, Editora da Universidade — UFRGS, 1992.